JEFF LINDSAY



DUPLO DEXTER

Planeta

JEFF LINDSAY

DUPLO DEXTER

Tradução:
Cassius Medauar

Planeta



BIBLIOTECA
DO EXILADO

Copyright © Jeff Lindsay, 2011
Todos os direitos reservados
Título original: Double Dexter

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

L721d
Lindsay, Jeff
Duplo Dexter / Jeff Lindsay; tradução: Cassius Medauar. – São Paulo: Planeta, 2012.
400p. : 23 cm

Tradução de: *Double Dexter*

ISBN 978-85-7665-984-6

1. Ficção americana. I. Medauar, Cassius. II. Título.

12-3758. CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3

Para Hilary, como sempre

Agradecimentos

Meu muito obrigado a Samantha Steinberg, uma das artistas forenses mais importantes da nação e autora de *Steinberg's Facial Identification Catalog* e *Steinberg's Ethnicities Catalog*, que me ajudaram com a revisão técnica do manuscrito deste livro.

E agradecimentos especiais, como sempre, a Bear, Pookie e Tink, que me fazem lembrar por que devo me importar.

CAPÍTULO 1

V

É CLARO QUE TEM NUVENS. ELAS DOMINAM O CÉU E ESCONDEM a lua pulsante e inchada que está limpando a garganta acima deles. O gotejar lento de sua luz está lá, mas qualquer possível vislumbre dela está escondido, invisível atrás das nuvens que vieram deslizando baixas, carregadas e extensas. Logo elas se abrirão soltando uma chuva pesada de verão, muito breve, pois elas também estão completamente cheias com o que precisam fazer, cheias quase ao ponto de explodirem, tão cheias que também precisam se esforçar para segurar a torrente que precisa sair com certeza, e logo.

Logo, mas não agora, ainda não. Eles também precisam esperar, inchando com o poder da coisa que está crescendo dentro deles, a corrente cegante e verdadeira do que está por vir, do que tem de vir quando *for* a hora certa, quando for mais do que necessário e o momento estiver desenhado corretamente, quando isso forjar o verdadeiro e necessário esqueleto do *agora*...

Mas a hora ainda não chegou, ainda não. Então as nuvens se agrupam furiosas e esperam, deixando a necessidade aumentar e fazendo a tensão crescer junto. Será em breve, tem que ser em breve. Em apenas alguns momentos, aquelas nuvens negras e silenciosas quebrarão o silêncio da noite com a onipotência brilhante e irresistível de sua força e explodirão a

escuridão em cacos brilhantes e então, somente nesse momento, a libertação virá. As nuvens se abrirão e toda a tensão de guardar tanto peso flutuará para fora com um êxtase puro de libertação, e a alegria clara disso sairá e inundará o mundo com sua dádiva “Ó estou tão feliz” de luz e libertação.

O momento está chegando, tão torturantemente próximo, mas ainda não é a hora. E as nuvens também esperam o momento certo, aumentando sua escuridão, ficando ainda maiores, mais pesadas e fazendo mais sombra, até que tenham que se soltar de qualquer jeito.

E aqui embaixo nessa noite sem luminosidade? Aqui no chão, nessa grande piscina de sombras que as nuvens transformaram o céu curvado que abrigava a lua e acabava com o mau humor deles? O que pode ser isso, logo ali, sem céu e no escuro, deslizando pela noite também carregado, pronto e aguardando, exatamente igual às nuvens? E está aguardando, o que quer que seja essa escuridão dentro dele. A coisa aguarda tensa e enrolada, esperando o momento perfeito para fazer o que quer, o que precisa, o que sempre foi feito. E o momento se aproxima a passos pequenos de camundongo como se também soubesse o que está para acontecer e temesse isso, sentisse o terror da espreita pelo momento certo que agora mesmo está cada vez mais próximo, até que já esteja bem ali atrás de você, olhando para o seu pescoço e quase sentindo a vibração quente das veias tenras e pensando: *Agora*.

E a explosão de um relâmpago rasga a noite escura e mostra um homem grande e com aparência doce andando apressadamente como se também tivesse sentido a respiração da escuridão atrás dele e se aproximando. Trovões continuam a soar e raios iluminam a noite enquanto a figura se aproxima, equilibrando um *laptop* e uma pasta de papel pardo enquanto procura as chaves no bolso e desaparece novamente na escuridão quando a luz acaba. Então outro raio surge e o homem está bem perto agora, segurando seu fardo e as chaves do carro. Então desaparece novamente na escuridão. De repente há um silêncio completo, como se nada por ali respirasse e mesmo a escuridão estivesse segurando sua respiração...

E então surge uma rajada de vento repentina, uma última martelada de trovão, e o mundo inteiro começa a chorar, *Agora*.

Agora.

E tudo o que precisa acontecer nesta noite de verão começa a acontecer. Os céus se abrem e deixam seu fardo cair, o mundo começa a respirar de

novo e aqui, na escuridão agora molhada, outras tensões se soltam e se desenrolam bem devagar, cuidadosamente, esticando seus tentáculos macios e afiados em direção à figura atrapalhada como um palhaço que agora se esforça para abrir o carro sob a chuva repentina. A porta do carro se abre, o *laptop* e a pasta são lançados no banco e então o homem moloide e meio frouxo se senta ao volante, bate a porta e respira fundo enquanto enxuga o rosto. E sorri um sorriso de triunfo, o que é algo que tem feito muito ultimamente. Steve Valentine é um homem feliz. As coisas têm dado muito certo nos últimos tempos e ele pensa que esta noite não foi diferente. A vida é muito boa para Steve Valentine.

E está quase acabando.

Steve Valentine é um palhaço. Não um bufão nem uma caricatura feliz de normalidade inepta. É um palhaço de verdade, que põe anúncios em jornais e é contratado para festas de crianças. Infelizmente ele não vive para ouvir os risos alegres de inocência infantil, e seus truques de mágica com as mãos se desviaram um pouco do caminho. Ele foi preso e solto duas vezes quando pais avisaram a polícia que você não precisa levar a criança para um quarto escuro a fim de mostrar bexigas de animais a ela.

Tiveram que soltá-lo as duas vezes por falta de evidências, mas Valentine entendeu o recado. A partir daí ninguém mais reclamou, e como poderiam? Mas ele não tinha parado de entreter as crianças, é claro que não. Os leopardos não mudam seu comportamento, e Valentine certamente não tinha mudado o seu. Ele só ficou mais esperto e sombrio, como geralmente acontece com predadores feridos, mudou para um jogo mais permanente e acha que encontrou um jeito de sempre brincar sem nunca pagar por isso.

Ele está errado.

Hoje a conta será entregue.

Valentine mora em um apartamento malcuidado ao norte do aeroporto Opa-Locka. O prédio parece ter no mínimo uns cinquenta anos. Há carros abandonados na rua em frente, alguns queimados. O prédio sacode um pouco quando jatos corporativos passam voando baixo por lá, decolando ou se preparando para pousar, e o som deles interrompe o barulho constante de tráfego da avenida próxima.

O apartamento de Valentine é o número onze, fica no segundo andar e tem vista para o parquinho velho que tem um trepa-trepa enferrujado, um escorregador e um aro de basquete sem rede. Ele colocou uma cadeira velha

na varanda de seu apartamento de forma que tivesse uma visão perfeita do parquinho, assim pode se sentar, tomar uma cerveja e ver as crianças brincando enquanto tem pensamentos felizes de como brincar com elas.

E é o que faz. Ele já brincou com pelo menos três meninos, pelo que sabemos, mas provavelmente com mais. No último ano e meio, corpos de crianças foram encontrados no canal próximo em três ocasiões. Elas tinham sido abusadas sexualmente e estranguladas. Os meninos eram todos daquela vizinhança, o que significava que seus pais eram pobres e provavelmente estavam ilegalmente no país. Isso queria dizer que, mesmo seus filhos sendo assassinados, eles tinham pouca coisa a dizer para a polícia, o que fazia dessa crianças os alvos perfeitos para Valentine. Três vezes, no mínimo, e a polícia não tem pistas.

Mas nós temos. E mais do que uma pista. Nós *sabemos*. Steve Valentine observou os menininhos brincando no parquinho e então os seguiu quando o dia escurecia, ensinou a eles a sua brincadeira final e os jogou na água escura e suja do canal. Depois voltou satisfeito para sua cadeira velha, abriu uma cerveja e ficou observando o parquinho à procura de outro amiguinho novo.

Valentine pensa que é muito esperto. Achou que aprendeu a lição e encontrou um jeito melhor de viver seus sonhos e manter seu estilo de vida alternativo sem que haja ninguém inteligente o bastante para pegá-lo e o fazer parar. Até agora ele tinha razão.

Até esta noite.

Valentine não estava em seu apartamento quando os policiais vieram investigar as mortes dos três garotos, e isso não foi sorte. Era parte de sua esperteza de predador: ele tem um aparelho para ouvir a frequência de rádio da polícia e sabia quando estavam na área. E não era algo assíduo. A polícia não gostava de vir a vizinhanças como esta onde o melhor que poderia esperar era uma indiferença hostil. Essa é a razão pela qual Valentine mora aqui. Mas quando a polícia vinha, ele já sabia antecipadamente.

A polícia só vem quando precisa, e eles precisam vir quando Alguém liga para o número de emergência. Se esse Alguém diz que a briga acabou de repente com um grito de terror seguido por silêncio, eles vêm rapidamente.

Quando Valentine ouve em seu rádio que estão vindo ao seu endereço, precisamente ao seu apartamento, naturalmente ele toma o cuidado de estar em outro lugar antes que cheguem, recolhe qualquer material que possa

denunciar seu *hobby*, pois sempre haverá alguma coisa, e desce a escada com pressa, saindo para a escuridão em direção a seu carro a fim de sair por aí até o rádio dizer que as coisas se acalmaram de novo.

Ele não pensou que Alguém se incomodaria em pesquisar e descobrir que dirige uma Chevrolet Blazer azul-clara de doze anos com placas “CHOOSE LIFE!” e adesivos na lateral com: O PALHAÇO URSINHO DE PELÚCIA. E não pensou que Algo poderia estar esperando por ele no banco de trás de seu carro, cuidadosamente encolhido nas sombras.

Mas estará errado sobre essas coisas. Alguém sabe qual é o seu carro e que tem Algo encolhido no assoalho do banco de trás do velho Chevy esperando por ele enquanto limpa o rosto, sorri seu sorriso secreto de triunfo e finalmente, *finalmente*, põe a chave na ignição e liga o carro.

O motor ganha vida e o momento chega, repentina e finalmente, e Algo salta da escuridão e lança rapidamente, como uma cobra, uma linha de pesca de náilon em volta do pescoço mole de Valentine e aperta antes que ele possa dizer mais do que “Guck!”. A presa começa a agitar os braços de maneira fraca, estúpida e digna de pena e isso faz Alguém sentir o frio e poderoso desprezo que sobe pela linha de náilon até as mãos que a seguram. Agora o sorriso desapareceu do rosto de Valentine e surgiu no nosso, e estamos tão perto dele que podemos sentir seu medo, ouvir as batidas aterrorizadas de seu coração e perceber sua falta de ar, e tudo isso é *ótimo*.

— Você é nosso agora — dizemos a ele, e a nossa Voz de Comando o atinge como um raio que surge lá fora e ilumina a escuridão. — Fará exatamente o que dissermos e apenas quando dissermos.

E Valentine acha que tem algo a dizer sobre aquilo e produz um som baixo e molhado e então apertamos mais o laço, bem apertado, apenas por um momento, para que saiba que até mesmo sua respiração pertence a nós. Seu rosto fica escuro, seus olhos saltam e ele levanta as mãos até o pescoço tentando desesperadamente segurar com os dedos a linha por alguns segundos até que tudo fica escuro para ele e suas mãos caem em seu colo, ele tomba para frente e começa a desmaiar, então soltamos um pouco o laço porque ainda é muito cedo, cedo demais para ele.

Seus ombros se movem e ele faz um som de catraca enferrujada ao inspirar novamente, mais uma respirada rápida no decrescente número que ainda tem, e como ainda não sabe que esse número é muito pequeno, inspira

rapidamente de novo, com um pouco mais de facilidade dessa vez, então se endireita e gasta seu precioso ar dizendo roucamente:

— Que porra é essa?

Um fio de muco nojento escorre de seu nariz e sua voz sai rouca, sufocada e irritante, então puxamos o fio novamente, de forma mais gentil desta vez, apenas o suficiente para que saiba que nos pertence agora, e ele obedientemente faz cara de embasbacado, segura o pescoço e fica em silêncio.

— Sem falatório — dizemos. — Dirija!

Ele levanta a cabeça, olha para o retrovisor e seus olhos se encontram com os nossos pela primeira vez, apenas os olhos que mostram o frio e a escuridão através dos buracos cortados no capuz de seda que cobre o nosso rosto. Por apenas um momento, ele faz menção de dizer algo, então torcemos o laço gentilmente, apenas o suficiente para relembrá-lo, e ele muda de ideia, olha para frente, engata o carro e parte.

Nós o fazemos ir para o sul com cuidado, encorajando-o e dando apenas alguns puxões no laço para manter em sua mente que nem mesmo respirar é algo automático e não acontecerá a menos que deixemos, e ele vai muito bem na maior parte da viagem. Apenas uma vez, em um farol, ele olha novamente para nós pelo espelho, limpa a garganta e diz:

— O que você... aonde vai?

Então puxamos o fio e apertamos bem o laço por um longo momento, deixando o mundo dele escurecer.

— Vamos aonde dissermos para você ir. Apenas dirija, não fale e talvez viva um pouco mais.

Isso é o suficiente para fazê-lo se comportar, pois ainda não sabe que em breve, muito em breve, não vai querer viver mais, pois descobrirá que viver é algo muito doloroso.

Nós o guiamos com cuidado por ruas laterais até uma área de casas novas, mas já detonadas. A maioria delas está vazia, com a hipoteca executada, entre as quais uma em especial tinha sido escolhida e preparada, então levamos Valentine até ela, em uma rua calma, sob uma lâmpada queimada de rua, entramos em uma garagem anexa à casa, fazendo-o parar no fundo dela, assim o carro não poderia ser visto da rua, e o mandamos desligar o motor.

Por um longo momento, não fazemos nada a não ser segurar o laço e ouvir a noite. Absorvemos a música da lua e o farfalhar suave e convincente das asas interiores querendo se abrir de uma vez e nos levar ao céu, pois temos que tomar muito cuidado. Tentamos ouvir qualquer som que indique alguém indesejado em nossa noite de necessidade. Prestamos atenção e ouvimos a chuva, o vento, a água batendo no telhado da garagem e as árvores sacudindo enquanto a tempestade de verão cai sobre elas, mas nada mais do que isso.

Observamos. A casa à nossa direita, a única que tem visão para a garagem, está escura. Está igualmente vazia, como a em que estacionamos, e nos certificamos de que não haveria ninguém lá também, então ficamos prestando atenção à rua, ouvindo, cheirando o vento quente e úmido à procura do aroma de outra coisa que também possa ver e ouvir, mas não há nada lá. Inspiramos fundo todo o sabor e todo o perfume daquela noite maravilhosa, cheia das coisas terríveis e, ao mesmo tempo, espetaculares que logo estaremos fazendo juntos, apenas nós e o palhaço Ursinho de Pelúcia.

E então Valentine limpa a garganta, se esforçando para fazer aquilo suavemente e diminuir a dor aguda causada pela linha em volta de seu pescoço e tentar entender como aquela coisa impossível está acontecendo a uma pessoa tão incrível e especial como ele. Aquele som irritou nossos ouvidos como se estivéssemos rangendo os dentes, então puxamos a linha com força suficiente para cortar a pele e arrancar dele para sempre qualquer ideia de emitir um som outra vez. Ele se arqueia novamente para trás, contra o banco, arranhando inutilmente o pescoço com os dedos por apenas um segundo antes de cair no mais absoluto silêncio. Nós o tiramos rapidamente do carro, abrindo a porta do motorista e o colocando de joelhos no chão da garagem escura.

— Rápido agora — falamos.

Soltamos a linha só um pouco enquanto ele levanta a cabeça com uma expressão que diz que o conceito de rapidez está sumindo de sua concepção de tempo e, quando vemos aquela nova e maravilhosa consciência surgir em seus olhos, apertamos o laço apenas o suficiente para que ele saiba a verdade sobre o que está pensando, se levante e ande na nossa frente em direção à porta dos fundos e da escuridão da casa vazia. Agora estamos com ele em seu novo lar: o último lugar no qual morará.

Nós o levamos para a cozinha e paramos a fim de que fique ali por alguns segundos silenciosos, conosco atrás apertando o laço enquanto ele fecha os punhos, depois mexe os dedos e então limpa a garganta novamente.

— Por favor — ele sussurra com uma voz rouca que já foi em direção à morte antes dele.

— Sim — respondemos com toda nossa paciência batendo em uma praia selvagem de satisfação, excitação que pode ter lhe dado alguma esperança, pois sacudiu a cabeça, só um pouco, como se pudesse persuadir a maré a regredir.

— Por quê? Isso é... é... por quê?

Puxamos a linha com força e vemos sua respiração ser cortada, seu rosto escurecer e ele cair de joelhos mais uma vez. Antes de mergulhar na inconsciência, soltamos a linha, só um pouco, o suficiente para uma pequena nuvem de ar entrar em seus pulmões pela sua garganta judiada e trazê-lo de volta, então contamos tudo a ele, a verdade completa e alegre.

— Porque sim — respondemos.

E apertamos o laço de novo, e apertamos mais, bem apertado, assistindo alegremente a ele deslizar para o longo sono da falta de ar e cair com seu rosto agora roxo direto no chão.

Trabalhamos rapidamente, ajeitando tudo antes que ele acorde e estrague tudo. Pegamos nossa pequena maleta de brinquedos e ferramentas do carro e a pasta de papel pardo que ele jogou no assento e voltamos logo para a cozinha. Logo Valentine está preso no balcão com fita adesiva, com suas roupas cortadas e arrancadas, a boca selada e, em volta dele, lindamente arrumadas as fotos que encontramos na pasta, belas imagens de garotinhos brincando, rindo do palhaço em algumas e em outras simplesmente segurando uma bola ou se balançando. Três delas estavam arrumadas de forma muito cuidadosa no lugar certo para que ele as visse, três simples fotos retiradas de reportagens de jornal a respeito de três garotinhos que foram encontrados mortos no canal.

Assim que terminamos de ajeitar tudo, exatamente do jeito que tinha de ficar, as pálpebras de Valentine começam a tremer. Por um momento ele fica ali parado, talvez sentindo o ar quente em sua pele nua e a inflexível fita apertada que o prendia, talvez imaginando o porquê daquilo. Então se lembra, seus olhos se abrem de uma vez e ele tenta fazer coisas impossíveis como romper a fita adesiva, respirar fundo ou gritar alto para qualquer um

ouvir através de sua boca cuidadosamente selada. Nada disso acontece, e nunca mais acontecerá, não para ele. Para Valentine, apenas uma pequena coisa é possível, apenas uma coisa sem importância, sem sentido, maravilhosa e necessária e que agora começará, *agora*, independentemente de qualquer esforço inútil que ele faça.

— Relaxa — falamos e colocamos nossa mão enluvada em seu peito nu e pesado. — Vai acabar logo.

Com isso, queremos dizer tudo, cada respiração e piscar de olhos, cada olhar ou riso malicioso, cada festa de aniversário e bexigas de animais, cada viagem faminta pela escuridão atrás de um garotinho indefeso, tudo isso acabará, e em breve. Damos um tapinha em seu peito.

— Mas não tão rápido assim — falamos, e a felicidade fria daquela verdade simples nos inunda e surge em nossos olhos, ele vê e talvez saiba com certeza, ainda que sinta uma esperança burra e impossível. Mas quando ele se derrete de volta no balcão, vencido pelo abraço apertado e inquebrável da fita e da vontade forte desta noite de delírio, o volume da bela música da Dança das Trevas começa a aumentar à nossa volta e começamos a trabalhar, e todas as esperanças de Valentine desaparecem para sempre quando aquela coisa única e especial começa.

O início é lento, não por improviso ou incerteza, e sim para durar mais. É lento para ser saboreada e aproveitada cada pincelada bem planejada, ensaiada e treinada várias vezes, até que o palhaço entenda finalmente, numa visão clara e simples de como as coisas terminarão para ele aqui, agora, esta noite. Lentamente, pintamos para ele um quadro sincero de como as coisas devem ser, fazendo linhas fortes e escuras para mostrar que aquilo é tudo o que existirá. Aquele é o seu último truque e aqui, agora, esta noite, ele irá lenta, cuidadosa e meticulosamente, fatia por fatia, pedaço por pedaço, pagar o pedágio ao fiscal da ponte com sua lâmina brilhante, e então cruzará devagar o último palmo em direção à escuridão sem fim pela qual, muito em breve, estará bem disposto e desejoso que chegue, pois nesse momento terá entendido que essa é a única forma de escapar da dor. Mas não já, ainda não, é cedo demais. Primeiro temos que levá-lo até lá, àquele ponto de onde não há mais volta e logo depois de onde fica muito claro que chegamos ao limite e que ele jamais poderá voltar. Ele precisa enxergar isso, absorver o conceito e aceitá-lo como algo certo, necessário e

imutável, e nossa feliz tarefa é a de levá-lo até lá, apontar para esse limite e dizer: “Viu só? Você está aqui agora, cruzou o limite e agora tudo acabará”.

O trabalho começa com a música subindo à nossa volta e a lua dando uma olhadela por uma fenda entre as nuvens e rindo feliz pelo que vê: Valentine sendo muito participativo. Ele se mexe, sibila e solta guinchos abafados quando percebe que o que está acontecendo não poderá mais ser desfeito, e está sendo realizado de modo tão cuidadoso que ele está desaparecendo, Steve Valentine, o palhaço Ursinho de Pelúcia, o homem engraçado da cara branca que ama as crianças de verdade, e por isso acaba amando de uma maneira bastante desagradável. Ele é Steve Valentine, o palhaço que pode pegar a criança de seu arco-íris mágico da vida e levá-la para uma hora negra, percorrendo todo o caminho da felicidade e alegria até a agonia final da visão esvaecendo e da água suja de um canal. Ele que era esperto demais para que alguém o detivesse ou provasse em um tribunal as coisas que fez. Mas não está em um tribunal agora e nunca estará. Esta noite ele está no banco dos réus da Corte de Dexter, o veredito final brilha em nossa mão e não há advogados apontados pelo estado para defendê-lo, e as apelações não são possíveis.

Um pouco antes do martelo do juiz bater pela última vez, fazemos uma pausa. Um passarinho chato pousa em nosso ombro e canta sua canção perturbadora: “Uiiii, Uaaaa, você tem que ter certeza”. Conhecemos essa música e sabemos seu significado. É a música do Código de Harry, que diz que precisamos ter certeza absoluta de que estamos fazendo a coisa certa com a pessoa certa, assim poderemos finalizá-la com orgulho e alegria e sentir a satisfação correndo por nossas veias.

Naquele momento no qual a respiração é lenta e difícil para o que sobrou de Valentine e a luz da compreensão se encontra em seus olhos inchados e vermelhos, fazemos uma pausa, nos inclinamos e viramos sua cabeça para que veja as fotos que colocamos à sua volta. Puxamos a fita de um canto de sua boca, e isso deve doer, mas é uma dor tão menor do que tudo que vinha sentindo há tanto tempo que ele não produz nenhum som a não ser o de soltar o ar.

— Está vendo eles? — falamos sacudindo seu queixo mole, virando a cabeça para que pudesse ver todas as fotos. — Está vendo o que fez?

Ele olha e os vê, então um sorriso cansado surge em um canto de seu rosto.

— Sim — ele responde em uma voz meio abafada pela fita em metade de sua boca e no nariz, mas audível. Agora a esperança se esvai e todo o gosto da vida desaparece de sua língua, mas uma memória pequena e calorosa surge em suas papilas gustativas enquanto ele olha para as fotos dos meninos que matou. — Eles eram... *lindos*... — Os olhos dele se fixam nas fotos por um longo momento e se fecham. — Lindos — ele repete e é o suficiente, agora nos sentimos muito íntimos dele.

— Você também é — falamos enquanto recolocamos a fita adesiva na boca dele e voltamos ao trabalho, nos banhando na merecida felicidade adquirida enquanto o clímax de nossa sinfonia afiada se aproxima da alegria dos raios lunares e a música nos leva mais alto e mais alto até que enfim, lenta, cuidadosa e alegremente ela chega ao seu acorde final e triunfante, libera tudo naquela noite quente e úmida. Tudo mesmo. Toda a raiva, toda a infelicidade e tensão, toda a confusão, todo o aperto e toda a frustração de uma vida cotidiana sem sentido que somos forçados a levar apenas para que *isto* aconteça, todos os disparates mesquinhos de tentar se misturam com esta humanidade bovina, tudo isso desaparece, jogados para longe e para dentro da bem-vinda escuridão. Juntamente, como um cãozinho surrado, vai também o que pode ter sobrado dentro da carcaça má e esfarrapada de Steve Valentine.

Tchauzinho, Ursinho de Pelúcia.

CAPÍTULO 2

V

ESTÁVAMOS NOS LIMPANDO E SENTINDO O CONTENTAMENTO LENTO e cansado rastejar por nossos ossos, como sempre fazemos, com uma preguiça presunçosa e satisfeita por termos feito aqui, e muito benfeito, em nossa noite de necessidade. As nuvens tinham se dissipado, deixando um alegre brilho do luar à mostra; e nos sentíamos muito melhor agora, sempre nos sentimos assim depois.

Pode ter sido por isso que não estávamos prestando tanta atenção quanto devíamos à noite à nossa volta, enrolados em nosso casulo e satisfação, mas ouvimos um barulho, uma respiração suave e assustada, seguida de sons bem baixos de pás se arrastando, e antes que pudéssemos fazer mais do que nos virarmos em direção ao som, os pés correram para a porta dos fundos da casa escura e ouvimos a porta bater. E tudo o que podemos fazer é ir atrás e olhar através das persianas com um assombro silencioso que tudo consome enquanto um carro estacionado em frente é ligado e mergulha noite adentro. Os faróis traseiros se acendem, com o esquerdo pendurado em um ângulo estranho, e só conseguimos perceber que é um Honda antigo, de alguma cor escura indefinida e com uma grande mancha de ferrugem na lataria do porta-malas que mais parece uma marca metálica de nascença. Então o carro acelera, desaparece de vista e um nó frio e ácido se aperta em nosso estômago quando a verdade impossível e terrível queima dentro de

nós e traz o pânico igual o sangue brilhante e horrível de uma ferida recém-aberta...

Fomos vistos.

Por um longo e apavorante minuto, ficamos apenas olhando para fora, abalados pelos ecos intermináveis daquele pensamento impensável. *Fomos vistos*. Alguém tinha entrado, sem ser ouvido ou notado, e nos viu como somos de verdade, em pé, esgotados e contentes, em frente às sobras meio embrulhadas. E nos viu claramente o suficiente para reconhecer os pedaços em estranho formato de Valentine, pois quem quer que fosse partiu como um raio em pânico e desapareceu na noite antes que pudéssemos fazer mais do que respirar fundo. Eles nos viram, talvez tenham visto até mesmo nosso rosto. E em qualquer um dos casos, viram o suficiente para saber o que tinham visto e então correram para se proteger... e provavelmente chamar a polícia. Possivelmente estariam chamando a polícia neste exato momento, mandando viaturas para nos pegar e jogar atrás das grades, mas aqui estamos nós, congelados em uma inanição burra, boquiabertos, babando e olhando para o lugar onde os faróis traseiros desapareceram, presos em uma incompreensão estúpida igual a uma criança assistindo a um desenho animado conhecido, mas dublado em uma língua estrangeira. *Vistos*... E então, finalmente, o pensamento nos dá a descarga de medo de que precisamos para nos galvanizar e nos fazer agir, nos acelerando e fazendo nos apressar em realizar os últimos estágios da limpeza e sair pela porta ainda sentindo o fardo quente de tudo o que fizemos nesta noite que vinha sendo muito boa.

Milagrosamente conseguimos sair da casa e adentrar a noite sem nenhum som de perseguição. Nenhuma sirene com seu aviso, nada de pneus cantando ou sons de rádio cortando a escuridão com suas ameaças de uma Desgraça Decaindo sobre Dexter.

Quando finalmente, de forma tensa e vigilante, consigo sair daquela região, o torpor e o peso daquele pensamento único e devastador volta e me atravessa como o som infinito das ondas quebrando em uma praia pedregosa.

Fomos vistos.

O pensamento permanece comigo enquanto me livro das sobras, e não poderia ser diferente. Dirigi com um olho no retrovisor esperando pela explosão cegante da luz azul brilhando em meu para-choque e do curto e

duro *Uóóóóó!* da sirene policial. Mas ninguém apareceu, nem mesmo depois que me livrei do carro de Valentine, peguei o meu e dirigi cuidadosamente para casa. Nada. Fui deixado completamente à vontade, sozinho, seguido apenas pelos demônios da minha imaginação. Aquilo parecia impossível, alguém tinha me visto brincar e tão claramente quanto era possível. Eles tinham olhado para os pedaços de Valentine cortados cuidadosamente e para o entalhador feliz e cansado parado em frente, e não seria preciso uma equação diferencial para chegar à solução do problema, A mais B é igual a um lugar na velha e boa cadeira elétrica para Dexter, e alguém fugiu em perfeito conforto e segurança com essa conclusão, mas não chamou a polícia?

Não fazia sentido. Era algo louco, inacreditável e impossível. Eu tinha sido visto e escapado impune. Não conseguia acreditar naquilo, mas devagar e gradualmente, enquanto estacionava meu carro em frente de casa e ficava ali sentado por um momento, a Lógica retornou de suas longas férias da ilha da Adrenalina e então me inclinei sobre a direção e comunguei mais uma vez com a doce razão.

Certo, eu tinha sido visto *in flagrante iugulo* e tinha todo o direito de esperar que fosse preso instantaneamente. Mas isso não aconteceu e agora estava em casa, depois de me livrar das evidências e sem mais nenhuma ligação ao horror feliz da casa abandonada. Sim, alguém tinha dado uma olhada rápida. Mas estava escuro lá, provavelmente escuro demais para ver meu rosto, especialmente em uma olhada rápida e aterrorizada e comigo meio virado de lado. Não tinha como ligar a pessoa nas sombras segurando a faca a qualquer outra, viva ou morta. Investigar a placa do carro de Valentine levará apenas ao próprio Valentine, e eu tinha quase certeza de que ele não iria responder nenhuma pergunta, a não ser que alguém estivesse disposto a usar um Tabuleiro Ouija.

Mesmo na incrível hipótese de meu rosto ter sido reconhecido e uma denúncia desesperada acabar sendo feita contra mim, não encontrarão nenhuma prova, apenas um homem com uma reputação ilibada e membro da Comunidade da Lei que com certeza se apoiaria em sua dignidade e zombaria dessas alegações absurdas. Absolutamente ninguém em seu juízo perfeito acreditaria que eu poderia ter feito algo assim, a não ser, é claro, a minha nêmese pessoal, o Sargento Doakes, mas ele não tem nada contra

mim além de suspeitas, que já existem faz tanto tempo que já são quase algo reconfortante.

E então o que sobrou? Além de uma visão duvidosamente escura e parcial de minhas feições, o que mais poderia ter sido visto que atrapalharia a minha ambição em permanecer em liberdade?

As rodas e engrenagens de meu poderoso cérebro se mexeram, rodaram e chegaram a uma conclusão: absolutamente nada.

Não tinha como eu ser conectado a nada que aquela figura assustada e nas sombras tivesse visto na casa escura e abandonada. Era uma conclusão inescapável, pura lógica dedutiva, e não havia nenhuma outra variável. Estava em casa, livre e certamente continuaria assim. Respirei fundo, sequei as mãos na calça e entrei em casa.

Estava silencioso lá dentro, é claro, pois era tarde da noite. O som da respiração pesada e gentil de Rita chega até mim pelo corredor enquanto dou uma olhada em Cody e Astor. Estão dormindo imóveis e sonhando seus sonhos breves e selvagens. Mais à frente no meu quarto, juntamente com Rita, Lily Anne dorme em seu berço, a maravilhosa e improvável Lily Anne, o centro do meu universo há um ano. Fico ali parado olhando para ela, maravilhado como sempre com a perfeição de seu rosto e a beleza em miniatura de seus dedinhos. Lily Anne, o começo de tudo o que é bom no Dexter 2.0.

Eu tinha arriscado tudo isso esta noite. Tinha sido um estúpido, descontrolado e imprudente e quase pagado o preço, sendo capturado, preso e privado de segurar novamente Lily Anne nos braços, de sustentá-la pela mão enquanto dá os primeiros passos e, é claro, de encontrar um amigo merecedor como Valentine e levá-lo ao Parque Sombrio de Dexter. Era arriscado demais. Eu teria que ficar bem quietinho e comportado até ter certeza absoluta de que estava livre, pois tinha sido visto, eu havia roçado nas saias esvoaçantes da puta velha conhecida como Justiça e não poderia me arriscar novamente. Precisava abandonar as Delícias Sombrias de Dexter e deixar meu disfarce de Papai Dex se mesclar ao meu eu verdadeiro. Talvez desta vez fosse um hiato permanente. Será que eu realmente precisava correr esses riscos enormes apenas para fazer aquelas coisas maravilhosamente terríveis? Ouço um risinho suave de escárnio vir do Passageiro das Trevas enquanto ele desliza para o descanso. *Sssiiim, precisaaa*, ele sibila com uma satisfação sonolenta.

Mas não por um tempo. Esta noite iria durar... teria de durar, pois eu tinha sido visto. Deito na cama e fecho os olhos, mas as preocupações pouco inteligentes de ser capturado voltam à minha cabeça. Luto contra elas, empurro-as para fora com a vassoura da Lógica; estou em perfeita segurança. Não poderia ser identificado, não deixei nenhuma evidência que poderia ser encontrada e a razão insistia que eu tinha escapado. Tudo estava bem, mas mesmo assim eu não conseguia acreditar inteiramente naquilo e acabei mergulhando em um sono ansioso e sem sonhos.

Nada do que aconteceu no trabalho no dia seguinte me indicou que havia algo com que me preocupar. As coisas estavam calmas no laboratório forense do Departamento de Polícia de Miami quando cheguei, então aproveitei o estupor matinal para trabalhar em meu computador. Uma checagem cuidadosa das chamadas da noite anterior revelou que não havia nenhuma ligação frenética pedindo socorro relacionada a um maníaco com uma faca em uma casa abandonada. Nenhum alarme tinha sido acionado, ninguém estava procurando por mim e, se não tinha acontecido até agora, não aconteceria mais. Eu estava livre, até agora.

A Lógica concordava com os registros policiais. Eu estava perfeitamente salvo. Aliás, a Lógica me disse o mesmo várias vezes ao longo dos últimos anos, mas por alguma razão o meu cérebro de lagarto não quis ouvi-la. Percebi que estava encolhido no trabalho e levantando os ombros à espera de um ataque que nunca veio, e eu sabia que não viria, mas o antecipei mesmo assim. Acordei à noite escutando os sons da Equipe Especial da Polícia cercando a minha casa...

Mas nada aconteceu. Nenhuma sirene cortando a noite, nenhuma batida na porta, nenhum som de alto-falante ou pedidos para que eu saísse com as mãos para cima, nada de nada. A vida continuou seguindo sobre seus trilhos bem azeitados, sem ninguém pedindo a cabeça de Dexter, e começou a parecer que algum deus cruel estava me provocando, zombando de minha cautela e escarnecendo da minha apreensão sem sentido. Era como se tudo aquilo jamais tivesse acontecido ou como se a Testemunha tivesse queimado em uma combustão espontânea. Mas não conseguia afastar a sensação de que algo estava para acontecer comigo.

Então esperei e meu nervosismo aumentou. O trabalho se tornou um teste doloroso de resistência, ficar em casa à noite com minha família virou uma

tarefa irritante e, resumindo, toda a energia vital e animação tinham sumido da vida de Dexter.

Quando a pressão fica forte demais, até os vulcões explodem, e eles são feitos de pedra. Já eu sou feito de uma matéria um pouco mais macia, então não deveria ser surpresa quando finalmente estourei depois de três dias esperando por um golpe que nunca veio.

O meu dia no trabalho tinha sido particularmente estressante sem nenhuma razão. O cadáver principal do dia fora encontrado boiando, um corpo muito decomposto que provavelmente era de um jovem que aparentemente tinha ficado na ponta errada de uma arma de calibre grosso. Um casal aposentado de Ohio o encontrara quando seu barco alugado passou por cima dele. A camisa de seda do corpo ficou presa no motor, e o homem que veio de Akron teve um ataque cardíaco leve e não fatal ao se inclinar para soltar a hélice e ver o rosto pútrido olhando para ele de trás do motor. Surpresa: bem-vindo a Miami.

Houve uma grande injeção de ânimo e alegria entre os policiais e técnicos forenses quando esse cenário foi conhecido, mas o aconchego quente da camaradagem não penetrou no âmago de Dexter. As piadas terríveis que normalmente fariam surgir o meu melhor riso falso soavam como unhas arranhando a lousa, e foi um milagre do autocontrole eu ter passado em silêncio pelos noventa minutos de hilaridade imbecil sem ter posto fogo em ninguém. Mas mesmo as maiores provações acabam em algum momento, e como não havia sangue no corpo depois de tanto tempo na água, não havia necessidade do meu trabalho, então finalmente fui liberado a voltar à minha mesa.

Passei o resto do dia trabalhando em burocracias de rotina, rosnando para arquivos colocados em lugar errado e fervilhando com a estupidez dos relatórios escritos por outras pessoas. Quando a gramática tinha morrido? Quando finalmente chegou a hora de ir para casa, já estava entrando no carro antes mesmo de o ponteiro marcar a hora.

Não me alegrei com a casual sede de sangue do tráfego do fim de tarde. Pela primeira vez me vi buzinando, mostrando o dedo do meio de volta e com raiva da demora igual aos outros motoristas frustrados. Sempre foi óbvio para mim que todas as outras pessoas do mundo eram dolorosamente idiotas, mas nesta noite aquilo me deixou nervoso de verdade, e quando finalmente cheguei em casa, não tinha paciência de fingir que estava feliz

por voltar para minha família. Cody e Astor jogavam Wii, Rita dava banho em Lily Anne e todos davam seus *shows* estúpidos e sem importância, e enquanto estava parado do lado de dentro da porta olhando para a idiotice profundamente irritante que minha vida tinha se tornado, senti algo se partir, mas, em vez de quebrar algo e extravasar com as mãos, joguei as chaves na mesa e corri para a porta dos fundos.

O sol estava começando a se pôr e o começo da noite ainda estava quente e bem úmido, então após três passos no quintal já senti gotas de suor surgindo em meu rosto. Elas rolavam frias pelas minhas bochechas, o que significava que meu rosto estava quente. Fiquei vermelho com uma raiva alienígena, um sentimento que raramente me dominava, e imaginei o que estaria acontecendo na Terra de Dexter. É claro que eu estava no limite esperando pelo óbvio apocalipse que viria, mas por que aquilo tinha que se transformar em raiva e ser dirigido à minha família? A lama interior de ansiedade e idiotice na qual estava atolado tinha irrompido em fúria de repente, uma coisa nova e perigosa, e eu ainda não sabia o motivo. Por que sentia aquela ira fumegante aumentando com relação a nada mais do que exemplos pequenos e inofensivos de estupidez humana?

Cruzo o caminho de grama marrom do nosso quintal e me sento à mesa de piquenique sem nenhuma razão em especial, apenas porque tinha saído e precisava fazer algo. Sentar não era bem uma atividade, e aquilo não me fez sentir melhor. Abri e fechei meus punhos, exercitei meu rosto e então respirei fundo o ar quente. Aquilo também não me acalmou.

Frustrações inúteis, mesquinhas e tolas, algo que faz parte da vida, mas elas tinham crescido a ponto de me fazer perder o controle. Agora, e mais do que nunca, precisava me manter frio, calmo e totalmente no controle, pois alguém tinha me visto. E poderia estar atrás de mim agora, se aproximando e trazendo com ele a Destruição de Dexter, por isso preciso estar com minha lógica de Senhor Spock afiada, qualquer coisa menos que isso pode ser fatal. Então preciso saber se esta onda de raiva passional foi o desenlace final da tapeçaria artística finalmente tecida que é o Dexter ou apenas um rasgo temporário do tecido. Respiro fundo mais uma vez e fecho os olhos para ouvir o ar passando pelos meus pulmões.

Ao fazer isso, ouço uma voz suave e tranquilizadora sobre o meu ombro, me dizendo que *existia* uma resposta, e que era na verdade muito simples, só mais esta vez, desde que eu resolvesse ouvir por um momento a voz

clara e emocionante da razão. Senti o ar dentro de mim esfriar e virar uma névoa azul e gelada, então abri os olhos e olhei para trás, acima da cerca do vizinho e em direção ao horizonte escurecendo, para onde aquelas palavras aveludadas flutuavam vindas de um brilho amarelo alaranjado da alegre luz, onde agora flutuavam à deriva por sobre a borda do mundo e deslizavam pelo céu pairando como um amigo gordo e animado de um desenho infantil...

Por que esperar que ele o encontre? Por que não o encontrar primeiro?

Era uma verdade sedutora e adorável, pois eu era bom em duas coisas simples: caçar a minha presa e me livrar dela. Então por que não fazer isso? Por que não poderia ser proativo? Era só entrar de cabeça nos bancos de dados, encontrar a lista de todos os velhos Honda de cor escura em Miami com um farol traseiro pendurado e procurá-los, um por um, até encontrar o certo, e então resolver isso de uma vez por todas e fazer o que Dexter faz de melhor, algo limpo, simples e divertido. Se não existir Testemunha, não haverá ameaça, e todos os meus problemas se derreterão como cubos de gelo em uma calçada no verão. Enquanto penso naquilo e respiro de novo, posso sentir a maré vermelha recuar completamente, meus punhos se abrem, o sangue vai saindo do meu rosto e a lua derrama sua luz fria e feliz sobre mim como uma expiração gentil, e dos cantos escuros da minha fortaleza interior surge um ronronar sedoso, concordando e soltando um risinho de encorajamento que me diz muito claramente: *Isso mesmo. É realmente simples assim...*

E era mesmo. Tudo o que precisava fazer era passar um tempo no computador, encontrar alguns nomes e então deslizar pela noite, casualmente me escondendo nas sombras com alguns acessórios inofensivos, não mais do que um rolo de fita adesiva, uma boa lâmina e uma linha de pesca. Era só encontrar minha Sombra e então deixá-la partir gentilmente, dividindo comigo os pequenos prazeres de uma noite de verão. Nada poderia ser mais natural e terapêutico: um simples desaparecimento, um intervalo despreocupado para desatar os nós incomuns e então chegaria ao fim aquela ameaça injusta a tudo o que eu adorava. Aquilo fazia muito sentido em vários níveis diferentes. Por que eu deveria deixar algo no caminho da vida, da liberdade e da busca pela vivissecção?

Respirei fundo de novo. Lenta e suavemente o ronronar daquela simples solução foi me atravessando, raspando seus pelos em minhas pernas

interiores e me prometendo um contentamento absoluto. Olho para o céu: a lua cheia me lança outro sorriso afetado e sedutor, um convite àquela dança tingida com a promessa de um arrependimento eterno se eu fosse idiota o suficiente para dizer não. *Tudo ficará bem*, ela canta sem palavras para mim com um tempo subindo e uma deliciosa mistura de acordes. *Melhor do que bem, será ótimo*. E tudo o que tinha de fazer era ser eu mesmo.

Queria algo simples e lá estava. Caçar e cortar e o fim daquela contenda. Olho para lua e ela olha para mim com carinho, brilhando para o seu aluno favorito que finalmente tinha entendido o problema e visto a luz.

— Muito obrigado — eu falo. Ela não responde, apenas me lança outra piscadela. Inspiro mais uma fez o ar frio, me levanto e entro em casa novamente.

CAPÍTULO 3

V

ACORDO NA MANHÃ SEGUINTE ME SENTINDO MUITO MELHOR DO QUE NOS ÚLTIMOS DIAS. Minha decisão de ser proativo tinha liberado toda a raiva indesejada que eu vinha acumulando em mim, e pulei da cama com um sorriso nos lábios e uma música em meu coração. É claro que não era o tipo de som que podia dividir com Lily Anne, pois a letra era um pouco pesada para ela, mas aquilo me fazia feliz. E por que não? Não iria mais ficar apenas esperando algo ruim. Entraria em ação e faria algo acontecer, e melhor, com outra pessoa. Isso era bem mais correto. Eu deveria ser o perseguidor, não o perseguido, e aceitar que aquele era o meu papel na vida acabou me deixando muito contente. Tomei o café da manhã apressado e consegui chegar um pouco mais cedo ao trabalho para já começar o meu projeto de pesquisa.

O laboratório estava vazio quando cheguei, me sentei em frente ao meu computador e entrei no arquivo do departamento de trânsito. Eu tinha passado o caminho até o trabalho pensando em como construir a pesquisa ao Honda fantasma para não ficar só na tentativa e erro. Pesquisei por sedãs da Honda com mais de oito anos e os dividi pela idade e localização dos donos. Tinha quase certeza de que minha Sombra tinha menos de cinquenta anos, então descartei rapidamente qualquer um mais velho que isso. Em seguida fui para a cor do veículo. Só tinha certeza de que o carro era escuro.

Uma olhada rápida enquanto ele acelerava não foi o suficiente para ser mais específico. Além disso, a idade, o sol e a maresia de Miami tinham feito seu trabalho no carro e provavelmente seria impossível dizer de que cor ele era mesmo que eu o olhasse com um microscópio.

Mas sabia que não era clara, então peguei apenas os de cor escura e descartei os outros. Então usei um último parâmetro, o da localização, descartando qualquer um da lista que estivesse a mais de oito quilômetros da casa onde eu tinha sido avistado. Começaria assumindo que minha Testemunha morava em algum lugar próximo, na área sul de Miami, senão por que estaria ali e não em Coral Gables ou South Beach? Era um chute, mas eu achava que era um bom chute, e aquilo cortou dois terços da minha lista logo de cara. Tudo de que eu precisava era uma olhada rápida no carro, e quando visse a luz traseira pendurada e a marca de ferrugem na lataria eu teria a minha Testemunha.

Quando meus colegas de trabalho começaram a chegar ao laboratório, já tinha compilado uma lista de 43 Honda velhos e de cor escura registrados por donos de menos de cinquenta anos na área escolhida. Era um pouco desanimador ter de parar aquele trabalho. Mas pelo menos agora era o meu trabalho, feito nos meus termos e estava confiante de que poderia fazer aquilo de forma rápida e eficiente. Guardei a lista em um arquivo criptografado chamado de “Honda”, que soava bem inocente, e mandei para mim mesmo por *e-mail*. Poderia abrir no meu *laptop* quando chegasse em casa e começar a trabalhar nele de novo.

E como que para provar que finalmente estava indo na direção certa, apenas dois segundos depois que mandei a lista e abri novamente a tela oficial em meu computador, Vince Masuoka entrou segurando uma caixa de papelão que só poderia conter algum tipo de doce.

— Ah, Jovem Gafanhoto — ele falou segurando a caixa para frente. — Tenho uma charada para você: qual a essência do momento que é tão leve quanto o vento?

— Tudo o que vive, Mestre — respondi. — E também o que quer que haja dentro da caixa.

Ele sorriu para mim e abriu a tampa.

— Pegue o *cannoli*, Gafanhoto — ele continuou e eu peguei um.

Nos dias seguintes, passei a checar após o trabalho, aos poucos e cuidadosamente, os nomes da lista. Comecei com os mais próximos de

casa, e a estes eu fui a pé. Disse a Rita que precisava me exercitar e corri pela área em círculos cada vez maiores, era apenas um cara normal saindo para correr sem se preocupar com o mundo. Na verdade, comecei a me sentir como se tivesse mesmo voltado à uma vida livre de preocupações. A simples decisão de agir tinha interrompido minha inquietação, sossegado meu peito e relaxado minha testa, e a emoção da caçada tinha dado velocidade aos meus passos e recolocado um belo sorriso falso em meu rosto. Eu tinha voltado aos trilhos da Vida Normal.

É claro que uma vida normal para um rato de laboratório forense em Miami não é bem o que as pessoas consideram normal. Em alguns dias, as horas de trabalho se multiplicam e estão cheias de cadáveres, alguns deles mortos de maneira impressionante. Nunca deixei de ficar maravilhado com a ingenuidade sem fim dos seres humanos em infligir ferimentos fatais em seus colegas humanos. Numa noite, enquanto estava parado na chuva, quase duas semanas após a noite de Valentine, no acostamento da estrada I-95 durante a hora do *rush*, mais uma vez fiquei maravilhado com aquela criatividade infinita, pois nunca tinha visto nada parecido com o que foi feito com o detetive Marty Klein. E com meu jeito simples e inocente, estava contente por haver algo novo e digno de nota na partida de Klein, pois Dexter estava encharcado.

Era uma noite sem lua e eu estava na chuva, no meio de um monte de gente piscando por causa dos faróis dos carros que passavam e com a proteção de várias viaturas policiais estacionadas. Estava ensopado e faminto, com água fria pingando de meu nariz, de minhas orelhas e de minhas mãos, descendo pela gola de minha inútil capa de náilon, molhando a parte de trás da minha calça e ensopando também minhas meias. Dexter estava muito, mas muito molhado. Mas também estava trabalhando, então precisava ficar ali parado, aguardar e aguentar o falatório interminável dos policiais que podem, confortavelmente, usar todo o tempo do mundo que quiserem para repetir os mesmos detalhes inúteis, pois foram agraciados com capas amarelas e brilhantes de chuva. E Dexter não é um policial. Ele é um técnico forense, e os técnicos forenses não recebem capas amarelas e brilhantes de chuva. Eles têm que se virar com o que tiverem no porta-malas do carro, neste caso uma jaqueta fina de náilon que não me protegeria nem de um espirro, quanto mais de uma chuvarada tropical.

Então fico ali parado na chuva, absorvendo a água fria como uma esponja semi-humana enquanto o policial Zangado diz mais uma vez ao policial Dunga como viu o Crown Vic parado no acostamento e então seguiu o procedimento padrão, que ele repete outra vez em voz alta como se estivesse lendo o manual.

E pior do que o tédio e o frio se espalhando pelos seus ossos e pelo centro do seu corpo é que Dexter tem que ficar ali parado naquela penúria ensopado da chuva e manter uma expressão de preocupação no rosto. Não é uma expressão fácil de acertar e esta noite não consigo fazer cara de urgência enquanto me afundo em minha miséria vazia. A cada dois minutos, percebo que a expressão correta está indo embora, substituída por uma molhada aparência mais natural de impaciência e irritação. Mas luto contra ela, rearranjo minhas feições com a máscara apropriada e espero como um soldado na noite escura, úmida e interminável. Porque, apesar de minha pouca disposição, preciso fazer tudo direito. Não estamos olhando para um traficante nojento que recebeu o que merecia. Não é uma mulher sem cabeça que foi pega no ato pelo marido traído e temperamental. O corpo dentro do Crown Vic é de um de nós, um membro da ordem fraternal dos policiais de Miami. Pelo menos parece ser quando se olha pelo vidro do carro para a coisa disforme lá dentro.

E não é disforme por não conseguirmos ver direito lá dentro nem por ter deitado no chão do carro e se encolhido para ler um bom livro, infelizmente conseguimos ver bem. É disforme porque aparentemente foi martelado até perder a forma anterior. Devagar e com calma ele foi espancado completamente até virar uma bola de ossos quebrados e carne machucada que não se parecia mais com nada que pudesse ser chamado de humano e muito menos de oficial da lei.

É claro que é terrível alguém fazer algo assim, ainda mais com um policial, um mantenedor da paz, um homem com um distintivo e uma arma cujo único propósito na vida é evitar que essas coisas aconteçam a qualquer outra pessoa. Detonar um policial dessa forma, tão lenta e deliberadamente, é uma afronta terrível à nossa sociedade bem organizada e insulto pior ainda a todos os outros tijolos do muro azul da polícia. Todos ficamos indignados, ou pelo menos imitamos bem a indignação, pois esse tipo de morte nunca foi vista antes, e nem mesmo eu consigo imaginar quem, ou o que, poderia ter feito isso.

Alguém, ou algo, gastou uma quantidade enorme de tempo e energia esmagando o detetive Marty Klein e o transformando em uma geleia, e o pior é que tinha feito isso no final de um longo dia de trabalho quando nosso jantar estava esperando. Nenhuma punição seria severa demais para o tipo de animal que faz um coisa dessas, e espero sinceramente que essa justiça terrível seja servida, de preferência após o jantar e a sobremesa, com uma xícara de café. E provavelmente com uma ou duas bolachinhas.

Mas não adianta. A barriga ronca e Dexter começa a babar, pensando nos prazeres sublimes cozinhados por Rita à espera dele em casa, e não consegue manter a expressão facial que seus músculos que deveriam mostrar. Alguém iria acabar percebendo e se perguntaria por que a morte do detetive Klein faria alguém salivar, então com um esforço hercúleo da minha vontade de ferro, realinho meu rosto novamente e espero, apontando minha carranca sombria para a poça de água da chuva que vai aumentando em volta dos meus pés.

— Jesus — diz Vince Masuoka se materializando de repente ao meu lado e esticando a cabeça para tentar ver o carro por cima das capas amarelas de chuva. Ele está usando uma daquelas militares e parece seco e contente, e tenho vontade de chutá-lo antes mesmo que comece a falar. — É inacreditável.

— Bem perto disso — respondo maravilhado com meus nervos de aço que me impedem de atacá-lo por seu capuz idiota.

— Era só o que nos faltava — Vince continua. — Um maníaco com uma marreta que fica excitado com policiais. Jesus.

Eu não teria colocado Jesus na discussão, mas é claro que pensava a mesma coisa enquanto ficava ali parado me transformando em um aquífero da Flórida. Mesmo quando alguém é surrado até a morte, nunca vimos isso ser feito com tanta selvageria, profundidade e com um foco tão maníaco. Nos anais do combate ao crime de Miami aquilo era algo único, incomparável, novo em folha e jamais visto... até esta noite, quando o carro do detetive Klein apareceu no acostamento da I-95 na hora do *rush*. Mas não vi razão para encorajar Vince a fazer outros comentários tolos e óbvios. Todos os comentários inteligentes tinham escorrido de mim naquela chuva incansável que ensopava minha roupa ao passar por minha jaqueta fina, então apenas olhei para Vince e voltei a me concentrar em manter meu rosto solene, franzindo um pouco a testa e deixando a boca meio caída...

Outro carro veio parando ao lado das viaturas que já estavam estacionadas no acostamento e Deborah saiu dele. Melhor dizendo, a sargento Deborah Morgan, minha irmã e agora investigadora principal deste novo e terrível caso. Os guardas uniformizados olharam para Debs. Um deles olhou de novo e cutucou o colega, então abriam espaço para ela passar e olhar dentro do carro. Ela estava encolhida dentro de uma das capas amarelas de chuva enquanto caminhava, o que não me deixava feliz, mas ela era minha irmã afinal de contas, então fiz um aceno de cabeça quando passou e ela retribuiu o cumprimento. Sua primeira palavra pareceu ter sido escolhida com cuidado para revelar não apenas o seu comando daquela cena de crime como também uma imagem de seu verdadeiro eu interior.

— Merda! — ela falou.

Deborah desviou o olhar daquela gosma dentro do carro e olhou para mim.

— Já conseguiu alguma coisa? — ela perguntou.

Fiz que não com a cabeça, o que formou uma cachoeira no meu pescoço.

— Estávamos esperando por você — respondi. — Na chuva.

— Precisei conseguir uma babá — ela falou. — E você devia estar usando um poncho ou algo assim.

— Nossa, gostaria de ter pensado nisso — disse de forma amável e Debs se virou para olhar novamente para os restos de Marty Klein.

— Quem o encontrou? — ela perguntou ainda olhando através do vidro do carro.

Um dos policiais, um afrodescendente com bigode de Fu Manchu, limpou a garganta e deu um passo à frente.

— Fui eu.

Deborah olhou para ele.

— Cochrane, certo?

— Isso — ele respondeu e concordou com a cabeça.

— Então me conte.

— Estava em uma patrulha de rotina. Vi o veículo nesta localização, aparentemente abandonado no acostamento da Interestadual 95 e, reconhecendo que era um veículo oficial, parei minha viatura atrás dele e chequei a placa pelo rádio. Ao receber a confirmação de que era mesmo um veículo oficial registrado no nome do detetive Martin Klein, saí da minha

viatura e me aproximei do veículo dele. — Cochrane fez uma pausa, provavelmente confuso pelo número de vezes que disse a palavra “veículo”. Mas apenas limpou a garganta e continuou. — Ao chegar a um ponto onde pude manter contato visual com o interior do veículo do detetive Klein, eu, hã...

Cochrane parou de falar como se não soubesse qual era a palavra correta para reportar aquilo, mas o policial ao lado dele bufou e providenciou a palavra que faltava.

— Ele vomitou — o outro policial falou. — Botou todo o almoço para fora.

Cochrane olhou para ele e teria proferido palavras duras se Deborah não o tivesse chamado de volta à razão.

— Foi só isso? Você olhou lá dentro, vomitou e reportou?

— Eu vim, vi e vomitei pedaços inteiros — Vince Masuoka murmurou ao meu lado, mas feliz que Deborah não tinha ouvido, para a sorte dele.

— Foi isso — Cochrane respondeu.

— Não viu mais nada? Nenhum carro suspeito, nada?

Cochrane piscou, aparentemente ainda lutando com sua vontade de dar um soco no companheiro.

— É hora do *rush* — ele respondeu e soou um pouco petulante. — O que é um veículo suspeito nessa zona?

— Se preciso explicar isso a você, talvez seja melhor pedir transferência para a guarda municipal.

— Bum! — Vince falou baixinho e o policial ao lado de Cochrane soltou um som engasgado como se estivesse segurando o riso.

Mas, por alguma razão, Cochrane não achou aquilo muito engraçado e limpou a garganta.

— Olha, tem dez mil carros passando aqui e todos diminuem a velocidade para olhar. E está chovendo, então não dá para ver nada. Se me disser o que quer que eu procure, posso começar a fazer isso, está bem?

Debs ficou olhando para ele sem nenhuma expressão.

— Agora é tarde demais. — Ela virou de costas para olhar de novo para a mancha dentro do Crown Vic. — Dexter — ela chamou virando um pouco para trás.

Devia ter imaginado o que estava por vir. Minha irmã sempre acha que vou ter um tipo de revelação mística em uma cena de crime. Ela está

convencida de que descobrirei instantaneamente algo sobre os assassinos doentes e bizarros apenas de dar uma olhada rápida no trabalho deles, apenas por eu mesmo ser um assassino doente e bizarro. Então sempre que está diante de uma morte grotesca e indecifrável, espera que eu descubra um nome, endereço e número de identidade do assassino. E muitas vezes eu consigo, guiado pela voz suave do meu Passageiro das Trevas e pelo profundo conhecimento do meu ofício. Mas desta vez não tinha nada para ela.

Meio relutante, andei pela água até parar ao lado de Deborah. Detestava desapontar minha única irmã, mas não tinha nada para falar a respeito daquilo. Era tão selvagem, brutal e desagradável que até mesmo o Passageiro apertou seus lábios de couro em desaprovação.

— O que acha? — Deborah falou para mim baixando a voz para me encorajar a falar francamente.

— Bom — respondi. — Quem quer que tenha feito isso é louco de pedra.

Ela me encarou como se eu fosse continuar e, quando ficou claro que não havia mais nada, sacudiu a cabeça.

— Não brinca. E descobriu isso sozinho?

— Isso — respondi um pouco irritado. — E só de olhar rapidamente pelo vidro. Na chuva. Tenha dó, Debs, nem sabemos ainda se é mesmo o Klein.

Deborah ficou olhando para dentro do carro.

— É ele sim.

Limpei um pequeno afluente do rio Mississipi de minha testa e olhei para dentro do carro. Não conseguia ter certeza nem de que aquela coisa lá dentro tinha sido um humano, mas minha irmã parecia estar certa de que aquela bolha amorfa era o detetive Klein. Dei de ombros, o que naturalmente mandou uma tromba de água para meu pescoço.

— Como pode ter certeza?

Ela apontou para a ponta daquele monte.

— Pela careca. Aquela é a careca de Marty — ela falou.

Olhei de novo. O corpo jazia no banco do carro como um pudim frio, perfeitamente arrumado e aparentemente intacto, sem nenhum furo. Não havia nenhum visível na pele e nenhum derramamento de sangue aparente, mas ainda assim a surra que ele levou tinha sido terrível. A parte de cima da cabeça era provavelmente a única parte do corpo que não tinha sido detonada, provavelmente para evitar que ele morresse rápido demais. E

realmente a franja de cabelos gordurosos em volta do círculo de pele rosa nua parecia muito com o que eu me lembrava da careca de Klein. Não teria jurado sobre a Bíblia que era ele mesmo, mas eu não era um detetive de verdade como minha irmã.

— Por acaso isso é uma coisa das mulheres? — perguntei e admito que só falei aquilo porque estava molhado, faminto e aborrecido. — Pode distinguir as pessoas por seus cabelos?

Ela me olhou e por um momento terrível achei que tinha ido longe demais e que Debs atacaria meu bíceps com um de seus terríveis socos no braço. Mas em vez disso ela olhou o resto do grupo de técnicos forenses, apontou para o carro e disse:

— Abram.

Fiquei ali parado na chuva olhando-os fazer aquilo. Um arrepio pareceu passar por todos que observavam a cena quando a porta do carro foi aberta. Era um policial que tinha morrido daquele jeito, um de nós, martelado terrivelmente até o esquecimento, e todos os policiais que assistiam tomaram aquilo como uma afronta pessoal. Mas o pior de tudo é que, de alguma forma, tínhamos certeza de que aquilo aconteceria de novo, e com um de nós. Em algum momento, em breve, aquelas batidas amedrontadoras cairiam novamente sobre alguém da nossa pequena tribo, e não tínhamos como saber quem, ou quando, apenas que aconteceria...

Era uma noite escura e sem lua, e era um período escuro para Dexter. Havia uma ameaça sobre todas as fileiras da polícia de Miami e, apesar de toda aquela inquietação assustadora, Dexter ficou ali parado pingando e pensando em apenas uma coisa sombria: *Perdi o meu jantar.*

CAPÍTULO 4

V

JÁ PASSAVA DAS DEZ DA NOITE QUANDO TERMINEI, E ME SENTI COMO se tivesse ficado embaixo da água durante as últimas quatro horas. Mesmo assim seria um desperdício ir para casa sem checar alguns nomes da minha lista. Então dirigi devagar passando por dois dos endereços mais distantes que estavam mais ou menos no meu caminho. O primeiro carro estava parado bem na frente da casa, e a lataria do porta-malas estava impecável, então nem parei.

O segundo estava dentro de uma garagem, escondido pelas sombras, e eu não conseguia ver o porta-malas. Diminuí a velocidade e embiquei na entrada da casa como se estivesse perdido e fazendo a volta. Havia algo na lataria do porta-malas, mas quando meus faróis o iluminaram, a coisa se moveu, e o gato mais rápido que já vi na vida correu pela noite. Fiz a volta e fui para casa.

Já passava das onze quando estacionei em frente de casa. A luz da frente estava acesa. Eu saí do carro e fiquei parado embaixo do pequeno círculo de luz que vinha de cima da porta. A chuva finalmente tinha parado, mas ainda havia nuvens baixas preenchendo o céu, e aquilo me lembrou da noite quase duas semanas atrás quando eu tinha sido visto, e um eco de desconforto passou por mim. Encarei as nuvens, mas elas não se intimidaram. *Nós o*

molhamos, elas tripudiaram*, e está aí parado como um idiota enquanto seu corpo todo fica enrugado.*

E era verdade. Tranquei o carro e entrei.

A casa estava relativamente em silêncio, pois era um dia de semana. Cody e Astor estavam dormindo e as notícias do jornal noturno vinham da TV que estava com o som baixo. Rita cochilava no sofá com Lily Anne em seu colo. E ela não despertou quando entrei, mas Lily Anne olhou para mim com olhos bem acordados e brilhantes.

— *Da* — ela falou. — *Da da da*!

Ela me reconheceu de cara, mas que garotinha brilhante. Senti algumas das minhas nuvens internas se dissiparem quando olhei para seu rostinho feliz.

— Lily Willy — respondi com a enorme seriedade que a situação pedia, e então ela gargalhou para mim.

— Oh! — Rita falou acordando e piscando para mim. — Dexter, já chegou? Eu não... — ela começou a dizer. — Quer dizer, está chegando tão tarde. De novo.

— Me desculpe — falei. — Faz parte do trabalho.

Ela me olhou por um longo momento sem fazer mais nada a não ser piscar e então sacudiu a cabeça.

— Você está ensopado.

— Estava chovendo — respondi.

Ela piscou mais algumas vezes e disse:

— Parou de chover há uma hora.

Não conseguia entender por que aquilo importava, mas como sou cheio de clichês educados falei:

— Isso mostra o quanto estive na chuva.

— Oh — Rita falou. Então olhou para mim pensativamente e comecei a tomar um pouco de consciência de como estava. Então ela finalmente suspirou e sacudiu a cabeça. — Bom, você deve estar muito... oh. Seu jantar. Está ficando tão... você está com fome?

— Estou morrendo de fome.

— E está pingando no chão. É melhor ir se trocar e colocar roupas secas. E se pegar um resfriado... — ela acenou com a mão em frente ao seu rosto. — Oh, Lily Anne está acordada. — Ela sorriu para a neném aquele belo sorriso de mãe para filha que Leonardo se esforçou tanto para capturar.

— Vou me trocar — falei e fui pelo corredor até o banheiro, coloquei minhas roupas no cesto, me enxuguei e vesti o pijama sequinho.

Quando voltei, Rita estava cantando baixinho e Lily Anne soltava bolhas pela boca, mesmo sem querer realmente interromper, tinha outras coisas importantes passando pela cabeça.

— Você disse algo sobre jantar?

— Está ficando muito... Oh espero que não tenha ficado muito seco, senão... bom, está no Tupperware e... bom, vou esquentar no micro-ondas, tome, fique com ela.

Rita pulou do sofá e esticou Lily Anne para mim. Dei um passo a frente e a peguei rapidamente, para o caso de não ter ouvido direito e Rita estar querendo esquentar o bebê no micro-ondas. Ela já estava na cozinha enquanto eu e Lily Anne nos sentávamos no sofá.

Olhei para ela. Lily Anne, o rosto brilhante da entrada de um novo mundo de emoções e de uma nova vida descobertos por Dexter. Ela era o milagre que tinha me levado a meio caminho da humanidade apenas com sua existência rosa e maravilhosa. Ele me fez sentir algo pela primeira vez e, enquanto estava sentado a segurando no colo, me vieram todos os pensamentos difusos e ensolarados que os meros mortais têm. Lily Anne tinha quase um ano e já estava claro que era uma criança incrível.

— Consegue soletrar a palavra hipérbole? — perguntei para ela.

— *Da* — ela respondeu alegremente.

— Muito bom — falei.

Ela esticou a mão e apertou meu nariz para mostrar que o mundo era um lugar muito fácil para uma pessoa tão inteligente quanto ela. Depois deu um tapa na minha testa e pulou algumas vezes, que era o jeito dela de mostrar educadamente que queria algo mais desafiador, talvez envolvendo movimento e uma boa trilha sonora, e eu obedeci.

Alguns minutos depois, Lily Anne e eu terminamos de sacudir e cantar os versos de “O sapo não lava o pé” e estávamos trabalhando nos detalhes finais de uma teoria de campo unificado de física quando Rita voltou apressada para a sala com um prato fumegando e cheirando bem em suas mãos.

— É costeleta de porco. Fiz do jeito holandês no forno, com cogumelos, sabe? Mas os cogumelos não estavam bons, enfim, então cortei alguns tomates e umas alcaparras, sabe? É claro que Cody não gostou... Oh!

Esqueci de contar — ela começou colocando o prato à minha frente na mesinha de centro. — Me desculpe se o arroz amarelo estiver um pouco... Aliás sabe o que o dentista disse? Astor vai precisar de aparelho, e ela está completamente... — ela levantou uma mão e começou a sentar-se. — Ela disse que preferia... droga, esqueci do garfo, espere um minuto — ela falou correndo para a cozinha.

Lily Anne ficou a olhando ir e então se virou para mim. Sacudi a cabeça.

— Ela sempre fala desse jeito. Você acaba se acostumando.

Lily Anne pareceu não ter certeza daquilo.

— *Da da da* — ela respondeu.

Dei um beijo no topo de sua cabeça. O cheiro era incrível, uma combinação de xampu de bebê e qualquer que fosse o feromônio inebriante que os bebês passam em seus escalpos.

— Você deve ter razão — respondi e então Rita voltou, colocou um garfo e um guardanapo ao lado do prato, pegou Lily Anne de meus braços e se ajeitou no sofá ao meu lado para continuar a me contar da saga de Astor e o Dentista.

— Enfim, falei para ela que é só por um ano e que muitas outras garotas... mas ela tem um... ela já falou sobre Anthony com você?

— Anthony o cuzão?

— Oh — Rita falou. — Ele não é exatamente um... tipo, ela diz isso, mas não deveria. É diferente para as garotas, e Astor está em uma idade... não está muito seco, está? — ela perguntou franzindo a testa para o meu prato.

— Está perfeito.

— Está seco, me desculpe. Então pensei que talvez você pudesse falar com ela — Rita concluiu. — Eu torci para ela estar falando de Astor e não da costeleta de porco.

— O que quer que eu diga? — perguntei com a boca cheia da comida que estava deliciosa e só um pouco seca.

— Que é algo perfeitamente normal.

— O quê, o aparelho?

— É claro. Achou que estávamos falando do quê?

Sinceramente, na maior parte do tempo não sei do que estamos falando, pois Rita sempre dá um jeito de combinar pelo menos três assuntos de uma vez. Talvez isso tenha vindo do trabalho. Mesmo estando com ela há vários anos, só sei que o trabalho envolve mexer com números bem grandes,

convertê-los em moedas estrangeiras e aplicar os resultados no mercado imobiliário. Um dos incríveis mistérios da vida era como uma mulher inteligente o suficiente para fazer aquilo era tão idiota quando se tratava de homens, pois primeiro se casou com um viciado em drogas que batia selvagemente nela, em Cody e em Astor e cometeu tantos atos ilegais que finalmente foi jogado na prisão. Então Rita, enfim livre do pesadelo de um casamento com um demônio viciado, resolveu dançar até um novo casamento com um monstro ainda pior: eu.

É claro que Rita jamais saberia quem eu era de verdade, ou pelo menos não se eu pudesse evitar. Eu me esforcei muito para mantê-la alegre e ignorante a respeito do meu verdadeiro eu, o Dexter Sombrio, o vivisseccionista feliz que vivia para ouvir o ronronar da fita adesiva, o brilho da faca, o cheiro do medo aumentando vindo de um colega de brincadeira que realmente merece aquilo e que ganhou seu ingresso para o Parque de Diversões de Dexter ao matar pessoas inocentes e dar um jeito de escapar pelos buracos do sistema judicial...

Rita jamais conheceria esse meu lado, nem Lily Anne. Meus momentos com meus novos amiguinhos, como Valentine, eram privados, ou pelo menos foram privados um dia, até o terrível acidente com a Testemunha. Pensei naquilo por um momento e me lembrei dos nomes na minha lista. Um daqueles nomes seria o certo, um deles tinha que ser, e quando eu soubesse quem era... podia quase sentir o gosto da excitação de pegá-lo e prendê-lo com fita, quase ouvindo os resmungos abafados de dor e medo...

Uma vez que minha mente estava vagando pelo meu *hobby*, cometi o terrível crime de mastigar as costeletas de porco de Rita sem aproveitar. No entanto, para infelicidade das minhas papilas gustativas, enquanto eu imaginava a Testemunha se debatendo contra suas amarras, acabei mordendo o garfo, o que me arrancou do meu agradável devaneio e me trouxe de volta ao jantar. Peguei o último bocado de arroz amarelo e uma alcaparra com o garfo e coloquei na boca quando Rita disse:

— E também não é coberto pelo plano de saúde, então... mas acho que terei um belo bônus este ano, e aparelhos dentais são muito... Astor não sorri muito, não é mesmo? Talvez se os dentes dela... — Ela fez uma pausa repentina, sacudiu a mão e fez uma careta. — Ah, Lily Anne. Você precisa de uma fralda nova.

Rita se levantou e levou a neném pelo corredor até o trocador, deixando um aroma que definitivamente não era de costeletas de porco, então coloquei o prato vazio na mesinha e me recostei no sofá com um suspiro: era hora da Digestão de Dexter.

Por alguma razão estranha e muito irritante, em vez de deixar as preocupações do dia desaparecerem em uma névoa de contentamento bem alimentado, acabei entrando de cabeça de volta ao trabalho e pensei em Marty Klein e na coisa bizarra e assustadora que era o seu cadáver. Eu não o conhecia muito bem e mesmo se conhecesse não sou capaz de criar nenhuma ligação emocional, nem mesmo o tipo de emoção áspera e viril que é tão popular na minha linha de trabalho. E cadáveres não me incomodam, mesmo que eu não tenha casualmente me envolvido em sua produção, pois olhar para eles e tocá-los faz parte do meu trabalho. Apesar de não querer que meus colegas de trabalho saibam, para mim um policial morto não é mais perturbador do que um advogado morto. Mas um cadáver como aquele, amassado com um martelo até perder a forma humana... era algo muito diferente e quase sobrenatural.

A fúria das marteladas que mataram Klein era completamente psicótica, é claro, mas o fato de ter sido tão bem planejada e levado tanto tempo era algo muito longe de uma insanidade homicida normal e confortável, o que achei muito perturbador. Aquilo tinha requerido uma força considerável, resistência e, o mais assustador de longe, um controle frio durante todo aquele processo selvagem para não ir longe demais e causar a morte prematura antes que todos os ossos do corpo estivessem quebrados.

Por alguma razão, eu tinha certeza de que não era um episódio único inofensivo e isolado no qual alguém tinha surtado e enlouquecido por algumas horas. Aquilo parecia um padrão, um estilo de vida e um estado permanente. Força e fúria insanas combinadas com um controle clínico, eu não conseguia imaginar que criatura era capaz de algo assim, nem queria saber. Mas, mais uma vez, eu estava com aquela sensação de que encontraríamos mais policiais amassados em breve.

— Dexter? — Rita chamou docemente do quarto. — Não vai vir para a cama?

Olhei para o relógio ao lado da TV. Era quase meia-noite. Ao ver os números, percebi o quanto estava cansado.

— Já estou indo — falei.

Eu me levantei do sofá e me estiquei, sentindo uma bem-vinda sensação de sonolência. Era hora de dormir, me preocuparia com Marty Klein e seu fim terrível apenas amanhã. Basta um mal a cada dia, pelo menos nos muito bons. Coloquei meu prato na pia e fui dormir.

V

Lá de longe, no escuro mundo de algodão do sono, senti uma sensação de desconforto se acotovelando para chegar à minha cabeça e, como uma resposta para uma pergunta vaga mas insistente, ouvi um som alto e explosivo, de repente estava acordado e com o nariz escorrendo depois de um espirro gigante.

— Oh, Senhor — Rita exclamou sentando-se ao meu lado. — Você pegou um resfriado por causa daquela... sabia que acabaria... aqui, pegue um lenço.

— Obrigado — respondi, me sentei na cama, peguei o lenço da mão dela e o coloquei no meu nariz. Espirrei de novo, desta vez no lenço, e o senti se desintegrar na minha mão. — Aaahh! — falei quando o muco pingou nos meus dedos, e meu corpo todo começou a doer.

— Oh, minha nossa... aqui, pegue outro lenço. E vá lavar as mãos, senão... olha a hora, já temos que levantar mesmo.

E antes que pudesse levar o novo lenço ao nariz, ela já tinha se levantado e me deixado lá, com o nariz escorrendo e pensando por que o destino mau tinha infligido aquele sofrimento sobre o pobre e não merecedor eu. Minha cabeça doía e eu me sentia como se estivesse cheio de uma areia molhada que vazava pela minha mão, e além de tudo isso eu tinha que me levantar e ir trabalhar, mas do jeito que minha cabeça rodava lentamente através de uma névoa não sabia nem como fazer para chegar lá.

Porém, se tem uma coisa na qual Dexter é bom é aprender e seguir padrões de comportamento. Passei a vida toda entre os humanos e todos eles pensam, sentem e agem de jeitos que são completamente alienígenas para mim, mas a minha sobrevivência depende de apresentar uma imitação perfeita do jeito que eles se comportam. Para minha felicidade, 99% de toda a vida humana é passada simplesmente repetindo os mesmos clichês cansativos, se movendo como zumbis repetindo os mesmos passos de dança que demos ontem e que daremos amanhã. Parece algo muito imbecil e sem sentido, mas, na verdade, faz muito sentido, afinal, se você só precisa seguir

o mesmo caminho todos os dias, não vai ter que pensar. Considerando o quanto os humanos são bons em qualquer processo mental mais complicado do que mastigar, isso não é o melhor para todo mundo?

Então, desde pequeno, aprendi a observar as pessoas seguindo um ou dois de seus rituais básicos e então imitando os mesmos passos com um mimetismo impecável. Hoje de manhã isso foi importante, pois quando cambaleei para fora da cama e para o banheiro, minha cabeça estava vazia, a não ser pelo catarro, e se não tivesse aprendido de cor o que deveria fazer a cada manhã, acho que não teria conseguido. A terrível dor da gripe tinha se instalado no meu corpo e empurrado para fora de minha mente toda a minha capacidade de pensar.

Mas o padrão do que fazia de manhã tinha permanecido: banho, barba, escovar os dentes e caminhar até a mesa da cozinha onde Rita teria deixado uma xícara de café esperando por mim. Enquanto dava uns goles e sentia uma pequena fagulha de vida surgir em resposta, ela colocou um prato de ovos mexidos na minha frente. Pode ter sido o efeito do café, mas me lembrei do que tinha que fazer com os ovos, e então fiz muito bem. Quando terminei, Rita colocou dois comprimidos na minha frente.

— Tome isso. Vai se sentir muito melhor quando começarem a fazer... Oh, olha a hora. Cody? Astor? Vocês vão se atrasar! — Ela encheu minha xícara novamente correu pelo corredor, de onde a ouvi arrancando duas crianças resmungonas de suas camas.

Um minuto depois, Cody e Astor se largaram em suas cadeiras e Rita colocou os pratos de comida em frente a eles. Cody começou a comer mecanicamente, mas Astor se apoiou no cotovelo e ficou encarando os ovos com nojo.

— Isso está gosmento. Quero cereal.

Isso era parte do ritual matinal. Astor nunca queria nada do que Rita dava para ela comer. Achei estranhamente reconfortante saber o que aconteceria a seguir, quando Rita e as crianças seguiam o roteiro conhecido de todas as manhãs, e esperei os comprimidos fazerem efeito e me darem novamente o poder de pensar por mim mesmo. Até lá não precisava me preocupar: não teria que fazer nada além de seguir o padrão.

CAPÍTULO 5

V

O PADRÃO CONTINUOU FUNCIONANDO QUANDO CHEGUEI AO TRABALHO. O mesmo policial estava sentado na entrada e assentiu com a cabeça ao ver minhas credenciais. As mesmas pessoas de sempre se apertavam no elevador quando subi para o segundo andar. Aparentemente esperando por mim, na cafeteira estava o mesmo esgoto vil que permanecia lá desde a aurora dos tempos. Tudo muito reconfortante, e por gratidão, tentei até tomar o café, fazendo a mesma cara de terror de sempre ao dar um gole. Ah, o consolo da rotina maçante.

Mas quando virei de costas para a cafeteiras em direção ao que devia ser um espaço vazio, encontrei um objeto no meu caminho, tão perto de mim que precisei parar de repente, o que é claro que me fez derrubar a poção venenosa na camisa.

— Ah, merda — o objeto falou e parei de olhar para minha camisa escaldada e arruinada e levantei a cabeça.

Parada na minha frente estava Camilla Figg, uma de minhas colegas de trabalho. Ela estava na casa dos trinta e era meio quadrada, monótona e geralmente muito quieta, no momento estava furiosamente vermelha, como sempre ficava quando eu a via.

— Camilla — falei e acho que foi de forma bem educada, considerando que minha camisa era relativamente nova e que provavelmente se

dissolveria por causa dela. Mas por alguma razão ela ficou ainda mais vermelha.

— Eu sinto muitíssimo — ela falou em um murmúrio e olhou para os dois lados como se procurasse um jeito de escapar.

— Está tudo bem — respondi apesar de não estar. — Provavelmente é mais seguro vestir esse café do que tomar.

— Você sabe que eu não queria fazer isso — ela falou e levantou a mão, não sei se para pegar as palavras de volta ou tentar limpar o café da minha camisa, mas sacudiu a mão e baixou a cabeça. — Sinto muito — falou de novo e então se arrastou para longe pelo corredor.

Pisquei com a estupidez dela. Algo novo tinha quebrado o padrão e eu não tinha ideia do que aquilo significava ou o que precisava ter feito. Depois de ponderar por alguns segundos, deixei aquilo para lá. Estava gripado e por isso não precisava tentar entender o comportamento bizarro de Camilla. Se eu tinha dito ou feito algo errado, poderia simplesmente dizer que tinham sido os comprimidos que tomei. Deixei o café lá e fui ao banheiro tentar salvar uma parte da minha camisa.

Esfreguei com água fria por vários minutos sem conseguir remover a mancha. As toalhas de papel rasgavam e deixavam vários pedacinhos molhados na camisa sem nem afetar a mancha. Aquele café era incrível. Talvez tivesse tinta ou corante de tecidos na composição dele, o que explicaria o gosto. Finalmente desisti e sequei a camisa o máximo que pude. Saí do banheiro vestindo minha camisa meio manchada e fui para o laboratório torcendo para conseguir uma simpatia de alfaiataria de Vince Masuoka. Normalmente ele era muito apaixonado e bem informado a respeito de roupas. Mas, em vez de receber condolências e conselhos sobre como remover a mancha, entrei em uma sala que estava transbordando com a minha irmã Deborah, que seguia Vince por todos os lados e aparentemente o intimidava sobre algo enquanto ele trabalhava com um pequeno saco de evidências.

Encostado no canto da parede, estava um homem que eu não conhecia, de mais ou menos 35 anos, cabelos pretos e compleição física média. Ninguém o apresentou e ele não estava apontando nenhuma arma ou algo assim, então passei pelo homem e entrei no laboratório.

Debs olhou para mim e me lançou o tipo de cumprimento caloroso e amoroso que geralmente espero dela.

— Onde é que você estava, porra?

— Na aula de dança de salão — respondi. — Estamos aprendendo tango esta semana. Quer ver?

Ela fez uma cara azeda e sacudiu a cabeça.

— Entre aqui e assuma o trabalho no lugar deste retardado.

— Que ótimo, agora sou um retardado — Vince resmungou e fez um aceno de cabeça para mim. — Vamos ver quão esperto você é com a Simone Legree[1] enfiada até a metade do seu rabo.

— Se está enfiado só até a metade, eu começo a entender por que está bravo — respondi. — Imagino que houve uma evolução no caso Marty Klein, certo? — perguntei educadamente a Debs.

— É o que estou tentando descobrir. Mas, se o cagão não mexer sua bunda mais rápido, nós nunca saberemos.

Então me ocorreu que Debs e Vince estavam com fixação por bundas esta manhã, um jeito pelo qual eu não gostava de começar meu dia. Mas todos precisamos demonstrar tolerância no ambiente de trabalho, então deixei aquilo para lá.

— O que conseguiu?

— É só uma porra de um papel de embrulho do chão do carro de Klein — Vince respondeu.

— É de algo para comer — completou o estranho no canto.

Olhei para o homem e depois para Deborah com a sobrancelha levantada. Ela deu de ombros.

— Meu novo parceiro. Alex Duarte.

— Oh — falei para ele. — *Mucho gusto*.

Ele deu de ombros.

— Ah sim, claro.

— Que tipo de comida? — perguntei.

Deborah rangeu os dentes.

— É o que estou tentando descobrir. Se soubermos onde comeu antes de morrer, temos uma boa chance de examinar o local e talvez achar o nosso cara.

Fui até onde Vince cutucava um pedaço de papel branco e engordurado dentro de um saco de evidências.

— Toda essa gordura — ele falou. — Tem que haver uma digital. Achei que era melhor procurar uma primeiro. É o procedimento padrão.

— Já vimos que tem digitais de Klein, cuzão — Deborah falou. — Quero o matador.

Olhei para aquela coisa engordurada dentro do saco plástico. Havia algo marrom-avermelhado nele e, apesar de não prestar tanta atenção em embalagens de comida para ter certeza, aquela me pareceu familiar. Eu me inclinei, abri o saco e cheirei com cuidado. Os comprimidos tinham finalmente secado o meu nariz e o cheiro era forte e inconfundível.

— Taco — falei.

— *Gesundheit* — Vince falou.

— Tem certeza? — Deborah perguntou. — É uma embalagem de taco?

— Absoluta. O cheiro dos temperos é inconfundível. — Levantei o saco e apontei para a pequenina migalha amarela no canto do papel encerado. — E bem aqui está o que só pode ser um pedacinho do taco.

— Tacos, meu Deus — Vince falou horrorizado. — Tipo do Taco Bell?

— Se fosse teria o logotipo no papel, não? — respondi. — E acho que as embalagens deles são amarelas. Este provavelmente é de um lugar pequeno, talvez até de uma daquelas barraquinhas de comida.

— Que ótimo — Deborah falou. — Deve ter um milhão dessas em Miami.

— E todas vendem tacos — Vince completou de forma prestativa. — Quer dizer, *eca*.

Deborah olhou para ele.

— Você é um grande idiota, sabia?

— Não, não sabia — Vince respondeu alegremente.

— Por que tacos? — Duarte perguntou. — Quer dizer, quem é que come tacos, porra? Fala sério.

— Talvez não tenha conseguido achar empanadas — respondi.

Ele me olhou sem entender.

— Empa o quê?

— Consegue descobrir de onde veio? — Debs perguntou. — Tipo analisando os temperos ou algo assim?

— Pelo amor de Deus, Debs — respondi. — É só um taco e eles são basicamente iguais.

— Não são não. Estes tacos fizeram um policial ser morto.

— Tacos assassinos — Vince falou. — Gostei disso.

— Talvez seja um lugar da moda — falei e Deborah me olhou esperançosa. — Sabe quando todos falam do lugar e todos sabem que é bom, tipo os hambúrgueres do Manny's ou que a *medianoche* do Hidalgo é a melhor da cidade, essas coisas.

— Sim, mas estamos falando de tacos — Vince falou. — Quer dizer, fala sério.

— Certo, talvez sejam mesmo baratos — concordei. — Ou talvez a garota que os faz use um biquíni pequenininho.

— Conheço uma perua de lanches que faz isso — Duarte falou. — Eles têm uma mulher muito bonita que fica de biquíni. Então vão a construções e ela vende horrores, podem acreditar, só de mostrar os peitos.

— Vocês são inacreditáveis, seus cuzões. Por que no fim as coisas sempre se resumem aos peitos?

— Nem sempre. Às vezes é à bunda também — Vince falou inteligentemente trazendo a bunda mais uma vez para a conversa. Comecei a pensar se havia uma câmera escondida com um sorridente apresentador entregando um prêmio a cada vez que usávamos uma palavra daquelas.

— Podemos perguntar por aí — Duarte falou. — Podemos ver se tem outros detetives falando de um lugar ótimo para comer tacos.

— Ou que tenha belos peitos — Vince falou.

Deborah o ignorou, o que deve tê-lo deixado agradecido.

— Descubra o que puder a respeito do papel de embalagem — ela falou, se virou e saiu apressada da sala. Duarte se endireitou, fez um aceno de cabeça para nós e a seguiu.

Fiquei olhando-os sair. Vince piscou para mim e também saiu murmurando algo sobre reagente enquanto eu, por um momento, apenas fiquei ali sentado. Minha camisa ainda estava úmida e eu estava muito irritado com Camilla Figg. Ela tinha parado bem atrás de mim, perto demais para a segurança de qualquer um, e não consigo pensar em nenhuma razão para esse tipo de proximidade. E, o pior, eu deveria perceber quando alguém ficasse tão perto de minhas costas desprotegidas. Poderia ter sido um chefão do tráfico com uma Uzi, um jardineiro louco com um facão ou qualquer outra coisa tão letal quanto uma xícara daquele café terrível. Onde estava o Passageiro quando você realmente precisava dele? Agora eu estava sentado em um laboratório gelado vestindo uma camisa molhada e tinha

quase certeza de que aquilo não ajudaria a minha já frágil saúde. E apenas para reforçar o que falei, senti um espirro chegando e mal consegui pegar uma toalha de papel e levar até o nariz antes da erupção. Comprimidos de resfriado, que fraude. Eles eram inúteis, igual a todo o resto neste mundo miserável.

Um pouco antes de virar um grande monte de muco e pena de mim mesmo, me lembrei da camisa limpa pendurada atrás da minha mesa. Sempre mantenho uma à mão em caso de acidente de trabalho. Peguei-a do cabide e vesti, colocando a outra molhada e manchada de sangue em um saco plástico para levar para casa. E era uma bela camisa, uma mexicana bege com guitarras prateadas nas bordas. Rita deveria conhecer um truque mágico para tirar as manchas.

Vince já estava no laboratório quando retornei e fomos direto ao trabalho. Realmente demos o nosso melhor. Fizemos todos os testes que conseguimos pensar, visual, químico, eletrônico, e não achamos nada que colocasse um sorriso no rosto de minha irmã. Deborah ligou três vezes, o que para ela demonstra um enorme autocontrole. Mas não havia nada mesmo a dizer. Achei bem possível que o embrulho contivesse um taco e que tivesse vindo de uma van de lanches, mas com certeza não juraria em uma corte.

Por volta do meio-dia, o efeito dos comprimidos começou a passar e eu comecei a espirrar de novo. Tentei ignorar aquilo, mas é bem difícil realizar um trabalho de laboratório de alta qualidade segurando um lenço de papel no nariz, então finalmente desisti.

— Tenho que sair daqui — falei para Vince. — Antes que espirre em cima das evidências.

— Não machucaria nem um pouco os tacos.

Fui almoçar sozinho em um restaurante tailandês perto do aeroporto. Não que olhar para um taco velho tenha aberto meu apetite. É que sempre acreditei que uma tigela grande de uma apimentada sopa tailandesa combatesse a gripe melhor do que qualquer outra coisa, e quando terminei de tomar já estava sentindo meu sistema suar as moléculas doentes, forçando a gripe para fora dos meus poros e de volta à ecosfera de Miami, à qual ela pertencia. E me senti mesmo muito melhor, o que me fez deixar uma gorjeta um pouco maior do que deveria. Quando saí para o calor da tarde, a parte da frente de meu crânio explodiu em um espirro enorme, e a

dor companheira chutou meus ossos como se alguém estivesse apertando todas as minhas juntas.

A felicidade é uma ilusão e às vezes a sopa tailandesa também. Desisti e passei na farmácia para comprar mais comprimidos. Desta vez tomei três deles e quando cheguei ao escritório meu nariz e meus ossos já tinham parado um pouco de latejar. Não sei se foram os comprimidos ou a sopa, mas comecei a sentir que conseguiria cumprir a rotina dolorosa que o dia poderia jogar sobre mim. E como estava mais ou menos preparado para algo desagradável, nada aconteceu.

O resto da tarde foi completamente livre de eventos. Continuamos trabalhando, usando nossas enormes habilidades em cima do que, na verdade, era uma evidência fraca. No fim do dia, a única coisa que tinha descoberto era que Masuoka não gostava de comida mexicana em geral, não só dos tacos.

— Se como essas coisas, acabo ficando com muitos gases — ele me contou. — O que causa um impacto bem negativo em minha vida social.

— Não sabia que tinha uma vida social.

A migalha do taco estava no microscópio em uma vã esperança de achar alguma pequena pista, enquanto Vince examinava a mancha de gordura do papel.

— É claro que tenho vida social — ele falou. — Saio quase todas as noites. Achei um cabelo.

— Nossa, e como é essa balada?

— Não, achei um cabelo na gordura. Para sair para a balada, eu raspo todos os pelos e cabelos.

— Informação demais — respondi. — É humano?

— Muito engraçado. Muitas pessoas raspam tudo.

— O cabelo. Por acaso é de gente?

Ele fez uma careta olhando para o microscópio.

— Eu chutaria que é de um roedor. O que é outra razão para não comer comida mexicana.

— Vince, pelo de rato não é um tempero mexicano. Isso aconteceu porque a coisa veio de uma van de lanches suja.

— Ah, sei lá, você é o especialista em comidas aqui — ele respondeu. — Gosto de comer em algum lugar que tenha cadeiras.

— Nunca comi um lugar desses. Algo mais?

— É bom ter mesas. E talheres de verdade também.

— Mais alguma coisa com relação à gordura? — perguntei fazendo um esforço terrível para não enfiar fundo meus dedos nos globos oculares dele.

Vince deu de ombros.

— É só gordura.

Não tive melhor sorte com a migalha do taco. Simplesmente não havia nada ali para ser encontrado, a não ser que era feito de milho processado e que continha vários produtos químicos não orgânicos, provavelmente conservantes. Fizemos todos os testes que poderíamos sem destruir a embalagem e não encontramos nada de significativo. O nível da conversa de Vince também não melhorou, então na hora de ir embora o meu humor não tinha melhorado e eu não estava alegre e contente. Na verdade eu me sentia mais mal-humorado do que de manhã. Rechacei um último ataque telefônico de Deborah, tranquei as evidências e fui em direção à porta.

— Não quer ir comer uns tacos? — Vince perguntou quando cheguei à porta.

— Por que não sai pulando com a bunda? — perguntei. Afinal, se havia mesmo um prêmio por falar em bunda, eu merecia uma chance de concorrer.

---

1 Referência a Simon Legree, o cruel dono de escravos do livro *A cabana do Pai Tomás*. (N. T.)

CAPÍTULO 6

V

DIRIGI PARA CASA EM MEIO AO USUAL TRÁFEGO DA HORA DO *RUSH*, com a agressivas mudanças de faixa de dar nos nervos e as quase batidas por um triz. Havia uma picape pegando fogo no acostamento da Palmetto Expressway. Um homem sem camisa, usando *jeans* e um chapéu velho de caubói estava ao lado dela e parecia quase entediado. Ele tinha a tatuagem grande de uma águia nas costas e um cigarro na mão. Todos reduziam para ver a picape fumegante e atrás de mim dava para ouvir o caminhão de bombeiros, com sua sirene guinchando e a buzina gritando enquanto tentava passar pelos molengas estúpidos. Quando acabei de passar pela picape, meu nariz começou a escorrer de novo e ao chegar em casa, uns vinte minutos depois, já estava espirrando, um grande rompedor de crânios a cada minuto mais ou menos.

— Cheguei! — falei fungando ao entrar em casa e fui recebido pelo som do que parecia um foguete me respondendo. Cody já jogava Wii e trabalhava com afinco para destruir todo o mal do mundo com um ataque maciço de artilharia. Ele deu uma olhadela para mim e voltou sua atenção para a TV. Para ele, aquilo era uma recepção calorosa.

— Cadê a sua mãe?

Ele indicou a cozinha com a cabeça e falou:

— Na cozinha.

Isso era sempre uma notícia boa. Rita na cozinha significava que algo maravilhoso estava a caminho. Apenas pelo costume, tentei sentir o cheiro do que estava sento feito, o que foi uma péssima ideia, pois aquilo fez cócegas em minhas narinas e me lançou em um ataque de espirros múltiplos que quase me fizeram ficar de joelhos.

— Dexter? — Rita perguntou da cozinha.

— *Atchim* — respondi.

— Oh — ela respondeu aparecendo na porta da cozinha usando luvas de borracha e segurando uma faca grande. — Você parece muito mal.

— *Obigado* — falei. — *Poque* luvas?

— Hã? Ah, sim, as luvas. Estou fazendo sopa para você — ela falou e sacudiu a faca. — E com pimenta Scotch Bonnet, então preciso... apenas na sua sopa, pois Cody e Astor não tomam nada picante.

— Odeio comida apimentada — Astor falou vindo de seu quarto e se sentando no sofá ao lado de Cody. — Por que temos que tomar sopa?

— Pode comer um cachorro-quente se quiser — Rita falou.

— Odeio cachorro-quente.

Rita franziu a testa e sacudiu a cabeça. Um pequeno cacho de cabelo caiu em seu rosto.

— Bom — ela respondeu meio a contragosto. — Pode ficar passando fome então. — Tirou o cabelo da cara com o punho e voltou para a cozinha.

Fiquei olhando Rita ir para a cozinha um pouco surpreso. Ela quase nunca perdia a paciência e eu não conseguia me lembrar da última vez em que tinha dito algo assim para Astor. Espirrei e parei em pé atrás do sofá.

— Poderia se esforçar um pouco mais para não chatear sua mãe — falei.

Astor virou a cabeça para mim depois se debruçou para longe.

— É bom você não me passar essa gripe — ela falou em um tom de ameaça bem convincente.

Olhei para a parte de cima da cabeça dela. Uma parte de mim queria acertá-la na cabeça com uma ferramenta de carpintaria, mas a outra parte percebeu que disciplinar uma criança daquela maneira direta e vigorosa normalmente não era algo incentivado em nossa sociedade, na qual eu estava tentando me encaixar no momento. Em todo caso, também não poderia culpar Astor por exibir o mesmo tipo de mau humor mesquinho que eu também estava sentindo. E que até Rita parecia estar experimentando.

Talvez algum produto tóxico estivesse caindo com a chuva de verão e infectando nós todos com um jeito azedo.

Então simplesmente respirei fundo e me afastei de Astor e seu mal humor, indo em direção à cozinha para ver se meu nariz poderia funcionar o suficiente para sentir a sopa sendo preparada. Parei na porta e vi Rita em frente ao fogão de costas para mim. Uma nuvem de vapor com aparência ótima subia em torno dela. Dei mais um passo e tentei dar uma cheirada no ar.

É claro que aquilo me fez espirrar. Foi um espirro incrível, muito alto e vigoroso com um tom bem forte e belo. Aparentemente isso assustou Rita, pois ela deu um pulo de vários centímetros de altura e derrubou a taça de vinho branco que estava segurando e que se espatifou no chão ao seu lado.

— Que droga! — ela falou em outra explosão surpreendente, olhou para a poça de vinho se espalhando até seu sapato e se virou para mim. Para minha surpresa, ela ficou vermelha. — Era apenas... só pensei que, enquanto cozinhava. E você me assustou.

— Desculpe. Só queria sentir o cheiro da sopa.

— Está bem, mas sério — ela começou, foi até o corredor e voltou apressada com uma vassoura e uma pá de lixo. — Vai dar uma olhada na neném — ela falou enquanto se inclinava para limpar o vidro quebrado. — Pode ser que precise trocar a fralda.

Observei Rita por um momento enquanto ela varria aquela bagunça. Suas bochechas estavam bem vermelhas e ela evitava olhar para mim. Tinha uma forte sensação de que alguma coisa estava errada, mas não importava o quanto eu franzisse a testa e piscasse, não consegui ter ideia do que era. Pensei que, se a encarrasse por tempo suficiente, talvez tivesse alguma indicação do que tinha acontecido, talvez aparecesse uma legenda ou um homem usando um avental de laboratório me daria um panfleto explicando as coisas em oito línguas e possivelmente com desenhos. Mas não tive essa sorte. Rita se manteve abaixada, envergonhada e varrendo os cacos de vidro para a pá de lixo e eu continuava sem ter ideia de por que ela e todas as outras pessoas estavam agindo de forma estranha hoje.

Então saí da cozinha e fui até o quarto onde Lily Anne estava deitada em seu berço. Ela não estava totalmente acordada, mas agitada, com a testa franzida e chutando com uma perninha, como se também tivesse pegado a mesma coisa que tinha deixado todo mundo irritado. Eu me inclinei e

apertei sua fralda. Estava cheia e esticava sua roupinha. Eu a peguei e levei para o trocador e ela acordou quase imediatamente. Isso tornou o ato de trocar a fralda um pouco mais difícil, mas era bom ter a companhia de alguém que não estava rosnando para mim.

Depois de trocada, eu a levei para o meu pequeno escritório, longe do mau humor e da violência do jogo de Wii na sala, e me sentei na cadeira da escrivaninha com Lily Anne no colo. Ela brincava com uma caneta esferográfica, batendo-a na mesa com uma concentração louvável e um senso de ritmo excelente. Peguei um lenço da caixa e o coloquei no nariz. Disse a mim mesmo que minha gripe iria embora em um ou dois dias e não havia razão para pensar que aquilo era algo maior do que uma pequena inconveniência. Além disso, todo o resto ia bem e de forma amorosa e feliz, com passarinhos imaginários voando em torno de minha cabeça e cantando 24 horas por dia. Minha vida em casa era quase perfeita e eu a mantinha bem balanceada com o meu trabalho. Muito em breve rastrearia a única pequena nuvem no horizonte e então ganharia uma colega de brincadeira, que seria um bônus de puro êxtase.

Peguei minha lista dos Honda e coloquei em cima da mesa. Três nomes riscados. No ritmo que eu estava isso ainda demoraria semanas. Gostaria de resolver tudo imediatamente, ir direto ao ponto, então me inclinei para estudar a lista como se alguma pista pudesse estar escondida entre uma linha e outra. Enquanto fazia isso, Lily Anne se virou e bateu no papel com a caneta.

— *Na na na*! — ela falou e tinha toda razão. Eu tinha que ser paciente, ponderado e cuidadoso e então o encontraria, o esquartejaria e tudo ficaria bem...

Espirrei. Lily Anne estremeceu e então pegou o papel, sacudiu-o em meu rosto e o jogou no chão. Então se virou para mim e sorriu orgulhosa de si mesma, e fiz um aceno de cabeça reconhecendo sua inteligência. Era uma declaração bem clara. *Chega de sonhar acordado. Você e eu temos trabalho a fazer*.

Mas antes que pudéssemos reestruturar os códigos do imposto de renda, um belo som veio flutuando do corredor.

— Dexter? Crianças? — Rita chamou. — O jantar está pronto!

Olhei para Lily Anne.

— *Da* — ela falou e concordei. Fomos jantar.

V

O dia seguinte era sexta-feira, o que era bom. Não tinha sido uma semana prazerosa de trabalho e eu ficaria bem feliz em deixar tudo para trás e ter um fim de semana para ficar sentado em casa e assassinar minha gripe. Mas antes precisava sofrer com mais algumas horas de trabalho.

No meio do dia eu já tinha tomado seis comprimidos e usado meio rolo de toalha de papel, e estava trabalhando a segunda metade do rolo quando Deborah entrou no laboratório. Vince e eu tínhamos chegado ao ponto em que não conseguíamos pensar em mais nada para fazer com o embrulho do taco, e como ele tinha se recusado a tirar no palitinho para ver quem contaria a Deborah, fui forçado a ligar e contar a ela que não tínhamos achado nada. Três minutos depois lá estava ela, entrando no laboratório como uma vingadora furiosa.

— Maldição — ela falou antes de estar completamente lá dentro. — Vocês precisam me dar algo!

— Quem sabe um sedativo? — Vince sugeriu e finalmente achei que ele tinha toda razão.

Deborah olhou para ele e depois para mim, e pensei se conseguiria chegar ao abrigo antibombas a tempo. Mas antes que minha irmã pudesse infligir alguma lesão corporal grave, ouvimos um som na porta e todos nos viramos para olhar; Camilla Figg estava parada lá. Ela me encarava, então ficou vermelha, olhou em volta e disse:

— Oh. Eu nem pedi desculpas. — Então limpou a garganta e saiu apressada pelo corredor antes que alguém pudesse entender o que tinha dito ou o que aquilo queria dizer.

Olhei novamente para Deborah esperando que retomasse sua explosão. Mas para minha surpresa ela não pegou sua arma nem se aproximou para dar um doloroso soco no braço. Em vez disso, ela respirou fundo e se acalmou visivelmente.

— Rapazes, tenho uma sensação ruim sobre esse cara. O louco que detonou Marty Klein.

Vince abriu a boca, possivelmente para dizer algo que achava inteligente. Deborah olhou para ele, que pensou melhor e resolveu fechar a boca.

— Acho que ele fará de novo, e será em breve — Debs continuou. — Toda a força policial também pensa isso. Eles acham que o cara é um tipo

de assombração, tipo o Freddy Krueger ou algo assim. Todos estão enlouquecendo e querendo que eu encontre o assassino. E tudo o que tenho é uma pista fraca, um papel de embrulho de taco. — Ela deu de ombros e sacudiu a cabeça. — Sei que não é muito, mas é o que temos, e eu... Por favor, rapazes, Dex, não há mais nada que possa ser feito? Qualquer coisa?

Havia uma necessidade real em seu rosto e estava claro que ela estava mesmo implorando a nós. Vince olhou para mim com uma expressão de grande desconforto. Ele não era bom com sinceridade, e era óbvio que aquilo o deixava nervoso demais para falar, o que significava que o problema era meu.

— Debs — comecei. — Também queremos pegar esse cara. Mas chegamos a um beco sem saída. A embalagem é padrão de algum lugar que supre restaurantes. Não sobrou o suficiente no taco para nos dizer nada, a não ser que eram tacos, e nem isso eu não poderia jurar em um julgamento. Nenhuma impressão digital, nenhuma evidência, nada. Não sobrou nenhuma mágica para fazermos — falei e, ao dizer a palavra "mágica", a imagem do palhaço preso à mesa com fita adesiva me veio à mente. Empurrei com força aquela memória feliz para fora da minha cabeça e tentei me concentrar em Deborah. — Me desculpe — e minha sinceridade foi mais do que meio artificial, o que era muito bom vindo de mim. — Fizemos tudo o que conseguimos imaginar.

Deborah me olhou por um longo momento. Depois respirou fundo, olhou para Vince e sacudiu a cabeça devagar.

— Está bem. Então acho que só podemos esperar que ataque de novo e torcer para termos sorte da próxima vez — ela falou, se virou e saiu do laboratório com um quarto da velocidade que tinha entrado.

— Uau — Vince falou baixo quando Deborah saiu. — Nunca a vi desse jeito. — Ele sacudiu a cabeça. — É assustador.

— Acho que isso tudo a está incomodando de verdade — respondi.

Vince sacudiu a cabeça.

— Não, é ela, Deborah mudou. Acho que a maternidade a amoleceu por dentro.

Eu poderia ter retrucado que ela não estava tão mole quanto o detetive Klein, mas isso poderia soar errado, e aquilo fazia sentido. Deborah tinha amolecido desde o nascimento de seu filho Nicholas. A criança tinha sido um presente de despedida de Kyle Chutsky, seu namorado de vários anos

que tinha desaparecido em um ataque de baixa autoestima. Nicholas era alguns meses mais novo que Lily Anne e era um carinha legal, apesar de perto dela parecer meio devagar e nem um pouco atraente.

Mas Deborah o adorava, o que era bastante natural, e realmente parecia ter amolecido um pouco desde a sua chegada. Ainda assim, preferia ter visto a antiga Debs e receber um de seus aterrorizantes socos no braço do que vê-la visivelmente enfraquecida. Mas mesmo sua nova sensibilidade não poderia tirar leite de pedra; realmente não havia nada que pudéssemos fazer além do que já tínhamos feito. Um embrulho de taco do assoalho de um carro não é muito para começar; era tudo o que tínhamos, e desejar mais não faria a coisa aparecer na minha frente.

Passei o resto do dia repassando o problema na minha cabeça, tentando pensar em algum ângulo puro e inteligente de fazer a embalagem render mais informações, mas não encontrei nada. Sou bom no meu trabalho e tenho certo orgulho profissional. E também preferiria ver minha irmã feliz e bem-sucedida. Mas não havia nenhum jeito de ir mais longe do que tínhamos ido. Era frustrante e muito ruim para o meu moral, e aumentava minha sensação de que a vida era como um cão sarnento que precisava muito de um bom pontapé.

V

Às cinco da tarde eu estava bem feliz em escapar da frustração e da tensão e seguir para um fim de semana relaxante e recuperador em casa. O trânsito estava pior do que o normal, afinal de contas, era sexta à noite. Toda a violência de costume e a raiva estavam lá, mas havia um lado festivo nelas, como se as pessoas tivessem guardado toda a energia que tinha sobrado da semana de trabalho e a estivessem usando para causar o máximo de caos possível ao voltar para casa. Na Dolphin Expressway, um caminhão tanque tinha batido na traseira de uma van de uma clínica de repouso. Eles estavam a apenas uns dez quilômetros por hora, mas a traseira da van ficou um pouco amassada e ela ainda acertou um Toyota de quinze anos de idade que estava a sua frente e tinha apenas um pneu normal e três *donuts* no lugar dos outros.

Passei muito devagar em uma longa fila de carros, a maioria deles cheia de pessoas torcendo enquanto o motorista do caminhão gritava com os quatro homens do Toyota e um grupo de idosos aterrorizados da van se

agrupava no acostamento. O tráfego parou e depois começou a andar de novo bem devagar. Vi mais dois pequenos acidentes antes de conseguir sair na avenida Dixie. De alguma forma, em uma combinação de habilidade, prática de uma vida inteira e sorte tremenda, consegui chegar em casa sem nenhum ferimento.

Estacionei o carro arás de uma SUV de dois anos de idade que já estava parada em frente de casa. Meu irmão Brian estava aqui para o nosso jantar semanal às sextas-feiras com a família. Era um costume que tínhamos há um ano, desde que ele tinha voltado e aparentemente queria apenas estar comigo, seu único parente vivo. Já tinha criado laços com Cody e Astor, pois os dois sabiam o que ele era de verdade, um assassino frio e vazio como eu, e queriam ser iguais a ele. Rita, mostrando o mesmo poder de julgamento sólido que tinha com relação aos homens e que a levara a se casar com dois monstros, acreditava em todos os galanteios terríveis e falsos de Brian e também achava que ele era incrível. Quanto a mim? Bom, eu ainda tinha dificuldade em acreditar que Brian não possuía um motivo secreto para ficar por perto, mas ele era meu irmão, afinal de contas, e família é família. Não escolhemos nossa família. O melhor que podemos fazer é suportá-los, especialmente no meu caso.

Dentro da casa, Lily Anne estava em seu cercadinho perto do sofá, onde Brian estava sentado com Rita, entretidos em uma conversa animada. Os dois olharam para mim quando entrei e, por alguma razão, acho que Rita pareceu se sentir um pouco culpada quando me viu. É claro que era impossível interpretar o Brian. Com certeza, ele não podia sentir culpa, então simplesmente me lançou seu grande sorriso falso de boas-vindas, como sempre.

— Saudações, irmão.

— Dexter — Rita falou e deu um pulo para vir me cumprimentar com um abraço e um beijo no rosto. — Brian e eu estávamos apenas conversando — ela falou, provavelmente para me garantir que não estavam fazendo uma cirurgia cerebral amadora nos vizinhos.

— Ótimo — falei e, antes de continuar, espirrei.

Rita saltou para trás e conseguiu evitar a maior parte do jato que saiu do meu nariz.

— Oh. Vou pegar uns lenços — ela falou e desapareceu pelo corredor em direção ao banheiro.

Assoei meu nariz na manga e me sentei na poltrona. Olhei para o meu irmão e ele olhou para mim. Brian recentemente tinha conseguido um emprego em uma imobiliária canadense que estava comprando casas no sul da Flórida. Meu irmão foi encarregado de se aproximar de pessoas cujos imóveis estavam tendo suas hipotecas executadas e a incentivá-los a sair imediatamente. Em teoria, isso foi feito oferecendo-lhes dinheiro, geralmente em torno de mil e quinhentos dólares, para que fossem embora e deixassem que as empresas assumissem e revendessem o imóvel. Digo “em teoria” porque Brian parece muito próspero e feliz ultimamente, e eu tinha quase certeza de que estava embolsando o dinheiro e usando meios menos convencionais de esvaziamento das casas. Afinal, se alguém está com a hipoteca vencida, geralmente quer desaparecer por um tempo, então por que Brian não pode ajudá-los a fazer um trabalho mais completo?

V

Eu não tinha provas, é claro, e não era da minha conta como o meu irmão conduzia a sua vida social, desde que aparecesse em casa com as mãos limpas e tivesse boas maneiras à mesa, o que sempre fez. Ainda assim, esperava que tivesse abandonado seu estilo extravagante e estivesse sendo cuidadoso.

— Como vão os negócios? — perguntei educadamente.

— Melhor impossível — ele respondeu. — Podem dizer que o mercado está se recuperando, mas não vi isso ainda. É um ótimo momento para ser eu em Miami.

Sorri educadamente, mais para mostrar a ele como era um sorriso falso realmente bom, e Rita voltou apressada com a caixa de lenços.

— Tome — ela falou me passando a caixa. — Por que não fica com ela e, oh, droga, o *timer* — ela disse e desapareceu novamente, desta vez em direção à cozinha.

Com expressões bem parecidas de confusão e contentamento, Brian e eu a olhamos ir.

— Uma dama realmente adorável — Brian falou. — Você tem muita sorte, Dexter.

— Não a deixe ouvir isso. Pode achar que está com inveja, e ela tem várias amigas solteiras, sabia?

Brian pareceu ficar surpreso.

— Oh, que besteira a minha, não tinha pensado nisso. Acha que ela tentaria mesmo, hã... acho que a expressão é “arranjar alguém para mim”?

— Em um segundo — garanti. — Ela acha que o estado natural do homem é casado.

— E é? — ele perguntou.

— Há muito a ser dito sobre felicidade doméstica. E tenho certeza de que Rita adoraria ver você tentar.

— Nossa — ele falou e olhou pensativo para mim de cima a baixo. — Ainda assim parece funcionar para você.

— Parece que funciona mesmo.

— Está dizendo que não funciona bem para você? — Brian perguntou levantando as sobrancelhas.

— Não sei. Acho que funciona. É que ultimamente...

— As luzes parecem mais fracas e os gostos são iguais?

— Algo assim — concordei, apesar de não saber dizer se ele estava apenas rindo de mim.

Mas Brian me olhou com muita seriedade e, pela primeira vez, não pareceu estar usando uma expressão falsa ou duplo sentido nas palavras.

— Por que não sai comigo uma noite dessas, e logo — ele falou suavemente. — Faremos uma noite dos meninos. Rita não se oporia a isso.

Não havia nenhuma dúvida do que ele queria dizer. Além do fato de ele ter apenas uma forma de recreação, sabia que sonhava há muito tempo em dividir um tempo de diversão comigo, seu único parente vivo e que tinha tanto em comum com ele. Éramos irmãos de lâmina além de sangue. E, na verdade, aquela ideia era insuportavelmente atraente para mim também, mas... mas...

— Por que não, irmão? — Brian perguntou docemente se inclinando para frente com uma intensidade genuína no rosto. — Por que não deveríamos fazer isso?

Por um momento eu apenas o encarei, dividido entre agarrar sua oferta com as duas mãos ou empurrá-lo para longe, provavelmente com uma mão na testa e gritando “*Vade retro, Brianus!*”. Mas antes que pudesse decidir qual opção agarrar, a vida interveio, como sempre faz, e a decisão foi tomada por mim.

— Dexter! — Astor gritou do corredor com toda a fúria de uma garota de 11 anos mal-humorada. — Preciso de ajuda com a lição de matemática!

Agora!

Olhei para Brian e sacudi a cabeça.

— Pode me dar licença, irmão?

Ele se recostou no sofá e sorriu aquele seu velho sorriso falso.

— Humm. Felicidade doméstica.

Eu me levantei e fui ajudar Astor.

CAPÍTULO 7

V

ASTOR ESTAVA NO QUARTO QUE DIVIDIA COM CODY DEBRUÇADA SOBRE UM LIVRO em cima da pequena cômoda que servia de escrivaninha para os dois. A expressão em seu rosto provavelmente tinha começado com um franzir de testa de concentração e evoluído para uma carranca de frustração. Dali tinha sido um pulinho para o olhar ameaçador que ela lançou sobre mim quando entrei no quarto.

— Isso é uma grande merda — ela rosnou para mim com tanta ferocidade que pensei se não deveria pegar uma arma. — Não faz nenhum sentido!

— Não deveria usar essa palavra — falei bem calmo, pois sabia que ela me atacaria se eu levantasse a voz.

— Qual palavra, *sentido*? — ela rosnou. — Por que deve ser a palavra que eles esqueceram ao fazer este livro estúpido. — Ela fechou o livro com tudo e afundou na cadeira com os braços cruzados. — É um monte de lixo — ela continuou e olhou para mim com o canto do olho para ver se o "lixo" passava.

Deixei passar e fui me sentar ao seu lado.

— Vamos dar uma olhada nisso.

Astor fez que não com a cabeça e se recusou a olhar para mim.

— Porcaria inútil e idiota — ela murmurou.

Senti um espirro vindo e peguei um lenço, e, ainda sem olhar para mim, ela continuou:

— E se eu pegar a sua gripe, eu juro... — ela não me disse o que jurava, mas, pelo tom de voz, ficava claro que não era algo legal.

Coloquei o lenço no bolso, me inclinei sobre a escrivaninha e abri o livro.

— Não vai pegar minha gripe, tomei vitamina C — falei ainda procurando aquele tom de voz vencedor que demonstrasse um coração leve e uma razão tolerante. — Em que página estamos?

— Eu não vou precisar saber essas coisas quando crescer — ela resmungou.

— Talvez não, mas precisa saber agora. — Ela travou a mandíbula e não disse nada, então forcei mais um pouco. — Astor, quer ficar para sempre na sexta série?

— Não quero estar na sexta série nem agora — ela sibilou.

— Bom, o único jeito de conseguir sair dela é passando de ano. E para fazer isso você precisa saber matemática.

— É estúpido — ela respondeu, mas pareceu ceder um pouco.

— Então não será problema, pois você não é estúpida. Venha, vamos dar uma olhada.

Ela lutou por mais um minuto ou dois e finalmente me mostrou a página certa. Era um problema relativamente simples de coordenadas em um gráfico, e assim que se acalmou não tive problema em explicar para ela. Sempre fui bom em matemática, pois parece muito mais direta se comparada com aprender o comportamento humano. Astor não parecia ter um dom natural para isso, mas aprendeu rapidamente. Quando finalmente fechou o livro, estava de novo muito mais calma, quase satisfeita, então decidi forçar um pouco minha sorte e atacar outro assunto que precisávamos tratar.

— Astor — comecei e inconscientemente devo ter usado minha voz de sou-adulto-e-agora-vou-falar, pois ela olhou para mim com uma expressão alerta de preocupação. — Sua mãe pediu para eu falar com você sobre o aparelho.

— Ela quer arruinar minha vida! — ela falou e se levantou rapidamente, ficando em uma posição de indignação pré-adolescente impressionante para quem estava sentada. — Vou ficar horrorosa e ninguém vai querer olhar para mim!

— Não vai ficar horrorosa — falei.

— Vou ter aquelas coisas enormes de aço em cima dos meus dentes. É muito horroroso!

— Bom, pode ficar horrorosa por alguns meses agora ou então para sempre quando crescer — retruquei. — É uma escolha bem simples.

— Por que não podem simplesmente me operar? — ela choramingou. — Resolve de uma vez e eu ainda perco as aulas por alguns dias.

— As coisas não funcionam assim.

— A coisa não funciona — ela falou. — Vão me fazer ficar parecida com um ciborgue e todos vão rir de mim.

— Por que acha que vão rir de você?

Ela me lançou um olhar de desprezo e contentamento que era quase adulto.

— Nunca esteve no colégio?

Era um bom argumento, mas não exatamente o que eu queria dizer.

— O colégio não dura para sempre, e o aparelho também não. Quando o tirar, terá dentes ótimos e um sorriso incrível.

— E eu com isso? Não quero sorrir de nada — ela resmungou.

— Bom, mas vai querer. Quando for um pouco mais velha e começar a ir em bailes e outros lugares com seu belo sorriso. Tem que pensar nisso a longo prazo...

— Longo prazo! — ela repetiu com raiva como se agora eu que tivesse dito um palavrão. — O longo prazo é que virarei uma pessoa bizarra durante um ano todo do colégio e todos vão se lembrar disso para sempre e sempre serei a Garota Com um Aparelho Enorme e Horroroso, mesmo quando tiver 40 anos!

Senti minha mandíbula se mexer, mas nenhuma palavra saía. Tinha tantas coisas erradas no que Astor dizia que eu não conseguia escolher por onde começar, e, em qualquer caso, ela tinha se colocado em uma torre tão alta de raiva e sofrimento que o que quer que eu dissesse a faria explodir novamente.

Mas, felizmente para minha reputação de negociador urbano, antes que pudesse dizer algo e ter aquilo devolvido goela abaixo, a voz de Rita veio flutuando pelo corredor.

— Dexter? Astor? Venham jantar!

Enquanto minha boca ainda estava aberta, Astor saiu pela porta e meu papo corajoso sobre aparelho acabou.

Acordei na segunda de manhã no meio de um enorme espirro e sentindo como se um halterofilista turco tivesse passado o fim de semana todo apertando cada osso do meu corpo. Naquele momento confuso entre estar acordado e ainda meio dormindo, pensei que o psicopata que tinha martelado o detetive Klein até virar um pudim mole tinha dado um jeito de entrar no meu quarto e trabalhar em mim enquanto eu dormia. Mas ouvi a descarga e Rita correndo pelo quarto e depois saindo para o corredor em direção à cozinha, então a vida comum se levantou e caminhou cambaleante para mais um dia.

Eu me estiquei, e a dor em minhas juntas se esticou comigo. Imaginei se aquela dor me faria sentir empatia por Klein. Não parecia provável. Nunca antes tinha sido amaldiçoado com uma emoção fraca daquelas antes, e mesmo a mágica transformacional de Lily Anne não conseguiria me transformar em um cara molenga e empático durante a noite. Provavelmente era apenas o meu subconsciente brincando de ligar os pontos.

Ainda assim, me peguei pensando na morte de Klein quando me levantei e fui para minha rotina matinal, que agora incluía espirar a cada um ou dois minutos. A pele de Klein não fora partida. Uma força incrível tinha sido usada nele, mas não havia nenhum sangue respingado. O meu palpite era que Klein esteve consciente enquanto cada osso de seu corpo era partido, e um sibilar do Passageiro corroborou minha tese. Ele estava acordado e alerta em cada pancada e esmagar de osso, cada batida agonizante do martelo, até que finalmente, depois de um impressionante período de agonia, o assassino causou tantos danos internos que acabou permitindo que Klein escapasse para a morte. Era muito pior do que pegar uma gripe. E não parecia algo divertido, especialmente para Klein.

Mas, apesar da minha aversão ao método, e o contentamento do Passageiro das Trevas, realmente comecei a sentir os dedos moles da empatia acariciando o meu crânio, empatia, sim, mas não por Klein. O sentimento que mandava pequenos tentáculos curvados para meus pensamentos era para o executor de Klein. Era algo estúpido, claro, mas comecei a ouvir um sussurro mesquinho em meu ouvido interno dizendo que minha única objeção ao que tinha sido feito com Klein era o uso das

ferramentas erradas. Afinal, eu também não tinha garantido que Valentine permanecesse acordado para sentir toda a atenção que dei a ele? É claro que Valentine tinha merecido por causa de seu hábito de molestar meninos, mas será que algum de nós era realmente inocente? Talvez o detetive Klein fosse um sonegador, talvez batesse na mulher ou quem sabe mastigava com a boca aberta. Talvez tivesse merecido o que o dito psicopata tinha feito a ele, e, falando sério, quem poderia dizer que o que fiz era mais certo que aquilo?

Eu sabia que havia algo de muito errado naquele raciocínio desagradável, mas ele continuou comigo mesmo assim, um murmúrio descontente de aversão a mim mesmo de fundo enquanto tomava o café da manhã, espirrava, me preparava para o trabalho, espirrava, e, finalmente, tomava dois comprimidos e ia em direção à porta espirrando. Não conseguia deixar para lá a absurda noção de que eu era tão culpado quanto, talvez até muito mais, pois Klein era a única vítima desse assassino até agora, e eu tinha 52 lâminas de vidro guardadas em minha caixa de lembranças, cada uma com apenas uma gota de sangue representando um amigo que tinha partido. Será que aquilo me fazia 52 vezes pior?

Era algo completamente ridículo, é claro. O que eu tinha feito era completamente justificável e santificado pelo Código do Santo Harry, era benéfico para sociedade além de ser algo muito divertido. Mas, por estar tão envolvido com meu próprio umbigo, apenas quando saí devagar da autoestrada U.S. 1 para entrar na Palmetto Expressway, que aquele sibilo insistente de autopreservação finalmente penetrou na névoa egomaníaca. Era apenas um assobio mudo de alerta, mas insistente o suficiente para chamar minha atenção, e, quando finalmente prestei atenção, ele se solidificou em um pensamento único e bem definido.

Alguém está me observando.

Não sei por que tinha certeza, mas tinha. Podia sentir o olhar quase de forma física, praticamente como se alguém estivesse passando a ponta afiada de uma faca ao longo do meu pescoço. Era uma sensação tão definida e indiscutível quanto o calor do sol. Alguém estava me observando, a mim especificamente, e estava fazendo isso por uma razão que não era pensando no meu bem.

A Razão argumentava que estávamos em Miami durante a hora do *rush* matinal, e quase todo mundo poderia estar olhando para mim com desgosto,

e até mesmo ódio, e por qualquer razão, talvez não tivessem gostado do meu carro, ou meu perfil os lembrava de seus professores de matemática da oitava série. Mas o que quer que a Razão estivesse dizendo, a Precaução contra-atacava: não interessava por que alguém estava me observando. Só importava que faziam isso. Alguém me observava com ideias ruins em mente e eu precisava descobrir quem era.

Devagar e de forma bem casual, olhei à minha volta. Estava no meio de um amontoado para lá de normal de carros no tráfego matinal, indistinguível dos outros que enfrentava todas as manhãs. À minha direita, havia duas faixas de carros: um Impala velho e, atrás dele, uma velha picape Ford com um bagageiro em cima. Atrás deles havia uma fila de Toyotas, Hummers e BMWs, nenhum deles parecia mais ameaçador do que os outros.

Olhei para frente de novo, andei mais uns centímetros com o tráfego e então virei a cabeça devagar para a esquerda...

...E antes que minha cabeça tivesse virado mais do que uns dez centímetros, houve um cantar de pneus e um coro de buzinas, um velho Honda acelerou para uma rampa de saída da Palmetto, desceu pelo acostamento e entrou novamente na U.S.1, onde partiu em direção norte, passando um farol amarelo e desaparecendo por uma rua lateral, e, enquanto se afastava, eu pude ver a lanterna esquerda pendurada em um ângulo estranho e uma mancha de ferrugem na lataria.

Fiquei observando o carro sumir ao longe até que os motoristas atrás de mim começaram a buzinar. Tentei dizer a mim mesmo que era pura coincidência. Sabia muito bem quantos Honda havia em Miami, pois tinha uma lista de todos. E só tinha visitado oito até agora, era bem possível que este fosse um dos outros na lista. Disse a mim mesmo que era apenas mais um idiota mudando de ideia e decidindo ir para o trabalho por outro caminho esta manhã. Possivelmente alguém que se lembrou de repente que tinha deixado a cafeteira ligada ou o CD com a apresentação de PowerPoint em casa.

Mas não importava quantas razões boas e banais eu inventasse para o comportamento do Honda, a outra, aquela certeza sombria que sempre retrucava e me dizia com calma e insistência factual que, quem quer que dirigisse aquele carro, esteve me observando com pensamentos ruins, e

quando me virei para olhar, ele acelerou e fugiu como se estivesse sendo perseguido por demônios, e sabíamos muito bem o que aquilo significava.

Meu café da manhã começou a se revirar no meu estômago e senti minhas mãos ficarem escorregadias com o suor. Será? Era remotamente possível que quem quer que me vira naquela noite tivesse me encontrado? Havia me rastreado e descoberto o meu carro antes de eu o encontrar e agora estava me seguindo? Era estupidamente improvável, as probabilidades contrárias era monumentais e aquilo era ridículo, impossível e totalmente além dos limites do crível, mas será que era possível?

Pensei sobre o assunto: não havia conexão entre Dexter Morgan, o Mago Forense, e a casa onde eu fui visto com Valentine. Tinha ido para e saído de lá com o carro de Valentine, e não tinha sido seguido enquanto fugia. Então, rastrear a trilha dos passos da minha cassada era impossível: não havia um.

Sobravam poderes mágicos ou coincidência e, embora eu não tenha nada contra Harry Potter, o meu voto ia para a coincidência. Para deixar aquilo mais provável, a casa abandonada fica a apenas uns dois quilômetros onde a Palmetto Expressway cruza a U.S. 1. Já tinha suposto que ele morava na mesma área e, se morasse mesmo, quase inevitavelmente teria que ir para o trabalho pegando a U.S. 1 e provavelmente a Palmetto também. O trabalho começava mais ou menos na mesma hora para todo mundo, e as pessoas desta área iam para o trabalho pelas mesmas avenidas. Aquilo era dolorosamente óbvio e a causa do engarrafamento perpétuo a cada manhã neste horário. Então não era uma estranha coincidência como parecia à primeira vista. Na verdade, era até provável que, se repetíssemos o mesmo caminho por tempo suficiente, mais cedo ou mais tarde, ele veria o meu carro e a mim.

E ele tinha visto. Mais uma vez eu tinha sido visto e desta vez ele tivera a oportunidade de estudar com calma. Tentei calcular por quanto tempo ele poderia estar olhando. Era impossível. O tráfego estava naquele anda e para, com ênfase no “para” que chegava a durar uns dois minutos. Mas era puro chute saber durante quanto tempo ele percebeu que era eu. Provavelmente apenas alguns segundos. Eu tinha que confiar no meu sistema de alarme.

Ainda assim, era tempo suficiente para observar a marca e cor do meu carro, anotar o número da placa e quem sabe mais o quê. Eu sabia muito bem o que poderia fazer com apenas metade da quantidade de informação. Era totalmente possível, por exemplo, que apenas com a placa ele me encontrasse, mas será que conseguiria? Até agora não tinha feito nada a não ser fugir aterrorizado. Estaria ele realmente me rastreando até que um dia apareceria à minha porta uma faca? Eu faria isso, mas ele não era eu. Sempre fui excepcionalmente bom com computadores, tinha recursos que não estavam disponíveis para a maioria das pessoas e os usava para coisas que ninguém mais usava. Havia apenas uma Dexter e não era ele. Quem quer que fosse, não poderia ser parecido comigo. Mas também era verdade que eu não tinha ideia de como ele era ou o que poderia fazer, e não importava de quantas maneiras eu dissesse a mim mesmo que não havia perigo de verdade, não conseguia afastar o medo irracional de que ele faria alguma coisa. A voz da calma e da razão foi obrigada a ficar em silêncio pelos gritos de puro pânico que tomaram conta do meu cérebro. Ele tinha me visto novamente e desta vez eu estava na minha identidade secreta cotidiana, o que me fez sentir mais nu e indefeso do que eu lembrava ter me sentido.

Não tenho memória de dirigir pela Palmetto e continuar minha rotina matinal, foi por puro acaso eu não ter sido achatado como um gambá andando por aquele tráfego feroz. Quando comecei a trabalhar, já tinha me acalmado o suficiente para apresentar uma fachada razoavelmente convincente, mas não conseguia afastar o gotejamento constante de ansiedade que continuou borbulhante no chão do meu cérebro me deixando à beira da pânico.

Felizmente, para a minha sanidade mental rasgada em pedaços, não tive muito tempo de me debruçar sobre meus próprios interesses mesquinhos. Ainda não tinha começado minha rotina matinal quando Deborah entrou soltando fumaça pelas ventas para me distrair, com seu novo parceiro, Duarte, se arrastando atrás dela.

— Está bem — ela falou como se estivesse continuando uma conversa que já estávamos tendo. — O cara deve ter uma ficha, não é? Você não faz algo assim do nada, sem ter feito algo antes.

Espirrei e pisquei na direção dela, o que não foi uma resposta muito impressionante, mas, como eu estava concentrado em minhas próprias

preocupações, levei um momento para me conectar com as dela.

— Estamos falando da pessoa que matou o detetive Klein?

Deborah expirou de forma impaciente.

— Jesus, Dexter, porra, do que achou que eu estava falando?

— NASCAR? — respondi. — Acho que há uma corrida importante neste fim de semana.

— Não dê uma de cuzão. Preciso saber a respeito disso.

Poderia ter respondido que a palavra "cuzão" descreveria melhor alguém que invadia o escritório do irmão na primeira hora de uma segunda de manhã e nem diz "*gesundheit*" ou pergunta como tinha sido o fim de semana dele, mas sabia bem que minha irmã não tinha muita tolerância com sugestões sobre etiqueta no trabalho, então dei de ombros e respondi:

— Acho que sim. Quer dizer, aquilo que ele fez, em geral, é o fim de um longo processo que começou com outras coisas e... você sabe. O tipo de coisa que faz você ser notado.

— Que tipo de coisas? — Duarte perguntou.

Eu hesitei. Por alguma razão, me senti um pouco desconfortável, provavelmente porque estava falando sobre aquele assunto na frente de um estranho. Na verdade, não gosto de falar sobre isso em geral, mesmo com Debs. Isso me parece muito pessoal. Disfarcei a pausa pegando uma toalha de papel e colocando no nariz, mas os dois ficaram me olhando e esperando, como dois cães aguardando sua recompensa. Eu estava embaixo dos holofotes, sem chance de mais nada a não ser ir em frente.

— Bom — falei jogando o papel toalha no lixo. — Em muitos dos casos, eles começam com animais de estimação. Quando são jovens, por volta de uns doze anos. Eles matam cães pequenos e gatos. Apenas para... experimentar. Tentando sentir o que parece mais *certo*. Então, sabem como é, alguém da família ou da vizinhança encontra os animais mortos e eles são presos.

— Então deve haver uma ficha — Debs falou.

— Bom, pode ser que tenha. Mas se ele segue o padrão, era bem jovem quando fez isso, então foi para o reformatório. Por isso, a ficha dele deve estar protegida e você não pode pedir ao juiz que libere todas as fichas protegidas do sistema para você.

— Então me arranje algo melhor que isso — Debs falou com urgência na voz. — Me arranje algo em que eu possa trabalhar.

— Debs — protestei. — Não tenho nada. — Espirrei de novo. — A não ser uma gripe.

— Que merda. Não consegue pensar em algo?

Olhei para ela e depois para Duarte, e meu desconforto aumentou e se misturou à frustração.

— Como?

Duarte deu de ombros.

— Ela me disse que você é muito bom em traçar perfis de criminosos.

Fiquei surpreso e um pouco irritado que Debs tinha contado aquilo para Duarte. O meu talento em traçar perfis era algo muito pessoal, algo que melhorou com minhas experiências em primeira mão com sociopatas como eu. Mas ela tinha dividido aquela informação e isso significava que provavelmente confiava nele. De qualquer forma, eu era o centro das atenções ali.

— Bom — respondi. — *Más o menos*.

Duarte sacudiu a cabeça.

— O que foi isso, sim ou não? — ele perguntou.

Olhei para Debs e incrivelmente ele sorriu para mim.

— Alex não fala espanhol.

— Oh — respondi.

— Ele fala francês — ela completou olhando para ele com carinho.

Eu me senti ainda mais desconfortável por ter cometido o erro de assumir que qualquer um que tivesse um nome cubano e morasse em Miami falaria espanhol, mas também percebi que era mais uma pista do porquê de Deborah gostar de seu novo parceiro. Por alguma razão, minha irmã tinha aprendido francês na escola, apesar de crescermos em uma cidade na qual o espanhol era mais falado do que o inglês e o francês não era mais útil do que em lábios de uma galinha, pois não a tinha ajudado nem mesmo com a população crescente de haitianos em Miami. Todos falavam línguas crioulas, que eram um pouco mais próximas do francês do que do mandarim.

Agora tinha encontrado um espírito parecido com o dela e claramente haviam se dado bem. Tenho certeza de que um ser humano de verdade teria sentido satisfação e afeição pela feliz situação nova de trabalho de minha irmã, mas era eu e não senti nada. A não ser irritação e desconforto.

— Bom, *bonne chance* — falei. — Mas mesmo falando em francês não vai fazer o juiz abrir os arquivos juvenis, especialmente porque nem sabemos qual é o arquivo.

Deborah abandonou sua expressão irritante de carinho.

— Que merda. Não posso apenas ficar esperando e torcendo para ter sorte.

— Talvez nem precise — falei. — Tenho certeza de que ele vai atacar de novo.

Ela apenas me olhou por um longo momento e concordou com a cabeça.

— É. Tenho certeza que sim. — Ela sacudiu a cabeça, olhou para Duarte e saiu da sala. Ele saiu logo atrás dela e espirrei.

— *Gesundheit* — falei para mim mesmo, mas isso não me fez sentir melhor.

CAPÍTULO 8

V

NOS DIAS SEGUINTES, APERTEI O RITMO NA MINHA CAÇADA AO HONDA. Fiquei na rua até mais tarde todas as noites e tentei adicionar mais um endereço por dia, indo de carro quando era longe demais para caminhar. Ia para casa apenas quando estava muito escuro para enxergar, passando rapidamente pelo quadro familiar da sala e indo para o chuveiro sem dizer uma palavra, um pouco mais frustrado a cada noite.

Na terceira noite da minha pesquisa avançada, eu entrei pela porta da frente totalmente suado e percebi que Rita me encarava com os olhos me examinando como se procurassem algum defeito, então parei na frente dela.

— O que foi?

Ela levantou a cabeça e ficou vermelha.

— Oh. É que está tarde e você está tão suado, pensei que... não é nada não.

— Estava correndo — falei sem saber exatamente por que me sentia na defensiva.

— Mas você saiu de carro.

Parecia que ela estava prestando muita atenção às minhas atividades, mas talvez aquilo fosse um das pequenas vantagens do casamento, então dei de ombros.

— Fui até a pista lá do colégio.

Ela me olhou por um longo momento sem dizer nada e ficou claro que tinha alguma coisa acontecendo, mas eu não tinha ideia do que era. Então finalmente ela falou:

— Então está explicado. — Depois se levantou, passou por mim e foi para a cozinha, e eu fui para o meu merecido banho.

Talvez eu simplesmente não tivesse percebido antes, mas a cada noite que chegava em casa depois do meu "exercício", ela me observava com a mesma intensidade misteriosa e então ia para a cozinha. Na quarta noite daquele comportamento exótico, eu a segui e fiquei parado em silêncio na entrada da cozinha. Então a vi abrir o armário, pegar uma garrafa de vinho e servir uma taça cheia, enquanto ela a levava aos lábios eu saí de lá sem ser visto.

Não fazia sentido para mim. Era quase como se houvesse uma conexão entre eu chegar em casa suado e Rita querer uma taça de vinho. Pensei naquilo enquanto tomava uma ducha, mas depois de alguns minutos de reflexão percebi que não entendia o suficiente de temas complicados como humanos e casamento, e Rita em particular, e também tinha outras preocupações. Encontrar o Honda certo era muito mais importante e mesmo sendo um assunto do qual eu sabia muito, também não estava conseguindo resolver aquilo. Então empurrei o Mistério de Rita e do Vinho para fora da minha mente, vendo-o como apenas mais um tijolo no muro de frustração que estava se formando à minha volta.

Uma semana depois, a gripe tinha ido embora e eu tinha riscado vários nomes da minha lista. O suficiente para me perguntar se não estava desperdiçando meu precioso tempo. Podia sentir um bafo quente na nuca e uma urgência crescente de fazer algo antes que fizessem comigo, mas isso não me deixou mais perto de encontrar a minha Testemunha do que todo o resto que tentei. Ficava mais nervoso a cada dia e a cada nome que riscava da lista, e até comecei a roer as unhas, um hábito que tinha largado no colegial. Era irritante e se somava à minha frustração, e comecei a imaginar se estava começando a desmoronar ante a pressão.

Pelo menos eu estava em uma forma física muito melhor do que a do policial Gunther, pois bem quando o assassinato brutal de Marty Klein tinha virado apenas um zumbido nervoso de fundo, o policial Gunther apareceu morto. Ele era um policial comum, não um detetive igual a Klein, mas não

havia dúvida de que era um trabalho do mesmo assassino. O corpo tinha sido martelado lenta e metodicamente até virar uma grande massa de noventa quilos. Aparentemente cada grande osso tinha sido quebrado com a mesma rotina paciente que obtera tanto sucesso com Klein.

Desta vez o corpo não tinha sido deixado em uma viatura na I-95. O policial Gunther fora colocado cuidadosamente no Bayfront Park bem ao lado da Tocha da Amizade, o que pareceu mais do que irônico. Um jovem casal canadense em lua de mel encontrou o cadáver ao fazer uma passeio matinal romântico. Mais uma memória duradoura do tempo mágico passado em Nossa Cidade Encantada.

Havia um tipo de sentimento muito próximo do pavor supersticioso no pequeno grupo de policiais quando cheguei lá. Ainda era relativamente cedo, mas o ar de pânico silencioso no local não tinha nada a ver com a falta de café. Os oficiais na cena estavam tensos e até mesmo de olhos arregalados, como se tivessem visto um fantasma. Era fácil perceber por que despejar Gunther aqui, em um lugar tão público, não parecia ser algo que um ser humano poderia fazer e se safar. Biscayne Boulevard, no centro de Miami, não é o tipo de lugar privado e isolado onde um assassino psicótico médio vai passear tranquilamente e se livra de sua carga. Esta foi uma demonstração pública surpreendente, de alguma forma o corpo estava aqui e, aparentemente, permaneceu por várias horas antes de ser descoberto.

Normalmente os policiais são hipersensíveis a esse tipo de desafio direto. Eles tomam como um insulto à sua masculinidade quando alguém quebra as leis com exibicionismo extravagante, e este caso realmente deveria ter incitado toda a ira de uma força policial com raiva. Mas os melhores homens de Miami estavam cheios de angústia sobrenatural em vez de fúria, como se estivessem quase prontos para jogar fora as armas e ligar para a Linha Direta Paranormal e pedir ajuda.

Admito que foi um pouco preocupante, mesmo para mim, ver o cadáver de um policial tão cuidadosamente amassado na calçada ao lado da Tocha. Foi muito difícil entender como qualquer ser vivo poderia passear por uma das ruas mais movimentadas da cidade e depositar sem ser visto um corpo que estava tão clara e espetacularmente morto. Ninguém realmente sugeriu em voz alta que forças ocultas estivessem em ação, pelo menos não que eu tenha ouvido. Mas, a julgar pelo olhar dos policiais no atendimento, ninguém estava descartando aquilo também.

Porém, a minha especialidade não são os mortos-vivos, e sim os borrifos de sangue, e não havia nada parecido por aqui. Era óbvio que o assassinato tinha ocorrido em outro lugar e o corpo havia apenas sido colocado neste adorável e conhecido local. Mas eu tinha certeza de que minha irmã Deborah iria querer meus conselhos, então fiquei andando por ali tentando encontrar alguma pista obscura e importante que os outros técnicos forenses talvez tivessem deixado passar. Não havia muito o que ver além da bolha gelatinosa usando uniforme azul que tinha sido o policial Gunther, um cara casado e pai de três filhos. Observei Angel Batista Sem Sobrenome rastejar devagar pelo perímetro procurando meticulosamente por qualquer migalha de evidência e, aparentemente, encontrando uma.

Houve um *flash* brilhante atrás de mim e, meio assustado, me virei. Camilla Figg estava parada a alguns passos segurando uma câmera e vermelha com o que parecia uma expressão de culpa no rosto.

— Oh — ela falou com seu murmúrio confuso. — Não sabia que o *flash* estava ligado e estava... desculpe.

Pisquei para ela por um momento, em parte por causa *flash* e em parte porque o que ela falou não fazia sentido. Então uma das pessoas atrás da fita de isolamento tirou uma foto da gente olhando um para o outro, e Camilla acordou e caminhou até um pequeno quadrado de grama onde Vince tinha encontrado uma pegada. Ela começou a enquadrar o local com a câmera e eu me virei.

— Ninguém viu nada — Deborah falou se materializando ao lado do meu cotovelo ao que, juntamente com a explosão inesperada do *flash* de Camilla, meus nervos responderam instantaneamente, me fazendo pular como se houvesse mesmo um fantasma à solta e Debs fosse ele. Quando voltei à Terra, ela me olhou com uma certa surpresa.

— Você me assustou — falei.

— Não sabia que podia se assustar — ela respondeu, franziu a testa e sacudiu a cabeça. — Isso é o suficiente para deixar qualquer um arrepiado. É uma das áreas públicas mais movimentadas da cidade e o cara simplesmente aparece com um cadáver, o coloca ao lado da Tocha e vai embora?

— O corpo foi encontrado ao amanhecer, então estava escuro quando ele o deixou.

— Nunca fica escuro aqui. Tem as luzes da rua, dos prédios, o Bayside Market e a arena a, o que, uma quadra daqui? Sem falar da maldita Tocha, que ficava acesa 24 horas.

Olhei em volta. Já estive aqui muitas vezes, de dia e de noite, e sempre havia muitas luzes dos prédios em volta nesta área. E com o Bayside Marketplace ao lado e a American Airlines Arena a apenas um quarteirão de distância, havia ainda mais luminosidade, tráfego e segurança. Além da maldita Tocha, é claro.

Mas também havia uma linha de árvores e uma área relativamente deserta de grama no outro lado, então me virei e olhei para lá. Quando fiz isso Deborah me encarou, fez uma careta e se virou para o mesmo lado.

Depois das árvores e do trecho longo de grama do lado mais distante da Tocha, a luz do sol refletia nas águas de Biscayne Bay. No meio do brilho quase ofuscante, um veleiro deslizou pela água em direção à marina, até que um iate a motor maior que ele passasse velozmente e o sacudisse. Um meio pensamento surgiu em meu cérebro e levantei o braço e apontei. Deborah me olhou com expectativa, então, como se fosse um sinal para mostrar que estávamos mesmo em um desenho animado, outro *flash* de câmera veio do perímetro, e os olhos de Deborah se arregalaram quando ela entendeu a ideia.

— Filho da puta — ela falou. — O puto veio de barco. É claro! — Ela juntos as mãos e girou a cabeça até encontrar o parceiro. — Ei, Duarte! — ela chamou. Ele levantou a cabeça e ela fez sinal para que a seguisse enquanto se virava e ia em direção à água.

— Fico feliz por ter ajudado — falei enquanto minha irmã corria até a beira-mar.

Me virei para ver quem tinha tirado a foto, mas não vi nada a não ser Angel com o rosto alguns centímetros acima de um tufo de grama fascinante e Camilla acenando para alguém da multidão que assistia, perto demais do perímetro delineado pela fita amarela da polícia. Ela foi até lá para falar com quem quer que fosse e me virei para olhar minha irmã correndo até a beira-mar atrás de uma pista que mostrasse que o assassino tinha vindo de barco. Aquilo fazia sentido. Sabia muito bem por experiência própria e feliz que se pode escapar de quase tudo em um barco, especialmente à noite. Quando digo “quase tudo”, quero dizer muito mais do que apenas atos surpreendentes de falta de modéstia atlética que vemos

sendo feitos por casais de tempos em tempos. Ao exercer meu passatempo, tinha feito muitas coisas em meu barco que mentes fechadas achariam questionáveis, mas tinha certeza de que ninguém nunca tinha visto nada. Pelo visto, nem mesmo um assassino psicótico e meio sobrenatural carregando um policial grande e morto pela baía, depois chegando à beira-mar e entrando no Bayfront Park.

Mas como estávamos em Miami, era até possível que alguém tenha visto algo do gênero e simplesmente decidido não denunciar. Talvez a pessoa ficasse com medo de que isso a transformasse em um alvo ou não queria que a polícia soubesse que não tinha o visto. Do jeito que era a vida moderna, era capaz que houvesse um episódio inédito de Caçadores de Mitos na TV e a pessoa quisesse assistir até o fim. Então na hora seguinte Deborah e sua equipe andaram pela beira-mar procurando Aquele Alguém Especial.

Não foi surpresa, pelo menos para mim, que não tenham encontrado ele ou ela. Ninguém sabia de nada e ninguém tinha visto nada. Havia muita atividade ao longo do quebra-mar, mas era o tráfego matinal, pessoas indo trabalhar em uma das lojas no Bayside ou em um dos barcos de passeio ancorados à beira-mar. Nenhuma das pessoas daquela multidão tinha ficado vigiando o escuro da noite. As que fizeram isso já tinham ido para casa para seu merecido descanso, sem dúvida após uma noite cheia de observação ansiosa da escuridão, alertas para qualquer perigo, ou provavelmente apenas vendo TV. Mas Deborah coletou nomes e telefones de todos os seguranças da noite e voltou até mim com uma carranca, como se fosse minha culpa ela não ter encontrado nada e como se a tivesse obrigado a ir atrás disso.

Estávamos parados à beira-mar não muito longe do *Biscayne Pearl*, um dos barcos que fazia passeios pela cidade pela água, e Deborah apertou os olhos em direção ao Bayside. Depois sacudiu a cabeça e começou a andar em direção à Tocha, e fui atrás dela.

— Alguém deve ter visto algo — ela falou e torci para aquilo ter soado mais convincente para ela do que para mim. — Tem que ter visto. Não dá para subir pela baía com um policial grande e ir até a Tocha sem ninguém ver você.

— O Freddy Krueger conseguiria.

Deborah me acertou no braço, mas não pôs o coração no que estava fazendo, por isso, desta vez não foi difícil evitar de gritar por causa da dor.

— Tudo que preciso é de mais dessas besteiras sobrenaturais que já estão circulando por aí. Um dos rapazes chegou até a perguntar ao Duarte se ele poderia trazer um *santeiro* até aqui, só para garantir.

Assenti com a cabeça. Talvez fizesse sentido trazer um *santeiro*, que era um dos pregadores da Santeria, se você acreditasse nesse tipo de coisa. E um número surpreendente de pessoas em Miami acreditava.

— E o que Duarte respondeu?

Deborah bufou.

— Ele perguntou: "O que é um *santeiro*?".

Olhei para ela para ver se estava brincando. Todos os americano-cubanos conheciam os *santeiros*. E havia grandes chances de um deles ser até de sua família. Mas é claro que não tinham perguntado isso a Duarte em francês, e, em todo o caso, antes que eu fingisse que tinha entendido a piada e forjasse uma risada, Deborah continuou:

— Sei que o cara é um psicopata, mas também é um ser humano — ela falou e eu tinha quase certeza de que não estava falando de Duarte. — Ele não é invisível e não se teleporta.

Ela fez um pausa ao lado de uma grande árvore e olhou para cima pensativa, então se virou para o lugar de onde tínhamos vindo.

— Olha só — falou apontando para o alto da árvore e depois para o *Pearl*. — Se parou ao lado daquele barco de turismo, ele teve a cobertura destas árvores por quase todo caminho até a Tocha.

— Não ficou exatamente invisível — falei. — Mas chegou bem perto disso.

— Bem ao lado da porra do barco de turismo — ela murmurou. — Eles têm que ter visto algo.

— A menos que estivessem dormindo.

Debs sacudiu a cabeça e então olhou em direção à Tocha seguindo a linha das árvores como se estivesse mirando seu rifle, então deu de ombros e começou a andar de novo.

— Alguém tem que ter visto algo — ela repetiu teimosamente. — Tem que ter.

Caminhamos de volta em direção à Tocha no que poderia ter sido um silêncio confortável se minha irmã não estivesse tão obviamente distraída. O médico legista estava acabando de examinar o corpo de Gunther quando

chegamos lá. Ele sacudiu a cabeça para Debs a fim de indicar que não tinha encontrado nada de interessante.

— Sabemos onde Gunther almoçou? — perguntei a Deborah, que me olhou como se eu tivesse sugerido que corrêssemos nus por Biscayne Boulevard.

— Almoço, Debs, como por exemplo comida mexicana?

A luz se acendeu e ela foi até o legista.

— Quero que a autópsia examine o conteúdo do estômago dele — eu a ouvi dizendo. — Veja se comeu tacos recentemente.

Estranhamente, o legista não pareceu surpreso, mas imagino que, se você trabalha com cadáveres e policiais em Miami faz tempo, deve ser bem difícil ser surpreendido por algo, e pedir para procurar por tacos no estômago de um policial morto dever ser mera rotina. O legista apenas assentiu e Deborah foi conversar com Duarte, me deixando mexendo meus dedões e pensando em coisas profundas.

Pensei nelas por alguns minutos, mas não cheguei a nenhuma conclusão mais profunda do que perceber que estava com fome e que não havia nada ali para comer. E nada para fazer também. Nenhum borrifo de sangue, além do mais os outros técnicos forenses tinham as coisas sob controle.

Eu me virei de costas para o corpo de Gunther e olhei pelo perímetro. A multidão habitual de abutres aleatórios ainda estava lá, em pé, atrás da fita empurrando como se estivessem esperando para entrar em um *show* de *rock*. Olhavam para o corpo e, dando crédito a eles, um ou dois realmente se esforçavam para parecer horrorizados enquanto esticavam o pescoço para ver. Claro que a maioria compensava aquilo se inclinando para frente sobre a fita para conseguir uma foto melhor com seus celulares. Em breve, as fotos do cadáver do policial Gunther estariam espalhadas pela internet e o mundo todo poderia se juntar e fingir estar chocado e consternado em perfeita harmonia. A tecnologia não é maravilhosa?

Fiquei por lá mais um pouco e dei sugestões úteis, mas como de costume ninguém parecia se importar com minha ideias atenciosas. A verdadeira experiência nunca é apreciada. As pessoas sempre preferem seguir seu caminho desajeitado e às cegas em vez de ter alguém para apontar que estavam indo para o lado errado, mesmo se essa outra pessoa é claramente mais brilhante.

Então, uma deprimentemente hora depois do que devia ter sido a hora do almoço, um Dexter subestimado e subutilizado finalmente se cansou o suficiente para pegar uma carona de volta para a terra do verdadeiro trabalho que esperava por mim no meu cubículo. Encontrei um policial amistoso que estava indo naquela direção. Ele só queria conversar sobre a pesca e, como sei alguma coisa sobre isso, nos demos muito bem. Ele estava até disposto a fazer uma rápida parada no caminho para pegarmos comida chinesa para viagem, o que certamente era um gesto bem íntimo, e, por gratidão, paguei o pedido dele de *camarão lo mein*.

Quando me despedi de meu novo melhor amigo e me sentei à minha escrivaninha com meu almoço tão cheiroso, comecei a sentir que poderia haver um sentido para essa colcha de retalhos de humilhação e sofrimento que chamamos de Vida. A sopa quente e azeda estava muito boa, os rolinhos estavam macios e suculentos e o *kung pao* estava quente o suficiente para me fazer suar. Eu me peguei me sentindo bem contente quando acabei de comer e fiquei imaginando qual seria a razão. Será que era tão fútil que o simples fato de comer um bom almoço me fazia feliz? Ou seria algo mais profundo e sinistro agindo ali? Talvez fosse o glutamato monossódico da comida que estava agindo nos centros de prazer do meu cérebro e me forçando a sentir bem contra a minha vontade.

O que quer que fosse, foi um alívio sair do meio das nuvens escuras que se reuniam em volta da minha cabeça nas últimas semanas. Era verdade que eu tinha algumas preocupações legítimas, mas estava me afundando nelas um pouco demais. Entretanto, parecia que uma bela refeição de comida chinesa tinha me curado. Ainda me peguei cantando ao jogar as embalagens vazias no lixo, o que era um progresso surpreendente para mim. Será que aquilo era a verdadeira felicidade humana? Por causa de um rolinho primavera? Talvez eu devesse notificar alguma organização de sanidade mental: frango *kung pao* funciona melhor do que Zoloft. Talvez um prêmio Nobel esperando por mim graças a isso. Ou pelo menos uma carta de agradecimento da China.

Independentemente do que tinha deixado meu coração mais leve, aquilo durou até quase a hora de ir embora. Fui até a sala de evidências para devolver algumas amostras com as quais estava trabalhando e quando retornei ao meu cubículo encontrei uma grande e desagradável surpresa esperando por mim.

Minha surpresa tinha 1,70 m e 90 quilos de raiva afro-americana e parecia mais um inseto especialmente sinistro do que um ser humano. Ele estava apoiado em duas próteses e a garra que era uma de suas mãos mexia no meu computador quando entrei.

— Ah, sargento Doakes — falei com o máximo de amenidade que consegui fingir. — Precisa de ajuda para entrar no Facebook?

Ele se virou para me olhar, obviamente sem esperar que eu o pegasse bisbilhotando.

— *Nyuk ookig* — ele falou claramente. O mesmo cirurgião amador que tinha removido suas mãos e pés também tinha arrancado sua língua, e ter uma conversa agradável com esse homem era quase impossível.

Mas é claro que nunca tinha sido fácil. Ele sempre odiou e suspeitou o que eu era. Nunca dei nenhuma razão para que duvidasse da minha inocência construída cuidadosamente, mas ele sempre duvidou dela, mesmo antes de eu falhar em resgatá-lo da terrível cirurgia. E eu tinha tentado, de verdade, mas não tinha conseguido. Sendo justo comigo, o que é muito importante, eu tinha conseguido recuperar a maior parte dele em segurança. No entanto, ele também me culpava pelas amputações além de vários outros atos não especificados. E agora estava no meu computador e "*Nyuk ookig*".

— *Nyuk*? — respondi alegremente. — Jura? Você é fã dos Três Patetas, sargento? Não sabia. *Nyuk, nyuk, nyuk*!

Ele olhou para mim com ainda mais maldade no olhar, o que se somou à quantidade enorme já existente, e pegou o pequeno aparelho de fala do tamanho de um caderninho que estava na mesa. Ele digitou algo e a máquina falou com sua bela voz de barítono:

— Só! Olhando!

— É claro que está! — falei com uma alegria sintética verdadeiramente boa, tentando igualar a bizarra animação da voz da máquina dele. — E sem dúvida está fazendo um trabalho incrível! Mas infelizmente acabou acidentalmente olhando meu computador pessoal no meu espaço pessoal e, tecnicamente falando, isso é contra a lei.

Ele continuou me olhando. Fala sério, o cara tinha virado um instrumento de uma nota só. Sem tirar os olhos de mim, ele digitou algo novo em sua máquina de fala e depois de um momento ela falou com sua voz estranhamente feliz:

— Vou! Pegar! Você! Um! Dia! Puto!

— Tenho certeza de que vai — falei tranquilamente. — Mas terá que fazer isso em seu próprio computador. — Sorri para ele apenas para mostrar que estava tudo bem entre nós e apontei na direção da porta. — Se não se importa?

Ele respirou fundo e então soltou o ar por entre os dentes, tudo isso sem piscar, então colocou a máquina de falar embaixo do braço e saiu do meu escritório levando os farrapos do meu bom humor com ele.

Agora eu tinha mais uma razão para me sentir incomodado. Por que o sargento Doakes estava mexendo no meu computador? É claro que ele achava que tinha algo incriminador, mas o quê? E por que agora, e no meu computador especificamente? Não havia nenhuma razão legítima para ele olhar no meu computador. Tinha quase certeza de que ele não tinha nenhum conhecimento ou interesse em TI. Desde a perda dos membros, tinham dado a ele um serviço burocrático, por pena, para que pudesse cumprir mais alguns anos e se aposentar com 100% do salário. Ele vinha trabalhando em algo administrativo inútil para o RH, mas eu não sabia o que exatamente nem ligava.

Então ele esteve aqui, no meu espaço, no meu computador, estritamente como parte de seu programa pessoal de Demolir o Dexter, mas bem aqui no trabalho? Por quê? Até onde eu sabia, ele sempre tinha confinado suas tentativas de me "pegar" a me vigiar e nunca tinha fuçado em minhas coisas antes. O que o tinha levado a esta escalada nova e indesejável? Será que tinha finalmente cruzado a linha para uma insanidade hostil permanentemente fincada em mim? Ou realmente tinha alguma razão para pensar que tinha achado algo específico e que tinha uma chance de provar que eu era culpado?

Isso parecia impossível. Quer dizer, eu era mesmo culpado, e de muitas coisas, todas elas letais, divertidas e tecnicamente fora da lei. Mas eu era extremamente cuidadoso, sempre apaguei meus rastros e não conseguia imaginar o que Doakes poderia ter contra mim. Tinha quase certeza de que não havia nada para ser encontrado.

Aquilo era intrigante e muito inquietante. Mas, pelo menos, aquilo me arrancou do meu bom humor estúpido e me lançou de volta à tristeza normal. Grande coisa a tal comida chinesa: meia hora depois, você já está mal-humorado de novo.

Já a Deborah estava anda mais mal-humorada quando entrou em meu escritório enquanto eu me preparava para ir embora.

— Você saiu cedo lá da Tocha — ela falou com um tom que parecia estar me acusando de roubar materiais de escritório.

— Tinha que vir trabalhar — respondi e fiz o que pude para igualar seu tom de voz rabugento.

Ela piscou.

— Que diabos está acontecendo com você ultimamente? — ela falou. Respirei fundo mais para ganhar tempo do que ar.

— Como assim?

Ela apertou os lábios e inclinou a cabeça para um lado.

— Está nervoso o tempo todo, estoura com as pessoas, talvez até um pouco distraído? Não sei, é como se algo estivesse incomodando você.

Foi um momento bem desconfortável para mim. Ela tinha razão, é claro, mas como poderia contar? Tinha mesmo algo me incomodando. Estava convencido de que alguém me vira e me reconhecera e agora tinha pegado o sargento Doakes mexendo no meu computador. Era quase impossível conectar as duas coisas, a ideia de uma testemunha anônima que Me viu Brincando e de Doakes me pegar era ridícula, mas juntas, as duas coisas diferentes tinham me jogado em um *looping* de desconforto. Estava dominado por emoções irracionais e não estava acostumado com isso.

Mas o que poderia dizer a ela? Debs e eu sempre fomos próximos, é claro, mas isso acontecia em parte por não dividirmos nossos sentimentos um com o outro. Nem poderíamos. E não tinha nenhum e ela sentia vergonha demais dos dela para admitir que os nutria.

Mas eu ainda precisava responder algo e, quando pensei naquilo, percebi que ela era provavelmente a única pessoa no mundo com quem eu poderia conversar de verdade, a menos que estivesse disposto a gastar cem dólares por hora para falar com um psicólogo, o que parecia uma péssima ideia. Ou teria que contar a verdade sobre mim para ele, o que era impensável, ou criar uma ficção plausível, certamente um desperdício de dinheiro que poderia ser guardado para a educação futura de Lily Anne.

— Não sabia que dava para perceber — respondi finalmente.

Deborah bufou.

— Dexter. Está falando comigo. Crescemos juntos, trabalhamos juntos, conheço você melhor do que qualquer pessoa no mundo. Eu consigo

perceber. — Ela levantou uma sobrancelha encorajadora. — O que aconteceu?

É claro que tinha razão. Ela realmente me conhecia melhor que qualquer um, melhor que Rita, Brian ou qualquer um, exceto talvez por Harry, o nosso pai que já tinha morrido fazia tempo. Do mesmo jeito que Harry, Debs sabia até sobre o Sombrio Dexter e sua feliz matança e tinha aceitado aquilo. Se havia um momento e uma pessoa para eu falar, era agora e com ela. Fechei os olhos por um momento e tentei pensar em como começar.

— Não sei — falei. — É só que, hã... algumas semanas atrás, quando estava...

O rádio dela apitou, um toque eletrônico alto e rude, e uma voz falou alto e claro:

— Sargento Morgan, qual é o seu *status*?

Ela sacudiu a cabeça para mim e pegou o rádio.

— Aqui é Morgan. Estou no laboratório forense.

— É melhor vir até aqui, sargento. Acho que encontramos algo que você precisa ver.

Deborah olhou para mim.

— Me desculpe. — Então apertou o botão do rádio e disse: — Estou a caminho. — Ela se levantou e começou a ir até a porta, hesitou e se virou para mim. — Conversamos mais tarde, Dexter, está bem?

— É claro. Não se preocupe comigo.

Ao que parece, aquilo não soou tão digno de pena quanto pareceu para mim. Ela apenas assentiu e saiu pela porta. Eu terminei de fechar a lojinha e fui para meu carro.

CAPÍTULO 9

V

O SOL AINDA BRILHAVA NO CÉU QUANDO CHEGUEI EM CASA. Era um dos poucos benefícios do verão em Miami: as temperaturas podem ser de trinta e tantos graus e a umidade pode estar bem acima de 100%, mas, pelo menos quando você chega em casa às seis da tarde, ainda há muita luz do dia, então você pode se sentar com sua família do lado de fora e suar por mais uma hora e meia.

Mas, é claro, minha família não fazia tal coisa. Éramos nativos; bronzeamento é para os turistas e nós preferíamos o conforto de um ar-condicionado. Além disso, desde que meu irmão Brian tinha dado um Wii para Astor e Cody, eles não saíam de casa, a não ser à força. Ambos pareciam não estar dispostos a deixar a sala do *videogame* por nada. Tivemos que criar algumas regras muito rígidas sobre o uso do Wii: eles tinham que perguntar primeiro e precisavam terminar a lição de casa antes de ligá-lo, e não podiam brincar com ele mais de uma hora por dia.

Então, quando entrei em casa e vi Cody e Astor já em pé na frente da TV com seus controles de Wii presos firmemente em suas mãos, a minha primeira pergunta foi automática.

— Lição de casa feita?

Eles nem me olharam. Cody apenas assentiu com a cabeça e Astor fez uma careta.

— Terminamos durante o reforço à tarde — ela respondeu.

— Está bem — falei. — E onde está Lily Anne?

— Com a mamãe — Astor falou fazendo uma careta ainda maior por eu continuar interrompendo.

— E onde está a mamãe?

— Sei lá — ela respondeu sacudindo o controle e se virando espasmodicamente por causa do que quer que estivesse acontecendo na tela.

Cody olhou para mim, pois era a vez de Astor jogar, e deu de ombros de leve. Ele quase nunca dizia mais do que três palavras por vez, um efeito colateral do abuso que tinha sofrido por parte do pai biológico, e Astor acabava falando pelos dois. Mas, no momento, ela parecia não estar disposta a conversar, o que era estranho, mas provavelmente ainda um resquício do problema do aparelho. Então, respirei fundo e tentei afastar a minha irritação crescente com os dois.

— Está bem — falei. — Obrigado por perguntarem, sim, tive um dia difícil no trabalho. Mas já me sinto bem melhor agora que estou abrigado no seio aconchegante da família. Gostei muito de nossa conversa.

Cody me lançou um meio-sorriso malicioso e disse:

— Seio!

Astor não disse nada, apenas rangeu os dentes e atacou um monstro enorme na tela. Eu suspirei. Por mais que seja algo reconfortante para alguns de nós, o sarcasmo, igual à juventude, é algo desperdiçado pelos jovens. Desisti das crianças e fui procurar Rita.

Ela não estava na cozinha, o que foi uma decepção muito grande, pois significava que não estava ocupada preparando algo maravilhoso para o meu jantar. Também não havia nada borbulhando no fogão. E não era noite das sobras, tudo isso era muito estranho e um pouco problemático. Esperava que isto não quisesse dizer que teríamos que pedir *pizza*, que, apesar de deixar as crianças felizes, simplesmente não podia competir com o mais casual dos esforços de Rita na cozinha.

Voltei pela sala e entrei no corredor. Rita não estava no banheiro nem no quarto. Comecei a pensar se Freddy Krueger também tinha agarrado a ela. Fui até a janela do quarto e olhei para o quintal.

Rita estava sentada à mesa de piquenique que colocamos sob uma grande árvore, cujos galhos se espalhavam por quase metade do quintal. Segurava Lily Anne no colo com a mão esquerda e, com a esquerda, bebia um copo

grande de vinho. Fora isso, não parecia estar fazendo absolutamente nada, exceto olhando para a casa e, lentamente, balançando a cabeça. Enquanto eu observava, ela tomou um gole de vinho, abraçou Lily Anne com força por um momento, e depois pareceu a suspirar pesadamente.

Aquele era um comportamento muito estranho e eu não tinha ideia do que fazer. Nunca tinha visto Rita agir daquela forma, se sentar sozinha e triste, tomando vinho, e era perturbador vê-la fazer isso agora, por quaisquer que fossem as razões. Mas o que me parecia mais importante de tudo aquilo era que, o que quer que Rita estivesse fazendo, não estava preparando o meu jantar, e aquilo era o tipo de inércia que pedia uma intervenção imediata e vigorosa. Então fiz o caminho inverso pela casa, passei por Cody e Astor, que ainda matavam alegremente coisas na TV, e saí para o quintal pela porta dos fundos.

Rita olhou para mim e pareceu ficar totalmente imóvel por um momento. Então, virou-se rapidamente, colocou a taça de vinho no banco ao lado da mesa e se voltou novamente para mim.

— Cheguei — falei com uma alegria cautelosa na voz.

Ela fungou alto.

— É, eu sei. E agora vai sair e ficar todo suado de novo.

Eu me sentei ao lado dela. Lily Anne começou a pular quando me aproximei e estiquei as mãos em sua direção. Ela se jogou para frente e Rita a passou para mim, com um sorriso cansado.

— Oh — ela falou. — Você é um pai tão bom. Por que não posso simplesmente... — e então sacudiu a cabeça e fungou de novo.

Parei de olhar para o sorriso belo e inteligente de Lily Anne e me virei para ver o sorriso cansado e triste de Rita. Além do nariz escorrendo, ela parecia ter chorado. Suas bochechas estavam úmidas e os olhos, vermelhos e inchados.

— Hã — comecei. — Tem algo errado?

Rita secou os olhos com a manga de sua blusa, se virou e deu um bom gole de vinho. Depois colocou a taça de volta no mesmo lugar e olhou de novo para mim. Ela abriu a boca para dizer algo, mordeu o lábio e virou o rosto sacudindo a cabeça.

Até mesmo Lily Anne parecia confusa com o comportamento de Rita e então pulou vigorosamente dizendo:

— *Abbab bab bab*!

Rita olhou para ela com um pequeno sorriso cansado.

— Ela precisa de uma fralda limpa — e antes que eu pudesse dizer algo, Rita soluçou, um pequeno soluço choroso, e o segurou a maior parte do tempo, o que fez parecer um soluço comum, mas eu tinha certeza de que era um de choro. Parecia uma reação exacerbada por causa de uma fralda.

Não me sinto confortável com emoções, em parte porque não tenho nenhuma e com isso acabo não entendendo de onde elas vêm e o que significam. Depois de anos de estudo cuidadoso e muito treino, aprendi a lidar com elas quando as pessoas as demonstram, e, normalmente, sei a resposta certa quando um ser humano está dominado por sentimentos fortes.

No entanto, neste caso, eu admito que estava perdido. Em regra, as lágrimas femininas pedem conforto e segurança, não importando quão besta seja a razão, mas como poderia aplicar aquelas soluções se não sabia o que estava causando o acesso de choro? Eu a examinei cuidadosamente procurando alguma pista em seu rosto, mas não achei nada. Olhos vermelhos e bochechas molhadas, sim, mas infelizmente ninguém tinha uma mensagem escrita no rosto dizendo a causa e o melhor tratamento. Então, soando quase tão desconfortável quanto estava começando a me sentir, balbuciei:

— Hã, você está... quer dizer, tem algo errado?

Rita fungou de novo e limpou o nariz na manga. Mais uma vez ela pareceu prestes a dizer algo verdadeiramente importante. Mas, em vez disso, sacudiu a cabeça e encostou um dedo no rosto da neném.

— É a Lily Anne. Temos que nos mudar. E tem você.

Ouvi aquelas terríveis palavras, “É a Lily Anne”, e por apenas um momento o mundo ficou muito brilhante e girou à minha volta enquanto meu cérebro era preenchido por uma lista interminável de doenças terríveis que podiam estar atacando minha garotinha. Eu a segurei apertado e tentei respirar até que as coisas se estabilizassem de novo. Lily Anne ajudou batendo do lado da minha cabeça e dizendo “*Abah-a-bah*!”. O golpe em meu ouvido me trouxe de volta à realidade e olhei de novo para Rita, que parecia não ter percebido que suas palavras tinham me lançado a uma agitação mental terrível.

— Qual o problema com Lily Anne?

— O quê? Como assim? Não há nada... Oh, Dexter, você está sendo tão... só quis dizer que temos que nos mudar. Por causa da Lily Anne.

Olhei para o rosto feliz da criança pulando em meu colo. Rita não estava dizendo coisa com coisa. Como aquela pessoa pequenina e perfeita estava nos forçando a mudar? Está certo que ela era minha filha, o que levantava algumas possibilidades terríveis. Talvez algumas correntes errantes de DNA maligno tivessem aparecido nela e a vizinhança indignada estava exigindo o seu exílio. Era um pensamento horrível, mas pelo menos era algo possível.

— O que ela fez?

— O que ela... Dexter, ela só tem um ano. O que poderia ter feito?

— Sei lá — respondi. — Mas você disse que temos que nos mudar por causa de Lily Anne.

— Ah, pelo amor de Deus. Você está sendo muito...

Ela acenou com a mão no ar e então se virou, tomou outro gole, baixando rapidamente o copo para que eu não visse, como se não quisesse que eu visse o que estava fazendo ali.

— Rita — falei e ela baixou o copo no banco e se virou para mim, engolindo convulsivamente. — Se não tem nada de errado com Lily Anne, por que temos que nos mudar?

Ela piscou e então enxugou os cantos dos olhos com a manga.

— É só que.... quer dizer, porque olhe só para ela. — Rita gesticulou para a bebê e me pareceu que sua coordenação motora não estava como deveria, pois acabou batendo a mão desajeitadamente contra meu braço. Ela virou a mão e apontou para a casa. — Uma casa tão pequena. E Lily Anne está ficando tão grande.

Olhei para ela e aguardei o resto, mas minha espera foi em vão. Suas palavras não acrescentaram nada ao meu entendimento, mas aparentemente eram a única coisa que eu receberia. Será que Rita realmente achava que Lily Anne estava virando uma criatura gigante igual à personagem de *Alice no País das Maravilhas*, e que em breve a casa ficaria pequena demais para ela? Ou havia alguma mensagem escondida ali, provavelmente em aramaico, e que eu levaria anos de estudo para decifrar? Já ouvi e li muitas sugestões a respeito do que pode fazer um casamento funcionar, mas no momento o meu parecia precisar de um tradutor.

— Rita, você não está dizendo coisa com coisa — falei com a paciência mais gentil que consegui fingir.

Ela sacudiu a cabeça de forma um pouco desajeitada e fez uma careta para mim.

— Não estou bêbada.

Uma das poucas verdades universais a respeito dos seres humanos é que, se disserem que não estão com sono, não são ricos ou não estão bêbados, é quase certeza de que seja o contrário. Porém, dizer isso a eles depois de negarem é algo ingrato, desagradável e às vezes perigoso. Então eu apenas sorri compreensivamente para Rita.

— É claro que não está — falei. — Então por que temos que nos mudar por causa do tamanho de Lily Anne?

— Dexter, nossa pequena família está ficando muito grande, Precisamos de uma casa maior.

Uma pequena luz piscou e então se acendeu em meu cérebro poderoso.

— Está dizendo que precisamos de uma casa com mais espaço? Porque as crianças estão crescendo?

— Isso — ela falou batendo a mão na mesa de piquenique para dar ênfase. — Exatamente isso. — Ela franziu a testa. — O *qui* achou *qui* eu tava falando?

— Não tinha ideia do que você estava falando. Mas estava sentada aqui fora e chorando.

— Oh — ela falou e olhou para o outro lado e enxugou novamente as lágrimas com a manga de forma desajeitada. — Agora não parece mais. — Ela olhou para mim e desviou o olhar rapidamente. — Quer dizer, você sabe, não sou estupa. Estopa. — Ela fez uma careta e então falou bem devagar. — Não. Sou. Estúpida.

— Nunca achei que fosse — respondi e era verdade. Incrivelmente avoada sim, mas não estúpida. — É por isso que está chorando?

Ela me encarou seriamente e eu comecei a me sentir desconfortável quando seus olhos se viraram um pouco e desviaram para o outro lado.

— São só os hormônios. Não queria que ninguém percebesse.

Pulei a imagem de alguém vendo seus hormônios e tentei me concentrar no coração do problema.

— Então não tem nada de errado com Lily Anne? — perguntei ainda sem ter certeza de que tudo continuava exatamente como deveria ser.

— Não, não, claro que não. A casa que é pequena demais. Cody e Astor não podem dividir o quarto para sempre, porque, bom, você sabe. Astor está chegando naquela idade.

Apesar de não saber a que idade específica ela estava se referindo, achei que tinha entendido. Astor estava crescendo e não podia dividir o quarto com o irmão para sempre. Mesmo assim, sem contar o fato de estar acostumado com esta casa e não querer me mudar dela, tinha algumas objeções práticas.

— Não temos dinheiro para uma nova casa — falei. — Especialmente uma maior.

Rita levantou um dedo em minha direção e olhou apenas com um olho para mim.

— Você não está prestando atenção — ela falou se esforçando para conseguir proferir as palavras certas.

— Pelo visto, não mesmo.

— Tem muitas oportunidades incríveis. Excursões. Droga. — Ela sacudiu a cabeça e então fechou os olhos bem fechados. — Oh. Oh, senhor. — Ela respirou pesado por um momento e balançou tanto que achei que fosse cair do banco. Mas então respirou fundo, girou a cabeça e abriu os olhos. — Execuções de hipoteca — falou com cuidado. — Não uma casa nova. Uma executada. — Ela sorriu e então se virou novamente para a taça, e desta vez tomou tudo.

Pensei no que ela tinha dito, ou melhor, no que achava que ela tinha dito. Era verdade que o sul da Flórida estava tomado por barganhas no mercado imobiliário. Não importava o quanto a economia melhorasse em outros lugares, Miami estava cheia de gente com a corda no pescoço por causa das hipotecas altas, e muitas delas simplesmente iam embora e deixavam o banco com um papel sem valor e uma casa supervalorizada. E em geral os bancos, por sua vez, ansiavam por se livrar das casas por uma pequena fração do valor delas.

V

Eu sabia de tudo isso muito bem de ponto de vista geral e um pouco desinteressado. Ultimamente, o assunto de execução de hipotecas e barganhas se mantinha na boca de todos, do mesmo jeito que o clima. Todos falavam sobre isso, e os meios de comunicação estavam cheios de histórias, debates e painéis com terríveis advertências. Mais perto de casa, até mesmo irmão meu Brian tinha seu feliz emprego lidando com esse mesmo fenômeno.

No entanto, partir deste conhecimento teórico de hipotecas e passar para a ideia real de tirar proveito delas levava um momento de ajuste. Eu gostava de morar onde estávamos e já tinha desistido do meu apartamento confortável para fazê-lo. Mudar novamente seria difícil, desconfortável e inconveniente, e não havia qualquer garantia de que iríamos acabar em um lugar melhor, especialmente uma casa que tinha sido abandonada em desespero e raiva. Poderia haver buracos no teto, fiação arrancada e, no mínimo, um carma ruim para lidarmos, não?

Porém, mais uma vez Lily Anne mostrou que via as coisas com mais clareza e astúcia que seu tolo pai. Enquanto eu lutava com todos os conceitos da hipoteca, mudança e inconveniência pessoal, ela foi direto ao ponto com um comentário afiado e convincente. Ela pulou três vezes com suas perninhas poderosas e disse:

— *Da*. *Da da da*.

Para dar ênfase, ela esticou a mão e segurou a minha orelha.

Olhei para minha garotinha e tomei minha decisão.

— Tem razão — falei para ela. — Você merece seu próprio quarto.

Virei para Rita a fim de contar o que tinha decidido, mas ela havia se encostado na mesa e fechado os olhos de novo, sua cabeça sacudia levemente, a boca estava aberta e as mãos repousavam no colo.

— Rita?

Ela se endireitou e seus olhos se abriram.

— Oh, meus Deus, você me assustou.

— Me desculpe — falei. — E a casa?

— Ah, sim — ela falou franzindo a testa. — O Brian disse... Oh, espero que não se importe — ela falou e olhou um pouco culpada. — Por falar com ele primeiro? É que é o trabalho dele, sabe? — Ela levantou a mão e a bateu na quina a mesa. — Ai!

— Certo — falei com um tom encorajador. — Você falou com o Brian. Isso é bom.

— É sim. Ele é bom. E sabe exatamente o que está rolando. Está rolando. Com relação às casas. Agora, quer dizer. Sim, ele sabe.

— Ele vai nos ajudar — ela falou. — A encontrar, encontrar...

— Encontrar uma casa — ajudei.

Rita sacudiu a cabeça devagar e então fechou os olhos. Esperei, mas nada aconteceu.

— Me desculpe — ela falou finalmente. — Acho que preciso me deitar.

Ela se levantou do banco, e o copo vazio de vinho caiu no chão e quebrou sua base, mas Rita não pareceu perceber. Ela ficou ali parada, balançou por um momento e então cambaleou para dentro de casa.

— Bom — falei para Lily Anne. — Acho que vamos nos mudar.

Ela pulou e disse firmemente:

— *Da*.

Eu me levantei e a carreguei para casa a fim de dar um telefonema. Pelo visto aquela seria mesmo uma noite de *pizza*.

CAPÍTULO 10

V

NA MANHÃ SEGUINTE, QUANDO CHEGUEI AO TRABALHO, HAVIA UM RELATÓRIO do médico legista esperando por mim em minha mesa. Dei uma folheada rapidamente e, quando vi o que era, me sentei e li com interesse verdadeiro. Era o resultado da autópsia do policial Gunther e, se você descartasse todos os jargões técnicos, ele continha muitas coisas interessantes. Primeiro o acúmulo de sangue no tecido indicava que tinha ficado de bruços por várias horas depois da morte, o que era interessante, pois fora encontrado deitado de costas ao lado da Tocha da Amizade. Aquilo provavelmente significava que nosso psicopata tinha matado Gunther no fim da tarde e depois o deixado guardado sozinho até escurecer. Em algum momento da noite, ele tinha recobrado seu senso de camaradagem e levou o corpo até a Tocha.

Havia várias páginas detalhando os enormes traumas em diversos membros e órgãos de Gunther, o que levava ao mesmo quadro que tínhamos de Klein. O relatório não especulava nada, é claro. Isso seria pouco profissional e exagerado. Mas atestava que os danos tinham sido causados por um objeto provavelmente feito de aço e que possuía uma superfície retangular e lisa do tamanho de uma carta de baralho, o que para mim parecia ser um tipo de martelo bem grande.

Mais uma vez a condição dos órgãos internos confirmava o que o tecido exterior indicava. O assassino tinha se esforçado muito para manter Gunther vivo o máximo possível enquanto quebrava cuidadosamente cada osso possível com uma força poderosa e má. Não parecia uma maneira muito prazerosa de morrer, por outro lado, pensando melhor, não conseguia imaginar nenhuma maneira de morrer que fosse prazerosa, e certamente nenhuma das coisas que eu tinha tentado. Não que eu procurasse algo assim. Onde estaria a diversão em uma morte prazerosa?

Folheei o resto do relatório até chegar à página destacada com um marcador fluorescente amarelo. Ela listava o conteúdo do estômago de Gunther, do qual metade estava marcada de amarelo, muito provavelmente por Deborah. Eu li e nem precisaria das marcações para achar a parte importante. Entre outras coisas nojentas nadando em suas entranhas, Gunther tinha comido algo que continha milho, alface, carne e vários temperos, dentre eles se destacando o chili e o cominho.

Em outras palavras, sua última refeição tinha sido taco, igual a Klein. Pelo bem dos dois, eu esperava que tivessem sido tacos realmente bons.

Mal tinha acabado de ler o relatório quando o telefone na minha mesa tocou e, utilizando meus vastos poderes psíquicos de previsão, determinei que provavelmente era minha irmã. Atendi e disse:

— Morgan.

— Leu o relatório do legista? — Deborah perguntou.

— Acabei de terminar.

— Espera aí que já estou indo.

Dois minutos depois ela entrou em meu escritório carregando sua própria cópia do relatório.

— O que achou? — ela perguntou sentando na cadeira e folheando as páginas.

— Não gosto do estilo de prosa dele — falei. — E o roteiro parece um pouco familiar.

— Não seja cuzão. Tenho uma reunião com o departamento em meia hora e preciso de algo para falar.

Olhei para minha irmã um pouco irritado. Sabia muito bem que, mesmo podendo enfrentar um grupo de caubóis cheirados, nervosos e armados ou então detonar com policiais brutamontes com o dobro do seu tamanho, ela desmontava quando tinha que falar em público, mesmo que fossem duas

pessoas. Na verdade, isso não era um problema, e sim até algo adorável, pois era bom vê-la humilhada de tempos em tempos. Mas, por alguma razão, o medo dela de palco se tornou um problema meu e eu sempre acabava escrevendo um roteiro para suas apresentações, um trabalho completamente não reconhecido, pois ela desmoronava do mesmo jeito, não importando quantas frases geniais eu escrevesse.

Aqui estava ela, para começar vindo até o meu escritório e pedindo educadamente, para o seu padrão, então eu tinha que ajudar, não importava o quanto me ressentia com a ideia.

— Bom — falei pensando alto. — Então eles se encaixam no mesmo padrão, todos os ossos quebrados e os tacos.

— Isso eu entendi — ela falou brava. — Vamos, Dex.

— O intervalo entre as mortes é interessante. Duas semanas.

Ela piscou, ficou me encarando por um momento e perguntou:

— Isso quer dizer algo?

— Com certeza.

— O quê? — ela quis saber ansiosamente.

— Não tenho ideia — respondi e, antes que ela pudesse se inclinar e me dar um soco, acrescentei: — Mas as diferenças também devem ter um significado.

— É, eu sei — ela falou pensativa. — Gunther era policial, Klein era detetive e foi deixado em seu carro. Gunther, ao lado da maldita Tocha. E de barco, pelo amor de Deus. Por quê?

— E o mais importante — falei —, por que o resto permanece o mesmo? — Ela me olhou sem entender. — Quero dizer, claro, o MO é o mesmo. E os dois são policiais, mas por que esses dois especificamente? O que tem nos dois que se encaixa no padrão de necessidade do assassino?

Debs sacudiu a cabeça impaciente.

— Estou pouco me lixando para essa parte psicológica. Preciso pegar esse psicopata filho da mãe!

Eu poderia ter dito que a melhor maneira de pegar um psicopata filho da mãe é entender o que faz dele um psicopata filho da mãe, mas duvidava que Deborah fosse receptiva a esse tipo de mensagem neste momento. Além disso, não era exatamente verdade. Baseado nos meus anos de experiência no negócio, a melhor maneira de pegar um assassino é dando sorte. É claro que você nunca dirá isso em voz alta, especialmente se estiver falando com

os jornais da noite. Você precisa parecer sério e falar do trabalho paciente e minuciosos dos detetives. Então perguntei simplesmente:

— E o barco?

— Estamos procurando. Mas, porra, sabe quantos barcos existem em Miami, mesmo contando apenas os registrados?

— Não deve ser dele. Provavelmente foi roubado na última semana — falei tentando ajudar.

Deborah bufou.

— É quase o mesmo número. Merda, Dexter, as coisas básicas eu já chequei. Preciso de uma ideia nova, não mais besteiras de idiotas.

Era verdade que eu não andava no melhor do meu humor ultimamente, mas me parecia que ela estava rapidamente passando dos limites no jeito de falar com alguém a quem implorava por ajuda. Abri a boca para fazer um comentário destruidor quando, do nada, uma ideia surgiu.

— Oh! — Falei.

— O que foi?

— Você não vai querer encontrar um barco roubado.

— Porra nenhuma que não vou. Sei que não seria burro de usar o próprio barco, mesmo que tenha um. Ele roubou um barco.

Olhei para ela e sacudi a cabeça pacientemente.

— Debs, isso é o óbvio — falei e admito que talvez estivesse sorrindo maliciosamente. — Mas também é óbvio que ele não ficaria com o barco depois. Então você não precisa procurar um barco roubado, e sim...

— Um barco *encontrado*! — ela falou e bateu uma palma. — É isso! Um barco abandonado em algum lugar sem motivo.

— E deve ser em um lugar onde ele deixou um carro escondido. Ou melhor, talvez um lugar onde poderia roubar um carro.

— Caramba, agora sim — Debs falou. — Não deve ter mais do que um lugar na cidade onde acharam um barco e roubaram um carro na mesma noite.

— Uma pesquisa de computador cruzando referencias que é simples e fácil de fazer — falei e no momento em que as palavras saíram da minha boca eu queria colocá-las de volta e deslizar para baixo da mesa, pois Deborah entendia tanto de computadores quanto de dança de salão. Eu, por outro lado, tenho que admitir modestamente que beiro à genialidade nessa área, então sempre que a palavra “computador” aparecia na conversa,

minha irmã sempre transformava isso em problema meu. Obviamente ela se levantou com um pulo, deu um soquinho brincalhão no meu braço.

— Isso é ótimo, Dex. Quanto tempo vai demorar?

Olhei em volta da sala rapidamente, mas Debs estava parada entre mim e a porta e não havia saída de emergência. Então me virei para o computador e comecei a trabalhar. Deborah se mexia ansiosamente como se estivesse correndo no lugar, o que tornava bem difícil me concentrar, então finalmente falei:

— Debs, por favor. Não consigo trabalhar com você vibrando assim.

— Ah, merda — ela falou, mas pelo menos parou dar pulinhos e encostou no canto da cadeira. Porém, três segundos depois ela começou a bater o pé no chão. Era evidente que não havia jeito de fazê-la ficar parada, ou eu a jogava para fora ou encontrava o que queria. Como ela tinha uma arma e eu não, jogá-la para fora era muito arriscado, então com um suspiro pesado eu voltei à minha pesquisa.

Menos de dez minutos depois, eu tinha conseguido.

— Muito bem — falei e antes que a última sílaba deixasse minha boca Deborah já estava atrás de mim olhando ansiosamente para a tela. — O pastor da igreja Saint John em Miami Beach reportou que seu carro foi roubado e ele tem um Sea Fox de 21 pés novinho em sua doca.

— A porra de uma igreja? E em Miami Beach, pelo amor de Deus? Como ele levou o barco até lá?

Abri um mapa na tela e apontei.

— Veja, a igreja está bem aqui, ao lado desse canal, e o estacionamento é sobre a água. — Corri meu dedo do canal ao lado da igreja até a baía. — Dez minutos pela água até Bayfront Park e a Tocha.

Deborah olhou aquilo por um momento e então sacudiu a cabeça.

— Não faz nenhum sentido, porra.

— Faz sentido para ele.

— Que merda — ela falou. — Melhor buscar o Duarte e ir até lá.

Então ela se endireitou e correu para a porta sem nenhuma palavra de agradecimento pelos meus árduos oito minutos de trabalho. Admito que fiquei um pouco surpreso, não por minha própria irmã ter falhado em demonstrar gratidão, claro. Isso seria esperar demais. Mas normalmente ela arrastaria um relutante Dexter com ela como apoio, deixando seu parceiro contando clipes de papel. Mas desta vez foi o Zeloso Dexter que ficou para

trás enquanto Debs buscava seu parceiro francófono, Duarte. Imagino que isso significava que ela gostava de trabalhar com ele ou então estava tendo mais cuidado com os parceiros agora. Os últimos dois tinham sido mortos trabalhando em casos com ela, e eu tinha ouvido mais de um policial resmungar que dava azar trabalhar com a sargento Morgan, pois era um tipo de viúva negra ou algo assim.

Qualquer que fosse o caso, eu não tinha do que reclamar. Debs finalmente estava fazendo as coisas como deveria, trabalhando com seu parceiro oficial em vez de seu irmão não oficial. E para mim estava ótimo, pois era mesmo perigoso trabalhar com ela, e eu tinha as cicatrizes para provar. E não era meu trabalho ficar correndo por aí pelo mundo grande e malvado desviando de tiros, flechas e aparentemente martelos. Eu não precisava da adrenalina. Tinha trabalho de verdade a fazer. Apenas fiquei sentado e me senti ignorado por alguns minutos e então voltei ao trabalho.

Logo depois do almoço, eu estava com Vince no laboratório quando Deborah entrou apressada e colocou um martelo grande na bancada à minha frente. Chutei que pesava um quilo e meio pelo barulho que fez. Ele estava em um plástico grande de recolher provas, e uma camada de condensação tinha se formado do lado de dentro do saco, mas ainda pude ver que não era um martelo comum de carpinteiro, e também não parecia uma marreta. A cabeça não possuía ponta em nenhuma das extremidades e ele tinha um belo cabo de madeira amarelo.

— Certo — Vince falou olhando por cima do ombro de Deborah. — Sempre quis dar umas marteladas em você.

— Vai mijar prego — Debs falou. Não era uma de suas respostas normais de alto padrão, mas ela falou com uma convicção tão considerável que Vince foi rapidamente para o canto do laboratório onde seu *laptop* descansava em uma bancada.

— O Alex que encontrou. — Debs falou apontando com a cabeça para ele assim que Duarte apareceu na porta. — Estava no estacionamento daquela igreja, a Saint John’s.

— Por que ele deixaria seu martelo para trás? — falei cutucando o saco plástico para enxergar melhor.

— Por isso — Debs falou e consegui ouvir a excitação mal escondida em sua voz. Ela apontou para um ponto no cabo, logo acima de onde o amarelo estava desbotado pelo uso. — Veja, está um pouco rachado.

Eu me inclinei e olhei. Ali, naquele gasto cabo amarelo, quase imperceptível por causa do plástico, havia uma rachadura bem fina.

— Ótimo — falei. — Talvez ele tenha se cortado.

— Por que isso seria ótimo? — Duarte perguntou. — É claro que eu gostaria de ver esse cara ferido, mas um cortinho? De que adianta?

Olhei para Duarte e por um segundo imaginei se um computador maligno sempre escolhia os parceiros de Debs com o menor QI possível.

— Se ele cortou a mão — falei escolhendo palavras fáceis e pequenas —, pode haver um pouco de sangue. Assim podemos conseguir o DNA dele.

— Ah sim, claro — ele respondeu.

— Vamos, Dex, veja o que consegue disso.

Coloquei luvas e tirei o martelo do saco plástico e o pus na bancada.

— Não é um martelo comum, hein? — falei.

— É uma marreta de obras — Vince falou e olhei para ele, vendo que ainda estava sentado no canto da sala inclinado sobre seu *laptop*. Ele apontou para a imagem na tela. — É uma marreta de obras. Procurei no Google.

— Muito apropriado — respondi e me inclinei sobre o tal martelo e joguei um pouco de Bluestar, que revelaria se havia traços de sangue, mesmo que fossem bem pequenos. Com certeza haveria o suficiente para que eu conseguisse o tipo sanguíneo ou o DNA.

— São usados basicamente em demolições — Vince continuou. — Para derrubar paredes e outras coisas, sabe?

— Acho que lembro o que é uma demolição — respondi.

— Chega de enrolação — Deborah falou rangendo os dentes. — Vai conseguir algo dele ou não?

O estilo mão na massa de gerenciamento de Deborah estava mais profundamente irritante do que o normal e pensei em vários comentários sarcásticos que a colocariam em seu lugar. Mas bem quando ia deixar um muito bom sair, vi uma pequena mancha no cabo do martelo que surgiu graças ao reagente.

— Bingo — falei.

— O quê? — Deborah quis saber e de repente estava tão perto de mim que eu podia ouvir seus dentes rangendo.

— Se tirar o pé do meu bolso, eu mostro — falei e ela soltou o ar bufando, mas pelo menos se afastou meio passo. — Veja — falei apontando

para a mancha. — É um traço de sangue e ainda fica melhor, temos parte de uma digital.

— Puta sorte de idiota — Vice falou do outro lado do laboratório.

— Jura? Então por que não foi você quem achou? — perguntei.

— E o DNA? — Debs falou com impaciência.

Sacudi a cabeça.

— Vou tentar, mas provavelmente a amostra já está muito degradada.

— Coloque a digital no sistema. Quero um nome.

— E quem sabe uma coordenada de GPS? — Vince perguntou.

Deborah olhou para ele, mas em vez de rasgá-lo em pedacinhos ensanguentados se virou para mim e disse:

— Jogue a digital no sistema, Dexter. — Então se virou e saiu rapidamente do laboratório.

Alex Duarte se endireitou quando ela passou por ele.

— *Au ‘voir!* — falei educadamente.

Ele fez um aceno de cabeça.

— *Mange merde!* — ele respondeu e seguiu Deborah para fora. O sotaque dele era muito melhor do que o meu.

Olhei para Vince. Ele fechou o *laptop* e se levantou.

— Vamos fazer isso.

E fizemos. Como eu tinha pensado, o sangue estava velho demais para qualquer amostra de DNA, mas conseguimos a foto da digital e, depois de aumentar no computador, a imagem ficou clara o suficiente para mandarmos para o Sistema Integrado de Identificação de Digitais com alguma esperança de conseguir uma identidade. Era um banco de dados nacional de digitais de criminosos e, se nosso amigo amante de martelos estivesse nele, um nome apareceria na tela e Deborah o pegaria.

Enviamos a impressão e então não havia nada a fazer senão esperar pelos resultados. Vince saiu para fazer alguma outra incumbência e fiquei apenas sentado por alguns minutos. Deborah parecia animada e o mais perto de feliz que o trabalho a deixava. Ela sempre ficava muito otimista quando pensava que estava se aproximando de um cara mau. Por apenas um segundo, quase desejei ter sentimentos para obter esse tipo de onda positiva de propósito e realização. Nunca tive qualquer espécie de brilho do meu trabalho, apenas uma espécie de satisfação aborrecida quando as coisas iam bem. Meu único sentido real de autoafirmação feliz vinha do meu *hobby*,

mas eu estava tentando não pensar sobre isso agora. O arquivo grande lá em casa continha três nomes. Três candidatos muito interessantes para o esquecimento, ao estilo Dexter, e perseguir qualquer um deles seria quase certamente aliviar meus sentimentos de baixa autoestima e trazer um sorriso brilhante e sintético a meu rosto.

Mas este não era o momento para isso, não com a Testemunha se aproximando de mim e toda a força policial de luto pela morte prematura e desagradável de Klein e agora de Gunther. Todo policial na área de Miami estaria trabalhando em cada turno com diligência extra na esperança de se tornar o herói do dia, o policial que prendeu o assassino, e, apesar de toda essa vigilância extra deixar as ruas temporariamente um pouco mais seguras para a maioria de nós, também tornaria as coisas um pouco arriscadas para um Dexter Passeador.

Não, um passeio recreativo não era a resposta, não neste clima de frenesi e hostilidade da vigilância policial. Eu tinha que encontrar a Testemunha, mas até lá só podia me resignar e ser paranoico, mal-humorado, infeliz e insatisfeito.

Pensando nesse assunto, e daí? Pelo que tinha aprendido observando meus colegas habitantes desse vale das lágrimas, todas as pessoas ficavam tão para baixo quanto eu em pelo menos dois terços do tempo. Eu tinha que ser um exemplo apenas porque meu coração era vazio? Até porque, apesar de Lily Anne ter transformado o fato de ser humano em algo que valia a pena, também fiquei sujeito a aspectos não tão bons dessa vida e era apenas justo que também sofresse com as partes ruins. É claro que nunca fui um grande crente da justiça, mas agora estava preso a ela também.

A minha irmã não estava. Bem quando eu concluía que tudo era horrível e que eu merecia o que estava recebendo, ela invadiu meu escritório como a Carga da Brigada Ligeira.

— Já conseguiu alguma coisa?

— Debs, acabamos de mandar. Isso vai demorar um pouco.

— Quanto tempo?

Suspirei.

— É só uma digital parcial, mana. Pode demorar alguns dias, talvez uma semana.

— Nem a pau. Não tenho uma semana.

— O banco de dados é enorme. E eles recebem pedido de todo o país. Temos que esperar nossa vez.

Deborah rangeu os dentes para mim com tanta força que quase pude ouvir o esmalte descascando.

— Preciso dos resultados — ela falou com a mandíbula fechada —, e preciso agora.

— Bom — falei calmamente. — Se conhecer um jeito de apressar o banco de dados, tenho certeza de que eles vão adorar ouvir você.

— Mas que droga, você não está nem tentando ajudar!

Tenho que admitir que nove em dez vezes eu teria mais paciência com os pedidos absurdos e a atitude podre de Deborah, mas do jeito que as coisas estavam ultimamente, não queria baixar a cabeça e rezar em adoração. Em vez disso, respirei fundo e falei com paciência audível e um controle de aço.

— Deborah. Estou fazendo o meu trabalho da melhor forma possível. Se acha que pode fazer melhor, por favor, fique à vontade para tentar.

Ela rangeu os dentes com ainda mais força e por um momento achei que os caninos estourariam e rasgariam suas bochechas. Felizmente, para a conta dela com odontologista, isso não aconteceu. Ela apenas ficou me olhando e assentiu duramente duas vezes com a cabeça.

— Está bem. — Então se virou e saiu rapidamente sem nem se voltar para rosnar para mim uma última vez.

Suspirei. Talvez eu devesse ter ficado na cama, ou pelo menos checado meu horóscopo. Nada parecia estar dando certo. O mundo todo parecia estar um pouco fora de prumo, inclinado um pouco de seu eixo normal. E a tonalidade dele também estava estranha e sinistra, como se tivesse sentido o cheiro do meu humor frágil e estivesse procurando outras fraquezas.

Ah, azar. Se pelo menos eu tivesse mãe, tenho certeza de que ela me diria que haveria dias assim. E o tipo de mãe que conseguia dizer algo assim de cara limpa também acrescentaria: “Mente vazia é a oficina do Diabo”. Com certeza eu não ia querer irritar minha Mãe Hipotética e também não ia querer a companhia de Satã na oficina, então me levantei da cadeira e arrumei o laboratório.

Vince apareceu na porta um minuto depois e ficou me olhando com um olhar intrigado enquanto eu limpava embaixo da bancada com papel toalha e produtos de limpeza. Ele sacudiu a cabeça.

— Maníaco por limpeza. Se não soubesse que é casado, começaria a achar você estranho.

Levantei uma pequena pilha de arquivos de casos da bancada.

— Precisamos arquivar tudo isso — falei.

Ele levantou a mão e deu um passo para trás.

— Estou com problemas nas costas de novo. O médico disse para não carregar peso — ele falou e desapareceu pelo corredor.

Dexter Desertado, mas aquilo se encaixava na tendência geral dos eventos recentes, e eu tinha certeza de que me acostumaria com aquilo mais cedo ou mais tarde. Em todo caso, dei um jeito de acabar a limpeza sem explodir em lágrimas, o que provavelmente era o melhor que eu podia esperar do jeito que as coisas andavam.

CAPÍTULO 11

V

EU ESTAVA JANTANDO NAQUELA NOITE QUANDO MEU CELULAR COMEÇOU A TOCAR. Era noite das sobras, o que não significava algo ruim em nossa casa, pois me permitia experimentar dois ou três deliciosas iguarias de Rita em uma só refeição, então fiquei olhando para o telefone por vários segundos e pensando muito no último pedaço do Frango Tropical de Rita esperando no meu prato antes de finalmente atender.

— Sou eu — Deborah falou. — Preciso de um favor.

— É claro que precisa — falei olhando para Cody enquanto ele se servia de uma porção grande de macarrão tailandês. — Mas tem que ser agora?

Deborah soltou um som que era uma mistura de chiado e grunhido.

— Ai! Sim, tem que ser. Pode pegar o Nicholas na creche?

O filho dela, Nicholas, estava matriculado em uma creche do Centro Montessori em Gables, apesar de eu ter quase certeza de que ele era pequeno demais para rezar. Cheguei a pensar se devia fazer o mesmo com Lily Anne, mas Rita descartou a ideia. Ela disse que era perda de tempo até a criança ter dois ou três anos.

Mas para Deborah nada era bom demais para seu filhinho, então pagou alegremente o preço caro da escola. E nunca tinha se atrasado para buscá-lo, não importava quanta pressão houvesse em seu trabalho, mas agora tinha acontecido, eram quase sete da noite e Nicholas ainda estava esperando pela

mamãe. Claramente algo fora do comum ocorrera, e a voz dela soava irritada, não nervosa ou tensa como mais cedo, e sim de um jeito errado.

— Hã, claro, acho que posso pegá-lo. O que aconteceu?

Ele soltou de novo aquele grunhido meio chiado e depois disse:

— Urgh! Droga! — Sua voz saiu rouca e abafada, antes de voltar ao normal. — Estou no hospital.

— Quê? Por que, o que aconteceu? — Tive uma visão alarmante dela me lembrando da última vez em que a visitei no hospital, uma ida ao pronto-socorro que durou vários dias enquanto ela ficou entre a vida e a morte por causa de um ferimento de faca.

— Não é nada de mais — ela falou e havia um pouco de tensão e cansaço em sua voz. — É só um braço quebrado. Eu só... vou ficar aqui ainda um tempo e não conseguirei pegar o Nicholas.

— Como foi que quebrou o braço?

— Um martelo — ela respondeu. — Preciso ir... pode pegá-lo, Dex? Por favor?

— Um martelo? Pelo amor de Deus, Deborah, o que...

— Preciso desligar, Dex. Pode buscar o Nicholas?

— Eu busco ele. Mas o que...

— Valeu. Fico muito agradecida. Tchau — ela falou e desligou.

Coloquei o fone no gancho e vi que a família toda olhava para mim.

— Ponha mais um cadeirão na mesa. E guarde esse peito de frango para mim.

V

Eles guardaram o frango para mim, mas estava gelado quando voltei para casa com Nicholas, e todo o macarrão tailandês tinha acabado. Rita pegou imediatamente o menino dos meus braços e o levou até o trocador, falando de forma amorosa com ele, e Astor foi atrás para assistir. Não recebi mais nenhum telefonema de Deborah e ainda não tinha ideia de como ela tinha quebrado o braço com um martelo. Mas só conseguia pensar em um martelo em evidência esta semana, então tinha uma forte suspeita de que ela havia dado um jeito de prender nosso assassino psicótico da marreta de obras.

Mas aquilo não fazia sentido. A identidade da digital não poderia ter saído ainda, era impossível ter atravessado todas as camadas calcificadas de burocracia em apenas algumas horas, e, até onde ele sabia, aquela era a

única pista. Sem falar que ela jamais faria algo insanamente arriscado sem me carregar junto para levar a bala em seu lugar, e ir atrás de um assassino com um martelo com certeza se encaixava na categoria “arriscado”.

É claro que ela nunca havia tido um parceiro em quem realmente confiasse e agora parecia estar se dando bem com Alex Duarte, provavelmente em francês. E ela estaria livre para trabalhar com seu novo parceiro em meu lugar. Nada mais natural que isso, algo até sugerido nos regulamentos, e também não me importava nem um pouco. Deixe Duarte com a corda no pescoço em vez de mim. Sendo sincero, estava um pouco cansado de ser o parceiro mirim dela em cada batida perigosa, e já tinha passado da hora de ela andar com os próprios pés em vez de se apoiar em mim.

Depois que Rita colocou as crianças na cama, ela se sentou ao meu lado por um tempo até começar a bocejar bastante. Um pouco depois, ela me deu um beijo na bochecha e se arrastou para cama. Fiquei acordado com Nicholas esperando Deborah aparecer para reclamá-lo. Ele não era um mau bebê, nem perto disso, mas também não era esperto como Lily Anne. Seus pequenos olhos azuis não tinham o mesmo brilho inteligente e me parecia que, de um ponto de vista extremamente objetivo, suas habilidades motoras não eram tão avançadas quanto as dela quando tinha a mesma idade. Talvez o tal Montessori não fosse tão bom assim. Ou talvez ele aprendesse mais devagar, e não tinha nada de errado nisso. Afinal, a perfeição está longe de ser universal, e só podia haver uma Lily Anne. Nicholas ainda era meu sobrinho e devíamos auxiliar as crianças menos dotadas.

Então fiquei sentado no sofá com Nicholas em silêncio social depois que todos foram dormir. Dei uma mamadeira para ele e um pouco depois troquei sua fralda. Assim que tirei a que estava suja, ele começou a fazer xixi para o alto e precisei de todas as minhas habilidades para conseguir me desviar do jato. Até que consegui colocar a fralda nova em segurança, e, imaginando que o som suave da TV poderia incentivá-lo a dormir, liguei-a novamente e me sentei com ele no sofá.

Lá estava na tela inteira da TV, acompanhada dos *flashs* e da voz urgente e ultrassséria do âncora do jornal. A imagem mostrava minha irmã segurando o braço enquanto os paramédicos a ajudavam a subir na maca e colocavam um gesso temporário em seu braço. O tempo todo ela conversava com

Duarte, claramente dando ordens a ele ou algo assim, enquanto ele assentia e dava tapinhas no ombro dela.

Quando o âncora terminou sua narração horrível a respeito da coragem e do heroísmo de Deborah, até pronunciando seu nome corretamente, a imagem foi cortada para outra maca onde dois policiais eram levados em seguida para dentro da ambulância. Nela estava um homem grande e de rosto quadrado que se debatia com suas amarras. Seu ombro e sua barriga estavam sujos de sangue e ele gritava algo que parecia obsceno, mesmo sem som. Então duas fotos de estúdio surgiram na tela, Klein e Gunther, lado a lado. A voz do âncora ficou muito sombria e ele prometeu me manter atualizado com o desenvolvimento da história. E apesar do que eu sentia em relação a todas as pessoas de programas de notícias, tinha que admitir que aquilo era bem mais do que minha irmã tinha feito por mim.

É claro que não havia nenhuma razão para ela me atualizar das notícias. Ela não era a guardiã do Dexter e, se finalmente começava a perceber isso, melhor. Então eu estava completamente satisfeito e nem um pouco ofendido com minha irmã quando ela chegou para buscar seu filho. Era quase meia-noite quando finalmente apareceu, Nicholas e eu tínhamos assistido a vários outros boletins e então à história completa no jornal da noite, todos eles praticamente repetindo aquele cansativo primeiro boletim. Policial heroína ferida ao prender assassino de policiais. Certo. Nicholas não demonstrou nenhum sinal de reconhecimento quando sua mãe apareceu na TV. Tenho quase certeza de que Lily Anne me reconheceria, seja na TV ou em qualquer outro lugar, mas isso não significava necessariamente que havia algo de errado com o garoto.

Em todo caso, Nicholas pareceu feliz o suficiente ao ver Debs pessoalmente quando abri a porta e a deixei entrar. A pobre criança ainda não sabia que não podia voar e tentou bater as asas para sair dos meus braços em direção os dela. Eu me mexi, agarrei-o e quase o derrubei, Deborah o pegou de um jeito estranho e o apertou com seu braço bom. O outro, o esquerdo, estava engessado e pendurado.

— Muito bem. Estou surpresa de vê-la em público sem um segurança.

Deborah estava nariz com nariz com Nicholas e soltava sílabas desconexas em voz fina enquanto ele apertava o nariz dela, que me olhou ainda sorrindo.

— O que diabos isso quer dizer?

— Você está em todos os canais. A maior estrela dos jornais. Detetive heroína sacrifica seus membros para prender o matador assassino de policiais.

Ela fez uma expressão de frustração.

— Merda — ela falou aparentemente sem se preocupar em corromper a moral do pequeno Nicholas com a linguagem chula. — Os malditos repórteres querem entrevistas e fotos e a porra de uma biografia. E estão em todos os lugares, até no pronto-socorro.

— É uma notícia muito quente. O cara estava deixando todo mundo nervoso. Tem certeza de que pegou o psicopata certo?

— Sim, é ele — ela respondeu feliz. — Richard Kovasik. Não há dúvida. — Então encostou o nariz no de Nicholas novamente.

— E como o encontrou?

— Ah — ela falou sem levantar a cabeça. — Consegui uma identificação do IAFIS. Da digital, sabe?

Pisquei e por um momento não consegui pensar em nada para dizer. Aliás, o que ela falou era tão improvável que achei muito difícil me lembrar de como falar.

— Isso não é possível — finalmente vomitei as palavras. — Não dá para encontrar a pessoa com uma digital parcial em seis horas.

— Ah, bom, eu mexi os meus pauzinhos.

— Deborah, é um banco de dados nacional. Não há nenhum pauzinho a ser mexido.

Ela deu de ombros ainda sorrindo para Nicholas.

— É, mas eu fiz isso. Liguei para um amigo de Chutsky dentro de Beltway. Ele os fez se apressarem.

— Oh — falei e admito que não foi inteligente, mas foi o que consegui pensar naquelas circunstâncias. E fazia sentido. Chutsky, seu namorado que havia ido embora, tinha muitos contatos com organizações em Washington cujos nomes tinham três letras. — E, hã, você tem certeza absoluta que é o cara certo?

— Ah, sim, sem dúvida. Havia umas duas possibilidades de combinação, você sabe, era uma digital parcial, mas Kovasik era o único com histórico de violência psicótica, então foi fácil. E ele trabalha em uma companhia de demolição em Opa-locka, então também temos uma combinação de martelo.

— Você o prendeu no trabalho?

Ela sorriu, meio por causa da memória da prisão e meio por causa de Nicholas, que não estava fazendo nada mais do que olhar para ela com adoração.

— Isso — ela respondeu tocando o nariz do bebê com o dedo. — Era logo do outro lado da rua do Benny's.

— E o que você estava fazendo no Benny's?

— Oh — ela respondeu sem olhar para mim. — Eram cinco da tarde e conseguimos a identidade da digital, mas ele está listado como sem endereço fixo, então não temos onde procurar o cara. Kovasik — ela acrescentou para o caso de eu ter esquecido o nome.

— Certo — respondi, escondendo brilhantemente a impaciência.

— Então Duarte virou e disse: "São cinco da tarde, vamos tomar uma cerveja". — Ela fez uma careta. — O que é um pouco pesado para mim, mas ele é o primeiro parceiro que tenho que consigo aguentar.

— Percebi. Ele parece muito legal.

Ela bufou. Nicholas se afastou um pouco com o som e Deborah o acariciou por um segundo.

— Ele não é legal. Mas consigo trabalhar com ele, então falei que tudo bem, e paramos para uma cerveja no Benny's.

— Isso explica tudo — respondi. E explicava mesmo. O Benny's era um daqueles lugares que extraoficialmente era Apenas Para Policiais, o tipo de lugar que o deixaria muito desconfortável se entrasse lá sem um distintivo. Muitos policiais paravam lá antes de ir para casa, e era sabido que alguns até davam uma passada rápida durante o expediente, uma parada que nunca era reportada. Se Gunther e Klein tivessem ido ao Benny's antes de serem mortos, isso explicaria por que não havia registros de onde tinham ido no dia das fatalidades.

— Então paramos em frente ao Benny's e havia um *trailer* de tacos estacionado do outro lado da rua. Nem pensei em nada até ouvir um *bum* vindo do velho prédio comercial na mesma direção. Então olhei de novo para lá e vi a placa "Tacos", e pensei "Nem fodendo".

Eu estava um pouco irritado. Era bem tarde e eu estava cansado demais para entender a história ou realmente não fazia sentido.

— Debs, isso vai chegar a algum lugar? — perguntei tentando não soar irritado como me sentia.

— Um *bum*, Dexter — ela explicou como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Como um martelo. Batendo em uma parede? — Ela levantou a sobrancelha para mim. — Era porque estão quebrando a parte interna do prédio em frente ao Benny's. Com martelos e um *trailer* de tacos em frente.

Então finalmente comecei a entender.

— Não pode ser! — falei.

Ela sacudiu a cabeça firmemente.

— Mas é. Era muito. Havia alguns caras trabalhando lá, detonando as paredes e usando uns martelos bem grandes.

— Marretas de obras — falei me lembrando do termo que Vince tinha usado.

— Tanto faz. Então Duarte e eu fomos até lá pensando que era totalmente impossível, mas precisávamos checar, né? E mal tinha pegado meu distintivo quando um cara enlouqueceu e veio em minha direção com seu martelo. Dei dois tiros nele, e o filho da puta continuou girando aquela coisa e me acertou no braço. — Ela fechou os olhos e se inclinou contra a moldura da porta. — Duas balas nele e teria girado o martelo e arrebentado minha cabeça se Duarte não tivesse usado o Taser nele.

Nicholas disse algo que parecia "*Blub blub*" e Deborah se endireitou e mudou o bebê em seu braço de forma estranha.

Olhei para minha irmã, que estava tão cansada e mesmo assim tão feliz, e admito que senti um pouco de inveja. A coisa toda ainda parecia irreal e incompleta para mim e ainda não conseguia acreditar que tinha acontecido sem mim. Era como se eu tivesse completado uma linha nas palavras cruzadas e outra pessoa terminado quando me virei. E o mais embaraçoso é que me sentia um pouco culpado de não ter estado lá, e aquilo era errado. Era completamente estúpido e irracional, nada a ver comigo, mas estava ali.

— E o cara vai sobreviver? — perguntei pensando que seria uma vergonha se ele sobrevivesse.

— Porra, sim, vai, eles ainda tiveram que sedar o homem. O cara é inacreditavelmente forte e não sente dor... se o Alex não tivesse colocado rapidamente as algemas, era capaz de me acertar de novo. E ele se recuperou do Taser em tipo uns três segundos. É um psicopata completo. — Com um sorriso de realização e cansaço, ela deu um abraço apertado em Nicholas, encostando o rostinho dele contra seu pescoço. — Mas agora ele está preso de modo seguro e tudo acabou. É ele. Eu o peguei. — Ela

sacudiu o bebê gentilmente para frente e para trás. — A mamãe pegou o cara mau — ela falou de forma musical, como se fosse uma canção de ninar para Nicholas.

— Certo — falei e percebi que estava repetindo as mesmas palavras desde que Deborah tinha chegado. Será que eu estava tão frustrado que nem conseguia manter uma conversa básica? — Você pegou o assassino do martelo, parabéns, mana.

— É, valeu — ela respondeu e então franziu a testa e sacudiu a cabeça. — Agora vamos ver se consigo sobreviver aos próximos dias.

Talvez os remédios a estivessem deixando incoerente, mas não entendi o que queria dizer.

— O seu braço está doendo?

— Isto? — Ela levantou o gesso. — Já sofri coisas piores. — Ela deu ombros e fez uma careta. — Não, é o Matthews. As porras dos repórteres estão tratando como uma grande matéria e o Matthews ordenou que eu entre nesse jogo porque é uma ótima publicidade. — Ela suspirou pesado e Nicholas disse "*Blat*!" de forma bem distinta e acertou a mãe no nariz. Ela o aninhou novamente e disse:

— Odeio essa merda toda!

— Ah, é claro que sim — falei e agora aquilo fazia sentido. Deborah era totalmente inapta em relações públicas, política departamental, puxação de saco de rotina e qualquer aspecto do trabalho policial que não envolvesse encontrar e atirar em bandidos. Se ela tivesse pelo menos meia habilidade em lidar com pessoas, provavelmente já seria pelo menos Chefe da Divisão. Mas não era, e aqui estava novamente no meio de uma situação que pedia sorrisos falsos e muito blá-blá-blá, dois talentos tão alienígenas para ela quanto a dança de acasalamento Klingon. Era claro que ela precisava de uma ajuda de alguém que conhecia os passos. E como Nicholas nem sabia falar seu nome, sobrava eu.

— Certo — falei cautelosamente. — Você provavelmente estará no centro dos holofotes por alguns dias.

— É, eu sei. Que sorte.

— Não faz nenhum mal entrar um pouco no jogo, Debs — falei e admito que estava um pouco mal-humorado agora. — Você sabe o que dizer: "Toda a equipe do distrito de Miami Dade fez um excelente trabalho em seus incansáveis esforços para pegar o suspeito..."

— Vai se foder, Dex. Sabe que não consigo lidar com esse lixo. Querem que eu sorria para a câmera e diga ao mundo todo o quanto sou boa. Nunca consegui fazer essa merda e você sabe disso.

Eu sabia mesmo, mas também que ela precisaria tentar de novo, o que significava ter alguns dias duros pela frente. Mas, antes que conseguisse pensar em algo muito inteligente para dizer, Nicholas começou a pular e disse:

— *Ba ba ba ba*!

Deborah olhou para ele com um sorriso cansado e depois para mim.

— Enfim, é melhor levar meu filho para cama. Obrigado por ir buscá-lo, Dex.

— É a Creche do Dexter. Nunca fechamos.

— Vejo você no trabalho. Obrigado mais uma vez. — Então ela se virou para a porta. Precisei abrir para ela, já que só tinha um braço bom e ele estava ocupado com o Nicholas. — Obrigado — ela falou pela terceira vez em menos de um minuto, o que certamente era um recorde para ela.

Deborah se arrastou até o carro parecendo mais cansada do que eu jamais tinha visto e fiquei olhando enquanto Duarte saiu pelo lado do motorista e abriu a de trás. Ela colocou Nicholas no banco traseiro e Duarte segurou a porta do passageiro enquanto ela entrava. Então a fechou, fez um aceno de cabeça para mim e pegou novamente a direção.

Fiquei olhando eles irem embora. O mundo inteiro achava que Deborah era incrível porque acreditavam que tinha pegado um assassino perigoso, e tudo o que ela queria era ser deixada em paz para poder pegar o próximo. Eu queria que ela aprendesse a aproveitar um momento desses, mas sabia que isso nunca aconteceria. Ela era durona, inteligente e eficiente, mas nunca aprenderia a mentir deslavadamente, o que era algo importantíssimo em qualquer carreira.

Também tive um pequeno sentimento mesquinho de que nos próximos dias ela precisaria, e muito, de um pouco de relações públicas, e, como realmente não tinha nenhuma habilidade com isso, aquele era um caso para a firma de RP Dexter e Dexter, Assessores das Estrelas.

Era natural que isso sempre se tornasse problema meu, não importava o quanto não fosse problema meu. Suspirei, vi o carro de Deborah desaparecer ao longe, tranquei a porta e fui dormir.

CAPÍTULO 12

V

O FRENESI DA MÍDIA GERADO PELA PRISÃO QUE DEBORAH FEZ foi maior do que qualquer um podia imaginar, e nos dias seguintes a minha irmã foi uma estrela do *rock* bem relutante. Ela recebeu um dilúvio de pedidos de entrevistas e fotos, e mesmo na relativa segurança da delegacia de polícia, não ficou a salvo de pessoas a parando para dizer quão incrível ela era. É claro que, sendo Deborah, a atenção não a agradava. Ela recusou todos os convites da imprensa e se esforçou para se esquivar dos elogiosos colegas sem demonstrar nenhuma hostilidade. Nem sempre conseguiu isso, mas tudo bem. Isso fez os outros policiais pensarem que além de espetacular ela era modesta, rude, e impaciente com baboseiras, o que era verdade mesmo, a maior parte disso pelo menos, e isso acrescentou ainda mais brilho à crescente Lenda Morgan.

De algum jeito um pouco desse brilho refletiu até mesmo em mim. Eu tinha ajudado Deborah a solucionar muitos casos, em geral com minhas ideias especiais sobre como as coisas são de verdade — malignas e felizes em ser assim —, em muitas dessas vezes apanhei, sofri *bullying* e me feri no processo. Em nenhuma delas recebi ao menos um tapinha nas minhas costas feridas como agradecimento, mas agora, na única vez que não tinha feito absolutamente nada, comecei a ganhar crédito. Tinha recebido três pedidos de entrevistas de repórteres que repentinamente descobriram que

borrifos de sangue eram interessantes, e fui convidado a escrever um artigo para a revista *Forensic Examiner*.

Recusei as entrevistas, é claro, tinha trabalhado muito duro para manter meu rosto longe do público e não vi razão para mudar isso. Mas a atenção continuou. Pessoas me paravam para dizer coisas simpáticas, apertar minha mão e me falar que tinha feito um bom trabalho. Até que era verdade. Normalmente eu fazia um bom trabalho, apenas não tinha feito dessa vez. Mas repentinamente eu era alvo de atenção demais. Era desconcertante, irritante até e me peguei estremecendo quando o telefone tocava, me abaixando quando a porta se abria e até cantando o clássico mantra dos incompetentes: *Por que eu?*

Tragicamente, foi Vince Masuoka quem respondeu aquela tola pergunta.

— Gafanhoto — ele falou sacudindo a cabeça de forma inteligente na manhã que me ouviu recusando o convite do *Miami Hoy* pela terceira vez. — Quando o sino do templo toca, a garça deve voar.

— Sim, e uma maçã a cada oito horas mantém distância de três médicos. E daí?

— Simples — ele respondeu com um meio sorriso. — O que você esperava?

Olhei para ele e seu sorriso malicioso. Ele parecia ter alguma conclusão em mente, do jeito que sempre tinha, então dei a ele uma resposta mais ou menos séria.

— O que eu esperava era ser ignorado e não reconhecido, trabalhando sozinho com meu nível único de excelência incomparável.

Ele sacudiu a cabeça.

— Então você precisa de um novo agente, pois seu rosto está pela internet toda.

— O meu o que está onde?

— Olha só — Vince falou e digitou em seu *laptop* por um momento e então virou a tela para mim. — É você, Dexter. Uma foto heroica. E bem sensual.

Olhei para a tela e tive um momento de quase desorientação alucinógena. O computador mostrava um site com um título vermelho e pingando que dizia: “Assassinato em Miami”. Embaixo havia a foto de um modelo masculino em uma pose heroica em frente à Tocha da Amizade, o local onde o corpo do policial Gunther tinha sido encontrado. O modelo parecia

dominador, brilhante e *sexy*, e também se parecia terrivelmente comigo. Aliás, para minha surpresa, era eu, exatamente como Vince tinha dito. Eu estava parado ao lado de Deborah e apontava para a água, e ela tinha uma expressão ansiosa de submissão. Não fazia ideia de como alguém tinha conseguido nos capturar com essas expressões completamente destoantes de nossas características e ainda dar um jeito de me fazer parecer sensual no processo, mas ali estava. E o pior, a legenda da foto dizia: "Dexter Morgan, o verdadeiro cérebro por trás do caso do assassino do martelo!".

— É um *blog* bem popular. Não acredito que não tinha visto isso. Todo mundo já viu.

— E é por causa disso que todo mundo agora acha que sou interessante?

Vince assentiu.

— A menos que você tenha uma música nas paradas e eu não esteja sabendo.

Pisquei e olhei de novo para a foto, torcendo para ver que eu tinha desaparecido, mas não. Enquanto olhava senti meu estômago revirar com algo bem próximo de medo. Porque era o meu rosto, meu nome e até meu trabalho, todo juntos em um pacote conveniente, e o primeiro pensamento que surgiu na minha mente não foi: *Nossa, como estou* sexy. Em vez disso, ganhou forma o desconforto anônimo que eu vinha sentindo, e que se pareceu com isso:

E se minha Testemunha desconhecida viu as fotos? Meu nome estava junto do meu rosto, e também minha profissão, tinha praticamente tudo, menos quanto eu calçava. Mesmo que não tivesse ido atrás da placa do meu carro e de mim antes, isso daria tudo de que precisava. Não era nem uma questão de somar dois mais dois, era já olhar direto para o quatro. Engoli em seco, o que não foi tão fácil quanto deveria, pois minha boca parecia um deserto, e percebi que Vince estava me encarando com uma expressão estranha. Busquei algo inteligente e de efeito para dizer e finalmente respondi:

— Oh. Hã... merda.

Vince sacudiu a cabeça e ficou muito sério.

— É uma pena que não seja mais solteiro. Você se daria muito bem.

Para mim, parecia mais que com aquilo eu me daria mal, como ser preso e executado. Sempre fui muito cuidadoso em evitar qualquer tipo de publicidade. Era muito melhor para alguém com minhas tendências

recreacionistas permanecer anônimo o máximo possível, e até agora tinha conseguido manter meu rosto longe do público. Mas aqui estava eu, aparentemente espalhado por toda a blogosfera, e não havia nada que pudesse fazer a não ser torcer para que a minha Testemunha não fosse um leitor do *blog* "Assassinato em Miami". Se a minha foto tinha mesmo se espalhado tanto quanto Vince achava, talvez também fosse bom eu torcer para que ele morasse embaixo de uma pedra, e uma que não tivesse conexão com a internet. Não havia como me esconder. Aquela era uma nudez pública, pura e simples. E o pior é que não tinha como escapar. Só podia esperar que toda a atenção desaparecesse quando as coisas se acalmassem.

Mas na verdade as coisas não se acalmaram logo, pelo menos não com relação ao caso do assassino do martelo, mas felizmente as coisas se afastaram de mim. Os detalhes do caso começaram a vazar na grande imprensa. Algumas fotografias dos corpos apareceram *on-line*, vindas do "Assassinato em Miami", claro, mas os jornais as pegaram e também conseguiram descrições bem detalhadas do que tinha sido feito com Klein e Gunther. O interesse do público cresceu bastante e, quando a conclusão completa e excitante vazou, as cabeças pensantes dos jornais e das emissoras de TV refletiram sobre a manchete que era boa demais para ser ignorada: "Mãe policial joga o assassino para escanteio", e o estouro da imprensa em cima de Deborah me deixou lá para trás comendo poeira e me fez pensar se ela era integrante dos Beatles e tinha esquecido de me contar.

Debs era mesmo uma história bem melhor do que eu, mas é claro que não queria participar de nada daquilo. E é claro que aquilo fez os repórteres pensarem que ela queria dinheiro, o que a fez querer ainda menos falar com eles. O capitão Matthews teve que ordenar que ela aceitasse um ou dois convites para entrevistas em rede nacional. Ele achava que sua função primária era manter uma imagem pública positiva, para ele e para o departamento, e entrevistas em rede nacional não davam em árvores. Deborah estava claramente desconfortável, desajeitada e tensa em frente à câmera. Então o capitão Matthews rapidamente decidiu que era uma má ideia ter Deborah como RP e se concentrou em colocar seu próprio rosto na TV. Mas o pessoal da TV não ficou muito interessado, mesmo com o impressionante queixo do capitão, e depois de mais ou menos uma semana as requisições para Deborah morreram e a nossa nação feliz passou para a

próxima história incrível e fascinante: uma garotinha de oito anos que tinha subido metade do Monte Everest sozinha antes de congelar e perder uma perna. As entrevistas com seus orgulhosos pais eram particularmente emocionantes, em especial a mãe chorando pelos gastos com a prótese a cada seis meses conforme a filha fosse crescendo, e fiz uma nota mental de não perder o *reality show* deles no outono.

Mais ou menos ao mesmo tempo em que a imprensa mudou de assunto, o resto da força policial também se cansou de dizer à Deborah quão incrível ela era, especialmente desde que os "obrigados" dela ficaram bem próximos de uma praga. Um ou dois detetives até começaram a fazer comentários sarcásticos do tipo que uma mente desconfiada acharia que era porque estavam com inveja. Em todo caso, os elogios e adulações morreram e a força policial voltou à sua brutalidade rotineira de Miami. A atmosfera tensa de casa mal-assombrada desapareceu do departamento, e as coisas voltaram mais uma vez à velha e confortável rotina de trabalho, com Debs alegre por estar longe dos holofotes e trabalhando em facadas e decapitações cotidianas novamente. Seu braço quebrado não parecia atrapalhar muito, e Alex Duarte estava sempre ao seu lado no trabalho se ela precisasse de uma mão, literal ou figurativamente.

Já do meu lado, risquei mais alguns nomes da minha lista, mas tudo acontecia com uma lerdeza de pesadelo, e eu não podia fazer nada a não ser seguir o barco. Sabia que algo terrível estava para acontecer e que eu estaria do lado errado. A minha Testemunha não tinha como não saber quem eu era, pois eu havia sido identificado com nome e com foto, e me parecia que era só uma questão de tempo antes que todas essas coisas se juntassem, e com o Dexter no meio. Passei o dia com a sensação terrível de que estava sendo observado por olhos hostis. Não consegui ver nenhum sinal de que isso acontecia de fato, mas não importava o quanto me esforçasse em olhar à minha volta, a sensação não ia embora. Ninguém estava me encarando quando eu saía em público, mas eu imaginava os olhos dele me observando em todos os lugares. Não vi nada fora do comum em nenhum lugar, nem uma vez sequer, mas sentia isso. Algo vinha em minha direção e eu sabia que não ia gostar nem um pouco quando acontecesse.

O Passageiro das Trevas estava tão perturbado quanto e parecia andar sem parar para frente e para trás, como um tigre em uma gaiola, mas não oferecia nenhuma ajuda ou sugestões, nada, apenas mais desconforto. E

meu sentimento quase constante de medo rastejante ficou comigo ao longo dos próximos dias. Em casa foi quase impossível manter a minha máscara de papai alegre. Rita não mencionara de novo sobre procurar uma nova casa, mas pode ter sido por causa de alguma crise no trabalho envolvendo euros e títulos de rendimento a longo prazo que de repente a deixara muito ocupada para retomar o assunto, embora ainda encontrasse tempo para me lançar olhares reprovadores e estranhos, mesmo que eu não fizesse ideia do que tinha ou não feito.

Também coube a mim levar Astor ao dentista para colocar o aparelho, um passeio que não encantou nenhum de nós. Ela ainda considerava a ideia uma espécie de apocalipse pessoal criado por um mundo vingativo para forçá-la à morte social e fechou a boca o caminho todo. Ela não falou nada durante todo o trajeto até o dentista, o que era muito incomum para ela.

Na volta para casa, com seus metais brilhantes novinhos nos dentes, ficou tão silenciosa quanto na ida, mas de forma mais agressiva. Ela olhava com raiva para a paisagem, rosnou para os carros passando e nenhuma das minhas tentativas desajeitadas de animá-la conseguiu alguma coisa dela exceto olhares amargos e duas simples sentenças declarativas:

— Eu pareço um ciborgue — ela falou. — Minha vida acabou — se virou para olhar para fora da janela do carro e não disse mais nada.

Astor estava mal-humorada, Rita examinava e triturava os números e Cody mantinha seu silêncio habitual. Apenas Lily Anne sabia que algo estava errado. Ela se esforçou muito para me tirar de meu pânico me distraindo com várias sessões de “Seu Lobato tinha um sítio” e “O sapo não lava o pé”, mas mesmo o enorme talento musical dela não me trouxe mais do que um esquecimento temporário de minha profunda inquietude.

Algo ia acontecer, eu sabia, e não poderia impedir. Era como ver um piano cair de um prédio alto e saber que em alguns segundos haverá um barulho e uma pancada terríveis, mas não há nada que possa fazer a não ser esperar. Mesmo com aquele piano inteiramente em minha cabeça, ainda me peguei me preparando para o som terrível que ele faria quando atingisse a calçada.

Numa manhã, cheguei ao trabalho e descobri que meu piano não era nada imaginário.

Eu tinha acabado de me ajeitar na cadeira com uma xícara de esgoto tóxico disfarçado de café. Ninguém havia chegado ainda, então liguei o

computador para checar minha caixa de entrada. Tudo lixo: um memorando departamental avisando a todos que um novo código de conduta não permitia o uso de guayaberas, um recado do chefe do grupo de escoteiros do qual Cody participava me lembrando de levar o lanche na semana seguinte, três ofertas de remédios canadenses, duas mensagens sugerindo algo muito inapropriado e bem pessoal, uma carta de meu advogado na Nigéria me incentivando a reclamar minha enorme herança e um convite para criar um *blog* de borrifos de sangue para um site de aficionados por homicídios. Por um momento, me deixei levar pela ideia de escrever para um *site* de fanáticos por assassinatos. Era absurdo, desconcertante e estranhamente atraente, e não consegui evitar de dar uma olhada rápida. Abri o *e-mail*.

Minha tela ficou branca por um momento e durante dois batimentos cardíacos eu entrei em pânico. Será que tinha aberto um vírus? Mas uma animação em *flash* foi carregada e uma bola de sangue animada surgiu e se espatifou contra a tela. O sangue escorreu até a parte de baixo parecendo realista o suficiente para me deixar incomodado. Letras pretas começaram a se forçar naquela terrível meleca vermelha e enquanto aos poucos formavam meu nome, senti um jorro doentio de medo me atravessar, o que não melhorou em nada quando a tela piscou com uma luz brilhante cegante e letras pretas enormes sugiram: TE PEGUEI!

Por um momento, consegui apenas ficar parado olhando para a tela. As letras começaram a desaparecer e pude sentir minha vida inteira sumindo com elas. Tinha sido pego. Tudo estava acabado. Quem era e o que iria fazer não importava. O Dexter Dançou.

Então surgiu um texto, que com um torpor e um desamparo terríveis comecei a ler: “Se é como eu”, li em voz alta, “você gosta de assassinatos!”.

“Está certo, sou como você”, pensei. “E daí?” E continuei lendo.

V

Não há nada de errado com isso, você encontrará muitas pessoas que se sentem do mesmo jeito! E, como você, elas adoram morar aqui em Miami, onde há sempre um caso novo para acompanhar! Até agora era muito difícil conseguir se inteirar das últimas notícias dos homicídios locais. Mas existe um jeito simples de fazer isso! Sangue Tropical é uma excitante revista on-line que oferece a você um olhar profissional sobre todas as

mortes atuais, e tudo isso por apenas US$ 4,99 por mês! Esta oferta especial é apenas para quem se inscrever no lançamento! Assine antes que a promoção acabe!

V

O texto continuava, mas nem li. Eu estava entre o alívio de aquilo ser um mero *spam* e a raiva por ter me feito passar por um momento ruim daqueles. Deletei o *e-mail* e ao fazer isso meu *laptop* fez um *bong!* indicando que tinha recebido outro, cujo título era “Identidade”.

Movi o *mouse* para apagá-lo também, mas hesitei por um momento. Não fazia sentido nenhum, mas o *timing* parecia mágico, um chegando bem quando eu deletei o outro. É claro que não havia conexão, mas um tipo de simetria extraordinária naquilo. Então eu o abri. Imaginei que seria propaganda de algum novo produto incrível que me protegeria de roubo de identidade ou que aumentaria a minha potência sexual. Mas a palavra “Identidade”... ficara em minha cabeça enquanto eu lutava com a questão da minha Testemunha. Vinha pensando na identidade dele e se sabia a minha, e agora a mesma palavra no campo do assunto tinha avivado a memória. Era uma conexão estúpida e quase inexistente, mas estava lá, e não consegui evitar de dar uma olhada. Abri o *e-mail*.

Uma página com um texto em espaço simples apareceu na tela, sob um título grande e estilizado em que se lia “Blog da sombra” em letras cor cinza, tipologia semitransparente e em cima de uma imagem espelhada e sombria das letras em um vermelho fraco. Não havia nome na parte de baixo, apenas a URL: www.blogalodeon.com/blogdasombra.

Ah, mas que alegria. Tinha entrado na lista de contatos de algum blogueiro qualquer. Será que esse era o preço da minha fama recém-adquirida? Ser abordado por todos os fanáticos semianalfabetos com um teclado e uma opinião? Não precisava daquilo e mais uma vez movi o *mouse* para deletar o *e-mail*, mas então li a primeira frase e tudo ficou frio e imóvel.

E agora eu sei seu nome.

Fiquei olhando para aquela frase por um momento interminável. Era algo irracionalmente próximo do ponto da morte cerebral clínica, mas por alguma razão fiquei convencido de que aquilo se referia a mim e que tinha sido escrito pela minha Testemunha. Fiquei olhando e talvez tenha piscado

uma ou duas vezes, mas fora isso não fiz mais nada. Finalmente percebi uma batida ao longe e notei que era meu coração me lembrando de que precisava respirar. Então inspirei, fechei os olhos e dei ao oxigênio um momento para subir até meu cérebro e fazer alguns pensamentos surgir. O primeiro foi uma ordem para me acalmar, seguido de uma lembrança muito lógica de que aquilo era um *spam*, obviamente, e que não tinha como ser sobre mim ou a Testemunha.

Respirei fundo de novo, me senti melhor e abri os olhos. A frase ainda estava lá e ainda dizia: “E agora eu sei seu nome”, e também havia uma página com um texto abaixo. Outro pensamento tranquilizante me veio quando li a página que me fez descobrir rapidamente que o *blog* não tinha nada a ver comigo. Tudo o que eu precisava fazer era ler duas ou três frases para ver que estava sendo um idiota paranoico e que poderia voltar a tomar calmamente minha xícara de café ruim.

Então movi meus olhos para a segunda linha e comecei a ler.

V

Desde que vi você naquela noite na casa fechada por causa da hipoteca executada, o seu rosto ficou gravado em minha mente. Eu o tenho visto em todos os lugares, acordado ou dormindo, e não consigo apagar a imagem de você parado em frente a uma pilha de carne vermelha que era um ser humano apenas alguns minutos antes. Até você deve saber que isso é muito errado! E fico pensando... quem é você, porra? Ou ainda, porra, será que você é humano? Será que alguém que faz aquilo consegue andar normalmente pelo mundo, comprar comida e conversar sobre o clima?

Fugi de você. E fugi da visão de ver você fazendo o que estava fazendo. Mas a imagem fugiu comigo e sei que devia ter feito algo, mas não fiz, e não consegui tirar aquilo da cabeça.

E porque fugi de você parece que comecei a vê-lo em todos os lugares. Durante a vida toda, nunca tinha visto você nenhuma vez e agora você aparece todas as vezes que saio de casa. Vejo você com seus filhos ou na rua trabalhando e não consigo mais suportar.

Não sou idiota. Sei que não foi um acidente, pois esse tipo de coincidência é impossível. Mas não quero pensar no que significa, porque se pensar terei que fazer algo a respeito. E acho que não estou pronto para isso. Quer dizer, com o meu divórcio, além de todas as merdas que

continuam acontecendo comigo. Isso é demais para mim e ainda preciso lidar com você, pode esquecer.

Então vejo sua foto e junto tem seu nome e emprego. Seu emprego. E penso, Jesus Cristo, ele é um porra de um policial? Isso que é saco de aço. Como pode se safar disso? E percebo rapidamente que não tenho o que fazer contra um cara como você que ainda é policial.

Mas não consigo parar de pensar a respeito e, quanto mais penso nisso, mais eu tento esquecer, pois já tenho problemas demais para ter que lidar com sua merda também. Mas isso fica zumbindo na minha cabeça até eu pensar que vou pirar completamente. Eu quero fugir disso, mas não há para onde escapar e não consigo mais evitar de lidar com você, pois agora sei quem é e onde trabalha, não tenho mais desculpa, e isso apenas aumenta a pressão, gira na minha cabeça e está me deixando louco...

De repente, parece que um interruptor se ligou em meu cérebro. Click. *E quase posso ouvir uma voz dizendo: "Está olhando para tudo isso de forma errada". Como o pastor costuma dizer, cada tropeço na verdade pode ser um trampolim, basta encarar do jeito certo. E pensei que era isso mesmo.*

Este não é outro problema. É uma resposta.

O jeito de todas as outras baboseiras significarem algo, de finalmente unir tudo. Posso ainda não saber exatamente como, mas sei que é o certo e que posso fazer isso.

E farei. Em breve.

Porque agora eu sei seu nome.

V

Em algum lugar do corredor, ouvi uma porta se fechar com força. Duas vozes falaram uma com a outra, mas não consegui ouvir as palavras, nem teria entendido se ouvisse, pois só havia uma coisa no mundo que importava:

Ele sabia o meu nome.

Tinha visto as fotos *on-line*, com meu nome, e juntado com o que me flagrara fazendo com Valentine. Ele me *conhecia*. Estava por aí e poderia me destruir a qualquer momento. Eu não tinha a menor noção de quem era, mas ele me conhecia e poderia me expor quando quisesse e parecia não haver nada que eu pudesse fazer.

O que foi aquilo sobre me ver com meus filhos, será que estava ameaçando Lily Anne? Não poderia permitir isso, tinha que achar um jeito de encontrá-lo e detê-lo. Como poderia fazer isso se estava tentando sem sucesso localizá-lo fazia duas semanas?

Examinei o *blog* novamente procurando por qualquer pista que me dissesse quem ele era, qualquer pequena pista que me tirasse daquele pesadelo, mas as palavras não tinham mudado. Mesmo assim, na segunda leitura percebi que não tinha escrito nada que pudesse me revelar para outra pessoa. Pelo menos estava a salvo disso. Então qual era a verdadeira ameaça dele? Atacar fisicamente a mim ou à minha família? Ele escreveu sobre "lidar" comigo e eu não tinha ideia do que aquilo significava, mas não gostava de como soava. No fim ele dizia que não sabia exatamente o que fazer, aquilo podia significar qualquer coisa e eu não podia descartar nada até saber quem ele era.

Precisava encontrar uma pista da mesma forma que um homem se afogando precisa de ar, e não tinha nada a não ser aquela única página de texto. Espere, não era apenas uma página, era um *blog*. Aquilo implicava que era algo irregular, e se houvesse outras postagens, alguma delas poderia revelar algo útil.

Copiei a URL da página, colei no meu navegador e acessei o endereço. Era um daqueles *sites* que permitiam que qualquer um fizesse um *blog* de graça, e o "Blog da sombra" era só um entre milhares. Mas havia outros textos, um a cada poucos dias, nos quais passei os olhos o mais rápido de pude. O primeiro começava com "Por que tudo acaba virando merda?". Era uma pergunta justa e mostrava um pouco mais de percepção da vida que eu esperava. Mas ainda não me dizia nada sobre ele.

Continuei lendo. A maior parte era um choramingo enrolado e sem foco sobre ninguém gostar dele, terminava com sua decisão de começar aquele *blog* para ajudar a descobrir por quê. Terminava com: "quer dizer, não entendo. Entro em um lugar e é como se não me vissem, como se eu não fosse real para ninguém, não mais do que a droga de uma sombra. Por isso será o "Blog da sombra"... Muito tocante e sensível, um pedido profundo e verdadeiro por contato humano, e eu queria muito fazer contato o mais rápido possível. Mas primeiro precisava saber quem ele era.

Li outras postagens. Elas cobriam o período de um ano e pareciam ficar mais raivosas, mas eram todas anônimas, mesmo as que mencionavam o

divórcio do autor de alguém que ele se referia apenas como “A”. Ele escreveu amargamente sobre o fato de ela não se mexer para encontrar um emprego e ainda querer que ele pagasse pensão. Como ele não podia sustentar duas casas, mesmo estando divorciados eles tinham que morar sob o mesmo teto. Era um retrato muito tocante da angústia da classe média baixa, o qual tenho certeza de que teria amolecido meu coração se eu tivesse um.

Como se recusar a trabalhar parecia deixá-lo mais bravo do que qualquer coisa, ele escreveu apaixonadamente sobre responsabilidade e o fato de não fazer Sua Parte era ser mau. Aquilo o levou a fazer várias observações sobre a sociedade em geral e os “cuzões” que se recusavam a “seguir as regras como o resto de nós tem de fazer”. Daí ele partiu para um monte de enrolações e discursos tediosos sobre Justiça e as pessoas receberem o que merecem e sua crença aparente de que o mundo seria um lugar melhor se só existissem pessoas como ele. Tudo junto, era um retrato de alguém que precisa controlar a raiva, tem baixa autoestima e uma frustração crescente com um mundo que se recusa a reconhecer suas qualidades incríveis.

Continuei lendo. Cheguei em uma seção com meia dúzia de postagens nas quais ele falava bastante dos problemas cada vez maiores com “A”, e simpatizei com ele de verdade, mas por que não podia usar os nomes verdadeiros? Isso tornaria as coisas tão mais fáceis. É claro que se fosse assim ele também teria usado o meu nome, então acho que essas coisas se completaram. Continuei lendo. Era tudo a mesma tolice ranzinza e pessoal, até que cheguei em um texto com o título: “Estalo!”. Reconheci a data. Era um dia depois de meu encontro com Valentine. Parei de passar os olhos e comecei a ler.

V

As coisas estavam demais com “A”, sempre com a mesma encheção de saco sobre eu não ganhar dinheiro suficiente, o que era engraçado já que ela não ganhava NENHUM dinheiro. É sempre o papo de “você é o homem e por isso deveria fazer isso”. Olho para ela, sentada ali na casa onde pago as contas e faço as compras e sem fazer porra nenhuma! Ela nem limpa direito! Olho para ela e não vejo mais uma vagabunda preguiçosa, vejo o Mal com M maiúsculo e percebo que não posso mais aguentar essa merda sem fazer algo, preciso sair de casa antes. Pego o Honda dela, só

para deixá-la puta e dirijo por aí durante um tempo, rangendo os dentes e tentando pensar. Depois de mais ou menos uma hora, estou no Grove e tudo o que consegui foi dor na mandíbula e um tanque de gasolina quase vazio. Preciso me sentar em algum lugar e pensar no que fazer, talvez no Parque Peacock ou algo assim, mas está chovendo, então dou a volta para retornar ao sul. Quanto mais perto de casa, mais nervoso fico, e quando viro na Old Cutler um cuzão em um New Beamer me dá uma fechada. Então penso chega, agora já deu, quase posso sentir algo estalando dentro de mim. Piso fundo no acelerador e vou atrás dele, mas é tipo "cara, acorda": ele está em um New Beamer e você dirige um velho Honda de merda. Ele desaparece em uns três segundos, e fico ainda mais nervoso. Viro na rua que acho que ele entrou e não vejo nem sinal. Ando devagar por alguns minutos e fico pensando, quem sabe eu tenha sorte? Mas nada acontece, ele sumiu.

V

Então vejo a casa. Está toda detonada, outro lugar com a hipoteca executada. Algum cuzão idiota ferrando com o banco e aumentando as taxas para todos nós. Diminuo e olho com cuidado, pois há um Chevy velho meio escondido na garagem, como se o cara ainda estivesse lá, morando de graça enquanto trabalho que nem um filho da mãe para manter as contas em dia.

Estaciono e vou até a porta lateral perto da garagem e entro. Não sei o que estava pensando ou o que teria feito, mas sei que estava puto. Então ouço algo no cômodo ao lado, vou até a porta e olho...

O balcão. Tem uma mão lá. Uma mão humana.

Mas não está presa a nada. Isso não faz sentido.

Bem ao lado dela tem um pé, também solto. E outras partes também, oh, puta merda, a cabeça está bem ali, com os olhos arregalados apontados diretamente para mim e tudo que consigo fazer é retribuir o olhar...

Algo se move e vejo um cara ali parado, completamente calmo, apenas limpando tudo como se aquilo não fosse grande coisa, apenas mais um dia no escritório. Ele começa a se virar em minha direção... e vejo seu rosto...

O pastor costumava nos assustar com umas fotos do diabo. Chifres, rosto vermelho e olhar maligno, mas esse cara é mais assustador, pois parece a

porra de uma pessoa normal e real, mas é totalmente mau e está muito, mas muito feliz mesmo com aquilo e por estar lá com seu corpo esquartejado.

Agora está se virando para olhar para mim...

v

Isso é demais. Num piscar de olhos eu já estava no carro pisando fundo para longe dali sem nem perceber que tinha me mexido. Eu já estava quase chegando em casa quando pensei: Por que não fiz algo? *Mesmo que apenas chamar a polícia? Me irrita pensar que estou sendo medroso, como se todos estivessem certos ao achar que sou só a droga de uma sombra. Devia ter feito algo. Preciso fazer algo.*

Mas o quê?

v

De um jeito bem estranho era fascinante ler a descrição do Dexter Sombrio em ação. Um pouco perturbador, talvez, e não muito lisonjeiro, como assim uma pessoa normal? *Moi*? É claro que não. Fora isso, não me dava muitas pistas sobre a identidade do blogueiro.

Passei às postagens mais recentes. Uma delas o descrevia me vendo no mercado, simplesmente o perto da minha casa, e como saíra da loja como uma sombra e ficara olhando do carro eu sair com minhas compras. Duas postagens depois ele descrevia aquele encontro matinal na rampa da Palmetto usando sua prosa fascinante de sempre:

v

Eu estava me arrastando pela droga do trânsito matinal de sempre indo para a porcaria do meu emprego temporário e dirigindo o carro da "A" para economizar combustível e olhando os veículos à minha volta quando, bum, vejo o mesmo rosto de novo. É ele, tenho certeza absoluta. Simplesmente ali sentado em seu carrinho de merda igual a todos os outros escravos assalariados, totalmente normal. E não consigo entender o significado disso, pois tudo à minha volta está absolutamente normal, como todos os dias, mas lá está aquele rosto no carro ao lado, o rosto que ainda vejo em minha mente cercado por partes cortadas de um corpo, e está bem ali no tráfego esperando para pegar a Palmetto...

Então meu cérebro congela, não consigo pensar e o encaro, acho que pensando: Será que ele fará alguma coisa? *Quero dizer, tipo lançar chamas ou mandar uma nuvem de morcegos ou algo assim? Consigo ver quando de repente, do nada, ele percebe que estou olhando, e sua cabeça começa a virar em minha direção, igual à noite na casa, e acontece a mesma coisa, entro em pânico, piso no acelerador e sumo dali antes de perceber o que estava fazendo. Mais tarde penso naquilo, e fico muito, mas muito puto mesmo de ter fugido daquele jeito de novo, pois ele não passa da porra de um nada e sei que devia ter feito algo, mas fugi de lá antes de pensar em qualquer coisa, o que é algo totalmente irreal para mim.*

Então penso: Certo, qual é o meu eu real? *Percebo que não sei, pois tenho deixado isso para lá por tanto tempo, tentando fazer as pessoas felizes com minha versão falsa, o pastor, meus professores, a "A" e mesmo o chefe cuzão do meu emprego temporário, que não sabe diferenciar um algoritmo de seu rabo, mas me diz como mapear os dados, o babaca. Até ele, todos eles, me esforço mais para deixá-los felizes do que tentando ser eu mesmo, e isso me faz pensar sobre quem sou eu por um longo tempo, o resto do caminho para o trabalho.*

Certo, quem sou eu? Faça uma lista: primeiro, eu admito, a maioria das pessoas não me nota. Segundo, acredito que sigo as regras e fico puto quando ninguém mais faz isso. Sou muito bom com computadores. Como comida saudável, me mantenho em forma. Hã...

É só isso?

Quer dizer, não devia haver mais? Não tem nem o suficiente para me diferenciar de um escravo assalariado tão idiota que paga os impostos.

E então penso Nele. O cara com a faca.

Porque Ele parece que sabe realmente quem é. E está sendo ele mesmo.

Outro pensamento surge e fico imaginando: será que estou fugindo Dele porque estou com medo Dele?

Ou estou mais assustado por causa do que Ele me faz pensar em fazer?

V

Material fascinante, todo o texto, mas se ele tivesse metade da inteligência que pensa ter, estaria mesmo fugindo do mim, pois não me lembro de querer tanto uma pessoa amarrada na mesa quanto ele.

Havia muito mais coisas, uma postagem a cada poucos dias, mas antes de ler mais ouvi um barulho atrás de mim. Por reflexo mudei para a tela inicial do computador quando Vince Masuoka chegou e o dia de trabalho entrou em seus eixos bem azeitados de labuta e mais labuta. Durante todo aquele dia, não consegui pensar em mais nada a não ser aquela terrível primeira sentença do *blog* na minha caixa de entrada. “E agora eu sei seu nome.” Alguém sabia quem e o que eu era, e quem quer que fosse, não era pessoa boa e generosa querendo me recompensar pelo meu bom trabalho anônimo com flores e com o obrigado da nação agradecida. Ele poderia atacar a qualquer momento, ou então decidir me expor para que minha vida tão bela e recompensadora, e que tinha sido construída cuidadosamente, explodisse e eu virasse o Dexter Descendo pelo Ralo.

Quem quer que fosse, ele sabia meu nome. E eu não tinha ideia de quem era ou do que faria a respeito.

CAPÍTULO 13

V

AQUELE PENSAMENTO ME ACOMPANHOU O DIA TODO E TAMBÉM NO CAMINHO DE CASA, afinal, era um assunto muito importante, pelo menos para mim: era o fim iminente de tudo o que Eu era, e Eu estava completamente impotente para impedir. Mal notei o tráfego da hora do *rush* e que tinha chegado em casa, parecia que tinha usado o piloto automático. Tenho certeza de que muitas coisas aconteceram quando cheguei, provavelmente algum tipo de interação com a família, algum tipo de refeição e depois mais ou menos uma hora sentado no sofá vendo televisão. Mas não me lembro de nada disso, nem mesmo de Lily Anne. Minha mente estava concentrada em apenas um pensamento terrível: Dexter estava Danado, e não havia espaço para manobras.

Fui para a cama com o cérebro ainda rodando, e não sei como consegui dormir algumas horas. No dia seguinte, no trabalho, foi ainda mais difícil manter meu disfarce de competência *nerd* animada. Nada deu errado de verdade: ninguém atirou em mim ou tentou colocar uma bola de ferro no meu pé, mas eu sentia um bafo gelado na minha nuca. A qualquer momento meu Amigo Sombrio poderia decidir que era hora de Detonar o Danado Dexter, e aqui estava eu, trabalhando na cova do leão, o único lugar no qual seria fácil colocar as algemas em mim e me levar para a velha e boa cadeira elétrica.

O dia se arrastou e ninguém veio me buscar. O seguinte passou, como deveria ser, e ainda não havia latidos de cães farejadores ao longe, nenhuma batida pesada na minha porta nem barulho de correntes no corredor. Tudo à minha volta permanecia perfeita e enlouquecedoramente normal, não importava o quanto eu olhasse em volta e estremecesse.

Seria normal esperar que qualquer ação para me pegar fosse iniciada pelo sargento Doakes, mas nem ele mostrava sinais de se aproximar de mim, e não houve outro encontro agourento como o que tivemos quando o peguei mexendo no meu computador. Eu o vi me encarando à distância uma ou duas vezes e tive momentos de paranoia que me diziam que ele sabia, mas Doakes não fez nada a não ser me olhar com sua maldade de sempre, o que não era mais do que uma radiação em segundo plano. Até Camilla Figg evitou derrubar mais café em mim. Aliás, durante vários dias longos e cansativos, não trombei com Camilla. Ouvi Vince brincar com ela a respeito de um novo namorado, e seu rosto muito vermelho denunciava que aquilo era verdade. Não que me interessasse, mas pelo menos ela não estava mais se esgueirando para perto de mim com bebidas perigosas.

Mas havia alguém fazendo isso e eu podia senti-lo me cercando lá fora, a favor do vento, se aproximando o tempo todo. Mas eu continuava sem ver e sem ouvir nada e sem encontrar nenhuma evidência de que alguém no trabalho ou em casa tinha um interesse sinistro em mim. Todos continuavam me tratando com a mesma negligência casual de sempre, totalmente alheios à minha profunda ansiedade. Todos os meus colegas de trabalho e membros da família pareciam irritantemente contentes. Aliás, a alegria brotava à minha volta como flores na primavera, mas não havia alegria na Vila da Lama, pois o Poderoso Dexter estava prestes a ser desclassificado, e eu sabia disso. O pé pesado do Armagedom estava andando devagar atrás de mim e a qualquer momento iria descer sobre a minha coluna e tudo estaria acabado.

Uma verdade da vida é que não importa o quanto se esteja sofrendo, ninguém vai ligar e, geralmente, nem notar. Então, apesar de passar todo meu tempo esperando pelo fim abrupto e absoluto de tudo, a vida continuava à minha volta. E como que para esfregar o meu sofrimento na minha cara, a vida parecia ter se tornado estranhamente boa para todos, menos para mim. Todos em Miami repentina e misteriosamente tinham ficado com um ânimo ótimo e até ofensivo. Até meu irmão Brian parecia

infectado pela terrível alegria e felicidade que infestou o resto da cidade. E eu sabia disso porque, quando voltei para casa na terceira noite após ler o “Blog da sombra”, o carro de Brian estava parado em frente de casa e seu dono me esperava sentado no sofá.

— Olá, irmão — ele falou abrindo seu terrível sorriso falso.

Por um momento, a presença de Brian não fez nenhum sentido, pois sua rotina era vir jantar na nossa casa toda sexta-feira, e ali estava ele no meu sofá na quinta à noite. Meu processo mental danificado estava tão ocupado com o Sombra que não consegui aceitar que Brian estivesse ali, então fiquei apenas piscando estupidamente para ele por vários segundos.

— Não é sexta — finalmente balbuciei, o que me pareceu quase lógico, mas aparentemente ele achou divertido, pois seu sorriso dobrou de tamanho.

— Isso é verdade — ele respondeu e, antes que pudesse continuar, Rita entrou apressada com Lily Anne em um braço e uma sacola de supermercado na outra.

— Oh, você chegou — ela falou, o que na minha opinião superava o meu comentário em obviedade. Ela soltou no sofá a sacola que, para minha decepção, continha muitos papéis em vez do jantar. — O Brian tem uma lista — ela disse e sorriu afetuosamente para ele.

Antes que eu pudesse descobrir que tipo de lista e por que eu deveria me importar com isso, a voz de Astor surgiu do corredor alta o suficiente para quebrar um copo.

— *Mãe! Não consigo achar meus tênis!*

— Não seja boba... você estava usando até agora... pegue, Dexter — Rita falou, me passou Lily Anne e correu pelo corredor, provavelmente para evitar que Astor gritasse de novo e derrubasse as fundações da casa.

Eu me sentei na poltrona com Lily Anne e olhei curioso para Brian.

— É claro que é sempre bom ver você — falei e ele assentiu —, mas por que está aqui hoje em vez de sexta?

— Ah, estarei aqui na sexta também, com certeza.

— É uma notícia maravilhosa. Mas por quê?

— Sua adorável esposa — ele falou deitando a cabeça em direção ao corredor, provavelmente para ter certeza de que eu entenderia que era Rita e não uma das minhas outras esposas adoráveis. — Rita me chamou para ajudar você a encontrar uma casa nova.

— Ah — falei e me lembrei de que ela havia dito sobre isso recentemente, mas é claro que eu tinha me esquecido, pois estava vivendo de modo egoísta apenas meu pequeno problema de estar próximo da morte e da desonra. — Certo — falei mais para preencher o silêncio do que qualquer outra coisa e Brian concordou.

— É isso. Não há tempo melhor do que agora.

Antes que eu conseguisse pensar em um clichê para rebater, Rita voltou apressada, ainda virando a cabeça e falando com Astor.

— Não tem nada de errado com os tênis, calce logo. Cody, venha logo! — ela falou e pegou a bolsa da mesinha da sala. — Vamos embora, gente!

E então, varridos pelos Furacão Rita, fomos em frente.

Eu real e verdadeiramente não queria procurar casas, não agora, não quando meu mundo estava rangendo e se preparando para desmoronar. Tudo o que eu queria procurar era a minha testemunha, e não podia fazer isso do banco de trás do SUV de Brian. Mas não via nenhuma opção. Tinha que ir junto e fingir estar interessado em comparações e relações entre varandas e arbustos, enquanto pensaria o tempo todo apenas no destino vasto e desagradável que se aproximava de mim a cada casa de quatro dormitórios e dois banheiros que visitávamos.

Fizemos a mesma coisa no dia seguinte depois do trabalho, naquele longo fim de semana e depois na primeira metade da semana, dirigindo por aí no SUV de Brian e procurando casas hipotecadas em nossa região. Minha ansiedade e frustração cresceram e me devoraram, e as casas que olhávamos pareciam símbolos agourentos de minha desolação futura. Cada uma delas tinha sido abandonada e possuía arbustos irregulares e gramados cheios de ervas daninhas. Todas também estava escuras, com a energia cortada, e memórias ruins pareciam pairar sobre seus quintais abandonados. Todas estavam disponíveis e eram baratas graças aos contatos do trabalho de Brian, e Rita examinava cada uma delas com uma intensidade selvagem que meu irmão parecia achar calmante. Na verdade, apesar de eu continuar olhando para trás física e mentalmente, Rita transformou aquilo em um processo tão frenético e que consumia tudo que comecei a experimentar longos períodos de esquecimento com relação à minha Sombra, às vezes durante uns cinco ou seis minutos.

Até mesmo Cody e Astor entraram no espírito da coisa. Eles caminhavam de olhos arregalados por cada casa abandonada examinando os cômodos e

se maravilhando com a possibilidade de ter todo aquele vazio opulento. Astor parou no meio de um quarto azul-claro com buracos na parede, olhou para o teto e murmurou:

— Meu quarto. Meu quarto.

Então Rita surgiu e arrebanhou todos de volta para o carro, soltando monólogos musicados sobre aquele não ser o distrito escolar ideal, o imposto caro demais, a vizinhança pedir a mudança de zoneamento na Justiça e a casa precisar de fiação e encanamentos novos, enquanto Brian sorria com seu prazer genuinamente falso e nos levaria para a casa seguinte em sua lista.

Enquanto Rita encontrava objeções novas e cada vez mais absurdas para cada casa que olhávamos, a novidade foi acabando. O sorriso de Brian foi se tornando menor e mais falso e eu comecei a ficar muito irritado a cada vez que entravámos no carro dele para ir ver outra casa. Cody e Astor também pareciam sentir que aquilo tudo os estava mantendo longe do Wii por tempo demais, por que não podíamos pegar uma bela casa com piscina e resolver logo isso?

Rita estava inflexível. Para ela sempre havia mais uma casa para olhar, e sempre a próxima casa ia ser A Casa, o local ideal para a Felicidade Doméstica Plena, então todos corríamos emburrados para outra perfeitamente habitável, apenas para descobrir que o sistema de irrigamento do quintal estava vazando e certamente causando um buraco embaixo da grama, ou que havia um penhor na segunda hipoteca ou que abelhas assassinas tinham sido avistadas a dois quarteirões dali. Sempre havia algo e Rita parecia não perceber que estava mergulhada em uma fuga profundamente neurótica de rejeição perpétua.

O mais trágico é que, como todas as nossas noites e os sábados e domingos inteiros eram passados naquela busca sem fim, eles não eram gastos em casa comendo a comida de Rita. Eu pensava que poderia aquentar a busca por casas enquanto o porco assado dela surgisse um dia ou outro, mas agora isso já não passava de uma memória distante, juntamente com o macarrão tailandês, a *paella* de manga, o frango grelhado e tudo mais que era bom no mundo. A minha hora de jantar tornou-se um labirinto infernal de hambúrgueres e *pizzas*, engolidos em um frenesi manchado de gordura no meio da correria atrás de casas inadequadas. Quando finalmente bati o pé e exigi comida de verdade, o único alívio que recebi foi uma caixa

de frango do Pollo Tropical. Depois voltamos para o ciclo infinito de negatividade, jogando fora a chance de conseguir outro negócio maravilhoso simplesmente porque o terceiro banheiro tinha painéis de vinil em vez de azulejos, além da hidromassagem no quintal não deixar qualquer espaço para uma balança.

Embora Rita parecesse gerar felicidade real para si mesma com sua constante rejeição de tudo o que tinha quatro paredes e um telhado, a busca interminável não fez nada exceto aumentar meu sentimento de impotência diante do desastre iminente que rugia para mim. Voltei da nossa procura para casa com fome e anestesiado, e fui trabalhar da mesma maneira. Consegui riscar apenas três endereços na minha lista de Honda e, embora isso não fosse nem perto do suficiente, não podia fazer nada a não ser ranger os dentes e continuar com meu disfarce enquanto tudo girava agravando vertiginosamente minha frustração.

V

Foi logo cedo na quarta-feira que a grande espinha que era a Vida Atual de Dexter finalmente veio à tona. Eu tinha acabado de me sentar à mesa e começado a me preparar para mais oito horas de admiração e felicidade no mundo de borrifos de sangue e me sentia levemente grato por estar longe de busca frenética de Rita pela casa perfeita. Por que tudo parece dar errado de uma só vez? Pode ter sido puro autoelogio, mas eu pensava que era muito bom em lidar com crises, desde que aparecessem uma de cada vez. Ter que lidar com a busca por uma casa, viver de *fast food* terrível, o aparelho de Astor e tudo mais enquanto esperava pela minha Sombra desconhecida atacar de um jeito indeterminado, estava começando a parecer que eu teria um ataque muito antes de lidar com qualquer coisa. Eu tinha ido tão bem por tanto tempo, por que de repente era tão difícil ser eu?

Ainda assim, estava aparentemente preso em ser eu mesmo, já que ninguém me oferecia nenhuma escolha melhor. Então, em uma tentativa lamentável de parar de tremer e virar homem, respirei fundo duas vezes e tentei colocar as coisas em sua devida perspectiva. Tudo bem: eu tinha um pequeno dilema, talvez vários deles. Mas sempre encontrei uma maneira de escapar dos problemas antes, não? Claro que sim. Isso queria dizer que de alguma eu forma encontraria uma saída para a confusão de agora, não é? É

claro! Era quem eu era, um verdadeiro campeão que sempre saiu por cima. Todas as vezes!

Então, apesar de me sentir como uma animadora de torcida de um time que nem estava jogando, colei um falso e terrível sorriso alegre no rosto e comecei a trabalhar, abrindo primeiro meus *e-mails*.

Claro que era exatamente a coisa errada a fazer se eu queria manter meu otimismo artificial, pois é obvio que o primeiro *e-mail* esperando por mim tinha o título de “Triturar”. E não havia nenhuma dúvida sobre quem havia mandado.

Tenho que dizer que minha mão não estava exatamente tremendo quando cliquei para abrir, o que pode ter acontecido era uma exaustão nervosa. O *e-mail* era realmente de quem eu pensava: outra mensagem do meu correspondente favorito. Desta vez era curto e pessoal, em vez de uma de suas lenga-lengas longas do “Blog da sombra”. Apenas algumas linhas, mas que eram mais do que o suficiente:

v

Finalmente percebi que somos mais parecidos do que você gostaria, e isso não é uma boa notícia para você. Sei o que vou fazer e farei do seu jeito, e isso é uma notícia ainda pior para você. Porque agora pode imaginar o que está por vir, mas não quando vai acontecer.

É hora de triturar.

v

Fiquei olhando para aquelas linhas por tempo o bastante para meus olhos começarem a doer, mas o único pensamento que tive foi que ainda estava com meu sorriso falso. Eu o tirei do rosto e apaguei o *e-mail*.

Não sei como passei o dia e não tenho ideia do que fiz até as cinco da tarde, quando percebi que estava sentado no meu carro novamente me arrastando pelo tráfego em direção à minha casa. Meu vazio cerebral continuou durante a chegada em casa e a busca por um novo lar, até que finalmente, após Rita rejeitar três belas casas, me peguei olhando pela janela do carro de Brian e percebendo com um terror crescente que estávamos indo por uma rua que me parecia vagamente familiar. Rapidamente percebi por quê. Estávamos descendo a rua em direção à casa onde eu tinha acabado com Valentine e sido visto no ato, o mesmo lugar

onde minha dor e meu sofrimento começaram. Apenas para ter certeza de que eu ganharia a minha cota de tristeza, Brian estacionou bem em frente à exata casa.

Acho que aquilo fazia certo sentido doentio, afinal tinha escolhido a casa porque a hipoteca havia sido executada, e ela ficava na área em que morávamos, em todo caso já era bem claro que a Mão do Destino estava fazendo hora extra para aumentar a agonia do pobre e inocente Dexter. Por isso eu já devia esperar por aquilo, mas não esperei, e agora tinha acontecido por fim, e mais uma vez não pude fazer nada a não ser piscar estupidamente, afinal o que eu poderia dizer? Que não gostava do lugar porque tinha esquartejado um palhaço aqui?

Então não disse nada e simplesmente desci do carro e segui em silêncio o rebanho para dentro da casa do horror. Logo me vi parado na cozinha bem ao lado da bancada que serviu de palco para a última apresentação de Valentine. Em vez de segurar uma faca, eu carregava Lily Anne e ouvia Rita balbuciar sobre o alto custo de tirar mofo do espaço abaixo do telhado, enquanto Cody e Astor se sentavam no chão e ficavam encostados na bancada de açougueiro. Os olhos de Brian estavam vidrados e seu sorriso falso deslizou pelo rosto até o seu queixo. Limpei a garganta e meu estômago roncou protestando contra o tratamento duro que vinha recebendo ultimamente, e tudo o que consegui pensar era que estava no único lugar em que realmente não queria. Logo estaria morto ou na cadeia, e por estar parado na cozinha onde as coisas tinham começado a dar errado não conseguia pensar direito em nada. Meu estômago roncou de novo, me lembrando de que nem teria uma última refeição descente antes do fim certo. A vida não era nem mais uma piada cruel. Ela tinha virado uma pilha interminável de pequenos tormentos. Apenas para piorar as coisas um pouco mais, Rita começou a bater o pé no chão e, quando olhei para seus pés por reflexo, vi o que parecia ser uma pequena mancha escura... será que era possível? Teria eu deixado escapar uma manchinha do terrível e viscoso sangue do palhaço em minha limpeza apressada? Será que Rita estava batendo a ponta do pé em uma mancha seca de algo que eu tinha deixado escapar?

O mundo diminuiu para o tamanho daquele pequeno ponto e da batida ritmada de Rita, e por um longo momento nada mais existiu enquanto eu olhava, sentia o suor brotar e ouvia meus dentes começando a ranger...

...e de repente aquilo se tornou demais e eu não conseguia aguentar nem mais um segundo daquele *looping* melodramático se repetindo eternamente e algo bem fundo dentro de mim se levantou, flexionou suas asas e começou a urrar.

Quando aquele rugido sacudiu os vidros de minhas janelas internas, a meiguice e aceitação paciente que vinham sendo o meu disfarce nas últimas noites racharam e se estilhaçaram contra o chão em um monte de cacos frágeis. O verdadeiro eu ultrapassou os detritos até o palco central e ficou ali parado de propósito, Dexter Desamarrado.

— Muito bem — falei e minha voz cortou a lenga-lenga das objeções intermináveis de Rita. Ela parou no meio de uma delas e olhou surpresa para mim. Cody e Astor se endireitaram reconhecendo o tom do Comando das Trevas que veio com minha voz. Lily Anne se mexeu inquieta em meu colo, mas dei alguns tapinhas em suas costas sem tirar os olhos de Rita. — Vamos para casa — continuei com a firmeza afiada que sentia crescendo nas profundezas do meu eu sombrio. — Para a velha e pequena demais casa.

Rita piscou.

— Mas o Brian tem mais um lugar para vermos esta noite.

— Não há razão para isso — respondi. — O telhado precisa de canos novos e a cozinha não serve por causa do novo zoneamento. Nós vamos para casa.

Sem parar para apreciar a surpresa dela, me virei em fui para o carro de Brian. Atrás de mim ouvi Cody e Astor ficarem em pé e me seguirem, e quando cheguei ao carro os dois já tinham me alcançado e começado a discutir sobre o que iriam jogar no Wii quando chegássemos em casa. Momentos depois Rita surgiu com Brian ao seu lado com uma calma falsa e impaciência verdadeira.

Com uma expressão de que não estava entendendo nada, Rita sentou-se no banco da frente e, antes que pudesse pôr o cinto, Brian já estava atrás do volante ligando o carro e nos levando para casa.

CAPÍTULO 14

V

RITA ESTAVA ESTRANHAMENTE QUIETA NO CAMINHO PARA NOSSA CASA PEQUENA DEMAIS. Quando Brian nos largou na calçada e saiu dirigindo feliz ao pôr do sol, ela se arrastou devagar para a porta da frente atrás de nós com uma desconcertada expressão de preocupação no rosto. Enquanto coloquei Lily Anne no cercadinho e Cody e Astor se ajeitaram em frente ao Wii, Rita desapareceu em direção à cozinha. Em minha ignorância, achei que aquilo poderia ser uma boa coisa, será que ela faria um jantar tardio para limparmos toda a gordura acumulada de nossas refeições de *fast-food*? Quando fui atrás dela um momento depois, descobri que em vez de começar a trabalhar junto ao fogão ela tinha se servido novamente de um copo de vinho bem cheio.

Quando entrei na cozinha, ela se sentou na cadeira e se largou. Deu uma olhadela para mim, virou o rosto e virou um gole grande. Suas bochechas ficaram vermelhas e vi os músculos de sua garganta trabalharem quando tomou outro grande gole e colocou na mesa a taça já pela metade. Olhei para ela e sabia que precisava dizer algo sobre o que tinha acabado de acontecer, mas não fazia ideia do que, era óbvio que não poderia dizer a verdade. Ela tomou outro gole e tentei me concentrar em como dizer a ela que a busca por casas tinha passado um pouco dos limites e que agora estava girando em círculos pequenos e enlouquecidos. Em vez disso, senti

outro fluxo interno de irritação e ouvi de novo o vagaroso e cuidadoso bater de asas escondidas, asas trêmulas ansiando por se abrir para nos levar ao céu escuro e quente...

— Tem que ser a certa... — Rita falou franzindo a testa e ainda sem olhar para mim.

— É claro. — Concordei com a cabeça sem saber exatamente com o que estava concordando.

— Não pode ser um lixo, onde alguém defecou na banheira e as porcarias dos fios vão pôr fogo na casa.

— É claro que não — falei pisando em um terreno bem mais firme agora. Estávamos falando de nossa vasta e hipotética nova casa. — Mas cedo ou tarde teremos que escolher uma, não?

— Mas como? Porque é simplesmente... quer dizer, as crianças, e... — Ela me encarou e seus olhos se umedeceram. — E você — ela falou desviando o olhar. — Eu nem sei se...

Rita sacudiu a cabeça e deu outro grande gole. Depois colocou o copo na mesa e tirou uma mecha de cabelos que tinha caído em sua testa.

— Por que tudo isso é tão... e por que todos estão contra mim?

Respirei fundo e senti a satisfação brilhando dentro de mim. Finalmente a oportunidade tinha aparecido e eu poderia dizer a ela de forma simples e clara, sem a distração de sua fala dispersiva e entediante, que estava nos levando ao limite num cenário emaranhado de loucura e frustração. Podia sentir as palavras se formando em minha língua. Sílabas legais e razoáveis que a levassem alegremente para longe de sua fuga de rejeições raivosas e para um lugar calmo e iluminado onde todos poderíamos relaxar com uma nova abordagem racional e metódica, algo que incluísse comida de verdade de novo, até que encontrássemos uma casa aceitável. Quando abri a boca para expor meu cuidadoso e atrativo argumento a ela, um som horrível veio da sala de estar.

— Mãe! — Astor gritou em tom de pânico e raiva. — Lily Anne vomitou no meu controle!

— Merda — Rita falou, e aquilo era bem estranho. Ela tomou o resto do vinho e se levantou rapidamente, pegando um monte de papel toalha enquanto se apressava para limpar as coisas. Eu a ouvi dizer a Astor em um tom de repreensão que Lily Anne nem deveria estar com o controle e Astor responder firmemente que a irmã já tinha mais de um ano e eles queriam

ver se ela já conseguiria matar um dragão, e eles estavam compartilhando o jogo, qual era o problema disso?

— Eca — Cody falou claramente.

Rita começou a murmurar instruções curtas e enroladas misturadas a “Oh, pelo amor de Deus” e “Sério, Astor, como é que pode?”, e Astor passou a resmungar desculpas e culpar todo o resto pelo problema.

Quando aquela coisa toda chegou a um confronto absurdo e sem sentido, soltei meu ar frio e calmo devagar, e respirei fundo um novo ar quente, denso e cheio de pontinhos vermelhos. Era aquela a alternativa que eu tinha a ser exposto e ir para a prisão? Gritos, brigas e vômito em uma violência emocional sem fim? Este era o lado bom da vida? A parte de que eu devia sentir falta quando o fim chegasse, a qualquer minuto, para me confortar para minha ida ao escuro eterno? Estava além de qualquer resistência. Só de ouvir aquilo na sala ao lado me dava vontade de gritar, cuspir fogo e arrebentar cabeças, mas é claro que expressar aquele tipo de emoção sincera apenas garantiria a minha vaga na prisão. Então, em vez de ir para a sala com um taco de beisebol, que era algo que eu queria fazer desesperadamente, respirei fundo, passei pelo turbilhão da sala de estar e fui para o meu escritório.

Minha lista de Honda estava na pasta, praticamente com teias de aranhas por causa da negligência dos últimos dias. Ainda havia tempo esta noite para checar uns dois endereços. Copiei os dois nomes seguintes em um Post-it e fechei a pasta. Fui até o banheiro, vesti roupas de corrida e segui para a porta da frente. Mais uma vez eu teria que passar pelo tumulto terrível da frente da casa, que tinha evoluído para Astor e Rita resmungando uma com a outra enquanto limpavam quase tudo à volta delas com as toalhas de papel.

Achei que poderia passar por elas e sair para a noite sem nenhuma explicação, mas, como meus outros pensamentos de ultimamente, aquele estava errado. A cabeça de Rita se virou rapidamente quando passei apressado e, pelo canto do olho, pude ver seu rosto ficar apertado e com um olhar maligno quando se levantou enquanto punha a mão na porta da frente.

— Aonde você vai? — ela perguntou em um tom de voz que ainda carregava a rispidez com que tinha falado com Astor.

— Vou sair. Preciso fazer exercício.

— É assim que você chama isso agora? — ela perguntou e apesar de suas palavras terem saído em estoniano, pelo obviedade que tinham, seu tom de voz era muito claro e não soava nem de longe agradável.

Eu me virei completamente para encarar Rita de frente. Ela estava em pé ao lado do sofá com os punhos fechados ao lado do corpo, um deles segurando um bolo de papel toalha sujo, e seu rosto de tão pálido estava quase verde, a não ser pelos círculos vermelhos na bochecha. A visão dela era tão estranha e diferente da Rita que eu conhecia que a fiquei encarando por um longo momento. Aparentemente aquilo não a acalmou. Ela semicerrou os olhos e começou a bater o pé, então percebi que não tinha respondido a pergunta.

— E como eu deveria chamar?

Rita sibilou para mim. Aquilo foi tão surpreendente que não consegui fazer nada além de engolir em seco, e ela jogou o bolo de papel toalha em mim. Ele se abriu no meio do caminho e caiu no chão perto de mim.

— Estou pouco me lixando para como você chama isso — Rita falou, se virou e foi para a cozinha, voltando um momento depois com mais tolhas de papel e me ignorando completamente.

Eu a encarei mais um pouco, na esperança de alguma pista do que estava acontecendo, mas Rita apenas continuou me ignorando. Gosto de um bom quebra-cabeça, mas aquele parecia abstrato demais para mim, além do mais eu tinha respostas mais importantes a procurar. Então decidi que era apenas mais um comportamento humano que eu não entendia, então abri a porta e comecei a trotar na noite quente.

Na frente de casa, virei à esquerda e comecei a correr. O primeiro nome que tinha copiado da lista era Alissa Elan. Um nome estranho, mas tomei aquilo como um bom presságio. Elan como em entusiasmo e zelo incomparáveis. Era exatamente do que vinha sentindo falta ultimamente, o Dexter Inesperado e Mortal. Talvez minha chama se reascendesse quando eu visse o Honda de Alissa naquela noite. Como se houvesse algum tipo de mágica naquele nome, de repente senti como se tivesse sido atingido na cabeça por algo grande, pesado e molhado, me fazendo parar na hora no meio da rua, se houvesse tráfego nem teria percebido se fosse atropelado, pois tinha acabado de perceber que Alissa começava com “A”.

Minha Sombra tinha blogado insistentemente sobre uma Piranha Má conhecida apenas por A, mesmo assim, até agora, eu não tinha checado a

lista à procura de letras “A”. Era óbvio que estava assistindo a muita televisão, muitas células cinzentas tinham se queimado e o meu cérebro que antes era tão poderoso agora se encontrava em um triste estado de decrepitude. Mas não relaxei e me entreguei à minha própria estupidez. Antes tarde do que nunca, e eu tinha encontrado. Era aquilo, eu tinha certeza, o carro que estava procurando, e deixei aquele surto de alegria irracional me impulsionar para um trote descendo a rua e entrando em uma noite de certezas.

A casa ficava a mais ou menos dois quilômetros da minha, mas do outro lado da U.S. 1. Até agora eu só tinha visto casas do meu lado da rodovia, pois cruzar a pé por ela no começo da noite era perigoso. Se eu pudesse atravessar em segurança, desceria logo do outro lado, viraria em direção ao norte para pegar a saída e estaria de volta em casa em menos de uma hora.

Corri por uns quinze minutos pela pista oeste da U.S.1, mantendo um ritmo lento por uma área que não tinha se recuperado totalmente do furacão Andrew. As casas eram pequenas e pareciam malcuidadas, mesmo as que estavam ocupadas, e, na maioria delas, era bem difícil ver o número, pois eles estavam gastos, cobertos por vegetação ou nem existiam. Havia vários carros velhos e danificados na rua, muitos deles eram lixo abandonado. Uma dezena de moleques sujos jogava futebol em um estacionamento de um prédio velho de dois andares. Observei as crianças enquanto corria, imaginando se não se machucavam subido nos carros velhos e enferrujados, e quase passei do ponto.

Ouvi o barulho de um chute bem dado e me virei para ver a bola voando pelo estacionamento aos gritos de “Julio! Aqui!”. Enquanto aplaudia mentalmente Julio por sua habilidade, a bola passou voando pela frente do prédio e vi o endereço e acima da porta: 8.834. Eu estava procurando o 8.837. Tinha me deixado distrair e quase passado do lugar.

Diminuí o ritmo e passei a caminhar, então parei em frente ao prédio de dois andares, colocando o pé em cima da calçada como se fosse amarrar o tênis. Enquanto fazia o laço, olhava do outro lado da rua, e lá estava. Encravado ao lado de uma cerca viva não aparada na frente da casa do outro lado da rua, era ele mesmo.

A casa era pequena, quase um chalé, e com tanta vegetação alta que eu nem conseguia ver as janelas. Uma trepadeira se espalhava pela parte de cima da casa e parecia segurar o telhado para que ele não caísse. Mal tinha

espaço na frente para estacionar o Honda, e uma cerca enferrujada circundava a casa. O poste de luz mais próximo ficava a meio quarteirão de distância, e com a linha de árvores não aparadas na rua qualquer coisa que acontecesse de escurecer na pequena casa depois seria quase invisível, o que me fez torcer para que tivesse mesmo encontrado. O carro estava parado atrás de uma grande primavera, que ocupava metade do gramado da frente e que se erguia acima do telhado da casa, e pude ver apenas uma pequena parte da traseira que aparecia por entre os arbustos. A certeza começou a aumentar quando observei o carro.

Ele devia ter começado sua vida como um pequeno Honda de cor azul metálica e partes cromadas nas laterais. Agora estava todo ferrado: desbotado, amassado, pendendo um pouco para um lado, com a maioria das partes cromadas arrancadas e uma cor que tinha se transformado em uma mistura de cinza, azul e massa.

Ali, naquela pequena parte da lataria, estava a grande mancha de ferrugem, como uma marca de nascença metálica, e meu pulso se acelerou quando as asas interiores começaram a se agitar.

Muitos carros tinham marcas de ferrugem. Eu precisava ter certeza, então controlei a expectativa que crescia dentro de mim. Eu me endireitei devagar e pus as mãos nas costas, me alongando como se tivesse corrido demais, e casualmente olhei a traseira do carro. Não conseguia ver direito, pois os arbustos escondiam quase tudo.

Precisava chegar mais perto. Precisava de alguma desculpa estúpida para entrar no gramado e olhar atrás das folhas para ver se o farol traseiro do outro lado estava meio pendurado, como lembrava muito bem, mas não conseguia pensar em nada. Muitas vezes no passado já fui o cara com a prancheta ou o cara com o cinto de ferramentas, e essas coisas me levaram para muito perto quanto precisei. Mas naquela noite eu já era o cara correndo. Não podia trocar de disfarce e minhas desculpas para estar ali parado estavam acabando. Coloco o pé no muro e alongo os músculos da perna, rejeitando furiosamente um monte de ideias estupidas para conseguir entrar no gramado e olhar atrás daquela primavera gigante e horrível, até quase decidir a me arriscar com a coisa mais estúpida e óbvia, simplesmente entrar lá, olhar e depois ir embora. Ridículo, perigoso e totalmente contrário à imagem que nutro de um Eu mais do que inteligente, mas estou sem tempo e não tenho uma ideia melhor...

Em algum lugar distante, talvez sentada em uma nuvem, deve haver uma deidade sombria excêntrica que realmente gosta de mim, pois um instante antes de eu deixar a frustração me levar à estupidez, ouvi vozes fracas dos jogadores de futebol gritando em sua língua própria: “Cuidado, moço!”. Antes que perceba que sou o único moço na área, a bola bate na minha cabeça, gira pelo ar e rola para o outro lado da rua.

Fico a vendo rolar, um pouco atordoado, não pela bolada na cabeça, mas pela coincidência improvável e estupidamente feliz da coisa. A bola rola até o gramado da casinha e para ao lado do pneu traseiro do Honda.

— Desculpa, moço — ouço um dos garotos dizer.

Olho para o estacionamento onde eles estão agrupados com olhares desconfiados, olhando com cuidado para ver se não pego a bola e saio correndo, ou talvez até comece a atirar neles. Então lanço um sorriso tranquilizador e digo:

— Sem problema. Deixa que eu pego.

Atravesso a rua, entro no gramado onde aquela incrível e bela princesa de todas as bolas de futebol parou. Ando para a esquerda só um pouco enquanto me aproximo do Honda, tentando não parecer que estou olhando para o carro com uma ganância febril. Três passos no gramado, cinco, seis e lá está.

Por alguns segundos encantadores, eu paro, observo-o e deixo a adrenalina me inundar. Lá está o farol traseiro esquerdo meio caído, o mesmo que vi quando fui flagrado, o mesmo que piscou para mim quando escapava na rampa de acesso à Palmetto. Não havia mais dúvida. Aquele era o Honda que estava procurando. De lá do fundo da Torre Escura de Dexter saiu um sibilo de satisfação, e senti um formigamento sombrio que começou na base da minha coluna, foi subindo pelas minhas costas e pelo meu pescoço e se alojou no meu rosto como uma máscara.

Encontramos nossa Testemunha.

E agora ela se torna nossa presa.

De dentro da casa embolorada e coberta de trepadeiras, eu ouço vozes ficando mais altas numa discussão muito séria, e a porta da frente é fechada com força. Movo meus olhos da maravilhosa lanterna pendurava para a casa, bem a tempo de ver as costas de um homem que acabou de girar nos calcanhares e entrar rapidamente de volta na casa para acabar com a discussão. Sinto uma onda de apreensão. Ele deve ter me visto, mas a porta

é fechada com força depois que ele entra. Minha sorte continuou, e a voz dele fica mais alta lá dentro, ela responde no mesmo tom e eu o encontrei sem que ele saiba e agora começa de verdade o fim da minha Testemunha. Então caminho rapidamente o pouco que falta até o Honda, dou um tapinha afetuoso nele e pego a bola.

Os jogadores continuam parados em seu grupo protegido e eu seguro a bola e sorrio para eles. Eles olham para ela como se fosse um explosivo e não se mexem. Ficam me observando com atenção quando eu a jogo de volta. Ela pinga duas vezes, um dos garotos a pega e eles correm para o outro canto do estacionamento e o jogo recomeça de onde parou.

Olho com carinho para o pequeno chalé sujo e fico maravilhado com minha sorte. As plantas não aparadas, a rua sem luz, o cenário é perfeito, quase como se tivéssemos desenhado aquilo nós mesmos como o local ideal para uma noite de diversão sombria. Está envolto e escondido pelas sombras, o monstro petulante não poderia querer um lugar melhor como parque de diversões.

Um arrepio de excitação faz tremer os mastros do Castelo de Dexter. Tínhamos pesquisado, encontrado e agora havia um monte de coisas a fazer e muito pouco tempo para isso. Tudo tem que ser feito de forma precisa, exatamente do jeito que deve ser, do jeito que sempre foi, sempre, para que possamos deslizar para cá esta noite, *esta noite!*, voltar à escuridão confortável e cortar nosso caminho para a abençoada libertação e a promessa de segurança quando apararmos esta bolha pequena e feia que tem incomodado nosso conforto. Agora aquele atrito ameaçador e indesejado estava praticamente amarrado em nossa mesa, e logo tudo estaria brilhando feliz novamente. Um, dois, três, faca outra vez, e a vida de Dexter retornaria à sua maleta de plástico, falsamente alegre, humana e normal. Mas primeiro um programa com preparação rápida e cuidadosa e umas palavras bem rápidas e afiadas do Nosso Patrocinador.

Respirei fundo para baixar a onda de ansiedade que crescia e fazer o equilíbrio sombrio voltar. Tem que ser feito, mas tem que ser do jeito certo. Devagar, cuidadosa e casualmente viramos o rosto da casa e do Honda e corremos de volta por onde tínhamos vindo. Vamos para casa por enquanto, mas voltaremos em breve, muito em breve, assim que estiver realmente escuro.

A escuridão está chegando com um “E” maiúsculo.

Um Dexter suado e muito contente chegou correndo à sua rua, passou a andar e entrou em sua casa. Aquele contentamento subiu a um nível que quase poderia ser chamado de felicidade quando entrei e vi as crianças reunidas no sofá, pequenos matadores felizes jogando Wii, e Astor olhou para mim (pois era a vez de Cody) e disse:

— A mamãe quer falar com você. Ela está na cozinha.

— Isso é ótimo — respondi, e era mesmo. Havia encontrado minha Testemunha, feito uma hora de exercício e agora Rita estava na cozinha, poderia ser uma fritada ou talvez porco assado novamente. Tinha como a vida ficar melhor?

Mas claro que a felicidade, no máximo, é fugaz, e em geral é uma dica de que você não entendeu o que está acontecendo de verdade. Neste caso, ela desapareceu no momento em que pisei na cozinha, pois Rita não estava cozinhando. Ela estava inclinada sobre uma grande pilha de papéis e livros contábeis que estavam espalhados pela mesa e escrevia em um bloco de notas. Ela levantou a cabeça quando parei desapontado na porta.

— Você está todo suado.

— Estava correndo. — Ainda havia algo estranho no jeito dela olhar para mim que eu não reconhecia, mas Rita parecia também um pouco aliviada, o que também era quase estranho.

— Oh. Estava realmente correndo.

Passei a mão no rosto e mostrei a ela o suor.

— Estava. O que achou que fosse?

Ela sacudiu a cabeça e levantou uma mão até a ponta da mesa.

— Não interessa... tenho que trabalhar. O que está rolando no trabalho é completamente... E agora preciso... — Ela apertou os lábios e então franziu a testa. — Meu Deus, você está coberto de... não se sente em nenhum lugar até... droga — ela falou quando o celular começou a tocar na mesa ao seu lado. Ela o pegou e continuou: — Pode pedir uma *pizza*? Sim, sou eu — ela falou se virando de costas e falando ao celular.

V

Eu a observei por um momento enquanto falava, ela desfiou uma série de números para alguém ao telefone, então me virei e levei comigo minhas esperanças esmagadas de uma refeição real pelo corredor e para o banheiro. Uma vez que minha boca tinha ficado aguada por uma refeição caseira, a

pizza era uma pílula amarga de engolir. Enquanto tomava um banho, aquilo começou a parecer mera rabugice. Afinal, eu tinha coisas a fazer naquela noite, e coisas que fizeram até mesmo o porco assado de Rita parecer um prazer trivial. Usei água muito quente e me limpei do suor da corrida, depois botei o chuveiro no frio. Deixei a água fresca correr na parte de trás do meu pescoço por um minuto e senti uma alegria gelada. Ia sair naquela noite para uma rara combinação de necessidade e prazer verdadeiro, e para isso acontecer eu ficaria feliz em comer animal atropelado por uma semana.

Assim eu me sequei alegremente, me vesti e pedi uma *pizza*. Enquanto a esperava chegar, fui para meu escritório me preparar para minhas atividades noturnas. Tudo que precisava cabia facilmente em uma pequena sacola de náilon de ombro, então embalei e reembalei tudo só para ter certeza, acabei no momento em que a *pizza* chegou meia hora depois. Rita estava completamente ocupada com seu trabalho, e a mesa da cozinha estava coberta com seus papéis. Assim, para o deleite das crianças, a *pizza* foi servida na mesa de centro em frente à TV. Cody e Astor realmente gostavam daquilo, é claro, e Lily Anne parecia manter seu humor. Ela saltitou feliz para cima e para baixo em sua cadeira e jogou seu purê de cenoura nas paredes com grande habilidade e vigor.

Comi um pedaço de *pizza* e, felizmente para mim, mal senti o gosto, pois nos cantos escuros da minha mente eu já estava longe, em uma pequena casa em uma rua suja, colocando a ponta da faca aqui e a lâmina lá, trabalhando devagar e com cuidado até um clímax feliz com minha Testemunha se debatendo em suas amarras, e vendo a esperança morrer em seus olhos e a resistência ficar mais fraca e, finalmente, depois de muito tempo...

Eu podia ver aquilo, quase sentir, praticamente ouvir o crepitar da fita adesiva. De repente a fome sumiu e a *pizza* não era nada além de papelão na minha boca, a mastigação feliz das crianças era um barulho irritante e artificial, e eu não podia mais esperar para voltar à realidade que me esperava na casinha. Eu me levantei e deixei cair o último terço da minha fatia de *pizza* de volta na caixa.

— Preciso sair — falamos e o som frio e venenoso de nossa voz fez Cody se virar para olhar e Astor ficar de boca aberta no meio de uma mastigada.

— Aonde vai? — Astor perguntou baixo com os olhos estavam arregalados e ansiosos, pois ela não sabia o “aonde”, mas sabia o “porquê”

graças ao tom gelado de minha voz.

Mostramos a ela meus dentes e Astor piscou.

— Diga a sua mãe que eu tinha um trabalho a fazer — falamos. Ela e o irmão ficaram nos encarando com olhos de lua recheados com seus próprios desejos, e Lily Anne soltou um curto e afiado "*Da*" que ecoou nos cantos de minha capa escura por um momento. Mas a música ficava mais alta à distância e chamava por seu maestro, e não tínhamos escolha a não ser levantar nossa batuta e subir ao palco naquele instante.

— Cuide de sua irmã — falei e Astor assentiu.

— Está bem — ela respondeu. — Mas Dexter...

— Eu voltarei... — falamos, pegamos nossa pequena sacola de brinquedos e passamos pela porta para a noite quente e acolhedora.

CAPÍTULO 15

V

ESTAVA BEM ESCURO E A PRIMEIRA LUFADA DE AR NOTURNO RUGIU para dentro de meus pulmões e para minhas veias, chamando meu nome em um sussurro trovejante de boas-vindas e me instigando a mergulhar na noite, então nos apressamos a entrar no carro para ir em direção à felicidade. No entanto, ao abrir a porta e colocar um pé dentro dele, uma pequena dúvida ácida surgiu em nossa mente e paramos. Tinha algo errado, e a alegria fria de nosso propósito deslizou de nossas costas e caiu na calçada, como se fosse uma pele velha de cobra.

Algo estava errado.

Olhei em volta naquela noite úmida e quente de Miami. A vizinhança estava exatamente igual a sempre, nenhuma ameaça repentina tinha pulado do meio da linha de casas térreas com seus jardins de brinquedo. Nada se mexia na rua, ninguém espreitava na sombra dos arbustos, nenhum helicóptero descia para me pegar, não havia nada. Mas eu continuava ouvindo aquele sussurro lancinante de dúvida.

Inspirei fundo. Não havia nenhum cheiro diferente, apenas odores de jantar, o aroma de chuva distante e o de vegetação em decomposição que sempre permeavam as noites no sul da Flórida.

Então o que estava errado? O que tinha feito os pequenos sinos de alarme soarem quando eu finalmente tinha saído de casa e estava livre? Não vi

nada, não ouvi nada, não senti nenhum cheiro e não senti nada, mas tinha aprendido a confiar no maldito sussurro de advertência, então fiquei parado imóvel, sem respirar e buscando uma resposta.

Uma linha de nuvens escuras baixas se abriu e revelou uma pequena faixa de luz prateada, uma lua pequena e inadequada, uma lua sem nenhuma consequência, logo expiramos todas as dúvidas. É claro, estávamos acostumados a sair com o brilho mau de uma lua cheia e alaranjada, cortando e deslizando através da trilha sonora das gargantas talhadas do grande coro no céu. Não havia o farol no céu naquela noite, e, de alguma forma, não parecia certo cavalgar em direção à alegria sem ele. Mas aquela seria uma sessão especial, um ataque improvisado em uma noite quase sem lua, mesmo assim aquilo precisava ser e seria feito, mas desta vez como um solo, uma cascata de notas soltas sem um cantor de apoio. Aquela pequena lua crescente era jovem demais para galantear, mas poderíamos muito bem ir em frente sem ela, apenas desta vez.

Sentimos o propósito frio e brilhante novamente à nossa volta. Não havia um perigo à espreita, apenas a falta da lua. Não havia razão para uma pausa, nem para esperar, e tínhamos todas as razões para dirigir pela escuridão para nossa Noite de Bônus.

Sentamo-nos ao volante e ligamos o motor. Não são mais do que cinco minutos de carro até a vizinhança do prédio todo mofado e da casinha velha. Passamos de carro devagar e cuidadosamente, procurando algum sinal de que as coisas não estavam como deveriam, mas não achamos nenhum. A rua está vazia agora. A única luz a meio quarteirão dali acende e apaga, ficando apenas com um brilho azul fraco em vez de iluminar de verdade. Fora isso, a única luz da noite além da pequena lua no céu vem das janelas do pequeno prédio, o mesmo brilho púrpura, uma dezena de televisões ligadas no mesmo *reality show* sem sentido, vazio, idiota e nem um pouco realista, todos assistindo em sintonia vazia quando a verdadeira realidade passa lá fora lambendo os beiços.

A casinha suja tem apenas uma luz fraca na janela da frente meio coberta pela vegetação, e o velho Honda ainda está lá parado nas sombras. Passamos por ela e fazemos a volta no meio do quarteirão, estacionando na escuridão embaixo de uma grande figueira. Descemos, trancamos o carro e ficamos parados por um momento, sentindo o cheiro da brisa desta noite escura e repentinamente maravilhosa. Um vento fraco sacode as folhas da

árvore acima de mim e lá longe no horizonte surgem raios iluminando as grandes nuvens negras. Uma sirene toca à distância e cachorros latem um pouco mais perto. Mas, ao nosso lado nada se move, então respiramos fundo o ar noturno e deixamos nossa consciência percorrer tudo ao nosso redor, sentindo o silêncio e a falta de qualquer perigo à espreita. Tudo está bem, pronto e como deveria ser, e não podemos esperar mais.

Está na hora.

Devagar, cuidadosa e casualmente colocamos nossa pequena sacola de ginástica no ombro e caminhamos até a residência velha, apenas um cara comum vindo para casa do ponto de ônibus.

Um carro grande dobra a esquina e por um segundo seus faróis nos iluminam. Ele parece hesitar por um instante, nos deixando desconfortavelmente iluminados, e paramos, piscando para aquela luz indesejável. Então, há o barulho repentino de um escapamento estourando, acompanhado de um som de chocalhos dos pistões juntamente com o do para-choque solto, então o carro acelera e passa por nós inofensivamente e desaparece na esquina seguinte. Estava silêncio novamente e não havia nenhum outro sinal de vida naquela bela noite escura.

Andamos e ninguém vê a nossa imitação perfeita de caminhada normal, ninguém por perto está vendo nada além de TV, e cada passo nos deixa mais perto da satisfação. Podemos sentir o querer aumentando, a necessidade, sabendo que será em breve, e tomamos muito cuidado para nossos passos não mostrarem a nossa ansiedade quando nos aproximamos da casa, passamos por ela e vamos para a escuridão da vegetação que esconde o Honda e agora a nós.

Aqui fazemos uma pausa, prestando atenção do nosso esconderijo quase invisível ao lado do carro enferrujado e pensamos. Queríamos tanto aquilo e agora estávamos ali e iríamos fazer aquilo e nada poderia nos deter, mas isto é diferente. Não é apenas a falta da lua que nos faz hesitar e ficar parado nas sombras observando pensativo a casinha horrível. E não é uma mudança repentina de ideia, um ataque de consciência ou algum tipo de dúvida na escuridão sem consciência e coração de nosso objetivo. Não. É o seguinte: há duas pessoas lá dentro e queremos só uma. Precisamos, queremos e vamos pegar e prender nossa Testemunha e fazer com ele todas as coisas maravilhosas pelas quais esperamos tanto tempo, mas...

A outra pessoa. “A”. A ex-esposa.

O que faremos com ela?

Não podemos deixá-la assistir e depois contar. Mas pegá-la também e levá-la para a noite eterna é contra o Código de Harry e contra todas as Maldades razoáveis e merecidas que fizemos e que esperamos continuar fazendo. Isso é um dano colateral não merecido, desaprovado e malfeito. É errado, não podemos... mas devemos. Mas não podemos... Respiramos fundo para relaxar. É claro que devemos. Não tem outro jeito. Vamos dizer a ela que sentimos muito, e que faremos que termine rapidamente para ela, mas que devemos fazer, apenas desta lamentável e desobediente vez, precisamos muito.

E então faremos. Olhamos com cuidado para a casa, tendo certeza de que tudo está bem. Por um minuto, depois dois, não fazemos nada a não ser ficar parados e observar, lançando todos os nossos sentidos para a rua à nossa volta e ao pequeno gramado da casinha velha, observando e aguardando qualquer sinal de que estejamos sendo vigiados, mas não há nada. Estamos sozinhos em um mundo de escuridão e desejo que em breve desembocará em êxtase e nos carregará para o fim desta noite feliz e tão adorável.

Três minutos, cinco, não há nenhum sinal de perigo e não podemos esperar mais. Respiramos fundo mais do ar fresco e estabilizador e depois deslizamos mais pelas sombras que nos dão cobertura, indo em direção ao muro que protege o quintal. Um salto rápido e silencioso por cima da cerca, uma pausa momentânea para ter absoluta certeza de que passamos despercebidos e então andamos de quatro ao longo da lateral da casa. Nada pode nos ver, exceto duas pequenas janelas, uma das quais no alto da parede e com vidro fosco, um banheiro. A outra é pequena e está aberta quinze centímetros, então paramos a poucos metros de distância dela e olhamos para dentro.

Há um brilho fraco de uma luz nesta janelinha vindo de um quarto interno, mas não tem nenhum som ou sinal de alguém. Abrimos nossa sacola, pegamos as luvas e as colocamos. Estamos prontos e então passamos pela janela e chegamos ao quintal.

A parte de trás dele é totalmente bloqueada por uma cerca encostada em bambus muito altos. Os brotos são finos, mas já têm uns três metros de altura, e não podemos ser vistos deste lado também, então respiramos aliviados. Na parte de trás da casa, há um pequeno pátio de tijolos que dá

em uma porta de vidro de deslizar. Tem grama crescida entre os tijolos e uma churrasqueira redonda portátil e enferrujada está em um canto, sem uma roda e meio inclinada para um lado. Mais uma vez fazemos uma pausa, observando a casa através da porta de vidro deslizante. Nada se move lá dentro e o primeiro dedo cinzento de dúvida cutuca nossas costelas: será que tem alguém em casa? Será que viemos até aqui e nos preparamos tanto por nada?

Devagar e cuidadosamente vamos nos aproximando pelos tijolos e chegamos à porta de vidro, onde esperamos, observando, ouvindo e cheirando à procura de algo, mas não há nada.

Colocamos a mão no puxador da porta e fazemos uma pequena pressão. Ela se move. Então a abrimos um centímetro, dez, oitenta, levando uns trinta segundos apenas para garantir que não há nenhum som ou reação lá dentro. Abrimos um metro, paramos e esperamos mais um momento de cautela e ainda não há nada, então passamos pela porta e a fechamos atrás de nós.

Estamos em uma cozinha. Tem uma geladeira enferrujada no canto ao lado de um fogão velho, um balcão de fórmica rachada com um armário acima e uma pia suja e manchada com a torneira pingando. A luz está apagada, mas pela porta mais distante podemos ver um brilho fraco de luz na sala ao lado. Um arrepio de aviso começa em nossa coluna e sabemos que tem algo ali, algo na sala iluminada. Todo o nosso foco está à frente, naquela sala, e o laço de náilon está em nossa mão enquanto deslizamos devagar em direção à luz quase babando de ansiedade e com a alegria crescendo por dentro ao pensarmos no que virá agora que chegamos em silêncio à porta e olhamos com cuidado para trás e para a sala à frente, a fim de ver o que está nos aguardando embaixo da luz fraca, então paramos e olhamos e...

Tudo para.

Nenhuma respiração, pensamento ou movimento. Nada a não ser assombro e negação automática.

Não pode ser. Simplesmente não pode. Não é possível, não aqui, não agora, não isso... não estamos vendo isso, não mesmo, não podemos estar vendo nada parecido. É impossível, errado, não está no roteiro...

Mas lá está. Não se move, não muda e é o que é.

É uma mesa embaixo de uma única lâmpada fraca pendurada. Uma mesa de metal velha e simples comprada em algum brechó, com um acabamento branco e tosco. E espalhados em cima dela em embrulhos perfeitos está algo que um dia fora uma pessoa. O corpo tinha sido cuidadosamente cortado, seccionado e empilhado e montes bem ordenados e tudo estava tão perfeito e exatamente como devia ser que me remeteu a um momento surreal totalmente familiar e de conforto impossível porque sei exatamente o que é aquilo, mas não pode ser aquilo e eu olho e observo e continua sendo aquilo, exatamente aquilo.

É um corpo preparado para ser descartado depois de uma longa e adorável sessão com uma faca e uma necessidade, e é familiar e reconfortante pela mais simples das razões. É exatamente o jeito como faço isso. E não é possível porque não fui eu quem fez e não tem mais ninguém no mundo que faça isso exatamente da mesma forma, nem mesmo meu irmão Brian, mas a coisa está ali e pisco e olho de novo, ainda está lá e nada mudou.

É tão impossível e absurdamente igual ao que eu ia fazer que não consigo evitar de entrar na sala, puxado como se fosse um ímã gigante impossível de evitar, então me movo sem respirar e sem olhar para mais nada, caminho em direção à coisa que pode estar lá mesmo estando tão claramente ali: um passo, dois passos...

No outro lado da mesa, algo nas sombras caminha em minha direção e sem pensar pego a minha faca e pulo para frente em direção a essa nova ameaça...

A coisa pula para a frente em minha direção com uma faca na mão.

Eu me agacho e fico imóvel com a faca levantada...

Ele se agacha e fica imóvel com a faca levantada.

Durante um momento interminável de pânico, dentes rangendo e desorientação total eu olho, pisco e o vejo piscar de volta...

Vou me endireitando devagar e fico em pé, olho para frente e ele faz exatamente o mesmo que eu.

Não posso fazer mais nada...

...pois é o meu reflexo em um espelho enorme. Sou eu parado ali, olhando para mim parado aqui olhando para mim...

Mais um vez fiquei congelado, sem conseguir pensar, piscar ou fazer qualquer outra coisa que não fosse olhar para a imagem no espelho, pois

aquilo não podia ser um acidente, do mesmo jeito que o corpo perfeitamente arranjado na mesa também não era. O espelho tinha sido colocado exatamente nesse lugar para fazer exatamente o que fez e agora eu estava olhando para mim, que olhava para mim por cima do corpo que só eu poderia ter deixado daquele jeito, e tinha quase certeza de que não tinha feito aquilo, mas ali estava e eu não sabia o que fazer ou o que pensar.

Então fiquei parado em um pequeno cone de não sentimento e impossibilidade e encaro algo que alguém preparou só para mim, só para que eu descobrisse e fizesse exatamente o que estou fazendo, na verdade nada, apenas olhando para a coisa e tentando não acreditar que aquilo é o que é.

Devagar, finalmente, um pensamento pequeno e escorregadio surge no meio do muco que dominou meu cérebro e grita para mim alto o suficiente para que eu o ouça, pisque, respire fracamente e deixe que o pensamento fale por mim.

Quem fez isso?

É um bom começo, aquele pequeno pensamento, bom o suficiente para fazer outro o seguir através da névoa. Só meu irmão Brian conhece minha técnica bem o suficiente para fazer isso. Por um curto instante, imagino se foi ele, afinal ainda queria tem uma brincadeira de irmãos comigo. Será que era um pequeno cutucão nas costelas de Dexter para me encorajar?

Mesmo enquanto estou pensando já sei que não é possível. Brian pediria, me instigaria, me persuadiria, mas jamais faria isso. E fora o Brian, não havia mais ninguém no mundo que tivesse visto meu trabalho e sobrevivido...

...a não ser minha Testemunha, é claro. Aquela Sombra desconhecida que tinha me flagrado com Valentine e escrito em um *blog* até estar no topo da minha lista, uma lenga-lenga egocêntrica enlouquecedora com a qual eu tinha ido até ali acabar e transformar exatamente no que estava vendo. Apesar de não fazer sentido, só ele poderia ter feito isso. Ele tinha arranjado aquele corpo no meu padrão e colocado o espelho do outro lado, não havia outra explicação, mas aquilo levava a uma questão mais urgente:

Por quê?

Eu não tinha uma resposta. Só conseguia pensar que isso era impossível, ao mesmo tempo não era mais hipotético e estava aqui e agora, estou olhando para isso e é tão real quanto a faca em minha mão. Então dou mais

um passo lento e impotente à frente, como se pudesse fazer tudo aquilo desaparecer se chegasse perto o bastante, e do outro lado da mesa o outro eu dá um passo à frente e paro novamente olhando para mim que olha para mim.

Lá estava eu, Dexter. Levantei uma mão para tocar meu rosto, mas era a mão com a faca, então parei na metade do caminho quando a faca estava vindo perto do meu rosto e apenas olhei para mim. Ainda um idiota com uma faca. As minhas duas faces: Dexter, o Demônio; e Dexter, o Tolo. O rosto parece estranho para mim, como se pertencesse a outra pessoa, mas é o meu rosto, aquele que venho usando todos esses anos. Eu me encaro por um longo momento, congelado pela visão de mim como sou realmente, como se pudesse encarar o suficiente para fazer os dois rostos se juntarem em uma só pessoa real.

Mas é claro que não posso. Deixei a mão com a faca cair ao lado de meu corpo e olhei para a mesa, esperando estupidamente que aquela coisa impossível tivesse desaparecido. Mas ainda estava lá, ainda real e ainda impossível. Mais um passo de robô em frente e estou parado sobre aquilo e olhando para o que já tinha feito e adorava fazer. Olho para os restos desarticulados e por um momento estúpido tenho uma pequena esperança: será que aquela carne poderia ser da minha Sombra e não ter sido feita por ela? Será que alguém tinha dado um jeito naquilo por mim?

Procuro alguma pista e, assim de tão perto, posso ver que há pequenas falhas das quais eu nunca teria sido culpado. Então vejo um peito e percebo que é do sexo feminino, a minha Sombra é do sexo masculino, e a pequena esperança com patas de aranha morre. Não é minha Sombra, é outra pessoa, provavelmente sua ex-esposa. Eu me aproximo. De perto, posso ver que este não é um trabalho de qualidade real; direto ao ponto, canhoto, não sabe o que fazer com o punho, apressado, cortado em vez de fatiado com a habilidade e destreza de Dexter. Estico a mão em direção a ela com a ponta de minha faca e cutuco para testar a sua realidade e, ao fazer isso, eu paro.

Neste último minuto, ouço um som familiar que vai ficando mais alto, já não posso ignorá-lo, porque é um som que conheço muito bem e que não quero ouvir agora.

É o som de uma sirene e está se aproximando com certeza.

Mais uma vez congelo em uma imobilidade estúpida e sem pensamentos. Uma sirene. Que se aproxima. De mim. Aqui, agora. Desta casinha escura.

Onde estou acima de um corpo picado. Com uma faca na mão.

Finalmente, uma grande sirene doentia de ataque aéreo começa a gritar das muralhas do Castelo de Dexter, partindo de sua nota mais grave de advertência e subindo até virar um grito de pânico, giramos ficando de costas para o lixo impossivelmente cortado e empilhado sobre a mesa e em um piscar de um olho de coelho saímos pela porta de correr para a noite. Sem pausa para pensar, chegamos e pulamos a cerca de trás, jogando os braços para os bambus e lutando freneticamente com aqueles brotos até cairmos de cara no chão no quintal da casa do outro lado. Levantamo-nos instantaneamente e corremos na velocidade máxima do pânico completo, cruzando o gramado e chegando à rua em frente bem quando a luz se acende na casa onde estivemos segundos atrás.

Mas não estamos mais lá, estamos à salvo na rua, em uma calçada tão escura e cheia de plantas quanto poderíamos querer, então o coro de gritos do alarme e do medo diminuiu e forçamos nossas pernas a ouvir a voz calma e inteligente que dizia: *Devagar, aja normalmente. Nós já escapamos.*

Reduzimos a velocidade e tentamos agir de forma normal, mas a sirene se aproximando está logo na rua ao lado agora, em frente à casinha, e seu apelo agudo ficando mais baixo para indicar que chegou, então, apesar dos sábios conselhos interiores para ir mais devagar, andamos um pouco mais rápido do que deveríamos até dobrarmos a esquina e chegarmos ao nosso carro, que nos espera embaixo da figueira.

Então deslizamos com gratidão para o assento do motorista, ligamos o motor e dirigimos lentamente para longe da pequena casa de horrores em ruínas, lenta e cuidadosamente de volta para o refúgio de vida normal. Mas não vamos direto para casa, temos que tentar pensar e devemos deixar que o tremor nas mãos passe, o terror seco se retire da nossa boca enquanto a adrenalina desaparece, e lentamente nos transformamos em algo semelhante à forma humana antes de voltarmos para a companhia dos seres humanos reais, e isso leva muito mais tempo do que deveria. Nós dirigimos para o sul na U.S. 1 e vamos até a Old Card Sound tentando pensar, compreender e dar sentido a esta catástrofe surreal de uma noite, tentando e falhando. Lentamente o pânico doentio e molhado é drenado, mas as respostas não fluem para tomar o seu lugar, e durante todo o caminho para casa há apenas um único pensamento se repetindo infinitamente através de meu cérebro

entorpecido e quebrado, um pensamento que cai e ecoa através dos salões escuros de pedra de Domo de Dexter. Nenhuma resposta se levanta para cumprimentar este pensamento, que por isso ricocheteia por lá em uma confusão frágil e se repete indefinidamente, e quando finalmente estaciono meu carro na frente de casa, percebo que meus lábios estão se movendo e repetindo o mesmo pensamento estúpido:

O que acabou de acontecer?

CAPÍTULO 16

V

NÃO DEVERIA TER SIDO UMA GRANDE SURPRESA, MAS NÃO DORMI BEM NAQUELA NOITE. Com os olhos abertos ou fechados, tudo o que conseguia ver ou pensar era o corpo na casinha, tão perto do que Dexter fazia e com o próprio Dexter parado ao lado gaguejando para seu reflexo, nós dois babando estupidamente enquanto as sirenes chegavam cada vez mais perto.

Tudo tinha sido um esquema, uma armadilha, perfeitamente projetada para capturar ninguém mais além de mim, e quase tinha funcionado. Ele tinha usado a isca perfeita, me atraído e então me deixado atordoado com o corpo arranjado do jeito que eu teria feito. Já tinha visto tantos corpos exatamente aquele jeito e sempre haviam me trazido conforto, não me parecia justo que aquele me tirasse o sono, me enchesse de medo e injetasse um pavor quase humano em todos os meus pensamentos. Será que era assim ter uma consciência? Rolar na cama a noite toda pensando que fez algo terrivelmente errado e que a qualquer momento aquilo iria volta e acabar com você? Eu não gostava nem um pouco daquele sentimento, e menos ainda de pensar que minha Sombra tinha armado um esquema tão perfeito e quase me pegado.

Mas o que eu poderia fazer? O que poderia bolar para pegar e acabar com aquela ameaça à espreita? Rastrear o Honda tinha sido minha melhor

oportunidade, minha única oportunidade, e eu a tinha utilizado de forma perfeita, apenas para descobrir que minha Testemunha estava três passos à frente e olhando para trás com um sorriso zombeteiro. O que tinha sobrado para eu fazer a não ser esperar o próximo passo dele? Pois é claro que haveria um próximo passo, eu não tinha dúvida. E não havia como saber o que seria, de onde viria, só sabia que essa primeira tentativa tinha sido muito boa e a próxima tinha tudo para ser ainda melhor.

Então rolei a noite toda entre os lençóis, rangendo e apertando os dentes em uma ansiedade frustrada e impotente, finalmente caindo no sono às cinco e meia, sendo arrancado dele as sete com o alarme. Fiquei deitado por vários minutos duros e entorpecidos, tentando me convencer de que tinha sido um sonho ruim, mas eu não era nem um pouco persuasivo. Havia acontecido. Era real e eu não fazia a menor ideia de como agir.

Cambaleei para o chuveiro e depois para dentro de minhas roupas, e de algum jeito consegui chegar à mesa de café da manhã, esperando encontrar algum pequeno alívio lá. E Rita não decepcionou. Ela tinha enchido a mesa de panquecas de mirtilo e *bacon*. Me larguei na cadeira e ela colocou uma xícara de café fumegante à minha frente, então parou, ficando ao meu lado com uma expressão estranha de desaprovação até que eu olhasse para ela.

— Você saiu tarde — ela falou um pouco mais brava do que eu estava acostumado, e fiquei imaginando o porquê.

— É, desculpe. Tinha alguns, hã, testes para fazer. No laboratório.

— Ah, testes. No laboratório.

Então Astor chegou e se largou em sua cadeira.

— Por que temos que comer panquecas?

— Porque elas são ruins para você e quero que sofra — Rita falou e se virou para o fogão.

Astor ficou olhando com uma expressão quase cômica de surpresa no rosto, que desapareceu assim que viu que eu estava olhando.

— Os mirtilos ficam presos no meu aparelho — ela resmungou mal-humorada para mim, Cody entrou e Lily Anne jogou sua colher em um arco perfeito até a parte de trás da cabeça de Astor.

— Ai — ela falou.

Cody riu e todo o falso comportamento digno e calmo desapareceu da cozinha quando Astor pulou derrubando seu prato no chão, onde se quebrou em pedaços grandes e espalhou a comida. Ela ignorou aquilo e explodiu em

uma raiva cheia de autopiedade enquanto Rita limpava tudo, dava a ela outro prato e a repreendia. Lily Anne comentou a chorar, Cody apenas permaneceu sentado com um sorriso de escárnio no rosto e, quando achou que ninguém estivesse olhando, pegou um pedaço de *bacon* de Astor.

Tirei Lily Anne da cadeirinha, em parte para fazê-la parar de chorar e em parte para protegê-la de Astor, e a segurei no meu colo com uma mão enquanto bebia o café com a outra. Demorou vários minutos até que Astor parasse de ameaçar seus irmãos e que a confusão voltasse ao ritmo normal de uma manhã de dia de semana. Terminei minhas panquecas e tomei outra xícara de café. Aquilo não ajudou muito o meu cérebro a começar a funcionar, mas quando terminei pelo menos estava alerta o suficiente para dirigir, mas sem nenhum plano disponível a não ser seguir minha rotina diária. Coloquei a xícara na pia e segui entorpecido para o trabalho.

Pude sentir que estava me soltando um pouco na ida ao trabalho, não por ter bolado um tipo de Plano Genial ou por ter percebido que as coisas não eram tão ruins. Elas eram muito ruins mesmo, talvez péssimas. Como sempre, achei o trânsito cruel e traiçoeiro de Miami relaxante, além de sempre me sentir confortado pela rotina. Quando cheguei ao trabalho, meus ombros já não estavam mais na altura das minhas orelhas e quando me sentei à minha mesa já tinha parado de cerrar os dentes. Não fazia muito sentido, mas tinha acontecido. Inconscientemente, devo ter pensando no trabalho como um tipo de refúgio, afinal meu pequeno escritório estava na central de polícia, cercado por centenas de homens e mulheres com olhares duros e armas e que tinham jurado proteger e servir. Mas naquela manhã, quanto mais precisava que meu trabalho fosse um abrigo seguro e confortável para a tempestade, mais ele acabava sendo apenas mais um prego na tampa do caixão de Dexter.

É claro que eu devia ter previsto aquilo. Quer dizer, sabia muito bem que meu trabalho envolvia ir a cenas de crimes. E sabia muito bem que um crime tinha sido cometido na noite passada. Era uma equação bem simples de causa e efeito, não deveria ter sido um choque desagradável me encontrar parado mais uma vez na pequena salinha de onde tinha fugido tão recentemente, olhando para o monte de partes de um corpo Duplicado de Dexter.

Mas foi um choque e veio muito desagradável, e ficou ainda pior quando a manhã foi avançando com os rituais normais da mágica forense. Cada

passo padrão do processo trazia um novo jorro de pânico. Quando Angel Batista começou a procurar digitais, suei furiosamente durante vários minutos tentando lembrar se fiquei com as luvas o tempo todo. Quando decidi que sim, tinha ficado, Camilla Figg levou sua câmera para o quintal e começou a fotografar pegadas, as minhas pegadas! Passei mais cinco minutos estúpidos assegurando a mim mesmo que estava usando sapatos diferentes nessa manhã e que poderia me livrar do que tinha usado na noite passada assim que chegasse em casa. Como que para provar que eu tinha mergulhado realmente na idiotice, passei vários minutos pensando se poderia aguentar mesmo arcar com as despesas de jogar fora um par de sapatos ainda muito bons.

Terminei meu trabalho bem rapidamente. Havia apenas um pouco de sangue na mesa em que estava a vítima e alguns traços no chão abaixo. Espirrei o reagente em alguns locais prováveis para parecer esforçado, mas considerando minha confusão mental não teria notado nada menos que um borrifo de uns cinco litros de sangue. Toda a minha atenção estava apenas em meus colegas CDFs. Cada procedimento deles me lançava outro espasmo de ansiedade e um jorro de suor pelas minhas costas até eu estar completamente exausto e minha camisa colada ao corpo.

Nunca tive tanta justificativa para ansiedade como agora, mas mesmo suando e ficando irritado e exaurido tudo aquilo parecia irreal. Apenas algumas horas atrás eu tinha estado bem aqui nesta salinha enfrentando um dos maiores choques de minha longa e má vida. E agora estava aqui de novo, na teoria como parte de uma equipe que tentava encontrar alguma pista sobre mim, enquanto o outro eu ficava ali parado observando os procedimentos com uma angústia frenética para o caso de eu achar algo. Foi quase uma batida surreal entre o Dexter Sombrio e o Dexter Trabalhador, e, pela primeira vez na vida, eu não sabia se poderia manter as duas partes de mim separadas.

Em um momento eu me vi no espelho e percebi que estava quase na mesma posição da noite passada, desta vez segurando uma garrafinha de reagente em vez da faca, e as duas realidades desconexas se juntaram de uma só vez. Por alguns minutos, os sons do trabalho forense à minha volta desapareceu completamente, e fiquei sozinho comigo mesmo. Não era terrivelmente reconfortante. Fiquei apenas encarando a minha imagem,

tentando entender o significado de algo que repentinamente não fazia mais sentido algum.

Quem eu era? O que estava fazendo ali? E o mais importante, por que não estava correndo para salvar minha vida? As perguntas sem sentido e estúpidas passavam pela minha cabeça em uma repetição infinita até que mesmo as palavras mais simples começaram a parecer uma língua estrangeira, então apenas fiquei ali parado olhando para minha imagem repentinamente tão pouco familiar.

Provavelmente ainda estaria lá se Vince não tivesse me arrancado de minha fuga psicológica.

— Está ótimo — ele falou. E continua *sexy*. Agora que tal desencanar?

De repente, o rosto dele entrou em foco no espelho, bem ao lado do meu reflexo, e a trilha sonora da sala voltou a tocar. Percebi onde estava novamente, apesar de não registrar nenhuma das palavras de Vince. Virei o rosto para olhar para ele e não para o espelho.

— Me desculpe, como é que é?

Ele sorriu.

— Você está olhando para si mesmo no espelho há uns, tipo, cinco minutos.

— Eu, hã, estava pensando em uma coisa — falei sem muita convicção.

Vince sacudiu a cabeça e pareceu muito solene.

— É sempre uma má ideia enevoar o cérebro, jovem Skywalker — ele falou e foi para o outro lado da sala. Eu me forcei a acordar e voltei a fingir que trabalhava. Flutuei pelo resto da manhã em minha nuvem de adrenalina e alienação, sentindo o tempo todo que a qualquer minuto as costuras arrebentariam e eu cairia.

Mas não caí nem peguei fogo. De alguma forma eu sobrevivi. Sei muito bem quão frágil é o corpo humano, mas Dexter deve ser feito de um material realmente resistente, pois sobrevivi àquela manhã terrível sem sofrer um ataque cardíaco ou derrame e sem sair correndo pela rua com a mente despedaçada, gritando confissões e implorando clemência. Apesar de seus esforços diligentes e bem treinados, ninguém de toda a incrível equipe de trabalho forense falou sobre qualquer pista de que eu tinha estado lá na noite passada. Dexter havia sobrevivido, contra todas as probabilidades, e de alguma forma conseguiu voltar ao escritório inteiro, mas muito mal-ajambrado.

Deslizei para minha cadeira verdadeiramente aliviado e tentei me concentrar em respirar normalmente durante um tempo, e aquilo pareceu realmente funcionar. Isso não me fazia parecer mais inteligente, mas mesmo com a pilha de evidências apontando o contrário, ainda me sentia seguro sentado em minha mesa. Fechei os olhos e tentei relaxar um momento e pensar nas coisas de forma calma e racional. Certo. Tinha sido forçado a ficar em uma posição de tentar pegar a mim mesmo. E quase havia sido pego, mas escapei. Não foi divertido voltar à cena do pesadelo em meu papel de Dexter Diurno, mas também sobrevivi àquilo, e parecia que ninguém iria encontrar alguma prova que me conectaria ao corpo na mesa.

Aos poucos fui persuadindo a mim mesmo de que as coisas não eram tão ruins quanto pareciam, e com uma persistência teimosa quase consegui me convencer. Então cometi o erro gravíssimo de respirar fundo mais uma vez, colocar o terrível sorriso falso em meu rosto e retornar ao meu dia de trabalho checando meus *e-mails*.

Quando fiz isso, toda a tranquilidade construída artificialmente desapareceu de mim como se nunca tivesse existido ao ver um *e-mail* anônimo com apenas uma palavra:

Perto.

Não sei o que a palavra queria dizer, mas percebi instantaneamente quem tinha escrito e mandado para mim, e naquele eterno momento de ler e reler aquela única palavra senti novamente o pânico terrível que foi crescendo e crescendo até eu achar que iria gritar...

Respirei fundo e tentei lutar contra o pânico, mas ele tinha me prendido ao tapete, e minha mão tremia quando cliquei com o *mouse* para abrir o *e-mail*. Enquanto eu lia, um silvo selvagem surgiu dentro de mim e toda a calma foi drenada do mundo.

Igual aos outros, este começava com: “Blog da sombra”.

Mas desta vez havia uma diferença assustadora. A sombra do título, que antes era de um vermelho fraco, tinha crescido e virado uma poça enorme de algo que só podia ser sangue. Agora um pequeno rastro de digitais de sangue ia do título do *blog* ao do texto, a palavra *Perto*. Com uma verdadeira sensação de terror, olhei abaixo do título e comecei a ler.

Estou aprendendo muito sobre mim mesmo, e ainda mais sobre você. Por exemplo, não sabia que era tão rápido. Mas tem que ser, pois conseguiu escapar de algum jeito. Deve ter sido uma visão e tanto você correndo pela noite com o rabo entre as pernas. Gostaria de ter estado lá com minha câmera.

Aprendi muito sobre outras coisas também. Tenho observado você quando nem tem ideia de que está sendo observado, você com suas sacolas de supermercado e o seu carro, e no trabalho com aquela garrafinha de spray *estúpida, tentando fingir que é igual a todo mundo. É uma atuação e tanto, e descobri que passei a minha vida inteira atuando também. Sabe quando disse que estava aprendendo muito sobre mim? Adivinha o que consigo fazer agora?*

Sei que leu o meu blog. *É fácil para mim saber quem entra na minha página. Devo dizer que sou muito bom com computadores. Você já está descobrindo isso. Então leu o meu* blog*, descobriu que eu era divorciado e não gostei disso. Na minha criação o divórcio não era uma opção. E a minha mulher? Vamos dizer que ela não pensava desse jeito, ou, talvez, não pensasse e ponto. Tentei a reconciliação e tentei mostrar a ela que o divórcio era errado, mas ela foi ficando cada vez mais vagabunda e, pior que isso, comecei a perceber que ela não era apenas vagabunda e preguiçosa, ela era imoral e má, tão má quanto um assassino. E incurável, pois ela era uma psicopata que sugava a vida de outra pessoa e não contribuía com nada a não ser dor e sofrimento, e não iria mudar, então tinha que ser detida.*

Algumas pessoas simplesmente não têm a noção do Certo e do Errado. Elas nasceram assim. Igual a você, por exemplo. E a minha ex-mulher. Enquanto ela grita para eu ir embora de lá, nunca mais voltar e mandar a merda do cheque da pensão pelo correio a partir de agora, saio de casa e vejo você parado ali no gramado...

Ei, também sou bem rápido. Você não me viu, a não ser, talvez, minhas costas. Quando entrei de novo e olhei para ela lá parada com a boca aberta, e pensei em você parado lá fora e sabendo que estava pensando em voltar para me pegar, acho que tudo se juntou e descobri quem deveria ser a partir de agora e o que fazer. O meu Antigo Eu teria fugido para salvar a vida ao ver você. Mas o Novo Eu viu como aquilo era perfeito, pois no fim tudo se resume a assumir as responsabilidades, e de repente eu entendi de

verdade pela primeira vez o quanto isso é profundo e o que deveria fazer a respeito, que era... me livrar dela e de você ao mesmo tempo. Matar duas Pessoas Más com uma tacada só. Tudo se encaixava. É quem eu sou. Fui colocado aqui para lidar com quem quebra as regras, aqueles que foram longe demais não podem voltar. Você. Minha própria ex. E quem sabe quem mais? Tem muitos deles por aí. Eu os vejo todos os dias.

Então, de alguma forma estou ficando igual a você, certo? A grande diferença é que faço isso para deter pessoas como você. Faço isso pelo Bem. Ei, obrigado por ser um bom exemplo. Talvez deva até agradecer pela minha nova namorada, apesar de achar que ela não vai durar muito.

Espero que não ache que está seguro. Espero que não ache que acabou. Porque sei quem você é, onde está e você não sabe nada sobre mim. Pense o seguinte:

Estou aprendendo com você.

Estou aprendendo a fazer exatamente o que você faz e vou fazer isso com você. Jamais saberá quando ou onde. Não tem como saber nada a não ser que estou aqui e chegando perto.

Está ouvindo algo atrás de você?

Bu! Sou eu.

Mais perto do que imagina...

V

Não sei quanto tempo fiquei ali sentado sem me mexer, pensar ou respirar. Provavelmente não foi tanto quanto pareceu, pois o prédio onde eu estava não desmoronou e virou pó e o Sol não esfriou e caiu do céu. Mas ainda assim foi um longo tempo até que um pequeno pensamento conseguiu penetrar no cofre vazio e frio entre minhas orelhas, e quando finalmente teve sucesso, registrei que não poderia fazer mais do que respirar muito fundo e deixar aquele pensamento ecoar ali sozinho.

Perto...?

Li aquela coisa terrível de novo, procurando desesperadamente por alguma pequena pista de que fosse apenas uma piada de mau gosto, alguma palavra ou frase que tinha deixado passar na primeira leitura e que me mostrassem que era um mal-entendido. Mas não importava quantas vezes eu lesse aquela prosa irregular e autoindulgente, ela ainda permanecia a mesma. Não achei nenhum significado escondido, nenhuma mensagem

subliminar com um telefone e uma página do Facebook. Apenas as mesmas frases irritantes e malucas que sempre levavam à mesma conclusão vaga e sinistra.

Ele estava se aproximando e achava que era igual a mim, e eu sabia muito bem o que aquilo significava e o que ele tentaria fazer. Ele estava circulando à minha volta, ficando a favor do vento, polindo suas presas e se misturando ao cenário da minha vida. A qualquer momento, agora, amanhã, na semana que vem, poderiam pular sobre mim em qualquer lugar e não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer a respeito. Estava lutando contra uma sombra em um quarto escuro. Mas essa sombra tinha mãos reais que seguravam armas reais. Ele podia ver no escuro e eu não, e estava vindo, pela frente ou por trás, por cima ou por baixo. Tudo o que eu sabia é que ele queria fazer o que faço do jeito que faço, queria fazer isso comigo e estava vindo.

Perto...

CAPÍTULO 17

V

— **ELA ERA DIVORCIADA E MORAVA SOZINHA. O NOME DELA ERA MELISSA.** Merda, não, espera aí — disse o detetive Laredo abrindo uma pasta e passando seu dedo grosso pelo papel de dentro. — Ah, sim, é Alissa, com "A". Alissa Elan. — Ele franziu a testa. — Que nome engraçado.

Poderia ter dito isso a ele, pois havia escrito esse nome em um Post-it há apenas alguns dias, mas tecnicamente eu não deveria saber até ele nos contar, então mantive a boca fechada. Além disso, pelo que sabia de Laredo, ele não era o tipo de cara que gosta de ser corrigido, especialmente pelos *nerds* forenses bobões. Mas era ele quem cuidava do caso da mulher esquartejada na casinha pequena e feia, e todos tivemos que nos reunir para a sua 24, a reunião obrigatória do departamento de polícia em crimes capitais que ocorreram há 24 horas. Como eu era parte da equipe, tive que estar presente.

Provavelmente encontraria uma razão para estar lá de qualquer forma, já que estava desesperado por qualquer pista sobre quem tinha feito aquela coisa terrível. Mais do que qualquer um no departamento todo, mais do que qualquer um no mundo da polícia do mundo todo, queria encontrar o assassino de Alissa e o levar à justiça; mas não o velho, lento e vendido sistema de justiça de Miami. Na verdade, eu queria encontrá-lo pessoalmente e o arrastar para o Templo Sombrio da Justiça Final de

Dexter. Então me sentei, apertei os olhos e ouvi enquanto Laredo nos fazia um resumo do que sabíamos, o que no fim era um pouco menos que nada.

Não havia nenhuma evidência forense, a não ser algumas pegadas de um tênis New Balance de corrida, de modelo e tamanho muito comuns. Nenhuma impressão digital, fibras, nada que pudesse levar a algo a não ser meu tênis velho, mas isso só aconteceria se Laredo contratasse um mergulhador muito bom para encontrá-los.

Contribuí com minha dose de nada no tópico de borrifo de sangue e esperei impacientemente até que alguém finalmente dissesse:

— Divorciada, certo?

E Laredo assentiu.

— Isso. Botei gente para encontrar o ex-marido, um tal de Bernard Elan — ele falou e me ajeitei e me inclinei para frente, mas Laredo deu de ombros e continuou. — Não deu em nada. O cara morreu dois anos atrás.

Pode ser que ele tenha dito outras coisas, mas não ouvi, pois com meu jeito reservado eu estava me recuperando do choque em ouvir que o ex-marido de Alissa estava morto havia dois anos. Podia desejar de todo meu coração que fosse verdade, mas sabia muito bem que estava longe de estar morto e que estava se esforçando para me matar. Laredo era um policial muito bom, e se disse que o homem estava morto, tinha uma boa razão para pensar assim.

Abaixei o som do papo chato de rotina policial e pensei no que significava aquilo, e cheguei a apenas duas possibilidades: ou minha Testemunha não era mesmo o ex- de Alissa, ou tinha dado um jeito de fingir a própria morte.

Não havia nenhuma razão para inventar uma vida inteira, completando isso com meses de textos falsos no *blog* sobre “A” e o divórcio dela. Ele claramente tinha me visto em seu gramado olhando para o Honda, era a voz nervosa dele dentro da casa e eram suas costas que vi entrando. Então eu precisava acreditar que a verdade era a seguinte: ele era mesmo o ex de Alissa e a tinha assassinado.

Aquilo significava que ele tinha enganado a polícia para que pensassem que estava morto.

A parte mais difícil de fingir sua morte era conseguir as evidências disso. Você precisa providenciar um cenário realista, uma cena de crime verdadeira e completa com provas convincentes e um cadáver convincente.

É muito difícil de fazer sem erros e muito pouca gente faz sem ser descoberto.

Mas...

Assim que você passa pela primeira parte de estar morto, depois de chorar em seu funeral e cremar o seu corpo, a coisa fica muito mais fácil. Aliás, ao colocar sua morte dois anos no passado, Bernard tinha transformado o trabalho em nada mais do que burocracia. É claro que estamos no século XXI e nele a burocracia significa trabalho no computador. Haveria vários bancos de dados básicos que você precisaria acessar para inserir informações falsas, e um ou dois deles eram bem difíceis de hackear, apesar de achar melhor não explicar como sei disso. Uma vez transpostas as ciberdefesas, se conseguir inserir uma ou duas linhas de informações novas ou alteradas...

Aquilo podia ser feito. Era difícil, eu achava que conseguiria fazer, mas era complicado, e minha opinião a respeito de minha Testemunha e suas habilidades com um computador subiu de escala, o que não me deixou feliz.

Ainda estava infeliz quando saí da reunião. Tinha vindo com uma pequena esperança de conseguir algum farelo que poderia me levar a um caminho de migalhas de pão que pudesse seguir até encontrar minha Testemunha. Saí com aquela esperança totalmente destruída. Mais uma vez eu não tinha nada. Esperança é sempre uma má ideia.

Mesmo assim, ainda havia uma pequena pista a seguir, e corri para o meu computador para ver onde dava. Fiz uma pesquisa completa sobre Bernard Elan e depois Bernie Elan. A maioria dos registros oficiais não tinha nada, a não ser a palavra “falecido”. Ele tinha feito um trabalho completo, como quer que se chamasse agora.

Até achei uma série de velhos artigo a respeito de um Bernie Elan que jogava na série três de uma pequena liga de beisebol em Syracuse, os Chiefs. Ao que parece, ele era um ótimo rebatedor, mas não se dava bem com bolas curvas e nunca foi chamado para as ligas maiores, então depois de um ano e meio saiu. Havia até uma foto que mostrava um homem com uniforme de beisebol, de perfil e rebatendo. A foto estava granulada e um pouco desfocada, e, apesar de revelar que ele tinha um rosto, não dava para saber como era, ou quantos narizes tinha. Não havia nenhuma outra foto de Bernie na internet.

E era isso. Não havia mais nada para encontrar. Agora sabia que minha Testemunha tinha jogado beisebol e que era bom com computadores. Aquilo diminuía a busca para apenas alguns milhões de pessoas.

Os dias seguintes passaram como um borrão manchado de suor, e não só porque o verão estava com tudo e o calor demais. Dexter sentia uma tremedeira total e muito próxima do pânico. Estava arisco, distraído e sem conseguir me concentrar em mais nada a não ser o pensamento de que alguém que eu não conhecia estava vindo fazer algo e eu não tinha como reagir. Tinha que ficar atento, pronto para qualquer coisa, mas como? E para quê? De onde viria, e quando? Como poderia saber o que fazer se não sabia quando, por que e com quem?

Ainda assim, eu tinha que estar preparado para aquilo a todo momento de cada dia, acordado e dormindo. Era uma tarefa impossível, e aquilo deixava minhas engrenagens ligadas furiosamente sem me fazer sair do lugar, apenas me afundando mais em meu pavor. Em minha paranoia febril, cada passo que ouvia era Ele, se esgueirando por trás de mim com más intenções e um taco de beisebol.

Até Vince Masuoka notou. Seria bem difícil não notar, pois eu pulava como um gato escaldado a cada vez que ele limpava a garganta.

— Garoto — ele disse finalmente, olhando para mim do outro lado do laboratório por cima de seu *laptop* —, você está totalmente no limite.

— Estou trabalhando demais.

Ele sacudiu a cabeça.

— Então você precisa sair mais.

— Sou um homem casado com três crianças e um trabalho exigente. Não saio.

— Ouça a voz da experiência — ele falou usando sua imitação de Charlie Chan. — A vida é curta demais para não se embebedar e ficar pelado uma vez ou outra.

— Conselho sábio, Mestre. Talvez eu possa fazer isso esta noite, no grupo dos escoteiros.

Ele concordou com a cabeça e ficou muito sério.

— Excelente. Ensine-os enquanto são jovens e eles aprenderão de verdade.

Aquela noite tínhamos mesmo nosso encontro semanal dos escoteiros. Cody estava frequentando há um ano, mesmo não gostando muito. Rita e eu

tínhamos concordado que era *bom* para ele e poderia ajudá-lo a deixar de ser tão tímido. Naturalmente eu sabia que o único jeito de isso acontecer era dar a ele uma faca e alguma criatura viva para que treinasse, mas esse era um assunto que achei melhor não discutir com a mãe dele, e os escoteiros eram a melhor alternativa. E eu achava mesmo que seria bom para ele, pois o ajudaria a aprender a se comportar como um menino humano de verdade.

Naquela noite, cheguei do trabalho, comi rapidamente as sobras de um Pollo Tropical enquanto Rita trabalhava na mesa da cozinha, apressei Cody até o carro, já pronto em seu uniforme azul, que vestia toda semana sem esconder sua raiva. Ele achava que a ideia toda de um uniforme que tinha calças curtas não só era terrível para a moda como também humilhante para quem usava. Mas eu o convenci de que aquela experiência era um jeito valioso de aprender a se misturar com as pessoas e tentei fazê-lo entender que essa parte do treinamento era tão importante quanto aprender onde colocar as sobras de um corpo, então ele já estava há um ano no grupo sem se rebelar nenhuma vez.

Naquela noite chegamos alguns minutos mais cedo à escola primária que recebia as reuniões e ficamos esperando em silêncio no carro. Cody gostava de sair do veículo bem na hora de o encontro começar, provavelmente porque a parte de se misturar ainda era bem difícil para ele. Então na maioria das noites ficávamos ali sentados sem fazer nada a não ser trocar algumas poucas palavras. Ele nunca falava muito, mas suas frases de duas ou três palavras eram sempre úteis, e, apesar do meu grande desconforto com clichês, tenho que dizer que nos dávamos bem. Mas naquela noite eu estava tão ocupado procurando por algo sinistro em cada sombra que não teria ouvido Cody nem se ele recitasse o Kama Sutra inteiro.

Felizmente, ele não estava com muita vontade de dançar naquela noite e não fez mais do que observar os outros garotos saindo de seus carros e entrando na escola, alguns com os pais, outros sozinhos. É claro que eu os observava cuidadosamente também.

— Steve Binder — Cody falou repentinamente, e deu um pulo por reflexo. Cody olhou para mim com algo que parecia ser diversão e apontou com a cabeça para um garoto grande com uma grande sobrancelha que passou por nós em direção ao prédio. Olhei para Cody e levantei a sobrancelha. Ele deu de ombros. — Valentão.

— Ele mexe com você? — perguntei e ele deu de ombros de novo.

Antes que pudesse responder em palavras, senti uma pequena e estranha cócega na parte de trás do meu pescoço e um pequeno e incômodo deslocamento de massa que não existe em algum lugar lá no fundo e virei para olhar atrás de mim. Vários carros entravam no estacionamento e paravam em vagas próximas. Não vi nada de sinistro sobre qualquer um deles, nada incomum que teria feito o Passageiro se mexer. Apenas uma fila de minivans e um Cadillac velho com pelo menos quinze anos de idade.

Por um breve momento, me perguntei se um deles era Ele, minha Sombra, de alguma forma se aproximando, pois alguma coisa tinha enviado uma pequena pontada elétrica do Porão para meu consciente. Era impossível, mas olhei cuidadosamente para cada carro até que parasse. A maioria eram veículos genéricos populares, os mesmos que víamos aqui toda semana. Apenas o Cadillac era diferente, e observei-o estacionar e um homem robusto descer, seguido por um garoto jovem e gordinho. Era uma imagem perfeitamente normal, exatamente o que você esperaria ver. Não havia nada de estranho ou ameaçador sobre eles, absolutamente nada, e entraram para a reunião sem jogar granadas de mão ou colocar fogo em qualquer coisa. Eu os observei até entrarem, mas o homem atarracado não olhou para mim ou fez qualquer coisa exceto colocar uma mão reconfortante no ombro do menino e levá-lo para dentro.

Provavelmente, ele não era nada além do que parecia ser, um homem levando uma criança para o grupo de escoteiros. Seria loucura pensar que a minha Sombra poderia de alguma forma saber que eu estaria aqui esta noite e arranjar um garoto em cima da hora só para ficar perto de mim. Respirei fundo e tentei expulsar a estupidez de mim. Não era aqui que aconteceria, o que quer que fosse. Hoje não.

Então, afastei com determinação a pequena bandeira de aviso que batia no meu rosto e me virei para Cody, apenas para perceber que ele me encarava.

— Que foi? — ele perguntou.

— Nada — respondi.

E era quase certo que não havia nada, apenas um arrepio passageiro no radar, talvez causado por sentir a raiva de alguém cuja vaga preferida tinha sido pega.

Mas Cody não pensou assim. Ele se virou e observou o estacionamento, do mesmo jeito que eu.

— Alguma coisa — ele falou determinado. Olhei para ele com interesse.

— É o Cara das Sombras? — perguntei.

Esse era o apelido que ele dera ao seu pequeno Passageiro das Trevas, escolhido como cortesia dos traumas repetidos que tinha sofrido nas mãos de seu pai biológico, que agora estava na prisão. Se Cody e o Cara das Sombras também tinham recebido o alarme silencioso, então valia a pena prestar atenção.

Mas Cody apenas deu de ombros.

— Não tenho certeza — disse soando muito com o que eu estava sentindo.

Nós dois olhamos para o estacionamento à nossa volta com nossas cabeças fazendo quase os mesmos movimentos. Não vimos nada fora do comum. Então o chefe dos escoteiros, um homem grande e animado chamado Frank, pôs a cabeça para fora da porta e gritou que era hora de começar, então Cody e eu saímos do carro e entramos com os outros. Olhei para trás uma última vez, notando com algo parecido com orgulho paternal que Cody fez o mesmo exatamente na mesma hora. Nenhum de nós viu nada mais alarmante do que garotos em uniforme azul, então desencanei e entramos para a reunião.

O encontro daquela noite foi parecido com os outros: monótono e até um pouco chato. A única coisa que quebrou a rotina foi a apresentação do novo assistente do chefe, o homem atarracado que eu tinha visto saindo do Cadillac. O nome dele era Doug Crowley. Eu o observei com cuidado, ainda me sentindo um pouco inseguro com o falso alarme no estacionamento, mas não havia absolutamente nada a respeito dele que fosse interessante, quanto mais ameaçador. Ele tinha uns 35 anos e parecia sem graça e sério. O garoto gordinho que ele tinha trazido era um dominicano de dez anos chamado Fidel. Ele não era filho de Crowley, que era voluntário do programa Irmão Mais Velho e tinha se oferecido para ajudar Frank, que deu as boas-vindas a ele, agradeceu-o e então começou a conversar sobre o acampamento que faríamos em Everglades. Depois ouvimos um relato sobre a ecologia da área feito por dois garotos que estavam trabalhando em um projeto sobre o assunto, e então Frank falou sobre como fazer fogo com segurança se estiver acampando. Cody aguentou aquele programa tedioso com uma paciência triste e não saiu correndo pela porta quando acabou. Fomos para casa, para a nossa casa não

grande o suficiente com sua mesa cheia dos papéis de Rita em vez de comida e sem nenhum sinal de nada muito ameaçador, a não ser um Hummer amarelo com um sistema de som alto demais.

O dia seguinte no trabalho foi interminável. Continuei esperando que algo terrível me atingisse de qualquer angulo possível, e isso continuou sem acontecer. No outro dia não foi diferente e no seguinte também não. Nada aconteceu. Nenhum estranho sinistro saindo das sombras e nenhuma armadilha diabólica foi lançada contra mim. Não apareceu nenhuma cobra escondida na minha gaveta no trabalho, nenhum dardo foi lançado em meu pescoço por um carro passando, nada. Até mesmo Deborah e seus socos no braço estavam de férias. Eu a vi e até falei com ela. Seu braço ainda estava engessado e esperava que me ligasse bastante para ajudá-la, mas isso não aconteceu. Aparentemente Duarte estava cuidando disso, e Debs parecia contente em viver com uma dose bem menor de Dexter.

Então a vida parecia estar voltando ao ritmo normal dos Dias Chatos de Dexter, com as horas andando calmamente para outras chatas e sem nenhuma ameaça de qualquer espécie, nenhuma variação de rotina, nenhum sinal de mudança no trabalho ou em casa. Nada mais do que o de sempre. Sabia que algo estava por vir, mas a cada dia parecia menos provável que acontecesse. Muito estúpido, eu sei, mas era... será que ouso dizer? Era completamente humano da minha parte. Ninguém pode ficar alerta o tempo todo, indefinidamente, dia após dia. Nem mesmo o sempre vigilante Escoteiro Dexter. Não quando a realidade comum e sintética era tão sedutora.

Então relaxei, ainda que só um pouco. A vida normal é reconfortante exatamente por ser monótona e muitas vezes sem sentido, aos poucos nos embala em um estado de sono ambulante. Ela faz a gente se fixar em coisas estúpidas e sem sentido como a pasta de dente acabar ou o cadarço arrebentar, como se essas coisas fossem absurdamente importantes, enquanto todas as coisas realmente importantes que estávamos ignorando afiam suas presas e deslizam por trás de nós. Em um ou dois momentos de visão verdadeira que temos de nossas vidas, podemos perceber que estamos sendo hipnotizados por coisas triviais e irrelevantes, e podemos até mesmo desejar que algo diferente e excitante apareça para nos ajudar a nos concentrar e a tirar essas coisas triviais e estupidas de nossas mentes. Porque ficar em alerta constante é impossível, até mesmo para mim. Quanto

mais o tempo passava sem nada acontecer, mais aquilo tudo parecia improvável, até que finalmente me peguei desejando que o que quer que fosse simplesmente acontecesse logo para que aquilo acabasse de uma vez.

É claro, uma das poucas verdades do pensamento ocidental é: tenha cuidado com o que deseja, pois isso pode se tornar realidade.

Foi o que aconteceu.

CAPÍTULO 18

V

ERA UMA TARDE QUENTE E ÚMIDA, POR VOLTA DAS TRÊS DA TARDE, e tinha acabado de voltar ao escritório vindo de uma aparição em uma cena de crime monótona. Um homem tinha atirado no cachorro do vizinho e o vizinho tinha atirado nele. O resultado era típico das confusões infelizes que tanto tínhamos atualmente por causa de nossa obsessão moderna por armas de grosso calibre. Tentei manter meu interesse profissional em separar o sangue do cão do sangue do homem, mas havia tanto dos dois tipos que desisti. Tínhamos uma confissão, então estava claro quem era o assassino, então não parecia haver muito sentido em trabalhar demais naquele assunto. Ninguém mais ali estava tendo sorte em se manter concentrado. Todos tínhamos visto este tipo de coisa muitas vezes antes, polícia ou *nerds* forenses, e depois de toda a excitação recente do caso do martelo, um homicídio comum de jardim com armas de fogo parecia irrelevante e um pouco bobo.

Então terminei minha parte rapidamente e enquanto entrava no escritório e me largava na cadeira não estava pensando no ultrajado dono do cão que agora estava sentado em uma cela da prisão nem mesmo no pobre pit bull falecido que ele tinha vingado. Estupidamente, tinha até parado de pensar em minha Sombra, já que estava na segurança do meu pequeno cubículo, cercado pela poderosa e corajosa força policial de Miami. Em vez disso,

estava pensando em uma questão muito mais importante: como convencer Rita a não trabalhar em casa apenas por uma pequena noite e nos fazer um jantar de verdade. Era um problema delicado que exigiria uma combinação rara e difícil de elogios e firmeza, misturados com o toque certo de compreensão compassiva, e tinha certeza de que seria um verdadeiro desafio para minhas habilidades de Imitador de Humanos.

Pratiquei algumas expressões faciais que misturavam todas aquelas coisas em uma máscara crível até achar que tinha acertado, então em um desses momentos estranhos de autoconhecimento, de repente me vi por fora, e então precisei parar. Quer dizer, aqui estava eu, com um inimigo invisível e incansável apertando o cerco contra o Castelo de Dexter e, em vez de afiar minha espada e empilhar pedras nas ameias, estava brincando com meu rosto na esperança de conseguir fazer Rita preparar uma refeição decente. E tive que me perguntar... aquilo fazia sentido? Era mesmo a melhor maneira de me preparar para o que certamente estava vindo me pegar? Tive que admitir que a resposta era bem definitiva: *Provavelmente não*.

Mas qual seria o melhor jeito de ficar preparado? Pensei a respeito do que sabia, o que era quase nada, e percebi que mais uma vez tinha deixado a incerteza me empurrar para longe do que faço melhor. Tinha que esquecer minha espera passiva e voltar a ser proativo. Tinha que dar a volta por trás ficando a favor do vento, encontrar algo mais sobre minha Sombra, dar um jeito de o rastrear até seu covil e deixar a Natureza Sombria seguir seu curso mais uma vez. Pensando fria, racional e realisticamente, sabia que ele não era adversário para mim. Vinha caçando pessoas como ele a minha vida adulta toda, e o cara não era mais do que um iniciante, um cordeiro em pele de lobo, um palhaço triste tentando se transformar em uma imitação do Muito Real Eu. E poderia facilmente deixar aquela verdade irrefutável clara para ele, tudo o que precisava fazer era encontrá-lo.

Mas como? Não sabia mais que carro dirigia. Nem tinha como saber se morava na mesma região, no sul de Miami, perto da minha casa. Era bem provável que tivesse ido para outro lugar, mas para onde? Não sabia o suficiente a respeito dele para pensar aonde poderia se esconder, e isso era um problema. A primeira regra para ser um caçador de sucesso é conhecer sua presa, e eu não conhecia. Tinha que ter uma noção melhor de como ele pensava, o que dava confiança, mesmo que fossem coisas de segundo plano, não o endereço ou o número do passaporte dele. E a única janela que

tinha do mundo dele era o “Blog da sombra”. Já tinha lido e relido aquela baboseira entediante e egocêntrica uma dúzia de vezes e não tinha aprendido nada que valesse a pena repetir. Mas li tudo novamente mesmo assim, desta vez tentando construir um perfil da pessoa por trás do discurso.

A maior pista que eu tinha era a raiva dele, é claro. No momento, ela parecia estar direcionada quase toda para mim, mas havia mais do que o suficiente para eu ter ideia. Tinha começado com a injustiça do beisebol que nunca tinha dado a ele uma chance justa nos profissionais, mesmo tendo feito tudo o que era pedido e sempre jogado dentro das regras. Ele falava incessantemente dos Cuzões que roubavam as bases, trapaceavam, cometiam crimes sem punição e de Cuzões ainda maiores que achavam engraçado hackear um *site*. Também não estava feliz com a ex-esposa “A” nem com os motoristas típicos de Miami que encontrava.

A raiva vinha claramente de um sentido rígido e superdesenvolvido de moralidade, e que estava lá há muito tempo, borbulhando abaixo da superfície e esperando alguma razão para ferver e ser direcionada a algo específico. Ele disparava contra qualquer um que não visse as leis do jeito que as via, e sempre falava carinhosamente do “Pastor” e seus ensinamentos. Que notícia maravilhosa, uma pista de verdade. Estava procurando por um católico raivoso, o que diminuía a busca para apenas 75% da população de Miami. Fechei os olhos e tentei me concentrar, mas não adiantou. Tudo que conseguia pensar era no quanto queria prendê-lo com fita adesiva e ensinar a respeito da Verdadeira Penitência, do tipo que é dada na Cabine de Confessionário de Dexter na Catedral da Nossa Senhora da Faca de Dexter. Quase podia vê-lo se contorcer e lutar desesperadamente contra a fita adesiva que o prendia, e tinha começado a saborear aquela imagem quando Vince entrou completamente perdido cambaleando na sala.

— Puta merda — ele falou. — Oh, meu Deus, que merda.

— Vince — falei irritado, pois ele tinha interrompido os primeiros pensamentos felizes que eu tinha em dias. — Nas culturas ocidentais tradicionais, normalmente gostamos de separar nossas divindades e as fezes.

Ele parou, piscou para mim e com verdadeira obstinação irritante repetiu:

— Puta merda.

— Certo, está bem, puta merda. Podemos passar para a próxima palavra, por favor?

— É a Camilla — ele continuou. — A Camilla Figg?

— Sei quem é a Camilla — respondi ainda um pouco irritado.

Então ouvi um rumor distante de asas escuras e percebi que estava sentado ereto na cadeira e sentindo um tentáculo macio de interesse do Passageiro deslizar pela minha coluna.

— Ela está morta — Vince falou, engoliu e sacudiu a cabeça. — A Camilla está morta e é... Jesus... é o mesmo de antes, o martelo.

Senti minha cabeça se mover em um espasmo de negação.

— Hã... todos não tinham concordado que Deborah pegou o cara do martelo?

— Estavam errados. Sua irmã fez merda e pegou o cara errado, pois aconteceu de novo, exatamente igual, e desta vez não a deixarão chegar nem perto desse caso. — Ele piscou, engoliu em seco e olhou para mim com a expressão mais solene e assustada que já o vi fazer. — Ela foi martelada até a morte, Dexter. Igual aos outros caras.

Minha boca ficou seca e um pequeno formigamento elétrico desceu desde meu pescoço até a base da minha coluna, e, apesar de não ser algo lisonjeiro para mim, não estava pensando em Deborah e sua aparente queda das graças de todos. Em vez disso, estava apenas sentado, mal respirando, enquanto várias ondas de vento quente e intangível passavam pelo meu rosto e mandavam folhas secas sacudindo nas entranhas do Castelo de Dexter. O Passageiro das Trevas estava acordado, sibilando com mais do que uma preocupação casual, e pouco ouvi de Vince enquanto balbuciava besteiras a respeito de como aquilo era horrível e como todos se sentiam mal.

Tenho certeza de que se pudesse sentir algo, estaria me sentindo mal também, pois Camilla era uma colega e eu vinha trabalhando ao lado dela há anos. Não éramos próximos e ela sempre se comportava de um jeito que me deixava confuso, mas sabia muito bem que, quando a Morte visita um colega de trabalho, a pessoa deve demonstrar os sentimentos corretos de choque e horror. Aquilo era elementar, aparecendo claramente nos primeiros capítulos do Velho Livro do Comportamento Humano, e tinha certeza de que eventualmente eu iria acabar desempenhando aquele papel com minha usual excelência dramática. Mas não agora, ainda não. No momento, tinha muitas coisas no que pensar.

Meu primeiro pensamento foi de que, de alguma forma, aquilo era trabalho da minha Sombra. Ele tinha escrito em seu *blog* que faria algo e agora Camilla apareceu morta, martelada até virar geleia. Mas como isso me afetaria? Fora me forçar a fazer expressões de sofrimento e repetir clichês sobre perda trágica, não me afetava nem um pouco.

Então aquilo devia ser outra coisa, algo desconectado do meu conflito pessoal, mas, mesmo assim, alguma coisa tinha chamado a atenção do Passageiro e aquilo significava mais do que todas as emoções falsas padronizadas do mundo. Significava que havia aqui algo muito fora de equilíbrio e errado de um jeito que um Certo Alguém das Trevas achou extremamente provocativo, e isso significava que o que tinha acontecido com Camilla estava longe de ser o que parecia, o que por sua vez indicava que, por alguma razão que ainda não estava clara no momento, Dexter deveria ficar atento.

Mas por quê? Fora Camilla ser uma colega de trabalho e Deborah ter caído em desgraça, por que aquele caso era mais do que uma indicação de interesse breve do Passageiro?

Tentei bloquear a falação de Vince com seu irritante derramamento de emoções e me concentrar apenas por um momento nos fatos. Deborah tinha certeza de que tinha pegado o homem certo. Ela era muito boa no que fazia. Portanto, ou Deborah tinha cometido um erro enorme e incomum, ou então...

— É um imitador — falei interrompendo o fluxo de som sem sentido que saia de Vince.

Ele piscou para mim com olhos repentinamente muito grandes e úmidos.

— Dexter. Nunca houve na história alguém que tenha feito algo igual a essa coisa do martelo, jamais, e agora você acha que tem dois deles?

— Acho. Tem que ter.

Ele sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Não é possível. Não pode ser, simplesmente não pode. Quer dizer, sei que é sua irmã e tem que ficar do lado dela, mas pô.

Mais uma vez a baboseira inútil dele foi desmentida pelo ronronar muito mais convincente da lógica reptiliana deslizando para fora do reduto profundo e sombrio da certeza do Passageiro, e eu sabia que estava certo. Ainda não sabia por que aquilo devia fazer o alarme soar, onde estava a ameaça ao precioso e insubstituível Dexter? Mas o Passageiro quase nunca

errava e o aviso era claro. Alguém tinha duplicado a técnica do Assassino do Martelo, e fora pequenas questões morais e de direitos autorais, havia algo de errado com isso. Alguma nova ameaça estava marchando perto demais das muralhas do Covil das Trevas, e, de repente, eu estava muito inquieto com relação a algo que não deveria ser mais do que uma oportunidade rotineira de outra performance sólida de Sofrimento Humano Artificial. Será que o mundo inteiro queria me pegar? Será que isso era o novo modelo de como as coisas seriam agora?

Nada do que aconteceu nas horas seguintes me fez sentir melhor. O corpo de Camilla tinha sido encontrado em um carro estacionado no canto mais distante de um estacionamento de um hipermercado localizado bem perto do nosso quartel-general. Muitos policiais passavam na loja quando saíam do trabalho e iam para casa, e era provável que Camilla também tivesse feito isso. Havia três sacolas com logotipo da loja no assoalho do banco de trás do carro e o corpo de Camilla tinha sido colocado no banco acima delas. Igual às outras duas vítimas, ela tinha sido martelada selvagemente em cada osso e articulação até seu corpo perder a forma original.

Mas não era uma viatura de polícia nem o carro de Camilla. Era um Chevy Impala de uns cinco anos registrado no nome de uma funcionária da loja chamada Natalie Bromberg. Ela não tinha dito muita coisa aos detetives até agora, provavelmente porque, desde de que encontrara Camilla em seu carro, seu tempo tenha sido ocupado com gritos, choro e finalmente com uma grande seringa de sedativo.

Vince e eu trabalhamos bem devagar na área em volta do Impala e também dentro dele, e minha sensação de que isso era trabalho de outra mão cresceu ainda mais. O corpo de Camilla estava meio no banco e meio fora dele, enquanto os outros dois tinham sido arrumados com mais cuidado. Era algo pequeno, mas mais uma vez, aquilo não se enquadrava no padrão anterior, o que me fez examinar com mais cuidado.

Não sou especialista em traumas violentos, mas os lugares onde Camilla tinha sido martelada pareciam diferentes do que eu tinha visto nos dois casos anteriores. Os pontos de impacto em Gunther e Klein visivelmente tinham sido feitos pela parte lisa da ponta do martelo. Estes tinham uma pequena curvatura, um contorno côncavo fraco, como se a arma fosse arredondada em vez de reta, algo como um mastro, uma cavilha ou... talvez

um taco de beisebol? Do tipo que um ex-jogador de uma pequena liga com problema de ataques de raiva poderia ter?

Pensei bem naquilo e parecia se encaixar, a não ser por um pequeno detalhe. Por que Bernie Elan ia querer matar Camilla Figg? E se por alguma razão ele quisesse isso, por que escolheria aquele método difícil e repulsivo? Aquilo não fazia sentido. Estava chegando a conclusões paranoicas. Apenas porque alguém estava atrás de mim não queria dizer que ele faria isso. Ridículo.

Trabalhei em torno do carro pulverizando reagente na esperança de encontrar algum respingo revelador de sangue. Encontrei uma impressão muito fraca de sangue do dedo do pé de um tênis de corrida na linha branca que separava a vaga do Impala da outra ao lado dela. E não havia bolsas de taco dentro do carro, o que não ajudava a concluir nada. Mas havia uma grande mancha de sangue no banco embaixo do corpo que tinha vazado de um ferimento feio no lado esquerdo da cabeça de Camilla. Ferimentos na cabeça são sangradores notórios, mas aquele tinha apenas gotejado no banco, o que significava que ela tinha sido morta em outro lugar e então colocada aqui logo depois. O assassino provavelmente tinha parado o carro ao lado do Impala e passado rapidamente o corpo de seu veículo para o banco de trás do Chevy, e eu imaginava que o sangue do ferimento da cabeça tinha deixado aquela impressão parcial de pegada.

Havia outro pequeno ferimento no braço de Camilla, onde o osso do antebraço estava perfurando a pele. Não tinha escorrido tanto sangue quanto do da cabeça, mas, para mim, aquilo era significativo. Nenhuma das outras vítimas tinha sangrado e esta tinha dois ferimentos abertos. Não era prova suficiente para conseguir um mandado e prender alguém, mas para mim era algo muito importante, e para manter minha posição de adulto responsável dentro da comunidade da lei, imediatamente chamei para aquilo a atenção do detetive responsável, o homem chamado Hoodotripo.

O detetive Hood era um cara grande com a testa baixa e o QI ainda mais baixo. Ele tinha um olhar malicioso permanente, gostava de comentários mordazes e piadas sexuais e de bater em seus suspeitos para que falassem. Eu o encontrei parado a alguns passos da dona do Impala, esperando impacientemente que o sedativo fizesse efeito para que ela pudesse entender suas perguntas sem gritar. Ele a olhava com os braços cruzados e

uma expressão muito intimidadora, e a Srta. Bromberg provavelmente precisaria de outra dose se levantasse a cabeça e visse a cara dele.

Conhecia Hood um pouco por trabalhar com ele no passado, então me aproximei com franqueza e intimidade.

— Oi, Richard.

Ele virou a cabeça para mim e sua expressão ficou ainda mais sombria.

— O que você quer? — ele perguntou sem se esforçar para igualar meu tom cordial. Aliás, ele soou quase hostil.

De vez em quando, julgo uma situação de forma errada e uso uma fase ou expressão incorreta, o que claramente tinha acontecido agora. Sempre leva um momento para me ajustar e escolher outra, especialmente se não sei o que fiz de errado. Mas um olhar vazio e uma longa pausa também não pareciam combinar, então preenchi o tempo com o melhor que pude:

— Hã, apenas, você sabe...

— "Você sabe"? — ele repetiu me imitando com maldade na voz. — Quer ouvir o que eu sei, bundão?

Eu não queria ouvir, é claro. Hood não poderia saber nada acima do nível da terceira série, exceto talvez com relação à pornografia, e esse tipo de coisa não me interessa. Mas não parecia diplomático dizer aquilo, e, em todo caso, ele não esperou minha resposta.

— O que sei é que sua meia bundona irmã de Hollywood cagou na cama — ele falou sem se incomodar nem um pouco por aquilo não fazer sentido nenhum, e então repetiu: — Ela cagou na porra da cama.

— Bom, talvez — respondi tentando soar submisso, mas confiante. — Mas na verdade temos evidências de que pode ter sido um assassino imitador.

Ele olhou para mim, e sua mandíbula se arreganhou para os lados. Era uma mandíbula enorme e parecia querer (e poder) arrancar um grande pedaço de carne de mim se precisasse.

— Evidências — Hood falou como se a palavra tivesse gosto ruim. — Tipo o quê?

— Os, hã, ferimentos. O corpo está sangrando em dois lugares, e das outras duas vezes a pele não tinha nenhum corte.

Hood virou o rosto uns dois centímetros e cuspiu.

— Você é cheio de merda — ele falou e virou o rosto para olhar para a Srta. Bromberg. Então cruzou os braços e seu lábio superior tremeu. —

Igual à sua meia bundona irmã.

Olhei para os meus pés apenas para ter certeza de que seu cuspe não tinha acertado meus sapatos e fique feliz de ver que não mesmo. Mas era claro que não conseguiria nada do detetive Hood a não ser saliva e escatologia, então decidi deixá-lo com suas reflexões baixas e voltar a examinar o que tinha sobrado de Camilla Figg.

Quando comecei a me virar, senti um tremor seco e sísmico subindo das profundezas do canto sombrio dentro de mim, um choque afiado e urgente de aviso do Passageiro de que Dexter estava na mira de algo hostil. O tempo passou a rastejar enquanto congelei no meio da virada e procurei a ameaça à minha volta, e ao olhar para o lado em direção à fita amarela guardando nosso perímetro, houve um *flash* brilhante e o Passageiro sibilou.

Pisquei, me preparando para o tiro, mas nada aconteceu. Não era nada a não ser um abutre tirando uma foto. Apertei os olhos por causa da cegueira momentânea causada pelo *flash* e só vi a mancha de um homem atarracado, usando uma camiseta cinza, baixando a câmera e se afastando para se misturar de volta na multidão. Foi embora antes que eu pudesse ver seu rosto ou qualquer outra coisa sobre ele, e não havia qualquer razão visível para ter acionado meu alarme silencioso. Ele não era um franco-atirador nem um terrorista com uma bicicleta explosiva. Ele não poderia representar qualquer perigo real, nada, apenas outro dos muitos idiotas que tinham uma curiosidade sombria com relação à morte. Agora estava realmente sendo estúpido, estava vendo Sombras em toda parte, mesmo quando não fazia sentido. Será que estava escorregando completamente do mundo da razão e caindo uma paranoia caleidoscópica?

Olhei para o local onde o fotógrafo tinha desaparecido por mais alguns momentos. Ele não voltou e nada veio rugindo e tentando me matar. Foram apenas meus nervos, nada mais, não era minha Testemunha e eu tinha trabalho a fazer.

Voltei para a Impala onde o corpo maltratado de Camilla estava em uma pilha desarrumada. Ela ainda estava morta e eu não conseguia deixar de lado a sensação de que, em algum lugar, alguém estava me observando, lambendo os lábios e planejando me matar também.

CAPÍTULO 19

V

ERA BEM TARDE QUANDO CHEGUEI EM CASA, QUASE MEIA-NOITE, e por puro hábito fui até a cozinha e olhei para ver se Rita tinha deixado alguma comida para mim. Mas não importava o quanto eu olhasse, não havia nenhuma sobra, nem mesmo um pedaço de *pizza*. Procurei com cuidado, mas foi em vão. Não havia nenhum Tupperware na bancada, nada no forno, nenhum prato na geladeira nem mesmo uma sacola de *fast-food* na pia. Procurei na cozinha toda e não encontrei nada para comer.

Imagino que isso não era uma tragédia se fossemos comparar. Coisas piores aconteciam todos os dias, e uma delas tinha acabado de acontecer com Camilla Figg, alguém que eu conhecia há anos. Eu realmente deveria estar um pouco sentido. Mas estava com fome e Rita não tinha deixado nada para eu comer. Para mim aquilo parecia muito mais triste, a morte de uma grande tradição de sustentação, a violação de um princípio não pronunciado, mas importante, que tinha me nutrido através de muitas provações. Nada de comida para Dexter. Tudo estava completamente perdido.

Mas encontrei uma cadeira puxada para fora da mesa da cozinha em um ângulo desleixado e sapatos que Rita atirou a esmo para baixo dela. Seu trabalho estava mais uma vez empilhado sobre a mesa e sua blusa pendurada desajeitadamente no encosto da cadeira. Do outro lado vi um

quadrado amarelo preso na geladeira e fui olhar, era um Post-it, presumivelmente de Rita, embora as palavras rabiscadas não se parecessem com sua caligrafia perfeita habitual. A nota estava colada na porta do congelador e dizia: “Brian ligou, onde você estava?”. Ela tinha precisado de duas tentativas para escrever o “B” de “Brian”, e a última palavra estava sublinhada três vezes; a ponta da caneta tinha ido do começo ao fim e feito uma pequena lágrima no papel.

V

Era apenas um pequeno bilhete amarelo, mas algo nele me fez parar e ficar ao lado da geladeira por um momento, segurando o Post-it e imaginando por que me perturbava. Com certeza não era certamente a caligrafia descuidada, sem dúvida Rita simplesmente estava cansada, exausta por sair correndo do trabalho após um dia longo e tenso da luta contra a crise anual e, em seguida, andar com três filhos pela noite quente e lotada de Miami e ir a uma hamburgueria. Era o suficiente para fazer alguém ficar tenso, cansado e...

...e perder a capacidade de escrever a letra “B” corretamente?

Isso não fazia nenhum sentido. Rita era uma pessoa precisa, neuroticamente arrumada e metódica. Era uma das qualidades que eu admirava nela, e uma simples fadiga e frustração nunca haviam esmaecido sua paixão por fazer as coisas de forma ordenada. Ela enfrentou muitas dificuldades em sua vida, como seu primeiro casamento desastroso com um viciado em drogas e violento, e ela sempre superou a desordem violenta da vida voltando a ficar de pé, escovando os dentes e colocando a roupa suja no cesto. Para ela rabiscar um bilhete confuso e deixar seus sapatos e suas roupas espalhados pelo chão desse jeito era algo muito fora de seu personagem e uma clara indicação de que, hã... do quê?

Da última vez tinha sido um copo de vinho derramado, será que tinha derramado porque ela tomou mais de um? E fez a mesma coisa de novo hoje à noite?

Voltei para a mesa da cozinha, olhei para onde Rita tinha sentado e deixado seus sapatos e observei como um técnico forense treinado e altamente qualificado. O ângulo do sapato esquerdo mostrava uma falta de controle motor e a blusa pendurada de qualquer jeito era uma indicação definitiva de inibição diminuída. Mas apenas por uma questão de

confirmação científica, fui até a lixeira grande que ficava ao lado da porta dos fundos. Dentro dela, embaixo de uma confusão de toalhas de papel e cartas jogadas, havia uma garrafa vazia que recentemente continha vinho tinto.

Rita era entusiasmada com a reciclagem, mas aqui estava uma garrafa vazia de vinho na lata de lixo comum e ainda coberta com papel. Não me lembro de ter visto a garrafa quando estava cheia e geralmente estou muito familiarizado com o que está na minha cozinha. Aquela era uma garrafa inteira de Merlot e deveria ser visível em quase qualquer lugar na cozinha. Mas eu não tinha visto. Isso significava que, ou Rita teve o trabalho de escondê-la ou então comprou a garrafa esta noite, bebeu tudo de uma vez e se esqueceu de reciclar.

Não era um copo de vinho enquanto trabalhava e eu pedia *pizza*. Era uma garrafa inteira que, pior, ela bebeu quando eu estava fora de casa, deixando as crianças sem vigilância e proteção.

Ela estava bebendo demais e muito frequentemente. Eu tinha imaginado que estava apenas tomando um pouco de vinho como uma forma de lidar com o estresse temporário, mas era mais do que isso. Teria algum outro fator desconhecido mudado Rita de repente e a transformado em uma bebedora contumaz? E se sim, eu não deveria fazer algo a respeito? Ou deveria esperar até que ela começasse a faltar ao trabalho e negligenciar os filhos?

Do corredor, como se fosse uma sugestão, ouvi Lily Anne começa a chorar e corri para o quarto onde estava seu berço. Ela chutava e agitava os braços, e quando a levantei de sua pequena cama era óbvio o porquê. A fralda estava cheia, a ponto de transbordar. Olhei para Rita: ela estava de bruços na cama, roncando, com um braço para cima e o outro preso embaixo dela. Claramente a agitação de Lily Anne não tinha penetrado a névoa de seu sono e Rita não conseguiu trocar a fralda do bebê antes de ir para a cama. Isso não parecia coisa dela, mas o vinho bebido secretamente e em excesso também não.

Lily Anne chutou com mais força e aumentou um pouco o volume do seu choro, então a levei até o trocador. O problema dela era claro, imediato e algo com que eu podia lidar rapidamente. Rita demandaria um pouco mais e era muito tarde para pensar nisso. Coloquei uma fralda nova na bebê e a

embalei até que voltasse a dormir. Depois a coloquei no berço e fui para a minha cama.

Rita estava na mesma posição, deitada imóvel em dois terços da cama. Podia estar morta, exceto pelo ronco. Olhei para ela e perguntei o que estava acontecendo naquela cabeça loira de aparência agradável. Ela sempre fora totalmente confiável, completamente previsível, nunca se desviou, nem mesmo um pequeno passo, de seu padrão de comportamento. Era uma das razões pelas quais tinha decidido que era uma boa ideia me casar com ela, quase sempre sabia exatamente o que faria. Ela era como um perfeito brinquedo de ferrovia, zumbindo em torno do mesmo caminho, passando pelo mesmo cenário, dia após dia sem alteração.

Até agora. Ela claramente tinha saído dos trilhos por alguma razão, e me veio o pensamento desagradável de que eu precisava lidar com isso de alguma forma. Devo encenar uma intervenção? Forçá-la a ir a uma reunião do AA? Ameaçar me divorciar e fazê-la ficar com as crianças? Isso era um relvado estranho para mim, ideias que estavam no programa de Casamento Avançado, um curso de pós-graduação na área de estudos em seres humanos sobre o qual eu ainda não sabia quase nada.

Seja qual for a resposta, eu não ia descobrir isso hoje à noite. Após o longo dia de trabalho, lidando com o “Blog da sombra”, colegas de trabalho chorosos e o Detetive Cabeça-Dura, estava muito cansado. Uma nuvem espessa e estúpida de fadiga havia se espalhado pelo meu cérebro e eu tinha que dormir antes de fazer qualquer outra coisa.

Rolei o corpo mole Rita para seu lado da cama e deitei sob o lençol. Eu precisava dormir tanto quanto possível, e logo que minha cabeça encostou no travesseiro eu estava inconsciente.

V

O alarme me acordou às sete e, enquanto dava uma pancada nele, tive o sentimento totalmente irracional de que tudo ia ficar bem. Eu havia ido para a cama com a caixa de preocupação cheia: Rita, “Blog da sombra” e Camilla Figg, mas durante a noite algo tinha vindo e varrido toda a minha ansiedade. Sim, havia problemas. Mas eu lidaria com eles, sempre tinha lidado e faria isso agora. Era totalmente ilógico, eu sei, mas estava cheio de confiança descontraída em vez da ansiedade do corpo cansado de ontem à noite. Não tenho ideia de por que a mudança tinha acontecido, talvez fosse

o efeito do sono profundo e sem sonhos. Em todo caso, acordei em um mundo onde o otimismo irracional parecia senso comum. Não estou dizendo que ouvi pássaros cantando ao sol dourado de uma aurora perfeita, mas tinha cheiro de café e *bacon* vindo da cozinha, que era uma coisa muito melhor do que qualquer canto de pássaro que já ouvi. Tomei banho, me vesti e quando cheguei à mesa da cozinha havia um prato com ovos em forma de sol esperando por mim com três tiras crocantes de *bacon* do lado, e uma caneca de café quente e forte na mesa ao lado dele.

— Você chegou muito tarde ontem à noite — Rita falou quebrando um ovo na frigideira. Por alguma razão, pareceu que ela estava quase me acusando de algo, mas como isso não fazia sentido, decidi que era apenas um efeito residual de tomar muito vinho.

— Camilla Figg foi assassinada na noite passada. Sabe, a mulher que trabalha comigo?

Rita se virou do fogão com a espátula na mão e olhou para mim.

— Então estava *trabalhando*? — ela perguntou e mais uma vez aquele tom do vinho em excesso da noite passada estava em sua voz.

— Estava. Só acharam o corpo dela bem tarde.

Ela me olhou por alguns segundos e finalmente sacudiu a cabeça.

— Isso explica tudo, não é mesmo? — ela falou, mas continuou olhando para mim como se não explicasse nada.

Aquilo me deixou um pouco incomodado. Por que ela estava me encarando daquele jeito? Olhei para baixo a fim de ter certeza de que tinha posto minha calça, e tinha. Quando levantei a cabeça, ela ainda me encarava.

— Algum problema?

Rita sacudiu a cabeça.

— Problema? — Era rolou os olhou para o teto. — Ele quer saber se tem algum problema? — Ela olhou para mim com as mãos na cintura e bateu o pé no chão de forma impaciente. — Porque não me diz se tem algum problema, Dexter?

Olhei para ela surpreso.

— Hã... — falei pensando em qual seria a resposta certa. — Até onde sei não há nenhum problema. Acho que não há nada fora do comum...? — Parecia uma resposta triste e inadequada, e Rita concordou.

— Ah, ótimo, nenhum problema. — Ela continuou olhando para mim com a sobrancelha levantada e batendo o pé como se esperasse mais, mesmo com o que falei sendo tão fraco.

Olhei para trás dela, para o fogão, onde começou a sair fumaça da frigideira no lugar do vapor cheiroso.

— Hã, Rita? — falei cuidadosamente. — Acho que tem algo queimando.

Ela piscou para mim, entendeu o que eu tinha dito e se virou para o fogão.

— Oh, merda, olha só isso — ela falou indo em frente com a espátula em riste. — Não, merda, olha que horas são — acrescentou com uma voz carregada com o que parecia ser uma frustração crescente. — Droga, por que isso não pode... Nunca há nenhuma... Cody? Astor? Venham tomar café, agora!

Ela jogou os ovos fora, colocou manteiga na frigideira e quebrou mais dois ovos nela em uma série de movimentos tão rápidos que pareciam apenas mecânicos.

— Crianças? Venham agora, vamos! — ela falou e olhou para mim de novo e hesitou apenas por um momento. — Eu só... nós precisamos... — ela sacudiu a cabeça como se não conseguisse pensar em como seriam as palavras em inglês. — Não ouvi você chegar ontem à noite — ela falou com o fim da frase saindo mais baixo.

E eu poderia ter respondido que ontem à noite ela não ouviria o Regimento da Rainha da Escócia marchando pela casa tocando gaitas de fole, mas não tinha ideia do que ela queria que eu dissesse, e por que arruinar uma manhã adorável tentando descobrir? Além disso, minha boca estava cheia com os ovos e seria rude falar desse jeito. Então sorri, fiz um som qualquer e continuei comendo. Ela me olhou esperando algo por mais um momento, mas Cody e Astor entraram e Rita se virou para preparar o café deles. A manhã caminhou em seu ritmo perfeitamente normal e eu sentia mais uma vez o lampejo de esperança infundada de quando acordei enquanto dirigia para o trabalho através do tráfego que se arrastava.

V

Mesmo sendo início da manhã, o tráfego de Miami tem uma vantagem que você não encontra em outras cidades. Os motoristas de Miami parecem acordar mais rápidos e selvagens do que outros. Talvez seja porque a luz do sol brilhante e incansável faz todos perceberem que poderiam estar

pescando ou na praia em vez de rastejar ao longo da rodovia para um trabalho chato, esmagador de alma e beco sem saída que não paga nada perto do que realmente vale. Ou talvez seja apenas o choque que recebemos a partir de nosso café extraforte de Miami.

Seja qual for a razão, nunca vi uma manhã sem um jeito de maníaca homicida, e esta não foi diferente. As pessoas buzinavam, gritavam ameaças e acenavam com os dedos médios, e na interligação para a Palmetto Expressway um velho Buick acertou a traseira de um BMW novo. Uma briga irrompeu no acostamento e todos os outros motoristas diminuíram o ritmo para assistir ou gritar com os lutadores, e levei uns dez minutos a mais para passar a bagunça e ir trabalhar. Isso foi ótimo, considerando o que esperava por mim quando cheguei.

Como ainda estava me sentindo estupidamente esperto e divertido, não parei para tomar uma xícara de café letal que poderia matar o zumbido ou até mesmo a mim. Em vez disso fui diretamente para a minha mesa, onde encontrei Deborah me esperando, sentada na minha cadeira e parecendo a garota-propaganda da Fundação Nacional da Meditação Indignada. Seu braço esquerdo estava ainda em uma tipoia, mas o gesso tinha perdido a patina limpa e brilhante, e ela o tinha colocado sobre o meu mata-borrão da mesa e derrubado meu porta-lápis. Mas ninguém é perfeito e havia sido uma manhã feliz, então não liguei para aquilo.

— Bom-dia, mana — falei alegremente, o que pareceu ofendê-la ainda mais do que o normal. Ela fez uma careta e sacudiu a cabeça, como se um bom ou mau dia fosse irritante ou irrelevante.

— O que aconteceu na noite passada? — ela perguntou em uma voz mais dura do que o normal. — Foi o mesmo que os outros?

— Está falando de Camilla Figg? — perguntei e agora ela quase rosnava.

— Do que mais poderia ser? Porra, Dex, preciso saber, foi igual?

Eu me sentei na cadeira em frente à mesa, o que achei bem nobre da minha parte, considerando que Debs estava em minha cadeira e esta aqui não era muito confortável.

— Acho que não — respondi e ela expirou longamente.

— Porra, eu sabia — ela falou, se endireitou e olhou para mim com um olhar ansioso. — Qual a diferença?

Levantei uma mão para que ela diminuísse o ritmo.

— Não é algo superconvincente, ou pelo menos o detetive Hood não achou.

— Aquele cuzão idiota não conseguiria achar o chão mesmo usando os dois pés. O que você conseguiu?

— Bom, apenas que a pele estava cortada em dois lugares, por isso havia sangue na cena do crime. Ah, e o corpo também não tinha sido posicionado direito. — Ela me olhou esperando mais, então continuei. — Os, hã, ferimentos também eram diferentes.

— Diferentes como?

— Acho que foram feitos com algo diferente. Não com um martelo, quero dizer.

— Com que então? — ela quis saber. — Um taco de golfe? Um carro? O quê?

— Não consegui descobrir. Mas provavelmente algo com uma superfície arredondada Talvez... — hesitei por meio segundo, pois só de falar aquilo em voz alta já me deixava meio paranoico. Debs me olhava com uma expressão de ansiedade em vias de virar mau humor, então continuei. — Talvez um taco de baseball.

— Certo — ela falou e manteve a mesma expressão concentrada em mim.

— Bom, o corpo não estava arrumado do mesmo jeito — falei e ela continuou me encarando, e quando parei de falar ela franziu a testa.

— É só isso?

— Praticamente. Temos que esperar pela autópsia para ter certeza, mas um dos ferimentos foi na cabeça, e acho que Camilla estava inconsciente ou mesmo morta quando recebeu as pancadas.

— Isso não quer dizer merda nenhuma.

— Deborah, não havia nenhum sangue nos outros dois. E o assassino tinha sido extremamente cuidadoso em mantê-los acordados o tempo todo, e não rasgou a pele deles nem uma vez.

— Nunca vai convencer o capitão disso — ela falou. — O departamento todo quer minha cabeça, e, se não conseguir provar que prendi o cara certo, ele dará minha cabeça a eles.

— Eu não posso provar nada, mas sei que estou certo.

Ela colocou a cabeça de lado e olhou inquisidora.

— Uma de suas vozes? — ela perguntou cuidadosamente. — Não pode fazê-la dizer mais alguma coisa?

Quando Deborah finalmente descobriu quem eu era, tentei explicar o Passageiro das Trevas para ela. Disse que muitas vezes tinha palpites sobre um assassino que na verdade eram pistas de uma alma gêmea que havia dentro de mim. Ao que parece isso causou uma tremenda confusão, pois ela ainda achava que eu entrava em um tipo de transe e conversava à distância com alguém do outro lado.

— Não é exatamente uma Tábua Ouija — respondi.

— Não me interessa nem se forem folhas de chá. Só quero que faça nos dizer algo útil.

Antes que pudesse abrir a boca e soltar a resposta rabugenta que estava se formando, um pé enorme apareceu na porta e uma grande sombra surgiu sobre os trapos da minha manhã adorável. Olhei em volta e lá estava, em pessoa, o fim dos pensamentos felizes.

O detetive Hood estava encostado no batente da porta e nos lançou seu melhor sorriso maligno.

— Olha só pra isso. Perdedores para todos os lados.

— Olha só — Debs respondeu de primeira. — Um cuzão falante.

Hood não pareceu ficar terrivelmente ofendido.

— Para você é cuzão no comando, querida. O cuzão que vai encontrar o verdadeiro matador de policiais em vez de ficar brincando de ir no *Good Morning America*.

Deborah ficou vermelha. Era um comentário muito injusto, mas a acertou em cheio. Para o crédito de Deborah, ela conseguiu responder a altura.

— Você não conseguiria achar o seu pau nem com uma equipe de buscas.

— E seria uma equipe bem pequena — acrescentei feliz, afinal, a família tem que se unir.

Ele olhou para mim e seu sorriso ficou ainda maior e mais maligno.

— Você está fora desse negócio a partir de agora. Igual a sua irmãzinha hollywoodiana.

— Jura? — respondi. — Só porque posso provar que está errado?

— Não — ele respondeu. — Porque agora é... — ele fez uma pausa para apreciar as palavras e então as deixou sair de um jeito lento e delicioso. — ...uma pessoa interessada no caso.

Estava pronto para lançar outro comentário esperto e espirituoso sobre ele, sem me importar com o que dissesse, mas aquilo me pegou totalmente de surpresa. “Pessoa interessada no caso” era um código policial para

“Achamos que é culpado e vamos provar isso”. Enquanto fiquei olhando para ele em um torpor aterrorizado, percebi que não havia nenhuma resposta inteligente ao saber que você estava sendo investigado por assassinato, especialmente quando você nem tinha cometido um. Senti minha boca abrir e fechar no que deve ter parecido uma ótima imitação de uma garoupa pescada em águas profundas, mas nenhum som saiu dela. Por sorte Deborah me defendeu.

— Que tipo de merda estúpida você está inventando, Richard? Não pode persegui-lo só porque ele sabe que você é um idiota.

— Ah, não se preocupe com isso. Tenho uma razão muito boa. — E ouvindo-o falar, você pensaria que era o homem mais feliz do mundo, até ver o próximo que entrou em minha sala.

Esse outro entrou como se tivesse esperado a vida toda apenas pela deixa correta para fazer sua entrada dramática. Ouvi pancadas duras e rítmicas ao fim das palavras de Hood e então o verdadeiro homem mais feliz do mundo entrou.

Digo “homem”, mas na verdade não era mais do que três quartos de carne e osso de *homo sapiens*. O ruído protético de seus passos revelava que os pés humanos não existiam mais, e duas pinças de metal brilhavam no lugar de suas mãos. Mas os dentes ainda eram humanos e cada um deles aparecia quando ele entrou e entregou um envelope grande a Hood.

— Obrigado — Hood falou e o sargento Doakes apenas concordou com a cabeça e manteve os olhos fixos em mim com seu sorriso absurdamente feliz esticado no rosto e me enchendo de terror.

— Que porra é essa? — Deborah perguntou, mas Hood apenas sacudiu a cabeça e abriu o envelope. Ele tirou de lá o que parecia ser uma foto comum e a jogou na minha mesa.

— Pode me dizer o que é isso? — ele me perguntou.

Estiquei a mão e peguei a foto. Não reconheci quem era, mas, ao olhar por um momento perturbador e breve, achei que tivesse perdido a cabeça ao pensar: *Mas parece comigo!* Então respirei fundo, olhei de novo e pensei: *Sou eu!* O que não fazia nenhum sentido, não interessava quão reconfortante fosse.

Era eu. Era uma foto de Dexter: sem camisa, meio vira para o outro lado e caminhando para longe de um corpo caído no pavimento. Meu primeiro pensamento foi: *Mas não me lembro de deixar um corpo lá...* E não conta

muitos pontos a meu favor admitir isso, mas meu segundo pensamento enquanto olhava para meu torço nu foi: *Estou muito bem!* Tônus muscular excelente, abdome definido e nenhum sinal do pneuzinho extra que tem insistido em aparecer em volta da minha cintura ultimamente. Então a foto provavelmente tinha um ano ou dois, o que não explicava por que Doakes estava tão feliz com aquilo.

Empurrei meus pensamentos narcisistas para longe e tentei me concentrar na foto em si, já que aparentemente ela representava um grande perigo real para mim. Nada me ocorreu, nenhuma pista de onde tinha sido tirada ou por quem, então olhei para Hood.

— Onde conseguiu isso?

— Reconhece a foto? — ele quis saber.

— Nunca vi antes — falei. — Mas penso que sou eu.

Doakes fez um som borbulhante que poderia ser uma risada e Hood assentiu com a cabeça como se um pensamento estivesse se formando nela.

— Pensa?

— Sim, penso. E não dói nada, você devia fazer isso também.

Hood tirou outra foto do envelope e jogou na mesa.

— E esta aqui? Acha que também é você?

Olhei a foto. Esta mostrava o mesmo cenário da outra, mas agora eu estava mais longe do corpo e vestindo uma camisa. Algo novo tinha surgido no foco e depois de um momento de estudo reconheci a parte de trás da cabeça de Angel Batista. Ele estava agachado sobre o corpo e então uma pequena lâmpada se acendeu acima da minha cabeça.

— Oh — falei com o alívio me inundando.

Não era uma foto de Dexter pego no ato de ajudar alguém a bater as botas, era o Dexter Trabalhador em um simples dia de trabalho. Eu podia explicar tranquilamente, até mesmo provar, e então estaria livre.

— Agora me lembro. Foi há uns dois anos, uma cena de crime em Liberty City. Um carro passou atirando, três vítimas, uma confusão. Sujei a camisa de sangue.

— Certo — Hood falou e Doakes sacudiu a cabeça, ainda sorrindo feliz.

— Bom, isso acontece às vezes. Tenho uma camisa limpa em meu porta-malas para garantir. — Hood continuou me encarando e dei de ombros. — Então coloquei uma camisa limpa — falei esperando que ele finalmente entendesse.

— Boa ideia — ele falou concordando com a cabeça como se aprovasse o meu sólido senso comum, e então jogou outra foto na mesa. — E que tal esta?

Eu a peguei. Era eu de novo, muito obviamente eu. Era um *close* de meu rosto, de perfil. Estava olhando ao longe com uma expressão nobre de desejo que provavelmente significava que era hora do almoço. Havia uma barba em meu rosto, que não estava nas primeiras fotos, então esta era de outra época. Mas como era muito próxima e focalizada no meu rosto, não consegui ver nenhum detalhe que me dissesse mais sobre ela ou onde tinha sido tirada. Por outro lado, aquilo significava que não tinha como usarem para provar nada contra mim.

Então sacudi a cabeça e botei a foto de novo na mesa.

— Bela foto — falei. — Me diga uma coisa, detetive, acha que um homem pode ser bonito demais?

— Acho — Hood respondeu. — E acho que pode ser engraçadinho demais também. — Então jogou uma última foto na mesa. — Ria desta aqui, engraçadinho.

Peguei a foto. Estava nela de novo, mas desta vez cara a cara com Camilla Figg. Havia uma expressão de adoração no rosto dela, um olhar de saudade afetuosa que até mesmo uma anta como Hood conseguiria ver sem precisar de ajuda. Observei procurando por pistas e finalmente reconheci o que estava em volta. Esta tinha sido tirada na Tocha, onde o policial Gunther fora encontrado. Mas e daí? Por que aquele grandalhão estúpido estava me mostrando fotos minhas, por mais belas que elas fossem?

Coloquei a foto na mesa com as outras.

— Não tinha ideia de que era tão fotogênico. Posso ficar com elas?

— Não — Hood falou.

Ele se inclinou para a mesa por cima de mim, e o cheiro de detetive sem banho se misturou com o da colônia barata e quase me fez vomitar. Ele pegou as fotos, se endireitou e as colocou de volta no envelope.

Com Hood a alguns passos de mim outra vez, consegui respirar de novo e, como minha curiosidade estava atiçada, usei aquele ar para algo prático.

— São todas belas fotos, mas e daí?

— E daí? — Hood repetiu e Doakes fez outro de seus barulhos divertidos de alguém sem língua. Não saiu nenhuma palavra, mas as sílabas truncadas

tinham um certo tom de *Te peguei* de que não gostei nem um pouco. — É tudo o que tem a dizer da coleção de fotos de sua namorada?

— Sou casado. Não tenho namorada.

— É, realmente não tem mais — Hood falou. — Pois ela morreu. — E como se estivessem ligados por fios e controlados de fora do palco, Doakes abriu um enorme sorriso em uma exibição cegante de esmalte e felicidade carnívora. — Elas foram encontradas no apartamento de Camilla Figg. E tem centenas elas.

Ele apontou o dedo do tamanho de uma banana bem entre os meus olhos.

— Todas de você.

CAPÍTULO 20

V

EM ALGUM LUGAR DO MUNDO, É BEM POSSÍVEL QUE UMA CRIANÇA risse sem cuidado e brincasse com alegria despreocupada. Em algum lugar, uma brisa suave soprava sobre um gramado enquanto amantes inocentes andavam de mãos dadas sob os raios de sol. E em algum lugar desse mundinho imundo era até remotamente possível que a paz, o amor e a alegria transbordassem no coração e na mente dos justos. Mas no momento, neste local, Dexter estava Mergulhado em Totô e qualquer tipo de alegria era uma fábula zombeteira amarga, a não ser que seu nome fosse Hood ou Doakes, nesse caso você estaria no melhor dos mundos. Está vendo o Dexter engraçadinho? Está vendo como se contorce? Está vendo o suor surgir em sua testa? Ha, ha, ha. Mas que cara engraçado. Ah, veja, a boca dele está se movendo, mas nada sai dela a não ser vogais sem sentido. Suor, Dexter. Suor e gagueira. Ha, ha, ha. Dexter é engraçado.

Ainda estava me esforçando para encontrar uma consoante quando minha irmã resolveu falar.

— Mas que porra está tentando inventar aqui, cabeça de merda? — ela falou e percebi que eram as palavras exatas que estava procurando, então fechei a boca e concordei com a cabeça.

Hood levantou as sobrancelhas e sua testa era tão baixa que elas quase se fundiram com seu cabelo.

— Inventar? — ele falou exagerando o tom inocente. — Não estou inventando nada. Estou investigando um homicídio.

— Com umas duas fotos de merda? — Deborah falou com um desprezo de aquecer qualquer coração.

Hood se inclinou em direção a ela.

— Duas? — ele bufou. — Como disse antes, tem centenas delas. — Ele apontou seu dedo gigante para minha cabeça de novo. — Cada uma delas do engraçadinho aqui.

— Isso não quer dizer merda nenhuma — Deborah continuou.

— Enquadradas e penduradas nas paredes — Hood falou implacavelmente. — Grudadas na geladeira. Guardadas no criado-mundo. Em caixas no armário. Em uma pasta atrás do vaso sanitário — ele falou com malícia. — Centenas de fotos do seu irmão, queridinha. — Ele deu um passo em direção a ela e piscou. — Posso não chegar a ir ao Today Show para falar sobre elas, como alguns perdedores que prendem o cara errado, mas estou no comando desta investigação e acho que estas fotos são importantes, talvez muito mais do que importantes. Acho que significam que ele estava comendo a Camilla e que ela ia contar para a linda esposinha, e ele não queria isso. Então, deixe-me perguntar isso mais uma vez de forma bem educada e oficial — ele falou se afastando de Debs. Então se inclinou em minha direção, e quando falou o cheiro de seus sovacos não lavados se misturou com seu hálito podre e fez meus olhos se encherem de lágrimas. — Tem algo que queria contar a respeito dessas fotos, Dexter? E talvez sobre seu relacionamento com Camilla Figg?

— Não sei nada sobre as fotos — respondi. — E não tenho nenhum relacionamento com Camilla, a não ser que trabalhava com ela. Eu mal conhecia.

— Aham — Hood falou ainda curvado sobre mim. — É tudo que tem a dizer?

— Bom, também gostaria de dizer que você precisa muito escovar os dentes.

Ele não se moveu durante vários segundos e que pareceram ainda mais longos pelo fato dele ter expirado. Finalmente assentiu, se endireitou devagar e disse:

— Isso vai ser divertido. — Depois fez um aceno de cabeça para mim e seu sorriso nojento ficou ainda maior. — A partir das cinco da tarde de hoje,

você está suspenso até o fim das investigações. Se quiser apelar desta decisão, pode entrar em contato com o coordenador administrativo de pessoal. — Ele se virou para Doakes e fez um aceno de cabeça alegre, e senti um nó frio se formar em meu estômago antes mesmo de ele acrescentar o fim inevitável. — Que é o sargento Doakes.

— Mas é claro — respondi. Nada poderia ser mais perfeito.

Os dois sorriram para mim com genuína alegria no coração e, quando Hood sorriu o máximo que seu corpo podia aguentar sem derreter, se virou e caminhou para a porta. Chegando lá ele girou e apontou o dedo para Deborah e fez um som de clique como se estivesse atirando nela.

— Vejo você mais tarde, fracassada — ele falou e então saiu sorrindo como se estivesse indo para a própria festa de aniversário.

O sargento Doakes não tirou os olhos de mim o tempo todo e continuava me olhando. Apenas sorria para mim, claramente se divertindo como havia muito tempo não fazia, então finalmente, quando eu já estava pensando em jogar uma cadeira em sua cabeça, ele soltou sua terrível risada sem língua e seguiu Hood para o corredor.

Houve um silêncio em meu escritório pelo que pareceu um longo tempo. E não era nem um pouco de paz contemplativa. Era na verdade o tipo de calma que vem logo depois de uma explosão, quando os sobreviventes estão olhando em volta para os corpos e imaginando se tem outra bomba para explodir, e aquele silêncio lúgubre não terminou até Deborah finalmente sacudir a cabeça e dizer:

— Jesus Cristo. Aquilo parecia resumir tão bem as coisas que não falei nada — então ela repetiu e acrescentou: — Dexter... preciso saber.

Olhei para ela surpreso. Ela parecia muito séria, mas não consegui imaginar o que estava pensando.

— Saber o quê, Debs?

— Você transou com a Camilla?

Então foi minha vez de dizer as palavras.

— Jesus Cristo, Debs. — Eu estava verdadeiramente chocado. — Também acha que eu a matei?

Ela hesitou por meio segundo.

— Nãão — ela falou não muito convincente. — Mas precisa entender o que parece.

— Para mim parece que está brincando de Pule em Cima do Dexter. Isso é loucura, mal falei umas vinte palavras com Camilla minha vida toda.

— Sim, mas fala sério. E a porra das fotos?

— O que é que tem? — perguntei. — Eu não tirei e não sei o que acha que possam significar.

— Só estou dizendo que significam muito para um imbecil sem cérebro como o Hood, e ele vai usar isso até o fim e talvez até convença as pessoas — ela continuou misturando as metáforas descuidadamente. — É perfeito para ele, cara casado transa com mina no trabalho e depois a mata para evitar que a mulher descubra.

— É isso o que você acha?

— Só estou dizendo. Quer dizer, você precisa saber como vai parecer. É totalmente crível.

— É totalmente inacreditável para alguém que me conhece — falei. — Isso é completamente... como pode pensar nisso por um segundo? — Eu estava sentindo verdadeiras emoções humanas de dor, traição e indignação. Pois uma vez na vida eu era totalmente inocente, mas mesmo a minha própria irmã parecia não acreditar nisso.

— Está bem, Jesus. Só estou dizendo, sabe como é.

— Está só dizendo que estou no Rio de Merda e não vai nem me passar um remo?

— Ah, qual é — ela respondeu e tenho que dar um crédito porque ela se contorceu.

— Está dizendo que quer saber se está tudo bem se prenderem seu irmão — falei porque também sabia ser implacável. — Porque você sabe que secretamente ele é o tipo de cara que detona os colegas de trabalho com martelos?

— Pelo amor de deus, Dexter! Me desculpe, está bem?

Eu a encarei por mais um segundo, mas ela parecia mesmo sentida e não estava pegando as algemas, então falei:

— Está bem.

Deborah limpou a garganta, desviou o olhar por um momento e então olhou de novo para mim.

— Então nunca transou com Camilla — ela falou e de forma um pouco mais convincente acrescentou: — E definitivamente nunca bateu em alguém até a morte com um martelo.

— Ainda não — respondi com apenas uma pontada de aviso.

— Certo — ela continuou levantando a mão boa como se quisesse garantir que estava pronta para o caso de eu realmente tentar bater nela com um martelo.

— E falando sério. Por que alguém ia querer uma foto minha?

Deborah abriu a boca, fechou e então pareceu ter pensado em algo engraçado, apesar de eu não ver nada que pudesse ter graça.

— Você realmente não sabe?

— Sei o quê, Debs? Vamos.

Ela continuava parecendo achar algo cômico. Mas então sacudiu a cabeça.

— Está bem, você não sabe, merda. — Ela sorriu e disse. — Não deveria ser eu a dizer isso a você, pois sou sua irmã, mas, ei, você é um cara bonito, Dexter.

— Obrigado, você também não é nada mal. O que isso tem a ver?

— Pelo amor de Deus, Dexter, não seja chato. A Camilla tinha uma queda por você, seu cuzão.

— Por mim? Uma queda? Tipo como uma paixão romântica?

— Ah, merda, por anos e anos. Todos sabiam disso.

— Todos menos eu.

— É, bom — ela falou dando de ombros. — Mas com todas aquelas fotos, parece mais uma completa obsessão.

Sacudi a cabeça como se pudesse fazer aquilo desaparecer. Quer dizer, não finjo entender a clinicamente insana raça humana, mas aquilo era um pouco demais.

— Isso é loucura. Eu sou casado.

Ao que parece aquilo era engraçado, pelo menos para Deborah que bufou alegremente.

— É, bom, casar não fez você ficar feio. Ainda não, pelo menos.

Pensei sobre Camilla e como ela havia se comportado com relação a mim ao longo dos anos. Recentemente, enquanto estávamos trabalhando no local onde o corpo do policial Gunther tinha sido abandonado, ela havia tirado uma foto de mim e depois balbuciou algo incompreensível e incoerente sobre o *flash* quando olhei para ela. Talvez sua incapacidade de falar em sentenças completas só se manifestasse quando estava na minha presença. E era verdade que corava toda vez que me via e, pensando bem agora, ela

tentou me beijar em um estupor bêbado na minha despedida de solteiro, mas em vez disso tinha apenas desmaiado nos meus pés. Será que tudo isso se somava em uma obsessão com o velho Dexter? E se sim, como uma queda a fez ser esmagada?

Sempre me orgulhei da minha capacidade de ver as coisas como elas realmente são, sem qualquer uma das centenas de filtros emocionais que os humanos colocam entre si e os fatos. Então fiz um esforço consciente para limpar o ar ruim, real e metafórico, que Hood tinha deixado. Fato um: Camilla estava morta. Dois: ela havia sido morta de uma maneira muito incomum e que na verdade era mais importante do que o fato um, pois era uma imitação daquilo que fora feito com Gunther e Klein. Por que alguém faria isso?

Primeiro, denegria a imagem de Deborah. Havia pessoas que queriam isso, mas ou estavam na cadeia, ou ocupados comandando uma investigação de assassinato. Mas também pegou mal para mim, e aquilo ia mais direto ao ponto. Minha Testemunha tinha feito uma ameaça e, em seguida, Camilla apareceu morta e eu era o principal suspeito.

Como ele poderia saber que Camilla tinha todas aquelas fotos? Um fiapo perdido de memória surgiu, um trecho que uma fofoca de escritório...

Olhei para Deborah. Ela me encarava com uma sobrancelha levantada como se achasse que eu fosse cair da cadeira.

— Você ouviu algo sobre a Camilla ter um namorado? — perguntei.

— Ouvi. Acha que foi ele?

— Acho.

— Por quê? — ela quis saber.

— Porque ele viu a galeria de fotos minhas que ela tinha.

Debs pareceu em dúvida e sacudiu a cabeça.

— E daí? Ele a matou porque estava com ciúme?

— Não. Ele a matou para botar a culpa em mim.

Deborah me encarou por vários segundos com uma expressão que dizia que não sabia se me dava um soco ou se chamava um médico. Então finalmente piscou, respirou fundo e falou com uma calma obviamente artificial:

— Certo, Dexter. O novo namorado da Camilla a matou para culpar você. Mas é claro, por que não? Só porque é algo totalmente absurdo...

— É claro que é absurdo, Debs. É por isso que faz sentido.

— Aham. Muito lógico, Dex. Então que tipo de psicopata cuzão mataria Camilla apenas para jogar você na merda?

Era uma pergunta desconfortável. Eu sabia que o psicopata cuzão tinha feito aquilo. Minha Testemunha tinha dito que estava se aproximando e estava mesmo. Era ele me observando na cena do crime e tirando fotos. E tinha matado Camilla Figg, puramente como um meio de chegar até mim. Era algo realmente maligno, matar uma pessoa inocente apenas para me causar transtorno, e teria sido muito tentador fazer uma pausa e ponderar sobre as profundezas absolutas da perfídia insensível que este ato revelava. Mas não havia muito tempo para refletir agora, e em todo caso é melhor deixar as pessoas com moral se preocuparem com a depravação moral.

A verdadeira questão neste momento, e bem incomoda, era como dizer a Deborah que tudo isso estava acontecendo porque alguém me tinha visto em flagrante delito. Debs havia me aceitado como o monstro que eu sou, mas não era a mesma coisa que estar no quartel-general da polícia e ouvir um exemplo real do meu passatempo. Fora isso, eu realmente acho um pouco desconfortável falar sobre meus Desmazelos Sombrios, mesmo para Debs. Ainda assim, era a única maneira de explicar as coisas.

Então, sem lhe dar muitos detalhes embaraçosos, disse a ela como tinha sido visto brincando por um blogueiro desvairado que levou aquilo para o lado pessoal. Enquanto tropeçava desajeitadamente nas palavras da minha história de aflição, Débora ficou com sua expressão eu-sou-uma-policial durona e não disse nada até que eu terminasse. Permaneceu calmamente sentada mais um pouco e me olhou como se estivesse esperando por mais.

— Quem era? — Ela perguntou finalmente, mas parecendo mais uma declaração do que uma pergunta, por isso aquilo não fez muito sentido para mim.

— Não sei quem é Debs. Se soubesse a gente o prenderia facilmente.

Ela sacudiu a cabeça impaciente.

— Sua vítima. O cara que ele viu você atacando. Quem era ele.

Por um momento, eu apenas pisquei para ela. Não podia imaginar por que ela se concentraria em um detalhe tão pouco importante quando o meu precioso pescoço estava a meio caminho da forca. E ela fez aquilo soar tão formal, falando tudo de uma vez. “Vítima” e “Atacando” naquele tom de voz policial, eu não gostava de pensar nas coisas daquele jeito. Mas ela continuou me encarando e percebi que explicar que as coisas não eram bem

assim seria muito mais difícil do que simplesmente responder à sua pergunta.

— Steve Valentine. Um pedófilo. Ele estuprou e estrangulou menininhos. — Ela continuou me encarando, então acrescentei: — Hã, pelo menos três.

Deborah concordou com a cabeça.

— Me lembro dele. Nós o prendemos duas vezes, mas não conseguimos provar a culpa. — Por volta de meia dúzia de rugas desapareceram da testa dela, e percebi com surpresa por que ela queria saber aquilo. Ela queria ter certeza de que eu estava seguindo as regras de Harry, seu pai semideus, e agora estava satisfeita em saber que sim. Ela sabia que Valentine se encaixava no padrão e aceitou a justiça do seu fim não ortodoxo com satisfação. Olhei para minha irmã com verdadeira afeição. Ela tinha andando um longo caminho desde que descobriu o que sou e teve que lutar contra o desejo de me prender.

— Muito bem — ela falou me arrancando de minha divagação antes que eu pudesse cantar “Hearts and Flowers”. Então ele viu você e agora quer pegá-lo.

— Isso — respondi.

Deborah assentiu e continuou a me estudar, apertando os lábios e sacudindo a cabeça como se eu fosse um problema acima de sua habilidade de resolver.

— Bom — falei finalmente depois de cansar de ser encarado. — O que faremos a respeito?

— Não tem porra nenhuma que possamos fazer, pelo menos não oficialmente. Qualquer coisa que eu tente me fará ser suspensa, e nem posso pedir nada debaixo dos panos a ninguém, pois é o meu irmão que está sob investigação...

— Mas não é minha culpa — falei um pouco irritado por ela fazer parecer que era.

— É, bom, olha — ela falou deixando aquilo de lado. — Se você é mesmo inocente...

— Deborah!

— Ah, sim, desculpe, quis dizer, já que você é inocente... — ela falou. E Hood é um saco de merda sem cérebro que não conseguiria achar nada nem se você fosse culpado, certo?

— Vai chegar a algum lugar com isso? Talvez um lugar bem longe de mim?

— Escuta aqui. Só estou dizendo que, em uns dois dias, quando não conseguirem nada, podemos começar a procurar o seu cara. Tente não ficar se preocupando com Hood e suas merdas por enquanto. Não há com que se preocupar. Eles não têm nada.

— É mesmo?

— Fique na boa por uns dois dias — minha irmã falou com convicção completa. — Não dá para ficar pior que isso.

CAPÍTULO 21

V

SE SOMOS CAPAZES DE APRENDER ALGO NESSA VIDA, RAPIDAMENTE descobrimos que sempre que alguém tem certeza absoluta sobre algo, normalmente está absolutamente errado também. E este caso não é diferente.

v

Minha irmã é uma detetive excelente e atira muito bem, e tenho certeza de que tem várias outras qualidades louváveis, mas se tiver que ganhar a vida como cartomante vai morrer de fome. Porque suas palavras de confiança, *Não dá para ficar pior*, ainda estavam ecoando em meus ouvidos quando descobri que, na verdade, as coisas poderiam ficar muito piores, e já tinham ficado.

As coisas já não tinham começado bem: eu havia rastejado pelo resto do dia no trabalho com todo mundo me evitando, que é algo muito mais difícil do que parece, e que resultou em vários momentos de comédia clássica, com as pessoas se esforçando para escapar do minha presença fingindo que não tinham me visto. Por alguma razão, entretanto, tive um pouco de dificuldade em apreciar o efeito cômico e, faltando seis minutos para as cinco da tarde, estava me sentindo mais desgastado do que deveria ao me

largar em minha cadeira a olhar para o relógio marcando os últimos minutos da minha carreira e, possivelmente, da minha liberdade.

Ouvi um barulho no laboratório e me virei para ver Vince Masuoka entrando, me vendo e parando.

— Oh — ele falou. — Esqueci do... hã. — Então se virou e correu para fora. Claramente, o que esqueceu foi que eu ainda poderia estar lá e ele teria que dizer algo a um colega de trabalho sob investigação pelo assassinato de outro colega de trabalho, e para alguém como Vince, aquilo seria muito desconfortável.

Eu me ouvi suspirando pesadamente e imaginei se era assim que tudo acabaria. Acusado por um brutamontes sem cérebro, evitado pelos colegas, perseguido por um *nerd* chorão craque em computadores que não conseguiu se vingar nem em uma liga pequena de beisebol. Era algo mais do que baixo e muito triste, pois eu tinha mostrado tanto potencial como quando jovem.

O relógio estava andando. Dois minutos para as cinco da tarde. Poderia muito bem juntar minhas coisas e ir para casa. Peguei o *laptop* e, quando ia fechá-lo, um pensamento pequeno e feio rastejou pelo chão do meu cérebro e resolvi checar minha caixa de entrada. Nem era algo definido o suficiente para chamar de intuição, apenas uma voz suave de couro sussurrando que, se depois que encontrei o corpo à la Dexter na casinha velha ele tinha me mandado um *e-mail*, agora que Camilla estava morta, talvez, apenas talvez...

Ao abrir a caixa de entrada, o talvez virou certeza quando li o assunto do *e-mail* recebido mais recentemente, que dizia: “Se está lendo, então não está preso!”.

Sem nenhuma dúvida a respeito de quem havia mandado, cliquei para abrir.

V

Pelo menos não por enquanto. Mas não se preocupe, se sua sorte continuar assim, logo estará lá, o que é bem melhor do que tenho em mente para você. Não é o suficiente para mim colocá-lo a sete palmos. Quero que as pessoas saibam o que é primeiro. E então... bom, já viu o que posso fazer e estou melhorando bastante, bem a tempo para a sua vez.

Ela realmente gostava de você, quer dizer, com todas aquelas fotos? Estavam em todo lugar! Era algo doentio, uma obsessão. E ela me deixou ir ao apartamento dela em nosso segundo encontro, o que, convenhamos, não deveria ser feito se fosse uma boa pessoa. Quando vi seu rosto colado por todos os lados, soube o que deveria fazer e fiz.

Talvez tenha sido um pouco precipitado? Ou talvez esteja simplesmente gostando de fazer isso, não sei. Irônico, não? Ao tentar me livrar de você, estou ficando cada vez mais parecido com você. Enfim, era perfeito demais para ser apenas acaso, então mandei ver, não me arrependo e estou apenas começando. Se acha que pode me deter, melhor pensar duas vezes. Pois não sabe nada a meu respeito, apenas que posso fazer exatamente o que você faz e estou indo fazer isso com você, e nem sabe quando será, apenas que será em breve.

Tenha um bom-dia!

V

O lado bom daquilo era saber que não estava tendo ilusões paranoicas. Minha Sombra tinha mesmo matado Camilla para me incriminar. O lado ruim era que Camilla estava morta e eu, mais encrencado do que nunca.

É claro que as coisas ficaram ainda piores, tudo porque Deborah tinha dito que não poderiam.

Fui para casa em um estado de torpor e sofrimento, esperando apenas por um pouco de conforto silencioso de minha família amada. Quando cheguei, Rita estava me esperando na porta da frente, mas não no espírito de boas-vindas agradáveis.

— Seu filho da puta, eu sabia — ela sibilou para mim como boas-vindas.

Era tão chocante quanto se tivesse jogado o sofá na minha cabeça. E ela ainda não tinha terminado.

— Maldito, Dexter, como pode? — ela perguntou com os punhos fechados e um olhar de certeza furiosa.

Sei muito bem que sou culpado de muitas coisas que podem fazer muita gente ficar brava comigo, até mesmo Rita, mas ultimamente parecia que todo mundo estava me achando culpado de todas as coisas erradas do mundo. Coisas que eu não tinha feito e não conseguia nem mesmo adivinhar o que eram. Assim, a minha rápida sagacidade não respondeu

com o tipo de réplica inteligente pela qual sou tão famoso. Em vez disso, só arregalei os olhos para Rita e gaguejei:

— Como pude... o que... o que fiz?

Aquilo era quase imperdoavelmente fraco demais e Rita se aproveitou. Ela me deu um soco no braço, bem no meio do nervo que era o alvo favorito de Debs, e falou:

— Seu bastardo de merda! Eu sabia!

Olhei para o sofá atrás dela. Cody e Astor estavam completamente hipnotizados pelo jogo que disputavam no Wii e Lily Anne, em seu chiqueirinho ao lado, feliz em lhes assistir detonando com os monstros. Eles não tinham ouvido nenhuma das palavras terríveis de Rita, pelo menos por enquanto, mas se aquilo continuasse mesmo crianças hipnotizadas acordariam e perceberiam. Segurei a mão de Rita antes que pudesse me acertar de novo e disse:

— Rita, pelo amor de deus, o que foi que eu fiz?

Ela arrancou a mão da minha.

— Idiota. Sabe muito bem o que fez. Transou com aquela puta pálida, seu maldito!

De vez em quando nos pegamos vivendo momentos que não fazem sentido nenhum. É quase como se um editor de filme onipotente tivesse nos cortado de nosso filme normal de todos os dias e nos emendado em algo completamente aleatório, de um tempo e gênero diferentes e até mesmo de um país estrangeiro e com animações em partes dele, porque de repente você olha ao redor e a linguagem é desconhecida e nada do que acontece tem qualquer relação com o que você pensa de como é a realidade.

Este foi claramente um desses momentos. Bem-educada, a Dexter-Devotada Rita, que nunca perdeu a paciência e nunca, nunca mesmo, disse palavrões, foi fazer as duas coisas ao mesmo tempo e direcionou tudo para o marido que era inocente-pela-primeira-vez.

Mesmo não sabendo em qual filme estava, sabia que era minha vez de falar e sabia que tinha que controlar a situação rapidamente.

— Rita — falei o mais calmamente possível. — O que está dizendo não faz nenhum sentido...

— Foda-se fazer sentido e foda-se você! — ela falou batendo o pé e levantando o punho para me bater de novo. Astor virou a cabeça e olhou

para nós, pois era a vez de Cody jogar, então peguei a mão de Rita mais uma vez e a afastei da porta da frente.

— Vamos — falei. — É melhor conversarmos na cozinha.

— Eu não vou — ela começou a falar e levantei a voz acima da dela.

— Longe das crianças.

Rita olhou para elas se sentindo culpada e então me seguiu quando passei pela sala e entramos na cozinha.

— Muito bem — falei puxando uma cadeira e me sentando em um local familiar. — Usando palavras simples, claras e que não são proibidas em Kentucky, pode por favor me dizer do que diabos está falando?

Rita ficou em pé do outro lado da mesa e olhou para mim com uma justa expressão de fúria e os braços cruzados.

— Você é muito bom, porra — ela disse com os dentes cerrados. — Mesmo agora eu quase acredito em você.

Eu realmente sou muito bom. Dexter é quase todo bom, com um controle gelado que sempre o ajudou a ser assim. Mas no momento podia sentir o frio e o calor se misturando em um pudim quente de frustração, então fechei os olhos e respirei fundo em um esforço de fazer as coisas voltarem à temperatura correta e agradável.

— Rita — falei abrindo os olhos e lançando a ela um olhar de paciência e sofrimento. — Vamos fingir por um minuto que não tenho a menor ideia do que você está falando.

— Seu idiota, não tente...

Levantei uma mão.

— Não precisa recordar que sou um idiota, me lembro dessa parte. É a outra parte que não estou conseguindo entender, por que sou um idiota. Entendeu?

Ela me olhou mais um pouco e ouvi seu pé batendo no chão, e então descruzou os braços e respirou fundo.

— Tudo bem — ela disse. — Vou jogar o seu joguinho, seu filho da puta. — Ela apontou para mim e se o seu dedo estivesse carregado eu teria morrido ali mesmo. — Você teve um caso com aquela puta do trabalho, o detetive me ligou! — Ela falou como se o fato de o detetive ligar provasse tudo sem sombra de dúvida. — Ele perguntou se eu sabia sobre ela, o caso que você teve e se não havia nenhuma outra foto! Depois havia a notícia

nos jornais de que ela está morta, Jesus Cristo, Dexter, você também a matou para que eu não descobrisse?

V

Tenho certeza de que em algum nível o meu cérebro ainda estava trabalhando, porque, aparentemente, ele me lembrou de respirar. Mas todas as funções mentais superiores pareciam estar completamente desligadas. Pequenos fragmentos de pensamento passavam, mas nenhum deles parecia capaz de se juntar em qualquer coisa que eu poderia realmente pensar ou dizer. Senti outra respiração entrar e depois sair e estava vagamente consciente de que certa quantidade de tempo tinha passado e que o silêncio estava desconfortavelmente longo, mas realmente não poderia reunir um número suficiente de pedaços de pensamentos corredores para fazer uma sentença verdadeira. Vagarosa e pacientemente, as rodas giraram e as palavras finalmente voltaram: *idiota... matar... detetive...* e, finalmente, com aquela terceira palavra, uma imagem flutuou para fora dos neurônios e, correndo, subiu ao topo da minha falta de pensamento turbulenta, um retrato carrancudo e estúpido de um macaco humano com a testa baixa e um sorriso médio, e finalmente consegui uma frase inteira que fazia sentido.

— Hood. Ele ligou para você?

— Acho que tenho o direito de saber se o meu marido matou alguém. E que está me traindo — ela adicionou como se o matar tudo bem, mas o trair era algo realmente desprezível. Não era a ordem correta de prioridades em nossa sociedade como eu havia aprendido, mas aquela não era hora de debater conceitos éticos contemporâneos.

— Rita — falei com toda a calma e autoridade que consegui reunir. — Eu mal conhecia essa mulher. A Camilla.

— Porra nenhuma. O Richard disse... o detetive disse que havia fotos de você em todos os cantos!

— Sim, e a Astor tem um monte de fotos dos Jonas Brothers — falei e pensei que era um belo argumento, mas por alguma razão Rita não concordou.

— Astor tem onze anos, Dexter — Rita disse de forma maldosa, como se eu fosse um idiota em tentar usar um argumento daqueles e ela jamais me deixaria escapar com aquilo. — E ela não fica acordada a noite toda com os Jonas Brothers.

— Camilla e eu trabalhávamos juntos — falei tentando furar a nuvem de insensatez. — E às vezes temos que trabalhar de madrugada. Em público. Com um monte de policiais à nossa volta.

— E todos os policiais têm fotos suas? — ela quis saber. — Em uma pasta? Atrás da privada? Fala sério. Não insulte minha inteligência.

Queria muito dizer que primeiro eu precisaria encontrar a inteligência para depois insultá-la, mas às vezes temos que sacrificar uma boa frase por um propósito maior, e este certamente era um desses momentos.

— Rita, Camilla tirou fotos minhas. — Levantei as mãos para o alto a fim de mostrar que era homem o suficiente para admitir um fato estranho. — Um monte delas, ao que parece. Deborah me disse que ela tinha uma queda por mim. Não posso controlar nenhuma dessas coisas. — Suspirei e sacudi a cabeça para deixá-la ver que o peso todo de um mundo injusto estava sobre meus ombros largos. — Mas eu nunca, jamais traí você. Nem com a Camilla, nem com ninguém.

V

Vi um primeiro lampejo pequeno de dúvida em seu rosto, eu realmente sou muito bom em retratar um verdadeiro ser humano e desta vez eu tinha a vantagem de contar algo que estava muito perto da verdade. Era um genuíno Método Atuando com o Momento, e Rita podia ver que eu estava sendo sincero.

— Besteira — ela falou, mas com menos convicção. — Todas aquelas noites em que você saiu de casa? Com alguma desculpa estúpida sobre o trabalho? Como se eu fosse acreditar... — Ela balançou a cabeça e ganhou força novamente. — Porra, eu sabia que era algo assim. Simplesmente sabia... E agora você a matou?

Era um momento muito desconfortável, ainda mais do que quando ela me acusou da primeira vez. “Todas aquelas noites” em questão, na verdade, eu tinha mesmo feito algo: não era bem um caso e certamente nada envolvendo Camilla, apenas a busca silenciosa do meu passatempo, que era relativamente inocente, pelo menos no contexto daquele momento. Mas eu não podia contar para ela, e claro que não havia nenhuma prova daquela inocência, pelo menos eu esperava que não houvesse, quer dizer, tinha certeza de que sempre limpava tudo muito bem. O pior de tudo, porém, foi

perceber que tinha achado que ela não notava quando eu saía “casualmente” de casa, o que me fez parecer incrivelmente estúpido, até mesmo para mim.

Mas sobreviver nesta vida quase sempre significa fazer o melhor em situações ruins, e se é preciso um pequeno momento de criatividade, geralmente estou à altura da tarefa, especialmente por não ter o fardo de alguma compulsão de dizer a verdade. Então respirei fundo e deixei meu cérebro enorme me tirar da floresta.

— Rita. O meu trabalho é importante para mim. Ajudo a pegar pessoas realmente más, que talvez nem sejam pessoas mesmo. São animais. O tipo de animal que é até mesmo uma ameaça a todos nós — fiz uma pausa vergonhosa para dar dramaticidade. — Especialmente para as crianças. Até mesmo Lily Anne.

— E por isso você sai de casa à noite? Para fazer o quê?

— Eu, hã — falei como se estivesse um pouco envergonhado. — Às vezes tenho uma ideia. Sobre algo, bom, você sabe. Que pode ajudar a resolver um caso.

— Ah, vamos — Rita falou. — Isso é incrível... quer dizer, não sou tão ingênua, pelo amor de deus...

— Caramba, Rita, você é igual a mim, obcecada pelo seu trabalho. Você tem trabalhado até tarde ultimamente e... bom, achei que entenderia quando eu tivesse que fazer o mesmo.

— Não dou uma escapada de casa à noite para ir ao escritório.

— Porque não precisa — respondi e senti que estava com a corda toda. — Você pode fazer seu trabalho dentro da sua cabeça, ou em um pedaço de papel. Eu preciso do equipamento do laboratório.

— Sim, mas, tipo — ela começou e pude ver a dúvida crescendo em seus olhos. — Só imaginei que... quer dizer, é que faz mais sentido, sabe?

— Faz mais sentido que eu traia você com alguém não tão bonita quanto você? Com alguém insípida e sem formas quanto a Camilla Figg?

Sei que não é considerado correto falar mal dos mortos e ao fazer isso se corre o risco de receber um castigo divino. Mas como que para provar que Deus não existe de verdade, falei mal da querida Camilla e mesmo assim um raio não atravessou o teto e transformou Dexter em cinzas, e a expressão de Rita ficou um pouco menos dura.

— Mas não foi... — ela falou e para meu alívio estava voltando ao padrão normal de frases parciais. — Quer dizer, o Richard disse... e você nem,

todas aquelas noites. — Ela piscou e sacudiu uma mão no ar. — Como é que pode... com todas aquelas fotos?

— A coisa parece feia mesmo — respondi e então tive uma daquelas maravilhosas inspirações felizes que apenas uma imitação de pessoa totalmente vazia e má teria a coragem de usar, o que, é claro, tornava aquilo perfeito para mim. — Pelo menos para o Detetive Hood, Richard — falei e fiz um aceno triste e cabeça para mostrar que tinha notado que ela estava tratando o inimigo pelo primeiro nome. — Tão feia que estou bem encrencado. Para falar a verdade, pensei que você seria a única pessoa com quem poderia contar para ficar ao meu lado. E em um momento que realmente preciso de alguém comigo.

Foi o golpe perfeito, o soco vencedor que tirou todo o ar dela e fez Rita cair em uma cadeira como se fosse uma boneca inflável que alguém tivesse furado.

— Mas isso é só... Eu nem... e ele disse — ela falou. — Quer dizer, ele é um detetive.

— Um péssimo detetive. Ele gosta de espancar os suspeitos para fazê-los falar. E não gosta de mim.

— Mas se você não fez nada... — ela falou tentando se convencer uma última vez de que eu tinha feito algo.

— Muitas pessoas já foram acusadas injustamente antes — falei cansado. — Estamos em Miami.

Ela sacudiu a cabeça devagar.

— Mas ele tinha tanta certeza... Como é que poderia...? Quer dizer, se não foi você...

Chega uma hora em que ficar repetindo seus argumentos começa a parecer que está apenas dando desculpas. Sabia disso muito bem pelas horas de novelas diurnas a que tinha assistido ao longo dos anos e tinha certeza de que havia chegado nesse ponto. Por sorte eu vi esta exata situação tantas vezes na TV que sabia exatamente o que fazer. Coloquei as duas mãos na mesa, me apoiei e levantei.

— Rita — falei com uma dignidade impressionante. — Sou seu marido e nunca existiu mais ninguém além de você. Se não consegue acreditar em mim agora, quando realmente preciso de você, então talvez seja melhor eu deixar que o detetive Hood me leve mesmo para a cadeia — falei de forma

muito sincera e com tanta convicção e paixão que quase convenci a mim mesmo.

Era minha última bala, mas tinha sido um tiro certeiro. Rita mordeu o lábio, sacudiu a cabeça e disse:

— Mas todas aquelas noites quando você... e as fotos... e então ela morre... — Por apenas um segundo, uma pequena centelha de dúvida passou por seu rosto e pensei que tinha falhado. Mas então ela fechou os olhos, mordeu o lábio e eu sabia que tinha ganhado. — Oh, Dexter, e se acreditarem nele? — ela abriu os olhos e uma lágrima saiu do canto de um deles e rolou por sua bochecha, mas Rita a limpou com um dedo e apertou os lábios. — Aquele idiota — ela falou e percebi com alívio que não se referia mais a mim. — E ele deveria... não pode simplesmente... — Então bateu uma mão na mesa. — Bom, não vamos deixar — ela falou se levantando, dando a volta na mesa e me abraçando. — Oh Dexter... me desculpe se eu... você deve estar tão...

Ela fungou e, em seguida, se afastou para o comprimento do braço.

— Mas você tem que entender — ela falou. — Não era só... Já... faz um tempo agora. Então, ultimamente, você tem sido tão... meio que... — Ela balançou a cabeça lentamente. — Quer dizer, você sabe — ela continuou, mas na verdade eu não sabia nem mesmo tinha ideia. — É que tudo fazia sentido, porque às vezes parece que ultimamente... não sei... E não é apenas a casa. E as execuções hipotecárias? É tudo, tudo isso. — Ela ficou balançando a cabeça, mais rapidamente agora. — Tantas noites, quando você, quero dizer, é assim que... agem os homens. Quando estão fazendo isso... E tenho que, com as crianças aqui, e tudo o que posso fazer sobre isso é apenas...

Ela se virou e cruzou os braços novamente, colocando o nó de um dedo entre os dentes. Ela mordeu e uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Jesus, Dexter, me sinto tão...

Talvez eu realmente estivesse me tornando mais humano, de forma lenta, mas seguramente, pois tive um súbito momento de introspecção enquanto olhava Rita soltar seus ombros e lágrimas no chão.

— É por isso que você tem bebido tanto vinho — falei.

Sua cabeça se virou em minha direção e pude ver os músculos de sua mandíbula se apertarem ainda mais em seu pobre e indefeso dedo.

— Pensou que eu estava saindo para ter um caso.

— Eu nem podia... — ela falou e então percebeu que ainda estava mastigando o dedo e o tirou da boca. — Eu queria apenas... Porque o que mais podia fazer? Quando se está tão... quero dizer, às vezes... — Ela respirou fundo e chegou mais perto. — Não sabia o que fazer e me sentia tão... desamparada. Que é uma sensação que eu realmente... e então pensei que provavelmente a culpa era minha... por que logo depois de um novo bebê? E você nunca parecia... — ela sacudiu a cabeça com força. — Tenho sido uma idiota. Oh, Dexter, sinto muito.

Rita encostou a cabeça em meu peito e fungou, então percebi que era minha vez de falar de novo.

— Sinto muito também — falei e passei um braço pelo ombro dela.

Ela levantou a cabeça e olhou bem nos meus olhos.

— Sou uma idiota — ela repetiu. — Devia saber que... Pois sou eu e você, Dexter. É o que importa. Quer dizer, é o que achava. Até que de repente, parecia que... — ela se endireitou e segurou meus braços com força. — Você não transou com ela? Jura?

— Juro — falei muito aliviado por ter um fragmento de frase com um pensamento completo por trás e para o qual eu finalmente tinha como responder.

— Oh, meu Deus — ela falou e colocou o rosto em meu ombro e fez barulhos de choro por um minuto ou dois. Pelo que sei das pessoas, era possível que eu me sentisse culpado pelo jeito que tinha manipulado Rita. Ou ainda melhor, talvez eu devesse ter me virado para a câmera e mostrado minha verdadeira vilania com um olhar malicioso de satisfação perversa. Mas não havia nenhuma câmera, pelo menos até onde eu sabia, e tinha manipulado Rita com a verdade, pelo menos na maior parte do papo. Então apenas a abracei e deixei que molhasse minha camisa com lágrimas, muco e quem sabe o que mais.

— Oh, Deus — ela falou finalmente levantando a cabeça. — Sou tão estúpida as vezes. — Não me apressei em discordar e ela sacudiu a cabeça e limpou o rosto com a manga. — Nunca devia ter duvidado de você — ela falou bem perto de mim. — Me sinto como uma... e você deve estar totalmente... Oh, meu Deus, nem posso imaginar... Dexter, sinto muitíssimo, e não apenas... Ah, aquele idiota. E precisamos de um advogado.

— Como é? — perguntei tentando mudar de marcha rapidamente para seguir seus saltos mentais de conjecturas que passaram a uma nova ideia alarmante. — Por que preciso de um advogado?

— Não seja bobo, Dexter — ela falou sacudindo a cabeça. Depois fungou e começou a esfregar sem prestar atenção o meu ombro onde tinha molhado tudo. — Se esse tal Rich... detetive Hood — ela parou para ficar vermelha. — Se está tentando provar que você a matou, vai precisar dos melhores conselhos legais que puder conseguir e... acho que Carlene, do meu trabalho, sabe? Ela disse que seu cunhado... e de qualquer forma o primeiro atendimento é quase de graça, então não temos que... Não que o dinheiro seja... então perguntarei a ela amanhã — ela falou e claramente aquilo estava decidido, pois parou de falar e olhou para mim buscando algo novamente, com seus olhos indo para um lado e para o outro. Aparentemente não achou o que queria em nenhum dos lados, e depois de um momento ela disse apenas:

— Dexter...

— Estou bem aqui.

— Nós realmente precisamos conversar mais.

Pisquei, o que deve ter sido assustador para ela por estarmos tão perto, então ela piscou de volta.

— Bom, claro, quer dizer... conversar sobre o quê?

Ela pôs a mão na minha bochecha e por um segundo apertou tão forte que imaginei se estava tentando deter um vazamento em meu rosto. Depois suspirou, sorriu, afastou a mão e disse:

— Você é um cara e tanto às vezes — e era difícil discordar, pois eu não tinha a menor ideia do que aquilo significava.

— Obrigado? — tentei e ela sacudiu a cabeça.

— Só precisamos conversar. Não tem que ser sobre nada... pois foi aí que tudo isso acabou dando tão... e provavelmente é minha culpa — ela falou.

Mais uma vez foi difícil argumentar com a conclusão, já que não tinha entendido nada que levou a ela.

— Bom — falei me sentindo absurdamente desconfortável. — Sempre fico feliz em conversar com você.

— Se eu tivesse dito algo... ela falou tristemente. — Porque devia saber que você não... devia ter dito algo semanas atrás.

— Hã — falei. — Não sabíamos de nada disso até hoje.

Ela sacudiu a cabeça de forma rápida e irritada.

— Não é esse o ponto — ela falou e foi um alívio, mesmo sem saber ainda qual era o ponto. — Só quero dizer que... eu devia... — Ela respirou fundo e sacudiu de leve meus ombros. — Você tem sido muito, mas muito... quer dizer, devia saber que só estava ocupado e trabalhando muito. Mas precisa ver como parecia para mim, pois... e então ele ligou e tudo parecia se encaixar? Por isso se conversarmos mais...

— Está bem — falei. Concordar parecia um pouco mais fácil do que entender.

Claramente era a coisa certa a dizer, pois Rita sorriu afetuosamente e se inclinou para frente a fim de dar um abraço bem apertado.

— Vamos superar isso. Prometo. — E então, talvez o mais entranho de tudo, ela se afastou um pouco e disse: — Não esqueceu que esta semana é a grande viagem de acampamento de verão, né? Com Cody e os escoteiros?

Não tinha exatamente esquecido, mas também não tinha lembrado no contexto de interpretar uma cena dramática de angustia doméstica, então fiz uma pausa para me preparar para a nova conversa.

— Não — falei finalmente. — Não me esqueci.

— Ótimo — ela falou colocando a cabeça de volta em meu peito. — Porque acho que ele está bem animado com isso... E acho que será bom para você um tempo fora.

Enquanto eu dava uns tapinhas nas costas dela mecanicamente, me esforcei muito para me sentir bem com aquele pensamento, pois graças a um detetive neandertal e um assassino imitador eu iria mesmo ter um tempo fora, querendo ou não.

CAPÍTULO 22

V

O DIA SEGUINTE ERA QUARTA-FEIRA E APENAS POR PURO REFLEXO me levantei da cama às sete da manhã.

Quando a consciência inundou meu cérebro, a realidade desagradável voltou com ela e lembrei que não tinha para onde ir e não havia razão para me levantar. Estava afastado do trabalho enquanto um homem que não gostava de mim me investigava pelo assassinato de alguém com quem eu não tinha transado nem tinha matado, e meu único apelo tinha que passar por alguém que me odiava, o sargento Doakes. Era o tipo de armadilha quase perfeita na qual todos nós adoraríamos ver um vilão de quadrinhos preso, mas não conseguia ver a justiça em prender o Desafiador Dexter nela. Quer dizer, sei que tenho minhas pequenas falhas, mas sério, por que eu?

Tentei olhar o lado positivo: pelo menos Hood não tinha convencido os poderes constituídos a suspender o meu salário também. Isso poderia ser importante se Rita realmente encontrasse uma nova casa. Iríamos precisar de cada centavo. E aqui estava eu, em casa, economizando ainda mais dinheiro por não utilizar a gasolina ou comprar o almoço. Que sorte a minha! Na verdade, se pensei nisso da maneira certa, era quase como ter umas férias extras, exceto pela possibilidade de que este feriado poderia acabar comigo na prisão, ou morto. Ou até mesmo ambos.

Ainda assim, aqui estava eu, suspenso, e no momento parecia haver muito pouco que pudesse fazer sobre isso, então não havia razão para saltar da cama e correr. Se eu fosse a criatura lógica e racional que muitas vezes gosto de pensar que sou, teria visto que mesmo esta situação infeliz tinha um lado muito bom: eu não ter que levantar cedo! E teria voltado a dormir rapidamente. Mas por alguma razão achei que não podia; quando a minha primeira memória do que tinha acontecido ontem surgiu, o sono correu do quarto gritando, e apesar do fato de eu ter ficado ali franzindo a testa e o ameaçando por vários minutos, ele não voltou.

Então fiquei deitado teimosamente na cama ouvindo os sons da manhã na casa de Dexter. Os sons não tinham mudado, embora fosse verão e não tivesse escola. As crianças estavam matriculadas em um programa aulas extras no parque onde durante o ano letivo eles já faziam atividades pós-escola e Rita ainda tinha que estar no trabalho no horário de sempre, por isso o programa da manhã não havia mudado. Eu podia ouvir Rita na cozinha, o cheiro flutuando pelo corredor me dizia que estava fazendo ovos mexidos com queijo, canela e torradas para acompanhar. Ela chamou Cody e Astor para comer duas vezes antes de eu finalmente admitir que não voltaria a dormir, então deslizei para meu lugar na mesa da cozinha quando Cody estava terminando seu café da manhã. Lily Anne estava em seu cadeirão, criando um magnífico mural de purê de maçã em sua bandeja e seu rosto. Astor se sentou com os braços cruzados, aparentemente mais interessada em fazer cara feia do que comer.

— Bom-dia, Dexter — Rita falou botando uma xícara de café na minha frente. — Cody repetiu, então tenho que fazer... Astor, querida, você tem que comer alguma coisa. — Ela foi rapidamente de volta para o fogão e começou a quebrar os ovos na frigideira.

— Eu não posso comer — Astor sibilou. — Tudo fica preso no *aparelho*. — Ela falou a palavra com veneno suficiente para derrubar um elefante, e mostrou o aparelho de prata brilhante para que pudéssemos compartilhar todo seu horror em face de sua desfiguração horrenda.

— Bem, você ainda tem que comer — Rita falou mexendo os ovos. — Vou pegar um iogurte, ou você pode...

— Odeio iogurte — Astor falou.

— Você gostou ontem — Rita respondeu.

— Ooohhhh — Astor disse entre dentes cerrados. Depois bateu os cotovelos sobre a mesa e se inclinou furiosamente sobre eles. — Vou comer os ovos — ela falou como se estivesse concordando nobremente em fazer algo vil e perigoso.

— Ótimo — Rita falou e Lily Anne bateu sua colher na bandeja com um encorajamento fraternal.

V

O café da manhã terminou e levou ao ritual dos gritos, das batidas, dos pés pisando duro, da escovação de dentes e de cabelos, de se vestir e encontrar meias, de trocar Lily Anne e fazer sua mala para o dia e, finalmente, com cinco batidas diferentes da porta da frente, eles chegam até o carro, com Rita e Astor ainda discutindo sobre se as meias cor-de-rosa combinavam com uma camisa vermelha. A voz de Astor sumiu à distância, ouvi as portas do carro serem fechadas e de repente a casa estava estranhamente calma.

Eu me levantei e desliguei a máquina de café, derramando o resto da bebida em minha xícara. Me sentei novamente e bebi o café, me perguntando porque me incomodava, não havia razão para estar acordado e alerta. Tinha todo o tempo de lazer que um homem poderia desejar... estava suspenso do trabalho e sendo perseguido por alguém que pensava que estava se transformando em mim. Se por acaso ele não me pegasse, eu ainda estava sob investigação por um assassinato que não cometi. Considerando quantas vezes eu tinha escapado disso, aqui provavelmente era muito irônico. Tentei uma risada vazia e de zombaria de mim mesmo, mas soou muito assustador no súbito silêncio da casa vazia. Então sorvi o café e me concentrei na autopiedade por um tempo. Foi surpreendentemente fácil, eu realmente era vítima de uma grande injustiça e era uma simples questão de me sentir ferido, martirizado, traído pelo próprio sistema que tinha servido tão bem e por tanto tempo.

Felizmente minha sagacidade nativa voltou antes que começasse a cantar músicas *country* e virei meus pensamentos no sentido de encontrar uma saída para minha situação. Mas, apesar do fato de ter terminado meu terceiro café daquela manhã, eu não conseguia chutar meu cérebro para fora da lama viscosa de sofrimento em que ele havia caído. Estava razoavelmente certo de que Hood não poderia encontrar qualquer coisa e me fazer parecer culpado, não havia nada para ser encontrado. Mas também

sabia que estava muito ansioso para resolver o assassinato de Camilla, tanto para ficar bem com o departamento e a imprensa quanto para fazer Deborah ficar mal com todos. E se eu adicionasse o fato incômodo de que estava obviamente sendo ajudado e instigado pelo sargento Doakes e sua visão de túnel tóxico, teria de concluir que o panorama estava longe de ser animador. Realmente não acredito que iriam fabricar provas apenas com o intuito de me enquadrar, mas por outro lado, por que não? Já tinha acontecido antes, até com um investigador que tinha muito menos a perder.

Quanto mais pensava nisso, mais preocupado ficava. Hood tinha seus motivos próprios e eu era feito sob medida para o papel de protagonista. E Doakes estava procurando uma maneira de me fazer parecer legalmente culpado de alguma coisa por um longo tempo, praticamente qualquer coisa serviria, desde que terminasse com Dexter no Lixo. Não havia nenhuma razão para qualquer um deles descartar uma oportunidade perfeitamente boa de me colocar na prisão apenas porque era uma ficção. Podia até ver o caminho do raciocínio deles: *Dexter é culpado de algo, não podemos provar, mas estamos certos disso. Se cortarmos alguns cantos aqui e ali, podemos fazer esta coisa se encaixar com ele e então o colocaremos onde ele realmente merece estar, na cadeia por um longo tempo. Nenhum dano real é causado e a sociedade fica muito melhor assim, então por que não fazer?*

Era a perfeita Lógica Policial Distorcida e a única questão era saber se Hood e Doakes eram distorcidos o suficiente para segui-la e criar alguns pequenos detalhes que convenceriam um júri da minha culpa. Será que eram tão distorcidos e determinados a me pegar que fariam aquilo? Pensei sobre a exibição sincronizada de trabalho dental que haviam mostrado em meu escritório, a alegria verdadeiramente maldosa que sentiram em me ter em suas garras, e um nó frio e ácido cresceu em meu estômago e murmurou: *Claro que fariam*.

Então passei a primeira metade do dia andando curvado pela casa experimentando cada cadeira para ver se talvez um vislumbre de esperança poderia surgir se eu encontrasse a peça certa de mobiliário. Nenhum deles parecia funcionar melhor do que qualquer outra. Nem as cadeiras na cozinha, nem a poltrona da TV faziam algo para estimular o meu processo cerebral. Até mesmo o sofá era uma zona mental morta. Não conseguia afastar a imagem de Hood e Doakes anunciando meu destino com tanta

alegria, seus dentes brilhantes com sorrisos idênticos e selvagens que combinavam perfeitamente o tom do último recado da minha Sombra. Todo mundo parecia estar me mostrando os dentes e não conseguia criar um único pensamento que me ajudasse a fechar suas mandíbulas ou me fazer escapar de suas garras. Eu estava preso e não havia uma peça de mobiliário no mundo que poderia me ajudar a escapar.

Passei o resto do dia me preocupando e me perguntando o que diria a Rita e Debs quando Hood e Doakes finalmente me pegassem. Seria difícil para Rita, é claro, mas o que dizer de Débora? Ela sabia quem eu era e que eu merecia qualquer punição que tivesse. Será que isso tornaria as coisas mais fáceis para ela aceitar? E como minha prisão afetaria sua carreira? Não deve ser fácil para um policial que investiga homicídios ter um irmão na prisão por causa de homicídio. As pessoas certamente falariam disso e não seriam coisas agradáveis.

E quanto Lily Anne? Que terrível dano aquilo faria a uma criança brilhante e sensível, crescendo com um famoso monstro como pai? E se isso a empurrasse para uma vida no lado escuro, juntamente com Cody e Astor? Como eu poderia viver sabendo que tinha destruído uma vida tão potencialmente bonita?

Era demais para qualquer ser humano suportar e fiquei muito contente por não ser um deles. Já era duro o bastante ter de lidar com a minha própria irritação colossal e frustração, e tenho certeza de que se tivesse emoções normais teria arrancado os cabelos, gemido e rangido os dentes, o que provavelmente seria muito contraproducente.

Nenhuma coisa que fiz naquele dia produziu nada de valor, nenhuma. Não consegui nem mesmo bolar um discurso de despedida decente para fazer na sala do tribunal depois que o júri me declarasse culpado de todas as acusações, como certamente o faria. O que eu poderia dizer? “Foi uma coisa muito terrível e sombria que fiz e adorei cada minuto disso.”

Fiz um sanduíche para o almoço. No refrigerador não havia sobras nem frios. Também não tinha pão, a não ser duas fatias duras, então acabei com a refeição perfeita para combinar com este dia: um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia em cascas de pão forma duro. Como é muito importante combinar a bebida com a refeição, tomei água da torneira, saboreando o buquê suculento de cloro.

Depois do almoço tentei assistir à televisão, mas percebi que mesmo com dois terços do meu cérebro concentrados em se preocupar com a minha morte iminente, o terço restante do meu intelecto era um pouco inteligente demais para aturar as besteiras brilhantes e sem cérebro da programação diária em todos os canais. Desliguei o aparelho e fiquei apenas sentado no sofá, deixando um pensamento tenso e miserável seguir o outro, até que, finalmente, às cinco e meia, a porta da frente se abriu e Astor entrou, lançando sua mochila no chão e correndo para seu quarto. Ela foi seguida por Cody, que reparou em mim e acenou com a cabeça, e em seguida entrou Rita trazendo Lily Anne.

— Oh — Rita falou. — Estou tão feliz que você não... Pode pegar o bebê, por favor? Ela precisa de uma fralda limpa.

Peguei Lily Anne de Rita e segurei, me perguntando novamente se esta seria a última vez. Lily Anne pareceu sentir meu humor e se esforçou para me animar cutucando meu olho e em seguida borbulhando alegremente. Tive que admitir que era muito inteligente e quase sorri enquanto a levava pelo corredor para o trocador com um olho meio fechado e lágrimas escorrendo.

Nem mesmo a sagacidade de Lily Anne e suas travessuras alegres eram suficientes para me fazer esquecer que minha cabeça estava no laço e algumas mãos muito ansiosas o estavam puxando em torno do meu pescoço.

CAPÍTULO 23

V

AINDA MEIO ESCURO E CEDO DEMAIS NA MANHÃ SEGUINTE, Cody e eu estávamos no estacionamento das escola primária onde os escoteiros se reuniam. Frank, o chefe do grupo, já estava lá com uma van antiga com um trailer preso nela.

v

Com ele estava seu novo assistente, Doug Crowley, junto a Fidel, o menino que ele patrocinava através do programa Irmão Mais Velho. Quando eu Cody chegamos, eles estavam empurrando o *trailer* para o engate. Estacionei meu carro enquanto três outros garotos eram deixados pelas mães em diferentes vestimentas e vários estágios de sono de uma manhã de sábado. Todos saímos dos carros no calor úmido e pesado da manhã do início do verão, e observei outros meninos chegar, sair de seus carros com seus equipamentos e ficar parados vendo suas mães irem embora rápida e alegremente para um fim de semana sem filhos.

Cody e eu ficamos juntos esperando que os outros escoteiros chegassem. Eu tinha uma grande porção de café de Rita em uma caneca de viagem e dava uns goles e me perguntava por que me preocupava em chegar na hora nos lugares. Estava claro que eu era o único em Miami que realmente entendia o que aqueles números no relógio significavam, e era tempo

demais da minha liberdade cada vez menor esperando pessoas que não conseguiam apreender a noção de tempo. Devia ter parado de me incomodar há muito tempo, afinal cresci aqui e estava muito familiarizado com a hora de Cuba, uma lei imutável da natureza afirmando que qualquer hora marcada para um encontro realmente significa "quarenta e cinco minutos a mais".

Mas esta manhã estava achando o atraso particularmente irritante. Podia sentir o Destino de Dexter se aproximando e achava que devia estar explodindo em ação concentrada fazendo algo inteligente e sendo dinamicamente proativo, e não ficando em pé em um estacionamento de uma escola primária tomando café e assistindo à hora de Cuba passar. Torci para que quem fosse me prender estivesse trabalhando no horário de Cuba ou até mesmo no horário cubano dobrado. Poderia escapar enquanto eles terminassem uma *cafecita*, jogassem dominó e, finalmente, resolvessem ir me prender.

Tomei outro gole. Olhei para Cody. Ele estava olhando pensativamente para o estacionamento, com o lábio inferior ligeiramente torcido, para onde Frank e Doug estavam empurrando no *trailer*. Cody nunca pareceu ficar aborrecido ou impaciente e me perguntei o que estava pensando que o mantinha ocupado e tão contente. Como sabia muito bem que era igual a mim por dentro, com seu Cara das Sombras e seus Anseios das Trevas, podia adivinhar em que direção seus pensamentos estavam se movendo. Só esperava que pudesse ser tão bom em orientá-lo para não ser com eles como Harry tinha sido comigo. Caso contrário, Cody provavelmente comemoraria seu aniversário de quinze anos na prisão.

Como se pudesse adivinhar meus pensamentos, Cody olhou para mim e franziu a testa.

— Algo errado? — Perguntei.

Ele apenas balançou a cabeça, ainda franzindo a testa, e voltou para assistir a Frank e Doug arrumarem o *trailer*. Tomei outro gole de café e também olhei para eles, o que acabou sendo a coisa mais próxima de entretenimento real que o dia tinha oferecido até então. Frank estava baixando o encaixe no carro e, quando recebeu todo o peso do *trailer*, ele se soltou e o jugo do trailer bateu forte no chão.

Poderia pensar em várias palavras cuja escolha teria sido adequada, mas é claro que Frank sabia que estava cercado por orelhas inocentes, por isso

simplesmente colocou as duas mãos sobre o rosto e balançou a cabeça. Crowley, porém, se inclinou, agarrou o jugo com as duas mãos e, com um grunhido audível em toda a extensão do estacionamento, se endireitou e levantou o *trailer*. Depois deu dois passos curtos em direção à van, soltou o jugo sobre o engate de reboque e bateu as mãos para tirar o pó.

Era impressionante e divertido. Do jeito que tinha caído quando o suporte se quebrou, ficou claro que o *trailer* era bastante pesado. No entanto, Crowley o tinha levantado e puxado sozinho. Talvez por isso que Frank tinha contratado ele como assistente do chefe.

Infelizmente esse foi o último ato de entretenimento no programa da manhã e, quarenta minutos depois da nossa hora prevista de partida, ainda estávamos à espera de três escoteiros que faltavam. Dois deles chegaram juntos assim que terminei meu café e então, finalmente, com um aceno alegre e despreocupado de seu pai, o último garoto saiu de um Jaguar novo e caminhou para onde Frank estava em pé. Frank acenou com o braço para o resto de nós e nos reunimos em torno dele para a orientação.

— Muito bem — Frank falou. — Motoristas?

Ele olhou ao redor para todo o grupo com as sobrancelhas erguidas, talvez pensando que um ou dois garotos poderiam estar dirigindo. Mas nenhum deles parecia estar segurando as chaves do carro. Talvez ele esperasse um pouco demais de um grupo de escoteiros, mesmo sendo de Miami. Então levantei minha mão, assim como Doug Crowley e outros dois homens que eu não conhecia.

— Certo — Frank falou. — Estamos indo para o Parque Estadual Fakahatchee. Um dos meninos riu e repetiu o nome, e Frank olhou para ele cansado. — É um nome nativo americano — ele disse ameaçadoramente, olhando para o garoto que sorria maliciosamente por um longo momento até que sentir todo o peso e o poder de enfrentar algo nativo americano enquanto vestia um uniforme dos escoteiros. Frank limpou a garganta e prosseguiu.

— Então, ha... O Parque Estadual Fakahatchee. Vamos nos encontrar na cabine do guarda florestal, para o caso de, bom, vocês sabem, nos separarmos ou algo assim. Agora, — ele disse levantando os olhos acima dos meninos para o nível adulto — vamos deixar os carros e o *trailer* com o guarda florestal. É perfeitamente seguro. Então caminharemos três quilômetros até o local do acampamento. — Ele sorriu, parecendo um cão

grande e ansioso. — Vai ser uma bela caminhada, apenas a distância certa, e vamos ter muito tempo para fazer alças para que as maças não nos incomodem, está bem? E os guardas nos darão um livro que nos dirá todas as coisas legais para procurar ao longo do caminho. Porque, se você mantiver os olhos abertos, com certeza verá coisas incríveis. E se tivermos muita sorte, poderemos até ver... — Frank fez uma pausa dramática e olhou em volta do círculo com os olhos brilhando de emoção — uma orquídea fantasma.

O garoto que chegou por último perguntou:

— O que é isso? Uma flor que também é um fantasma?

O menino ao lado dele o empurrou e disse:

— Burro! — e Frank sacudiu a cabeça.

— É uma das flores mais raras do mundo — Frank falou. — Se virmos uma, temos que tomar muito cuidado para não a tocar nem mesmo respirar perto. Ela é tão delicada e tão rara que danificar uma delas seria um verdadeiro crime. — Frank deixou a informação ser assimilada, sorriu e continuou. — Agora lembrem-se. Além das orquídeas, estamos indo para uma área que foi mantida do jeito que era quando os Calusas partiram.

Ele baixou os olhos para o nível dos garotos e acenou para eles com a cabeça.

— Falamos sobre isso, gente. É uma área primitiva e temos que respeitar sua pureza. Não deixem nada para trás a não ser as pegadas, está bem? — Ele olhou para os garotos a fim de ver se estavam levando aquilo a sério e, como estavam, acenou com a cabeça e sorriu de novo. — Certo. Vamos nos divertir muito. Vamos indo.

V

Frank distribuiu os meninos para cada um dos carros. Comigo e com Cody eu tinha espaço para dois, um deles acabou sendo Steve Binder, o garoto que Cody tinha dito que era um valentão. Ele era um garoto grande com uma sobrancelha única e testa baixa, e poderia muito bem ser o filho do detetive Hood, se você acreditasse que qualquer mulher viva teria o mau gosto de se submeter a Hood e depois ainda manter o resultado daquilo.

Meu outro passageiro era um garoto alegre chamado Mario, que parecia saber todas as músicas de escoteiro já escritas; quando estávamos na metade do caminho para o parque, ele já tinha cantado todas pelo menos duas

vezes. Como eu tinha que manter as duas mãos no volante, realmente não podia me virar para estrangular o garoto, mas não interferi quando Steve Binder, no ponto da música quando ainda havia oitenta e duas garrafas na parede, finalmente deu uma cotovelada em Mario e disse:

— Para com isso, agora!

Mario ficou mal-humorado por uns três minutos e depois começou a balbuciar alegremente sobre concheiros e como você poderia fazer abrigos à prova d'água com folhas de palmeira e qual era melhor maneira de fazer uma fogueira no pântano. Cody ficou olhando diretamente para frente através do para-brisa do seu lugar de honra no banco da frente, e Steve Binder pareceu furioso e se contorcia no banco de trás e de vez em quando olhava para Mario. Mas Mario continuou tagarelando, aparentemente sem perceber que todo mundo no carro queria vê-lo morto. Ele era brilhante, alegre, bem informado e quase tudo o que um escoteiro deve ser, e eu não teria objeção nenhuma se Steve Binder o atirasse pela janela do carro.

Quando chegamos ao posto dos guardas florestais no parque, eu estava rangendo os dentes e agarrando o volante com tanta força que os nós dos meus dedos estavam brancos. Entrei e estacionei próximo a um dos pais que tinham chegado lá primeiro, e saímos e soltamos Mario na vida selvagem desavisada. Steve foi procurar algo para quebrar e, mais uma vez, Cody e eu nos encontramos em pé em um estacionamento à espera de pessoas que faltavam chegar.

Como tinha mais café para beber enquanto esperava, usei o tempo para tirar nossas coisas do porta-malas e me certifiquei de que tudo estava cuidadosamente embalado em nossas mochilas. Na minha estava nossa barraca e a maior parte da nossa comida, e já começava a parecer muito maior e mais pesada do que quando eu a embalei em casa.

Demorou uma boa meia hora antes do último carro chegar ao posto dos guardas florestais, o Cadillac velho que trazia Doug Crowley e seu grupo. Eles haviam parado para um xixi e para comprar alguns pães de mel. Dez minutos depois, estávamos todos na trilha e caminhando para nossa Maravilhosa Aventura na Natureza.

Não vimos uma orquídea fantasma ao longo da trilha. A maioria dos meninos foi capaz de esconder seu desapontamento amargo e eu desviei meus pensamentos de esperanças despedaçadas de ver a flor rara ajustando alças da mochila de Cody até que ele pudesse ficar em pé e andar. O truque,

como havíamos aprendido em uma de nossas reuniões, era fazer o peso ficar sobre a cinta do quadril e, em seguida, manter as alças dos ombros apertadas, mas não a ponto de cortar a circulação e deixar seus braços dormentes. Demorei algumas tentativas para fazer direito enquanto caminhávamos ao longo da trilha e, quando Cody acenou para mim que estava confortável, percebi que meus braços estavam dormentes e tivemos que começar tudo de novo. Uma vez que a vida voltou aos meus braços e podíamos andar normalmente, comecei a sentir uma dor e queimação no meu calcanhar, e antes de chegarmos à metade do caminho para o acampamento, eu tinha uma bolha nova e maravilhosa no meu calcanhar esquerdo.

Mesmo assim chegamos ao local do acampamento em forma e relativamente animados, e rapidamente Cody e eu montamos nossa barraca de forma perfeita e confortável embaixo de uma árvore frondosa. Frank organizou os meninos para um passeio pela floresta e fiz Cody ir junto. Ele queria que eu fosse também, mas recusei. Afinal, o propósito de tê-lo envolvido no escotismo foi ajudá-lo a aprender a agir como um verdadeiro menino, e não ia conseguir aprender aquilo junto comigo. Ele tinha que ir lá por conta própria e descobrir como lidar com aquilo, e aquele era um momento tão bom quanto qualquer outro para começar. Além disso, minha bolha doía e eu queria tirar os tênis e me sentar na sombra por um tempo, fazendo nada mais do que esfregar os meus pés e exercer a minha autopiedade.

Então me sentei lá, encostado em um tronco de árvore e com os pés descalços esticados à minha frente e com as vozes desaparecendo ao longe; A voz ansiosa de Frank recitando fatos incríveis da natureza por sobre o som mais agudo dos meninos brincando, e o ruído primordial do Mario cantando “Há um buraco no balde”. Gostaria de saber se alguém teria a ideia de dá-la para um jacaré comer.

Fiquei em silêncio e, por alguns minutos, permaneci sentado lá e gostei daquilo. Uma brisa fresca soprava através das árvores e sobre o meu rosto. Um lagarto passou por mim e correu até a árvore atrás de mim. Na metade do caminho ele se virou e estufou o pescoço, com a pele vermelha rolando para fora como se estivesse me desafiando a levantar e lutar. Uma garça grande passou voando e resmungando para si mesma. Ela era um pouco estranha, mas talvez aquilo fosse proposital, uma espécie de camuflagem

para enganar sua presa para que a subestimasse. Eu já tinha visto a sua espécie trabalhando na água, e elas eram letais e muito rápidas quando mergulhavam sobre o peixe. Elas ficavam imóveis, parecendo bonitas e fofas, e então mergulhavam na água e saíam com um peixe empalado em seu bico. Era um grande truque, e senti certo parentesco com as garças. Como eu, elas eram predadores disfarçados.

A garça desapareceu no pântano, e um bando de pequenas garças surgiu em seu lugar com suas asas barulhentas. Quase como se fosse causado pela passagem dos pássaros, o vento soprou através das árvores e sobre mim novamente, e foi uma sensação muito agradável no meu rosto e nos pés. A bolha no meu calcanhar parou de latejar, comecei a relaxar e até mesmo todos os meus problemas com Hood, Doakes e minha Sombra diluíram-se um pouco. Afinal, era um belo dia na floresta primitiva, no meio da natureza maravilhosa e eterna, e ainda completado pelas aves. Isso não havia mudado em milhares de anos e poderia muito bem continuar assim por mais cinco ou seis anos, até que alguém quisesse construir condomínios. Coisas belas e selvagens estavam matando umas as outras à minha volta e havia algo de reconfortante em me sentar aqui me sentindo como se fosse uma parte de um processo que existia desde sempre. Talvez haja realmente era algo de bom nesse negócio todo de Natureza.

Foi relaxante e maravilhoso e durou quase cinco minutos inteiros, e depois as preocupações irritantes começaram a se infiltrar de volta em mim até que todo o cenário exuberante de penas poderia muito bem ter sido pintada em um cartão velho. Que importava se a floresta era atemporal? Dexter não era. Meu tempo estava passando e sendo drenado para sempre na Longa Noite Escura. Que bem faria uma árvore se ela crescesse em um mundo sem Dexter? Mesmo enquanto estava sentado aqui admirando as aves em seu estado selvagem, meu Ganso estava sendo Cozido lá no mundo real. Com sorte e habilidade, eu até poderia sobreviver ao ataque de Hood e Doakes, mas sem sorte e alguma inspiração inteligente, tudo estaria acabado para mim. Portanto, a menos que pudesse encontrar uma maneira de desarmá-los, acabaria os meus dias em uma cela. E mesmo que me esquivasse daquela bala, a minha Sombra ainda estaria à espreita com sua ameaça desconhecida. Tentei recuperar o senso de confiança com o qual tinha acordado no outro dia. Tanto coisa havia acontecido desde então e, em vez de tratar do assunto com a competência de um pé firme que costumava

exibir rotineiramente, eu estava sentado sob uma árvore no pântano e observando aves sem um único pensamento sobre o que fazer. Eu não tinha um plano. Para ser honesto, não tinha sequer um lampejo de pensamento que poderia se transformar em um plano. Mas deveria haver algum pequeno conforto em saber que estava aqui na Natureza, onde os predadores são respeitados, o que realmente deveria contar para alguma coisa.

Infelizmente não houve conforto nenhum. Não conseguia ver nada à minha frente a não ser dor e sofrimento, principalmente os meus.

— Ei, você não foi também, né? — disse uma voz alegre atrás de mim, e isso me assustou tanto que eu quase atirei um sapato. Em vez disso, simplesmente me virei para ver quem tinha tão rudemente interrompido meu devaneio.

Doug Crowley se inclinou contra a minha árvore, parecendo casual demais, como se estivesse tentando aprender esta posição, mas não sabia muito bem se tinha acertado ainda, e seus olhos por trás dos óculos de aros de arame pareciam um pouco arregalados para estarem realmente indiferentes. Ele era um homem da minha idade, com um corpo quadrado, um aspecto um pouco mole, e uma barba por fazer que provavelmente deveria esconder um queixo fraco, mas não era o caso. De alguma forma, apesar de seu tamanho, ele havia se esgueirado por trás de mim em silêncio e eu não tinha ouvido, e achei aquilo quase tão irritante quanto sua alegria e intimidade.

— Na caminhada — ele falou esperançoso. — Você também não foi ao passeio pela floresta. — Um pobre sorriso falso cintilou em sua boca. — Nem eu — ele acrescentou desnecessariamente.

— Sim, estou vendo — respondi.

Provavelmente não foi muito gentil da minha parte, mas não estava me sentindo particularmente íntimo, e seus esforços para ser amigável eram tão claramente artificiais que ele ofendeu o meu ofício. Eu tinha gastado muito tempo e trabalhado bastante para aprender a falsificar tudo. Por que não poderia se esforçar também?

Ele olhou para mim por um longo e desconfortável momento, me forçando a torcer meu pescoço para cima a fim de olhar para trás. Seus olhos eram muito azuis e pareciam um pouco pequenos demais, e algo estava acontecendo por trás deles, mas eu não poderia dizer o que e, francamente, não me importava.

— Bom — ele falou. — Só queria, você sabe. Dizer oi. Me apresentar. — Ele se empurrou da árvore e depois deu uma guinada para baixo em minha direção com a mão estendida. — Doug Crowley — ele falou e relutantemente segurei sua mão.

— Prazer em conhecê-lo — menti. — Dexter Morgan.

— Sim, eu sei. Quero dizer, Frank me disse. Prazer em conhecê-lo também. — E então se levantou e me observou pelo que pareceram longos minutos. — Bem — ele disse finalmente. — É sua primeira vez nos Glades?

— Não, eu costumava acampar muito aqui.

— Oh, certo, acampar — ele falou em um tom de voz muito estranho que parecia indicar que pensou que eu poderia estar mentindo.

Então acrescentei:

— E a caçar — com um pouco de ênfase.

Crowley se afastou meio passo, piscou e finalmente balançou a cabeça.

— Claro. Imagino que você faria isso mesmo. — Ele olhou para seus pés e depois olhou em volta, hesitante, como se achasse que alguém poderia estar caçando-o. — Você não trouxe alguma... Quero dizer, não estava planejando... você sabe. Nesta viagem? Quero dizer, com todas as crianças ao redor e tal.

Percebi que ele estava perguntando se eu estava pensando em caçar, agora, no meio de um bando de escoteiros selvagens, e o pensamento era tão estúpido que por um momento não pude fazer mais do que deitar a cabeça para um lado e olhar para ele.

— Nãão — respondi finalmente. — Não estava planejando isso. — E só porque estava sendo tão irritantemente burro, dei de ombros e acrescentei: — Mas nunca se sabe quando a vontade pode parecer, não é? — E lancei um sorriso feliz, apenas para que ele pudesse ver como era um sorriso falso realmente bom.

Crowley piscou de novo, balançou a cabeça lentamente e passou de um pé para o outro.

— Ceeerrto! — ele falou e seu sorriso artificial barato surgiu e desapareceu novamente. — Sei o que quer dizer.

— Tenho certeza de que sabe — falei, mas a única certeza que tinha era de que queria ele explodisse em chamas. Além disso, apagar o fogo nele seria um ótimo exercício para os meninos.

— Certo — ele falou e jogou o peso de volta para seu outro pé e olhou em volta novamente. Não havia nenhuma ajuda vindo, então olhou para mim. — Bom, vejo você mais tarde.

— Muito provavelmente — falei e ele me deu um olhar um pouco assustado, ficando congelado no lugar por um momento. Ele acenou com a cabeça, piscou mais um sorriso breve e pouco convincente e se afastou de volta para o outro lado do acampamento. Eu o observei ir embora, tinha sido um desempenho incrivelmente desajeitado, e isso me fez pensar como ele esperava ser assistente do chefe sem que os escoteiros o espancassem e roubassem seu dinheiro do almoço. Ele parecia tão desajeitado e impotente, não conseguia ver como tinha atingido uma idade tão avançada sem ser bicado até morte por pombos irritados.

Sabia muito bem que havia muito mais cordeiros no mundo do que lobos, mas porque era sempre para mim que eles vinham balir? Parecia terrivelmente injusto que aqui, no meio dos bosques selvagens, eu ainda pudesse ser assaltado por tontos como Crowley. Não deveria haver um regulamento do parque contra eles? Ou até mesmo uma temporada aberta de caça? Eles certamente não eram uma espécie em extinção.

Tentei me esquecer da irritação com essa interrupção desnecessária, mas meu foco tinha fugido. Como poderia me concentrar em escapar de uma armadilha quando era constantemente atormentado por interrupções inúteis? Não que tivesse chegado a alguma opinião criativa sobre o que fazer até agora. Tinha martelado durante dois dias o *rock* em minha cabeça e ainda estava totalmente sem noção do que fazer. Suspirei, fechei os olhos e, como que para confirmar que eu era realmente estúpido, a bolha no meu calcanhar começou a pulsar novamente.

Tentei pensar em coisas leves, como a garça espetando um peixe grande ou bicando Crowley, mas a imagem não durava. Não conseguia ver nada além dos rostos dolorosamente felizes de Hood e Doakes. Um desespero cinza fosco surgiu em minhas entranhas, borbulhando um riso desdenhoso e mal direcionado às minhas tentativas cabeças-duras de escapar da armadilha. Não havia escapatória desta vez. Estava cercado por dois policiais muito determinados e perigosos que real e verdadeiramente queriam me prender por algo, qualquer coisa, e precisavam de apenas uma pequena evidência falsa para me colocar na cadeia para sempre, e além disso tudo, uma pessoa completamente desconhecida com uma ameaça

obscura e provavelmente muito perigosa estava me cercando. Pensei que poderia lutar contra todos eles apenas sentado em uma barraca de escoteiros e admirando garças? Eu parecia um menino brincando de guerra, gritando: *Bang, bang! Te peguei!*, e olhando para cima a fim de ver um tanque Sherman enorme rolando em minha direção.

Era inútil e sem esperança, e eu continuava sem ter ideia do que fazer.

Dexter estava Condenado, e ficar sentado com os pés descalços sob uma árvore e ser rude com um bobão não ia mudar isso.

Fechei os olhos, deprimido, e com o refrão a plenos pulmões de “Tenha pena de mim” ecoando no vazio dentro de mim, aparentemente caí no sono.

CAPÍTULO 24

V

ACORDEI MAL-HUMORADO DO COCHILO COM OS SONS DO PESSOAL voltando da caminhada ecológica, com as vozes de dois ou três meninos falando uns com os outros, Frank gritando algo sobre o almoço e a voz de Mario acima de todas com uma aula muito interessante sobre o que os jacarés faziam com suas presas e por que era uma má ideia alimentá-los, mesmo que fosse com a terrível carne misteriosa que serviam na cafeteria da escola, que provavelmente faria até mesmo um jacaré vomitar.

Era um modo muito estranho de voltar à consciência depois de um sono totalmente morto e estranho em que estava, e, no início, os sons não fizeram sentido para mim. Pisquei e abri os olhos e tentei forçar o barulho a virar algo que fizesse sentido, mas a estupidez sonolenta da minha sesta não queria me deixar, então fiquei ali em um estado de estupor vazio na base da minha árvore, franzindo a testa, limpando a garganta e tentando esfregar a areia dos meus olhos, até que finalmente uma pequena sombra surgiu na minha linha de visão, levantei a cabeça e vi Cody. Ele olhou para mim muito sério até que finalmente me sentei. Pigarreei uma última vez e de alguma forma me lembrei de como fazer palavras reais saírem da minha boca.

— Então — falei e aos meus ouvidos pesados até mesmo aquela palavra soou estúpida, mas continuei. — Como foi a caminhada na floresta?

Cody franziu a testa e balançou a cabeça.

— Bem.

— Que tipo de natureza que você viu?

Por um momento pensei que ia sorrir, e então respondeu:

— Jacaré — e havia algo em sua voz que quase poderia ter sido empolgação.

— Você viu um jacaré? — perguntei e ele concordou. — O que ele fez?

— Olhou para mim — ele falou. Alguma coisa sobre a maneira como disse fez parecer que era muito mais do que apenas três palavras pequenas.

— E o que aconteceu depois?

Cody olhou em volta e, em seguida, diminuiu a voz já baixa para se certificar de que ninguém podia ouvi-lo.

— O Cara das Sombras riu — ele falou. — Para o jacaré. — Era um discurso muito longo para ele e, para deixá-lo ainda mais notável, ele realmente sorriu, apenas um breve piscar sorridente em seu rosto pequeno e sério, mas não havia engano. O Cara das Sombras, o Passageiro das Trevas de Cody, tinha feito uma conexão emocional com o espírito honesto e selvagem de um predador de verdade e Cody ficou encantado.

E eu também.

— A natureza não é maravilhosa? — falei e ele concordou alegremente. — Bom, e agora?

— Fome — ele respondeu, e aquilo fazia sentido, então abri o zíper de nossa barraca e peguei nosso almoço na mochila de Cody, pois eu queria que ele carregasse menos peso ao voltarmos, caso ele ficasse muito cansado com o acampamento.

Não tivemos que fazer uma grande preparação para esta refeição. Rita tinha embalado nosso almoço já preparado, com sanduíches de mortadela e salada e um saquinho com cenouras e uvas, seguido por uma sobremesa que consistia em um misto de biscoitos da padaria. Dizem que caminhadas e ar fresco fazem o gosto dos alimentos melhorar, e talvez seja verdade. Em todo caso, não sobrou nada.

Após o almoço, Frank chamou todos novamente e então nos organizou em equipes, cada uma com um trabalho importante. Cody e eu ficamos no grupo de coleta de lenha em volta da fogueira e ouvimos obedientemente Frank nos ensinando a pegar apenas madeira morta e lembrando que às vezes podia parecer morta, mas não era, que ferir uma árvore viva nesta

área era não só ruim para o planeta como um crime real e que deveríamos ter muito cuidado com carvalho venenoso, hera venenosa e algo chamado hipomane.

Percebi que era muito difícil ter cuidado com alguma coisa que você não tinha ideia do que era, então cometi o erro de perguntar sobre hipomane. Infelizmente esta foi apenas a desculpa que Frank precisava para se lançar em um discurso interminável sobre a natureza. Ele fez deu um aceno de cabeça muito feliz.

— Você tem que tomar cuidado com ela — ele falou alegremente. — Porque é mortal. Mesmo se apenas tocar vai queimar sua pele. Quero dizer, bolhas e tudo mais e definitivamente vai precisar de cuidados médicos. Então preste atenção nela, que é uma árvore cujas folhas são do tipo oval e ceroso e tem uma fruta que parece um bocado com maçãs. Mas não coma! Ela com certeza vai te matar, até mesmo tocá-la é perigoso, por isso... — Aquele era um tema caro ao coração de Frank, e eu me perguntava se o tinha julgado mal. Nenhuma pessoa com uma paixão tão grande pela vegetação letal poderia ser de todo ruim. Ele fez uma palestra de cinco minutos completos apenas sobre a árvore hipomane, e aquilo era apenas o começo.

E foi muito instrutiva: hipomane, aparentemente, tinha sido usado pelos povos aborígines do Caribe para torturar, envenenar e vários outros fins que valiam a pena. Mesmo ficar sentado sob uma árvore dessas durante uma tempestade poderia ser mortal. Por exemplo, os índios do Caribe amarravam seus prisioneiros no tronco da árvore quando chovia, pois a água que pingava das folhas era como um banho de ácido forte o suficiente para rasgar a carne humana. E flechas embebidas em seiva poderiam causar uma morte dolorosa. Aquilo, claramente, era uma coisa maravilhosa.

O ponto principal de Frank — evitar o hipomane! — ficou bem claro muito antes que ele acabasse sua palestra com alguns avisos desanimados sobre os carvalhos venenosos. Quando pensei que poderíamos partir, um dos garotos falou:

— E quanto às cobras?

Frank sorriu feliz: agora os animais letais! Ele respirou fundo e começou a falar de novo.

— Oh, não são apenas as cobras. Quero dizer, já falamos sobre as cascavéis e as cobras-coral! Eles são verdadeiras assassinas! Não as

confunda com a cobra-do-milho, lembram? O vermelho toca o amarelo?

Ele levantou uma sobrancelha, e o grupo todo respondeu:

— E você já era.

Frank sorriu e assentiu com a cabeça.

— Isso mesmo. Apenas as cobras-coral têm listras vermelhas tocando em suas listras amarelas, então fiquem longe delas. E não se esqueçam das bocas de algodão, que ficam na água. Não são tão mortais quanto a coral, mas irão atrás de vocês. Uma picada provavelmente não os matará, mas em geral elas andam em grupos e atacam como abelhas, então levar cinco ou seis picadas será mais do que suficiente para matar vocês. Entenderam?

Eu realmente pensei que tinha acabado, até já tinha levantado o pé para andar quando Mario falou alegremente:

— Ei, o manual diz que também há ursos!

Frank assentiu, apontou um dedo e lá fomos nós de novo.

— Isso mesmo, Mario. Boa lembrança. Temos ursos negros na Flórida, que não são tão agressivos nem tão grandes quanto os marrons. Parecem insignificantes perto dos pardos, com apenas uns duzentos quilos.

Se estava esperando que todos suspirássemos aliviados com o tamanho pequeno do urso negro, então ele deve ter ficado desapontado. Um urso de duzentos quilos ainda parecia grande o suficiente para arrancar minha cabeça e, a julgar pelos olhos arregalados dos garotos à minha volta, eu não era o único a pensar naquilo.

— Apenas lembrem-se de que eles podem ser pequenos, mas ficam muito irritadiços se tiverem um filhote. Correm muito rapidamente e podem subir em árvores. Oh! As panteras também, mas elas são muito raras, uma espécie em extinção. Então, provavelmente não verão uma, mas, se virem, lembrem o seguinte: elas são, basicamente, como leões, e... vocês sabem. Falamos sobre quão legais são e como precisamos ajudar a proteger as panteras e seu habitat, mas ainda são animais muito perigosos. Quer dizer, a maioria dos animais aqui é. Vamos lembrar que são selvagens. Então dê espaço a eles, respeitem seu habitat, porque você está no espaço deles, até mesmo os guaxinins, ok? Quero dizer, eles entram em qualquer lugar e parecem terrivelmente fofos. Eles podem inclusive vir direto até você. Mas é possível que tenham raiva, que você pode pegar apenas de um pequeno arranhão, portanto fiquem longe.

Mais uma vez, fiz um pequeno movimento na direção de escapar, e como se ele fosse um guarda da prisão pegando um prisioneiro em fuga com seu rifle de atirador, Frank chicoteou seu dedo, apontou bem para mim e disse:

— E não se esqueçam dos insetos, porque há muitos insetos peçonhentos. Não apenas formigas-de-fogo, que todos vocês conhecem. — Os meninos concordaram solenemente com suas cabeças, todos nós sabíamos sobre as formigas-de-fogo.

— Bom, aqui há montes de vespas, possivelmente abelhas-africanas e escorpiões! O escorpião-preto pode picar profundamente e existem algumas aranhas com que se deve tomar cuidado, a reclusa castanha, a viúva-negra, a viúva marrom...

Eu sempre pensei que Miami fosse um lugar perigoso, mas enquanto Frank divagava por seu recital de inúmeras formas de morte horrível que nos esperava na floresta, essa cidade começou a ficar pálida em comparação com a sede de sangue voraz da natureza. Havia uma lista interminável de coisas que poderiam nos matar, ou pelo menos nos fazer muito infelizes, e apesar da ideia de a natureza ser voraz e assassina realmente tinha seus encantos. Comecei a pensar que poderia não ter sido uma boa ideia vir a um lugar que estava tão repleto de plantas e animais letais. Também queria saber se iríamos escapar de Frank antes do anoitecer, já que sua lista dos Terrores da Natureza ainda não tinha acabado depois de quinze minutos, e ele parecia bastante capaz de falar longamente sobre todos e cada um deles. Olhei em volta procurando uma forma de escapar, mas parecia que cada direção estava bloqueada por um terror à espreita. Aparentemente, quase tudo no parque estava apenas esperando por uma chance de nos assassinar, ou pelo menos de causar ataques de vômitos de sangue.

Frank finalmente nos acalmou com algumas palavras de cautela sobre jacarés e disse para não nos esquecermos do crocodilo-da-américa! Que tem uma nariz pontudo e é muito mais agressivo! E terminou com um lembrete final de que a natureza era nossa amiga, o que parecia um pouco delirante, considerando o censo longo e mortal do parque que tinha acabado de concluir. De qualquer forma, Cody ficou impressionado o suficiente para insistir em voltar para a barraca e pegar seu canivete. Esperei por ele na entrada da trilha, observando as outras equipes ocupadas com seus trabalhos. Doug Crowley estava liderando um trio de meninos ao redor do acampamento em busca de palha, e eu os assisti por um momento, até que

se levantou abruptamente com uma lata esmagada e gasta de refrigerante na mão e se virou para olhar para mim.

Por um longo momento, Crowley apenas me observou com a boca ligeiramente aberta. Eu retribuí o olhar, embora a minha boca estivesse fechada. No momento se esticou e eu me perguntava por que nós dois simplesmente não desviávamos o olhar. Então, um dos comandados de Crowley gritou algo sobre uma cobra papa-ovo e ele se virou rapidamente para ver. Olhei para suas costas por mais alguns segundos e então também me virei. Além de ser uma nulidade total, Crowley era claramente muito mais socialmente inepto do que eu jamais tinha sido. Ele não fazia ideia de como se relacionar com outras pessoas, e sua falta de jeito me deixou um pouco desconfortável. Mas seria fácil evitá-lo uma vez que esta expedição de horror mortal tivesse acabado, supondo que eu sobrevivesse. Um minuto depois, Cody voltou com seu canivete e finalmente conseguimos entrar na ponta dos pés na floresta venenosa em busca de uns galhos inflamáveis que não nos matassem.

Movemo-nos devagar e com cuidado; Frank tinha feito um trabalho maravilhoso de nos convencer que só sobreviveríamos por um milagre do acaso, e posso dizer que Cody sentia o perigo e a morte violenta em cima dele a cada passo cauteloso que dava. Ele se arrastou ao longo do caminho com seu canivete aberto na mão, aproximando-se de cada folha e galho como se fossem saltar para cima dele e cortar sua jugular. Ainda assim, depois de mais ou menos uma hora conseguimos coletar uma pilha decente de madeira morta e, milagrosamente, ainda estar vivos. Levamos nossa madeira para o círculo da fogueira do acampamento e depois nos arrastamos para a relativa segurança de nossa barraca.

O zíper da barraca estava aberto, mesmo eu tendo certeza de que tinha fechado. Era óbvio que Cody tinha deixado aberto quando voltou para pegar o canivete. Aquilo era duplamente irritante, já que agora sabíamos que a área estava cheia de terríveis criaturas ansiosas por uma chance de deslizar para nossa tenda e nos envenenar, torturar e devorar. Mas o propósito principal da viagem era passar um tempo com Cody, e dar uma bronca nele por sua falta de cuidado provavelmente não seria uma experiência que estreitaria nossos laços, então apenas suspirei e rastejei para dentro dela.

O jantar naquela noite foi um evento comunitário, com todos reunidos em volta da fogueira e comendo alegremente comidas tradicionais da floresta, igual ao que os Calusas comiam: feijão e salsicha. Depois, Frank pegou um violão pequeno e velho, começou a tocar músicas de fogueira e, no fim da segunda música, já tinha vencido a resistência dos meninos, que começaram a cantar junto. Cody ficou olhando com uma expressão horrorizada de descrença, que ficou ainda mais acentuada quando eu finalmente me juntei à cantoria em “There’s a hole in the botton of the sea”. Cutuquei-o para que cantasse também, afinal estávamos tentando ensiná-lo a se misturar com as pessoas. Mas isso foi demais para sua natureza refinada, e ele apenas sacudiu a cabeça e continuou a assistir com desaprovação.

Eu tinha que dar o exemplo, claro, e mostrar a ele como era simples e indolor fingir ser um humano. Então continuei sério e cantei junto “Be kind to your web-footed friends”, “Davy Crockett”, “Cannibal king”, a versão dos escoteiros para “Battle hymn of the republic” e várias outras músicas tocantes e engraçadas que eram lembretes de como os Estados Unidos são uma nação com a música em seus corações e um vazio em sua cabeça.

Cody ficou ali sentado e olhou em volta como se o mundo tivesse enlouquecido e explodido em um horrendo miado de gato estridente, e ele era o único que tinha restado com a cabeça limpa e um senso de decência. Mesmo quando Frank finalmente largou o violão, a diversão não acabou. A noite mágica continuou com uma série de histórias aterrorizantes de fantasmas. Frank parecia ter verdadeiro prazer de contá-las e tinha um talento especial para detalhes horríveis que fazia seus ouvintes travar as mandíbulas de medo. Ouvimos com um medo crescente a histórias como “O gancho”, “O cheiro terrível”, “A batida silenciosa no quarto ao lado”, “O sanguessuga das trevas”, “A víbora” e muitas outras até que o fogo virou apenas um brilho vermelho e Frank finalmente nos liberou para cambalearmos e depois rastejarmos assustados e tremendo para nossos sacos de dormir pequenos e confortáveis, agora com visões de terror sobrenatural se misturando em nossas mentes com os pensamentos de cobras, aranhas, ursos e guaxinins com raiva.

Quando finalmente mergulhei no sono, prometi a mim mesmo que, se sobrevivesse àquela noite, nunca mais acamparia de novo sem um lança-chamas, uma sacola de dinamite e um pouco de água benta.

Ah, a natureza selvagem.

CAPÍTULO 25

V

TALVEZ EU TENHA QUE REPENSAR A POSSIBILIDADE DE EXISTIR UM TIPO DE DIVINDADE boa e carinhosa, pois sobrevivi àquela noite. Mas isso não veio sem um preço. A lista quase interminável dos terrores da vida selvagem de Frank incluía dezenas de insetos letais e ainda assim tinha deixado de fora um dos mais comuns: o pernilongo. Talvez chateados por terem sido excluídos, hordas de pernilongos tinham reunido seu vasto exército dentro da nossa tenda e passaram a noite se certificando de que nunca iríamos esquecê-los novamente. Quando acordei, cedo demais, meu rosto e minhas mãos, que tinham ficado expostos durante toda a noite, estavam cobertos de picadas, e quando me sentei estava até um pouco tonto com a perda de sangue.

Cody estava um pouco melhor, já que tinha ficado tão preocupado com jacarés e zumbis raivosos com ganchos de metal que tinha se encolhido quase inteiro dentro do seu saco de dormir, deixando apenas o nariz de fora. Mas a ponta do seu nariz estava cheia de pontos vermelhos, como se os insetos tivessem realizado uma competição para ver quantas picadas poderiam caber na pequena área de pele exposta.

Rastejamos fracamente para fora da barraca nos coçando vigorosamente e de alguma forma chegamos até a fogueira sem desmaiar. Frank já tinha acendido um fogo para o qual me animei um pouco quando vi que tinha um

pouco de água fervendo em uma chaleira. Mas como o universo estava claramente decidido a punir Dexter por todos os seus pecados reais e imaginários, ninguém tinha trazido nenhum tipo de café, nem mesmo instantâneo, e a água que estava fervendo foi toda usada para fazer chocolate quente.

A manhã rastejou pelo café e chegou às atividades organizadas. Frank começou com uma caçada às narcejas, cuja intenção principal era humilhar os escoteiros novos que não tinham acampado com o grupo antes. Cada um destes novatos recebeu uma sacola de papel grande e um pedaço de pau e foram ordenados a bater nos arbustos com a vara e cantar o *yodel* até as narcejas correrem para fora e saltarem para dentro da sacola. Felizmente Cody era muito desconfiado a acreditar naquela farsa, então ficou ao meu lado e observou aquela coisa hilária com uma carranca de perplexidade, até que um Frank rindo muito finalmente acabou com o jogo.

Depois disso, todos pegaram seus folhetos sobre a natureza e entramos na Floresta Letal novamente para ver quantas coisas diferentes do livreto era possível identificar antes que uma delas nos matasse. Cody e eu fomos muito bem, encontramos muitos dos pássaros e quase todas as plantas. Eu descobri até uma hera venenosa. Infelizmente, achei de uma maneira muito direta. Vi algo que pensei que fosse um escorpião-preto rastejando para longe e, quando levantei cuidadosamente algumas folhas para mostrá-lo ao Cody, ele apontou para a planta que eu estava segurando e levantou seu livreto.

— Hera venenosa — ele falou, apontou para a ilustração e concordei com a cabeça. Era aquilo mesmo.

Eu estava segurando a hera venenosa com minhas mãos desprotegidas. Mas como elas já estavam cobertas de picadas de pernilongo, protegê-las pareceu inútil, mas depois, claro, eu teria uma coceira épica nelas. Agora, se uma espécie de águia em extinção me atacasse e arrancasse meus olhos, a minha Aventura na Natureza Selvagem estaria completa. Lavei minhas mãos com água e sabão e até tomei um anti-histamínico, mas elas, que já estavam coçando, inchavam e latejavam enquanto caminhávamos de volta para nossos carros a fim de irmos embora.

Outros acampantes que não tiveram a sorte maravilhosa de encontrar nossos amigos da floresta letal circulavam e chamavam uns aos outros alegremente, enquanto eu embalava minhas mãos e esperava que todos

chegassem ao estacionamento e encontrassem o veículo no qual iriam embora. Por alguma razão, possivelmente apenas mais um golpe desferido sobre mim por um destino irritadiço, o grupo de Doug Crowley chegou junto, entrou no Cadillac velho e foi embora para casa enquanto Cody e eu ainda esperávamos Mario. Vi o velho carro passar e se dirigir para fora do estacionamento e, em seguida, virar à direita para a estrada. O carro deu uma guinada engraçada e o escapamento estourou uma vez, fazendo um som de chocalho estranho com o pistão batendo e ao mesmo tempo o para-choque dianteiro solto balançando. Então o Caddy velho acelerou e desapareceu na estrada, eu virei e me inclinei no meu carro, olhando para o início da trilha e procurando algum sinal de Mario.

Mas ele não apareceu. Uma mosca começou a voar obsessivamente em volta da minha cabeça procurando pelo que quer que fosse que as moscas querem.

Eu não sabia o que era, mas evidentemente eu estava cheio daquilo, porque a mosca me achou esmagadoramente atraente. E circulou, disparou em direção ao meu rosto e circulou um pouco mais, não parecendo que ia desistir e ir embora. Eu a golpeei, mas apesar de conseguir acertá-la minha tentativa não pareceu desanimá-la. Gostaria de saber se a mosca era venenosa também. Se não fosse, certamente eu seria alérgico a ela. Golpeei de novo sem sorte, talvez por minhas mãos estarem inchadas da hera venenosa e das picadas de mosquito. Ou talvez eu estivesse ficando velho e lento. Provavelmente era isso mesmo, justamente quando precisava de todos os meus reflexos na capacidade máxima para lidar com as ameaças, conhecidas e desconhecidas, que vinham em minha direção.

Pensei em Hood e Doakes e me perguntei o que estariam fazendo para me enquadrar enquanto eu me infectava com plantas e veneno de insetos. Esperava que o advogado que Rita estava arranjando me ajudasse, mas tinha uma sensação muito ruim que isso não aconteceria. Tenho contato com a lei a minha vida toda, e sempre me pareceu que, quando você precisa de um advogado, já é tarde demais.

Então pensei sobre a minha Sombra e me perguntei como e quando ele viria me atacar. Aquilo soou melodramático, saído diretamente de uma história em quadrinhos antiga. A Sombra está chegando. Bahahaha. Patético em vez de perigoso, pelo menos com relação àquele som, mas os sons podem ser enganosos. Como o do carro de Crowley com aquele estouro do

escapamento, parecia que o carro estava prestes a desmoronar, mas é claro que aquela coisa velha tinha chegado até aqui em segurança. E eu tinha ouvido aquele som antes.

Pisquei. De onde tinha vindo aquele pensamento?

Ataquei a mosca e errei de novo. Tinha certeza de que já tinha ouvido aquele barulho de escapamento estourando há pouco tempo, mas não conseguia me lembrar de onde. *Bang, e um chacoalhar*. Mas meu cérebro continuava vazio. Talvez aquela pobre coisa devastada estivesse colapsando em uma senilidade prematura. Provavelmente em um efeito colateral inevitável da combinação recente de estar em perigo, de frustração e da perda de sangue por causa dos pernilongos. Mesmo a única vez que tinha escapado para um pouco de diversão a coisa tinha dado errado. Repassei aquela noite em minha cabeça, relembrando a surpresa horrível na casinha velha. E ela tinha começado com a promessa de ser tão boa, da rua escura e deserta na qual me senti tão ansioso, pronto e até mesmo imparável, quando fui iluminado inesperadamente por um carro passando...

Sem perceber o que estava fazendo, me endireitei e fiquei olhando para a estrada. Era algo estúpido a fazer, pois o carro de Crowley já tinha ido fazia tempo. Mas olhei mesmo assim durante um longo tempo, até finalmente perceber que Cody estava puxando meu braço e chamando meu nome.

— Dexter. Dexter. O Mario chegou. Vamos, Dexter — ele falou e percebi que tinha repetido aquilo mais de uma vez, mas não importava, pois também tinha percebido algo muito mais importante.

Sabia onde tinha ouvido aquele escapamento estourar.

Bang. E um chacoalho duplo.

Dexter está ali parado, banhado pelas luzes do farol alto de um carro antigo, segurando sua sacola de ginástica cheia de coisas para a festa e piscando. Apenas parado na calçada, enrolado em meu casulo frio do disfarce necessário, então o carro vira na esquina e de repente sou iluminado como se estivesse no centro do palco cantando a música-tema de um espetáculo da Broadway, e quem quer que esteja no carro pode me ver claramente, como se fosse uma tarde clara de verão.

Apenas aquele momento perfeito de iluminação e então o carro acelera.

Bang, Chacoalho duplo.

Ele acelera, vira a esquina e some para a noite, se afastando da casinha velha na rua escura, para longe da vizinhança onde Dexter encontrou o

Honda de sua Testemunha.

Dexter não pensa mais naquilo e entra na casa, ainda está olhando para aquela Coisa Quase Familiar sobre a mesa quando as sirenes começam a se aproximar...

...pois alguém sabia exatamente quando eu tinha entrado e chamou a polícia na mesma hora...

...pois tinha me visto do lado de fora, iluminado pelo seu farol alto, e quando teve certeza de que era eu pisou fundo no acelerador para escapar e ligar para a polícia.

Bang. Chacoalho duplo.

Fugindo pela noite enquanto Dexter deslizava para dentro da casa para sua sessão de ficar boquiaberto e babando.

E depois tinha me dito que estava se aproximando, para tirar um sarro de mim, para me punir, mas ser igual a mim...

E tinha mesmo se aproximado, ficando bem na minha rente.

Doug Crowley é Bernie Elan, a minha Sombra.

Tinha achado que aquilo era uma baboseira egocêntrica e absurda vinda de um idiota enlouquecido, e que eu seria mais do que capaz de me defender do que quer que bolasse. Mas então Camilla tinha aparecido morta e eu fui culpado por aquilo...

Exatamente como ele tinha prometido, eu tinha começado a ficar na pior repentinamente.

Ele tinha entrado no apartamento de Camilla, visto todas as fotos que ela tinha de mim e até mesmo deixado uma dele: Camilla e eu frente a frente, o tiro final de sua colagem, o jeito perfeito de armar para mim e me derrubar. Era perfeito. Não importava se eu fosse mesmo preso ou não. Estava no centro dos holofotes sob investigação constante e com isso completamente impotente para fazer qualquer coisa. Uma pequena parte de mim parou e admirou como ele tinha feito aquilo. Mas era uma parte bem pequena, e eu a esmaguei rapidamente e senti que estava começando a ferver. *Mais perto do que imagina*, ele dissera, e tinha feito exatamente aquilo. Sua tentativa estúpida e desajeitada de conversar que eu tinha achado tão irritante. Na hora imaginei por que não ia embora e me deixava em paz. Agora sabia por quê. Ele estava ficando na minha frente e encostando em mim para dizer: *Poderia ter sido sua morte e você é lento e burro demais para me deter.*

Bu!

E ele tinha razão. Tinha provado isso. Eu não tinha suspeitado de nada nem sentido nada, apenas irritação por ele ter se inclinado em minha direção, falado besteiras e depois ido embora, com certeza tão aceso por dentro quanto o céu do dia da Independência. E eu não tinha nem percebido até agora.

Bang. Chacoalho duplo.

Te peguei.

— Dexter? — Cody repetiu outra vez parecendo um pouco preocupado.

Olhei para ele e vi que estava com a testa franzida e puxando meu braço. Mario e Steve Binder estavam parados atrás dele me olhando e parecendo desconfortáveis.

— Desculpem meninos. Estava apenas pensando em uma coisa.

É uma homenagem aos longos anos de treinamento diligente que, mesmo meu cérebro gritando para eu correr a maus postos e abrir fogo com todas as minhas armas, eu tenha conseguido manter meu disfarce alegre, colocar os três meninos no carro e começar a dirigir, e até mesmo me lembrei de qual era o caminho certo para casa.

Felizmente para todos nós, Mario ficou bem mais quieto no longo trajeto de volta. Ele tinha tropeçado em um ninho de vespas e levou três ou quatro picadas antes de fugir, o que só provava que os insetos são muito mais inteligentes do que achamos. O outro menino, Steve Binder, ficou sentado em silêncio ao lado dele no banco de trás, franzindo a testa. De vez em quando se virava, olhava para as picadas de vespa de Mario, cutucava uma e sorria maliciosamente quando Mario pulava. Mesmo com meu medo mental profundo, comecei a gostar um pouco de Steve Binder.

Com exceção das poucas interrupções, a viagem para casa foi tranquila, e usei o relativo silêncio para pensar, que era algo que eu precisava desesperadamente fazer agora. Depois de uns poucos minutos de reflexão, saí do meu estado de alerta extremo e comecei a estudar as coisas com calma e racionalmente. Tudo bem: o som do Cadillac era distinto, mas isso não era prova conclusiva de nada. Sons assim podem vir de qualquer carro velho. E pensar em Crowley como alguém perigoso era algo que dava trabalho para acreditar. Ele era tão mole, inepto e com sua presença quase intangível...

...exatamente o que o escritor do “Blog da sombra” fez questão de dizer sobre si mesmo. Era de onde tinha vindo o nome do *blog*. *Entro em uma*

sala e é como se eles não pudessem me ver, como se não fosse mais do que uma maldita sombra. Uma descrição perfeita de Crowley, se é que as sombras podem ser chatas.

Mas pensar nisso como um disfarce, o mesmo tipo que o meu? Ridículo, era bom demais, talvez até melhor que o meu, algo que eu não queria admitir nem um pouco. E era impossível que fosse tão bom a ponto de me enganar e enganar o Passageiro também. Ninguém era tão bom assim, principalmente alguém que tinha tanto problema em imitar um sorriso de verdade. E pensar que alguém com uma aparência macia e insubstancial daquelas poderia martelar Camilla Figg até a morte era absurdo. Não fazia nenhum sentido...

Eu me lembrei de minha admiração pela garça lá no pântano: tão bonita e distorcida, e tão mortal. Seria possível que Crowley não fosse um idiota mole, e sim outra das grandes conquistas da Natureza, algo como a garça, que parecia tão mansa e agradável que pode ficar bem acima de você e então enfia o bico em seu corpo enquanto você ainda está admirando sua plumagem?

Era possível. E quanto mais pensava nisso, mais achava provável.

Crowley era a minha Sombra.

Ele me perseguiu, armou contra mim e então ficou ao meu lado para se vangloriar. E agora ia me arrancar de minha vida e me jogar na Escuridão Eterna, para onde eu tinha mandado tantos amiguinhos que mereciam. E depois, o que vai fazer? Tomar meu lugar? Tornar-se o novo Dexter Vingador? Nomear-se Dexter Segundo, uma cópia com um novo visual mais suave e menos agressivo? Atrair suas vítimas com uma aparência de normalidade calma e entediante e então bang! Bicado e engolido, igual à presa da garça.

Talvez devesse sentir um conforto por alguém querer continuar o meu Bom Trabalho depois que tiver partido, mas não me senti nem um pouco confortável. Gostava de ser eu e de fazer meu trabalho, e ainda não estava acabado, nem perto disso. Planejava continuar sendo Dexter por um bom tempo, encontrando as pessoas más e as enviando para longe, e tinha um candidato imediato em minha mente. Aquilo agora era pessoal. Sabia que isso era ruim e contra o Código de Harry e tudo o que sabia a respeito do que era certo e verdadeiro, mas eu queria Doug Crowley, ou Bernie Elan ou quem quer que ele quisesse ser. Mais do que qualquer coisa, queria pôr as

mãos nele, prendê-lo com fita adesiva à mesa e vê-lo se debater com seus olhos se arregalando de terror, sentir o cheiro do suor medroso que sairia dele e então, bem devagar, pegar uma lâmina pequena e muito afiada e, enquanto seus olhos ficassem vermelhos sabendo que a agonia estava por vir, eu iria sorrir e começar o fim dele...

Ele achou que era muito esperto ficando cara a cara comigo e balbuciando coisas tolas, enquanto o tempo todo fazia seu joguinho, encostando de leve em mim em vez de me matar. Estava usando o velho jogo dos índios de mostrar que era mais corajoso que o adversário. Era o pior insulto se você fosse um índio Lakota, uma derrota de sua masculinidade tão vergonhosa que podia acabar com a vida de um guerreiro, mas eu não era um nativo americano. Eu era o Dexter, Primeiro e Único, e Crowley tinha se esquecido de um pequeno detalhe.

Os Lakota tinham perdido a guerra.

Eles apareciam nos livros de história com sua honra intacta, mas perderam a guerra e tudo mais porque enfrentaram um povo que preferia matar e nem mesmo sabia que tinha sido insultado, e aquela também era uma ótima descrição de mim. Eu não brincava aquelas brincadeiras de jardim da infância. Eu vinha, prendia com fita adesiva e conquistava. Era assim que eu era.

Ele ousou achar que poderia ser eu? E começou fazendo um trabalho tão desleixado? Ele não tinha ideia do que significava ser eu, não tinha entendido o ponto. Mas estava prestes a descobrir que o ponto de Dexter é na ponta da faca, e não tem ninguém igual a Dexter, nenhuma concorrência e ninguém iria tomar o seu lugar, muito menos um cara sem queixo que precisou roubar meus métodos porque não tinha nem uma personalidade própria. Crowley iria aprender em primeira mão por que não poderia haver um Dublê de Dexter, e essa seria última e mais demorada lição, e ele a levaria para a escuridão vermelha e, enquanto mergulhasse no Tudo Acabado Para Sempre, saberia que tinha aprendido a lição definitiva do Velho Mestre.

Doug Crowley seguiria o caminho que toda carne segue, e o mais rápido possível eu o encontraria, esquartejaria e o mandaria para o fundo do mar em quatro sacos de lixo muito bem arrumados e separados, e faria isso antes que pudesse escrever outro texto chato e egocêntrico comentando o insulto que tinha feito a mim. Eu o prenderia com fita e o ensinaria o que

significava ser eu de verdade, e isso o faria desejar ter escolhido outra pessoa de quem ser a Sombra, e a única pergunta era uma única palavra bem simples:

Como?

CAPÍTULO 26

V

FOI UMA VIAGEM LONGA DE VOLTA PARA CASA, MAS NÃO O SUFICIENTE para que eu conseguisse encontrar uma resposta. Tinha que achar minha sombra, e rápido, mas como? A única pista que tinha era o nome que estava usando agora, Doug Crowley. Pela habilidade que mostrara com computadores até agora, fingir sua própria morte havia sido impressionante, eu tinha certeza de que ele não estaria usando um nome falso que não estivesse com a documentação correta e com um passado convincente. Não era muito, mas eu tinha acesso a várias ferramentas de pesquisa que deixavam o Google comendo poeira, e certamente poderia encontrar algumas pistas sobre ele e onde poderia estar. Já era um começo, e já estava me sentindo melhor quando deixei Mario e Steve Binder e rumei para casa.

A parte feminina de minha família estava sentada no sofá quando chegamos. Rita segurava uma xícara de café em uma mão e bebia enquanto assistia à TV. Ela olhou para nós, franziu a testa, olhou de novo e então ficou em pé e pôs a xícara na mesinha.

— Oh, meus Deus, olha só para você! — ela falou indo até nós e examinando o nariz inchado e vermelho de Cody e minhas mãos e meu rosto. — Mas o que aconteceu com... Cody, seu nariz está completamente... Dexter, pelo amor de deus, você não levou um repelente?

— Levei sim. Apenas não usei.

Ela sacudiu a cabeça me reprovando.

— Não sei o que estava pensando, mas isso... Oh, olha só para os dois! Cody, para de coçar.

— Está coçando — Cody falou.

— Bom, mas se você coçar, só vai ficar pior... Oh, pelo amor de... Dexter, as mãos também?

— Não. Nas mãos foi hera venenosa.

— Fala sério — ela disse com desgosto com relação à minha piada. — É incrível que não tenham sido comidos por um urso.

Não havia muito que eu pudesse argumentar sobre aquilo, especialmente porque concordava com ela, e em todo caso Rita não me deu chance de dizer nada. Ela começou a agir rapidamente, nos circulando e aplicando loção de calamina no meu rosto e nas minhas mãos e levando Cody para tomar um banho quente. Lily Anne começou a chorar, e Astor ficou sentada no sofá sorrindo maliciosamente para mim.

— O que é tão engraçado? — perguntei.

— Seus rosto. Parece que pegou lepra.

Dei um passo em direção a ela.

— Hera venenosa é contagiosa — falei levantando a mão na sua direção.

Astor recuou, pegou Lily Anne e a levantou entre nós como se fosse um escudo protetor.

— Fique longe. Estou segurando o bebê. Pronto, pronto Lily Anne — ela falou deitando a irmã em seu ombro e batendo em suas costas com tapinhas rápidos. Lily Anne parou de chorar rapidamente, provavelmente surpresa com a força dos tapinhas de Astor, e eu as deixei lá e fui tomar banho.

A água quente correndo sobre as minhas mãos inchadas foi uma sensação incrível, diferente de tudo que já sentira antes e, sinceramente, não era algo que estava ansioso para experimentar novamente. Era algo que ficava em algum lugar entre uma coceira imensamente poderosa e uma agonia lancinante, e quase gritei em voz alta. Saí do chuveiro, coloquei mais calamina em minhas mãos e latejar virou apenas uma espécie de tormento em segundo plano. Minhas mãos pareciam dormentes e desajeitadas e tive alguns problemas para usá-las para me vestir. Em vez de pedir ajuda com o zíper e os botões da minha camisa, me virei sozinho para pôr as roupas

limpas e logo estava sentado à mesa da cozinha com uma xícara de café de boas-vindas.

Segurei a xícara de café entre as palmas das mãos inchadas e latejantes. As costas das minhas mãos pulsavam com o calor, e eu me perguntava o que poderia fazer com aqueles dois apêndices inúteis. Senti que precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir, e não apenas porque minhas mãos estavam fora de combate. Por alguma razão, estava o tempo todo dois passos atrás, quase como se Crowley estivesse lendo minha mente. E sabendo o que agora sabia sobre ele, não podia acreditar que era por ele ser tão incrivelmente inteligente, pois ele não era. Devia ser minha culpa. Eu estava abaixo de minhas capacidades, deslizando na lama da mediocridade, descendo diretamente a longa encosta do meu poleiro elevado habitual de excelência suprema, e me perguntei por quê.

Talvez só não fosse mais tão afiado e mau quanto costumava ser. E percebi que poderia muito bem ser que Crowley era realmente páreo para o meu Eu de hoje. Eu tinha ficado muito mole e permitido que meu novo papel de Papai Dexter me deixasse humano demais. Um pequeno problema tinha me deixado moloide e indefeso. Apenas para ser correto, eram dois problemas e nenhum deles era pequeno, mas o ponto era o mesmo.

Pensei no meu outro Eu, aquele que estava na foto que tinha de mim mesmo pendurada na parede do fundo da minha autoestima: Dexter Dominante. Inteligente, afiado, em forma e pronto para tudo, ansioso para sair e caçar e sempre alerta e capaz de farejar os perigos em potencial que poderiam se esconder no caminho do jogo. E comparando aquela imagem sagrada com a que me encarava agora no espelho, senti uma sensação de perda e vergonha. Como tinha perdido aquele meu outro eu, o Dexter ideal dos meus sonhos? Tinha deixado a vida fácil me derrubar tanto?

Claramente sim. Tinha até jogado aquilo fora alegremente, ansioso para me tornar algo que nunca poderia ser de verdade. E agora, quando mais precisava ser Eu mesmo de verdade, tinha ficado todo com as pontas arredondadas. Minha própria culpa, as coisas estavam confortáveis demais ultimamente e comecei a gostar daquilo. A facilidade plácida da vida conjugal, a influência amolecedora de ter que cuidar de Lily Anne, a rotina de casa, família e homicídios, tudo aquilo tinha se tornado confortável demais. Eu tinha ficado mole, presunçoso e satisfeito, dormindo tranquilo com meu estilo de vida confortável e com a facilidade de conseguir brincar

nestas pastagens nas quais eu vinha caçando havia muito tempo. E, na primeira vez em que apareceu um desafio de verdade, me comportei como todas as outras ovelhas encurraladas. Tinha balido e vacilado, sem acreditar que uma ameaça verdadeira pudesse ser direcionada a mim, e ainda estava apenas ali sentado, esperando que a coisa viesse e me pegasse, sem fazer nada para deter aquilo a não ser torcer para que sumisse.

Era mesmo nisso que eu havia me transformado? Tinha mesmo perdido meu corte? Será que a humanidade tinha se esgueirado para as fibras do meu ser e me transformado em um homem com um *hobby* e alma de *marshmallow*, um monstro de meio período ocioso, lento e imbecil demais para fazer algo a não ser olhar estupidamente enquanto o machado desce em seu pescoço e gritar: *Ai, pobre Dexter?*

Tomei o café e senti minhas mãos pulsarem. Isso não estava me levando a nada. Estava simplesmente me afundando ainda mais no Poço do Desespero, e olha que já estava bem fundo nele. Era hora de rastejar para fora, ficar de pé e subir a montanha para a minha posição de direito como Rei das Pilhas de coisas. Eu era um tigre, mas por alguma razão estava agindo como um gato doméstico. Isto tinha de acabar, e agora eu finalmente tinha uma pequena ideia de como fazer. Eu tinha um nome para a pesquisa e um computador para procurar, e tudo que precisava era ir em frente.

Então terminei meu café, me levantei e fui até o pequeno quarto que Rita dizia que era o Estúdio de Dexter. Me sentei e liguei meu *laptop*, e ele começou a ligar, fechei os olhos, respirei fundo e tentei entrar em contato novamente com o meu Tigre Interior. Quase imediatamente senti ele se esticar, ronronar e se levantar para se esfregar na minha mão. Belo Gatinho, pensei com gratidão, e ele me mostrou suas presas com um sorriso feliz e malicioso. Sorri de volta, abriu os olhos e fomos trabalhar.

Primeiro verifiquei os registros de cartões de crédito e, para minha alegria infinita, obtive resultados imediatos. “Doug Crowley” tinha usado seu cartão Visa para comprar gasolina em um posto na Trilha Tamiami, entre Miami e o Parque Fakahatchee na manhã de sábado, o dia que fomos para o acampamento.

Se havia um cartão de crédito funcionando, havia um endereço de cobrança. No entanto, ele tinha conseguido, havia se tornado Doug Crowley, um cidadão sólido com um bom registro do crédito e uma casa, e, se estava usando o cartão de crédito, também estava confiante de que seu

proprietário não iria reclamar. Isso provavelmente significa que a casa estava disponível, pois eu sabia muito bem como minha Sombra gostava de resolver seus problemas pessoais. O verdadeiro Doug Crowley estava morto, então sua casa estava vazia e o meu Doug Crowley quase certamente estaria lá. E maravilha das maravilhas, era até conveniente; o endereço era no Terrace, 148, apenas cerca de três quilômetros de onde eu estava sentado.

Olhei desconfiado para o computador; poderia mesmo ser tão fácil? Depois de tudo o que tinha acontecido, será que realmente seria tão simples? Basta encontrar o endereço, passear um pouco e passar algum tempo de qualidade com meu ex-admirador secreto? Não parecia complicado o suficiente, e, por um momento ou dois, olhei para o endereço como se ele tivesse feito algo muito errado.

Mas o Passageiro se agitou impacientemente e concordei com a cabeça: é claro que era simples assim. Não sabia que nome ele estava usando até agora e Crowley tinha tentado me impedir de descobrir. Agora que sabia, não havia razão para duvidar que tinha encontrado seu covil. Estava apenas sendo cínico e paranoico, e, afinal de contas, quem tinha mais direito a isso do que eu? Esfreguei minhas mãos sem prestar atenção no que fazia e pensei a respeito, sentindo a certeza voltar. Era ele. Tinha que ser. E como que para acrescentar seu Selo de Aprovação do Mal, o Passageiro soltou um ronronar alegre de concordância.

Esplêndido. Eu havia encontrado. Agora só precisava pensar em um jeito de me livrar dele sem usar as mãos.

Poderia tentar usar a hera venenosa. Em todo caso, não podia esperar. O fim estava à vista e a rapidez era essencial; Crowley tinha sido muito escorregadio até agora e eu não poderia dar a ele qualquer tempo para se preparar. Faria isso hoje à noite, logo que escurecesse, com as mãos inchadas ou não. Aquele simples pensamento me fez me sentir bem melhor do que tinha me sentido há muito tempo, e mergulhei na expectativa animada que senti borbulhando nos cantos mais escuros de Porão de Dexter. Estava indo mais uma vez para noite, e não seria gentil.

O resto do dia passou agradavelmente. E por que não deveria? Lá estava eu, um homem com um plano, no seio da minha família feliz. Eu me sentei com Lily Anne no colo e assisti a Cody e Astor massacrarem seus amigos animados no Wii.

Rita tinha desaparecido cozinha adentro. Imaginei que estivesse trabalhando na pilha de quadros entorpecedores de mentes e figuras para seu trabalho. Mas aos poucos comecei a sentir um aroma vindo de lá que não era o de tinta ou fita da calculadora, e sim de algo bem mais suculento. Eis que às seis da tarde a porta da cozinha se abriu liberando uma golfada de vapor delicioso que me deixou babando. Eu me virei para olhar e lá estava Rita, paramentada com avental e luvas de forno e o rosto vermelho pelo trabalho.

— Jantar — ela falou. Até as crianças olharam para ela e Rita ficou um pouco mas vermelha. — Só pensei que... — ela falou olhando para mim. — Quer dizer, sei que ultimamente não está sendo... e você tem sido tão... — Ela sacudiu a cabeça. — Enfim. Resolvi fazer algo... e está pronto. *Paella* de manga — ela acrescentou com um sorriso, e palavras mais felizes jamais foram ditas.

A *paella* de manga era uma das melhores receitas de Rita, e fazia muito tempo que ela não cozinhava isso. Mas o tempo não tinha diminuído a habilidade dela e o resultado foi ótimo. Mergulhei com vontade naquele aroma perfumado. Durante ótimos vinte minutos não pensei em nada mais complicado do que *Nhami!* e, sendo brutalmente sincero, comi demais. Cody também e mesmo Astor perdeu seu mau humor enquanto jantava, e quando estávamos alegremente cheios e afastamos nossas cadeiras, não havia nenhuma sobra.

Rita olhou em volta para sua família entorpecida pela comida com uma expressão sincera de satisfação.

— Bom — ela falou. Espero que... quer dizer, não estava tão bom quanto sempre...

Astor virou os olhos e disse:

— Mããee, você sempre diz isso. Estava bom.

Cody olhou para a irmã, sacudiu a cabeça e se virou para Rita:

— Estava ótimo.

Ela sorriu para ele e, percebendo uma deixa, acrescentei:

— Foi uma obra de arte — falei segurando um arroto satisfeito. — Uma ótima arte.

— Bom, isso é muito... obrigada. Eu só queria... vou tirar os pratos — ela falou ficando vermelha e se levantando para arrumar a mesa.

Envolto em uma nuvem de satisfação completa, cambaleei para Estúdio de Dexter e fiz meus preparativos modestos para a sobremesa: fita adesiva, faca e laço de náilon, apenas alguns acessórios simples para terminar uma noite linda com a minha confecção favorita. Quando tudo tinha sido verificado e reverificado e depois de guardar com cuidado na minha sacola de ginástica, reencontrei as crianças na frente do Wii. Eu me sentei no sofá e assisti ao massacre feliz, e realmente podia sentir um pouco da tensão dos acontecimentos recentes escorrendo para fora de mim. E por que não? Eu tinha uma sacola de ginástica cheia de brinquedos e um amigo escolhido para compartilhar. A vida normal estava finalmente retornando, e Rita tornou aquilo maravilhosamente oficial com uma refeição memorável.

Então me sentei e esperei que ficasse escuro lá fora, pensando presunçosamente naquilo que eu faria um pouco mais tarde e feliz por não ter que realizar mais nada no momento a não ser digerir a quantidade razoável de *paella* que tinha comido. Era um trabalho agradável e relativamente pouco exigente que acreditava estar fazendo muito bem quando, de alguma forma, adormeci.

Acordei sem saber onde estava ou que horas eram, piscando estupidamente e olhando em volta uma sala semiescura. Normalmente não sou dado a cochilos e este tinha me deixado lento e tonto. Demorei um minuto inteiro antes de lembrar que estava no sofá na minha sala e havia um relógio ao lado da TV. Reunindo todas as minhas forças sobre-humanas, revirei os olhos na direção certa e olhei para o relógio, eram dez e quarenta e sete. Tinha sido mais do que uma soneca, fora uma hibernação.

Pisquei e respirei por um minuto, tentando voltar a um estado de prontidão ansiosa para o que tinha planejado para o resto da noite. Mas a sensação de cabeça pesada continuou comigo. Fiquei imaginando o que Rita tinha colocado na *paella*: algum tipo de indutor do sono? Kryptonita? Fosse o que fosse, tinha me nocauteado de forma tão eficiente quanto um remédio para dormir. Na verdade, passei uns bons minutos pensando que poderia ser uma boa ideia voltar a dormir e deixar Crowley esperar até amanhã. Era tarde, eu estava cansado e certamente não havia nada tão urgente que não pudesse esperar mais um dia...

Bem na hora, um pequeno traço de bom-senso surgiu e me lembrou de que não, na verdade ele não podia esperar, não mesmo. O perigo era imediato, a solução estava na mão e, provavelmente, seria até mesmo

terapêutica. Tinha que agir agora, de imediato, sem demora. Repeti aquilo algumas vezes a mim mesmo, mas não foi suficiente para trazer de volta meu limite total e ansioso, mas pelo menos me fez mover. Eu me estiquei e levantei, esperando a consciência plena voltar. Isso não aconteceu, então entrei no corredor de qualquer maneira e peguei a sacola de ginástica que tinha arrumado depois do jantar.

Antes de sair, dei uma espiada no meu quarto; Rita estava dormindo, roncando baixinho, e Lily Anne repousava pacificamente em seu berço. Tudo calmo em casa e era hora de Dexter fugir para a noite.

Quando saí pela porta da frente da casa, um bocejo enorme rangeu para fora de mim em vez da consciência gelada que estava acostumado. Balancei a cabeça em uma vã tentativa de fazer o sangue a fluir novamente. O que havia de errado comigo? Por que não conseguia me animar? Tinha uma tarefa agradável e gratificante para cuidar e não havia nenhum motivo para fazer isso se estava indo para lá como um sonâmbulo através do piloto automático. Entreguei-me a uma conversa de vitalidade: Foco, Dexter. Ponha sua cabeça de volta no jogo.

Quando deslizei para trás do volante do carro e o liguei, estava começando a me sentir um pouco mais alerta. Engatei a marcha e saí devagar pela rua, pensando que um passeio lento pelo tráfego de Miami quase certamente faria a adrenalina fluir novamente. E funcionou ainda melhor do que eu esperava, porque, antes de ter andando uns trinta metros, meu fornecimento de adrenalina para o mês veio rugindo pelo meu sistema quando olhei casualmente para o espelho retrovisor. Atrás de mim, no terreno baldio na metade do quarteirão da minha casa, um par de faróis se acendeu e outro carro saiu para a rua e começou a me seguir.

Olhei no espelho, tentando fazer os faróis virarem uma alucinação. Mas eles continuavam vindo, deslizando pela rua atrás de mim, e quase bati em uma árvore antes de me lembrar que tinha de olhar para a rua em frente também. E tentei fazer isso, mas meus olhos continuavam passando rapidamente de volta para o espelho, e os faróis ainda estavam lá.

Isso não é nada, uma mera coincidência, disse a mim mesmo com firmeza, lutando contra o alarme que começou a ressoar em meu cérebro. Claro que não estava sendo seguido, algum vizinho havia apenas estacionado aleatoriamente no espaço vago por algum motivo e agora tinha saído aleatoriamente em uma excursão de fim de noite aleatória. Ou talvez

um bêbado havia estacionado para dormir depois de muitas cubas libres. Havia muitas explicações sensatas e sóbrias, e só porque alguém ligou seu carro no exato momento em que fiz o mesmo e, em seguida, dirigiu atrás de mim, não queria dizer que estava sendo seguido. A razão dizia que era puro acaso e nada mais.

Virei à direita no sinal vermelho e dirigi devagar, e um minuto depois o mesmo aconteceu com o meu companheiro indesejado, e meu alarme interior soou um pouco mais alto. Eu tentei abafá-lo com pensamentos lógicos: é claro que ele virou à direita também. Esse era o caminho para sair do bairro, o caminho mais curto para Dixie Highway, suas lojas de conveniência e a loja da fazenda para quem queria comprar um litro de leite à meia-noite. Tudo o que poderia levar alguém para as ruas a esta hora estava no fim desta avenida. Era o único caminho a percorrer, e o fato de que alguém ia lá bem atrás de mim era um completo acaso e nada mais. Só para provar isso, virei à direita no semáforo seguinte, me afastando da iluminada Dixie Highway e todos os seus prazeres comerciais, voltando para as ruas escuras alinhadas com as casas, e olhei no espelho esperando que o carro atrás de mim virasse à esquerda.

Mas não virou.

Ele virou à direita, da mesma forma que eu, e seguiu atrás de mim como uma sombra indesejada...

Quando essa palavra surgiu no meu cérebro, um choque quase de pânico me fez endireitar no meu lugar: Sombra? Seria possível? Poderia Crowley ter começado a ir atrás de mim outra uma vez?

Demorei nem um pensamento para descobrir isso. Claro que era possível, mais do que possível, era provável, já que ele tinha me superado a cada passo do caminho. Ele sabia onde eu morava. Sabia como era meu carro. Sabia tudo sobre mim. Já tinha me dito que estava me observando e disse que estava vindo me pegar. E agora ali estava ele, farejando ao longo do meu caminho como um cão do inferno.

Acelerei inconscientemente. O carro atrás de mim acompanhou meu ritmo e, em seguida, começou a diminuir a distância entre nós. Virei à direita, esquerda e direita em ruas aleatórias. O outro carro continuou comigo, cada vez mais perto, enquanto lutava furiosamente contra o impulso de esmagar o pedal do acelerador e rugir para dentro da noite. Mas,

durante todas as minhas voltas e reviravoltas, ele ficou comigo, aproximando-se lentamente até estar a cerca de dez metros atrás.

Virei à esquerda novamente e ele seguiu. Era inútil. Tinha que fugir dele ou confrontá-lo. Meu carro velho não superaria nada mais rápido do que uma bicicleta de três marchas, por isso o confronto era claramente a opção.

Mas não aqui, não nessas ruas residenciais na penumbra onde ele poderia fazer o que tinha em mente sem preocupação de que seria visto. Se teríamos uma acareação, queria que isso acontecesse sob o clarão luminoso das luzes ao longo da Dixie Highway, em algum lugar onde as câmeras de segurança e os funcionários de lojas de conveniência vissem tudo.

Virei o carro de volta para o caminho de onde tinha vindo, para ir à Dixie Highway, e um momento depois o outro carro balançava atrás de mim, aproximando-se um pouco mais. E chegou ainda mais perto enquanto eu acelerei para a avenida, virei à direita no tráfego e parei no primeiro posto de gasolina aberto. Estacionei na área mais iluminada, bem em frente à janela, bem à vista do caixa e da câmera de segurança. Deixei o carro em ponto morto, com o motor ligado e esperei. Um momento depois, o carro que havia me seguido desde minha casa deslizou até parar perto de mim.

Não era o surrado e velho Cadillac que Crowley dirigia. Em vez disso, era um Ford Taurus novo. Parecia um carro que eu tinha visto antes, um carro que tinha visto com frequência, até mesmo diariamente, e quando o motorista abriu a porta e saiu para o brilho laranja das luzes de segurança, percebi por quê.

Assim, em vez de explodir para fora do meu carro e arrebentar Crowley com as mãos inchadas, simplesmente fiquei sentado atrás do volante e abri a janela quando o outro motorista se aproximou. Ele veio até meu carro, olhou para mim e sorriu: um sorriso bonito, feliz, que revelou centenas de dentes afiados e brilhantes, e em face daquela felicidade tão completa, só havia uma coisa que eu poderia dizer.

— Sargento Doakes — falei com uma imitação muito boa de leve surpresa. — Que diabos está fazendo aqui a essa hora?

CAPÍTULO 27

V

POR UM LONGO E INCÔMODO MOMENTO, O SARGENTO DOAKES NÃO RESPONDEU. Ele apenas olhou para mim e sorriu seu sorriso brilhante de predador até que comecei a sentir que a falta de conversa foi ficando um pouco desconfortável. Ainda mais inquietante do que o silêncio dentuço do sargento, me lembrei da sacola de ginástica no assoalho do banco traseiro, bem atrás de mim. O conteúdo dela seria difícil de explicar a alguém com uma mente desagradável e desconfiada, ou em outras palavras, alguém exatamente como Doakes, e se abrisse a sacola e visse a minha coleção de brinquedos inocentes poderia muito bem me deixar em maus lençóis, uma vez que eu estava sob suspeita oficial de usar exatamente itens como esses.

Mas Dexter foi criado no perigo e era mestre em blefe, e esse era exatamente o tipo de crise que arrancava o melhor em mim. Então, tomei a iniciativa e quebrei o gelo.

— Que incrível coincidência — disse brilhantemente. — Saí para comprar anti-histamínicos — Mostrei minhas mãos inchadas, mas ele não pareceu interessado. — Você mora por aqui em algum lugar? — Esperei por sua resposta, mas ele não me deu uma, e como o silêncio cresceu tive que segurar o impulso de perguntar se o gato tinha comido sua língua, antes que eu percebesse que ele não estava com seu sintetizador de voz. — Oh, me

desculpe. Você não está com sua máquina de falar, não é? Bem, então, melhor parar por aqui. Nada pior do que uma conversa unilateral. — E, esticando a mão para fechar a janela, adicionei um carinhoso: — Boa-noite, sargento!

Doakes se inclinou e colocou as duas garras protéticas no topo do meu vidro e o empurrou para baixo. Ele não estava sorrindo agora, os músculos de suas bochechas estavam visivelmente flexionados, se inclinou e impediu que minha janela se fechasse. Pensei brevemente no que aconteceria se sua pressão quebrasse o vidro: seria possível que um caco de vidro quebrado fosse lançado por cima de suas garras de prata e cortasse seus pulsos? O pensamento de Doakes sangrando no estacionamento ao lado do meu carro era muito atraente, mas, é claro, havia também a possibilidade de que o sangue horrível dele espirrasse para o carro e me cobrisse naquela gosma pegajosa vermelha, que era uma imagem que fez minha pele se arrepiar. Não apenas o sangue desagradável e terrível, mas o sangue vil de Doakes. Aquilo era um pensamento tão revoltante que, por um momento, eu não conseguia respirar.

Mas as janelas do carro são feitas de vidro temperado. Eles não quebram em cacos. Eles explodem em uma pilha de pequenas pedras, e seria necessária uma grande dose de criatividade para usá-los a fim de matar Doakes, a menos que eu pudesse convencê-lo a comê-los. Isso não parecia provável, portanto, com um filosófico encolher de ombros, parei de fechar a janela e voltei o olhar para o sargento.

— Mais alguma coisa? — perguntei educadamente.

O sargento Doakes nunca foi conhecido por sua habilidade de bom conversador, e ter sua língua retirada não tinha melhorado nada seu talento nessa área. E, assim, embora tenha ficado claro que havia uma grande quantidade de coisas em sua mente, ele não compartilhou comigo. Só me encarou e seus músculos das bochechas continuaram a ser empurrados para fora, embora ele já não empurrasse o vidro para baixo. Finalmente, quando um homem mais fraco do que Dexter já teria rachado sob a tensão, Doakes se inclinou para ainda mais perto de mim. Olhei novamente para ele. Era muito desconfortável, mas, pelo menos, ele não cheirava tão mal quanto Hood, e consegui suportar sem cair em lágrimas e me confessar.

Finalmente, Doakes deve ter percebido que, em primeiro lugar, não havia literalmente nada que pudesse dizer e, em segundo lugar, eu não ia me

render e admitir que era exatamente o que ele pensava que eu fosse e tinha saído numa missão de fazer exatamente o que suspeitava. Ele se endireitou lentamente sem tirar os olhos de mim e acenou com a cabeça um par de vezes, como se dissesse: *Está bem então*. Em seguida, mostrou apenas uma linha de frente de seu impressionante conjunto de dentes, num meio sorriso feroz que era muito mais preocupante do que o sorriso cheio, e fez o gesto clichê machista que todos vemos em tantos filmes: dois dedos apontados para seus próprios olhos e, em seguida, um apontado diretamente para mim. Claro, como ele não tinha dedos, teve que apontar com sua garra protética brilhante e precisei de um pouco de imaginação extra para decifrar o sinal. Mas a mensagem era muito clara: *estou de olho em você*. Ele deixou a mensagem ser entendida por um momento, apenas apontando a garra e olhando para mim sem piscar. Então se virou abruptamente, caminhou de volta para o lado do motorista de seu carro, abriu a porta e entrou.

Observei-o por um momento e Doakes não engatou a marcha de seu carro. Apenas ficou ali sentado, meio virado para me olhar, mesmo eu não fazendo nada mais interessante do que suar. Era claro que ele seria bem literal em sua ameaça. Iria mesmo me olhar de perto, independentemente do que eu tivesse feito ou não. Ele estava me vigiando agora mesmo e me lembrei de que deveria comprar anti-histamínicos, e, com certeza, ele esperava que eu fizesse isso. Então, depois de alguns momentos desagradáveis, saí do carro e fui até a loja de conveniência. Peguei uma caixa de algo que tinha visto em um comercial, paguei e voltei para o carro.

Doakes ainda me vigiava. Liguei meu carro, dei ré e comecei a ir para casa. Não precisei olhar no retrovisor para saber que Doakes estava me seguindo.

Dirigi devagar para casa, e os faróis de Doakes ficaram o tempo todo no meio do meu retrovisor, nunca enfraquecendo ou ficando a menos de dez metros. Era um exemplo maravilhoso de como seguir alguém com o que eles chamavam de “ficar na cola”, e desejei muito que Doakes fosse ensinar essa técnica na escola de detetives em vez de usá-la comigo. Há apenas alguns minutos eu estava tão feliz, cheio de *paella* e propósito, e agora tinha voltado diretamente ao meu dilema. Eu precisava dar um jeito em Crowley, e o mais rápido possível, mas “rápido” e “possível” estavam muito distantes do meu alcance enquanto o sargento Doakes ficasse colado no meu para-choque.

E pior do que a frustração de ranger os dentes era a percepção crescente de minha estupidez e inépcia. Não era apenas Crowley que estava me rondando, o sargento Doakes também. Eu devia saber. É claro que ele iria me vigiar. Tinha esperado anos para me ver naquela posição. Era para isso que ele vivia, e não iria comer, dormir ou polir suas próteses enquanto tivesse Dexter se debatendo em sua mira.

Eu estava preso em uma bela sinuca de bico e não havia saída. Se não pegasse Crowley, ele me pegaria. Se tentasse pegá-lo, Doakes me pegaria. De qualquer maneira Dexter estaria Pego.

Pensei em todos os jeitos possíveis, mas o resultado era sempre o mesmo. Tinha que fazer algo, mas não podia fazer nada, o problema perfeito, e a Miss Marple não estava por perto para me ajudar a resolvê-lo. Quando estacionei em frente de casa, já tinha arrancado uma camada de esmalte dos dentes, batido as mãos inchadas no volante com resultados surpreendentemente dolorosos e quase comi meu lábio superior. Mas nada disso me deu uma resposta.

Fiquei sentado ao volante com o motor desligado por um minuto, frustrado demais para me mover. Doakes passou lentamente, virou e estacionou no mesmo lugar de antes, com uma vista perfeita de mim e de minha casa. Ele desligou o motor, os faróis e ficou sentado me vigiando. Apertei meus dentes um pouco mais, até que começaram a doer quase tanto quanto minhas mãos. Aquilo não era nada bom. Poderia ficar aqui até que encontrasse uma maneira de ferir todas as partes do meu corpo, ou poderia aceitar o fato de que estava encurralado, entrar em casa e conseguir algumas horas de sono agitado. Talvez uma resposta florescesse no meu subconsciente enquanto dormia. Tão provável quanto, talvez uma chuva de meteoros caísse no meio da noite e esmagasse tanto Doakes quanto Crowley.

Mas decidi pelo o sono mesmo assim. Pelo menos estaria bem descansado quando o fim chegasse. Saí do carro, tranquei-o e fui para a cama. Para minha grande surpresa, estranha, surpreendente e maravilhosamente, uma resposta realmente veio até mim enquanto eu dormia. E não surgiu em um sonho, eu quase nunca sonho e, nas raras ocasiões em que isso acontece, eles são coisas vergonhosas e pequenas, cheios de simbolismo óbvio e constrangedor, e nunca iria ouvir qualquer palavra de conselho que pudessem oferecer.

Em vez disso, quando abri os olhos ouvindo os sons matinais de Rita no banheiro, uma imagem clara flutuou em meu cérebro. O rosto sorridente e alegremente falso de Brian, meu irmão. Fechei os olhos novamente e imaginei por que tinha acordado pensando nele e por que a imagem mental de seu sorriso falso me deixaria tão feliz. É claro que ele era minha família, e ter uma família era motivo de alegria para todos. Mas era muito mais do que isso. Além de dividir o mesmo DNA que eu, Brian também era a única pessoa em todo o mundo que poderia tocar a música da Dança Sombria de Dexter quase tão bem quanto eu. Melhor, talvez ele fosse a única pessoa no mundo que aceitasse pedidos para tocá-la.

Fiquei deitado na cama com um sorriso quase verdadeiro surgindo em meu rosto, e pensei naquilo enquanto Rita voltava ao quarto, se vestia e se apressava em direção à cozinha. Tentei dissipar aquela ideia franzindo a testa e pensando em tudo o que podia ter de errado com ela. Disse a mim mesmo que estava apenas sonhando, deitado ali em uma nuvem de esperança tola induzida pelo sono. Não poderia funcionar. Era simples demais, efetivo demais e dez segundos acordado e com a consciência alerta quase certamente provariam que aquilo não era mais do que um sonho estupidamente otimista.

No entanto, fui ficando alerta e nenhuma revelação negativa surgiu, e o sorriso continuou voltando e acabando com minha cara séria de lógica. Poderia funcionar.

Era só dar o endereço de Crowley para Brian, explicar o problema a ele e deixar a natureza seguir seu curso.

Era uma solução elegante e o único problema real era não poder lidar com Crowley pessoalmente. Não poderia nem assistir, e aquilo parecia terrivelmente injusto. Queria muito fazer aquilo eu mesmo. Assistir àquela criatura miserável e egocêntrica suar e estremecer tentando escapar enquanto devagar, cuidadosa e carinhosamente, eu o levaria cada vez mais para longe de qualquer esperança e perto do círculo escuro no fim de seu momento brilhante e curto de luz...

Porém, uma grande parte de aprender a ser um adulto é admitir para si mesmo que nunca tudo é perfeito. Todos nós temos que sacrificar pequenas indulgências de tempos em tempos a fim de alcançar os objetivos maiores, e eu teria apenas que me comportar como um adulto e aceitar que os resultados eram mais importantes do que minha pequena gratificação

pessoal. O essencial aqui era enviar Crowley de maneira alegre para a eternidade escura e profunda, e realmente não importava se chegasse lá sem a minha ajuda, apenas que realmente chegasse lá, e rapidamente.

Saí da cama, tomei banho, me vesti e me sentei à mesa na cozinha, e não consegui encontrar nada de errado com minha ideia. A certeza cresceu enquanto tomava um café da manhã muito bom com *waffles* e *bacon* canadense, quando empurrei o prato vazio e me servi de uma segunda xícara de café, aquilo tinha virado um plano completo. Brian iria me ajudar, ele era meu irmão. Era exatamente o tipo de problema à altura dele, algo que necessitava de seus pontos fortes e, ao mesmo tempo, dava a ele a chance de se divertir e ainda ajudar seu único irmão. Era claro, eficiente e satisfatório, e realmente me encontrei pensando em como era bom ter um irmão mais velho. É verdade o que dizem: a família realmente é a coisa mais importante na vida.

No momento em que Rita lavou a louça do café, eu estava cheio de bom humor presunçoso e um carinho verdadeiramente irritante com a vida, e também cheio de *waffles*, e descobri que aquilo estava quase me levando a cantar em voz alta. O problema estava tão bem resolvido que poderia voltar para lidar com o outro alerta no meu radar: Doakes e Hood e sua tentativa de fazer chover em meu desfile. Mas me sentia tão bem sobre a solução com relação a minha Sombra que uma parte do otimismo se espalhou e comecei a acreditar que iria encontrar uma saída para esse problema também. Talvez pudesse voltar a dormir e simplesmente esperar que outra ideia borbulhasse para fora da minha mente inconsciente.

Os preparativos da manhã da minha família aconteciam barulhentos à minha volta, chegaram ao clímax e depois, pouco antes do momento em que eu sabia por experiência que a porta da frente começaria a bater e continuaria por pelo menos quatro vezes, Rita veio e me deu um beijo na bochecha.

— Duas e meia — ela falou. — Eu esqueci de dizer ontem à noite, porque você dormiu. E antes eu só queria que, você sabe, porque a *paella* realmente leva tempo.

Mais uma vez tive a sensação de estar no meio de uma conversa que tinha começado há poucos minutos e sem mim. Mas em uma manhã tão cheio de esperança quanto aquela, eu podia ser paciente.

— A *paella* estava muito boa — falei. — O que esqueceu de me dizer?

— Oh. Apenas que às duas e meia da tarde. De hoje? Eu o encontro lá. Porque marquei uma hora enquanto você e Cody... Então, quando os dois voltaram tão completamente... enfim, tinha me esquecido completamente.

Vários comentários cômicos surgiram em minha mente e foram para minha boca lutando por espaço em minha língua, mas outra vez dei um jeito de me manter concentrado no que importava, que era ainda não ter ideia do que Rita estava falando.

— Estarei lá às duas e meia — falei. — Se prometer me dizer onde é e por que tenho que ir.

— Mãe! — Astor gritou e a porta da frente bateu e Rita fez uma careta e sacudiu a cabeça.

— Oh. Não falei? A Carlene no trabalho, como tinha dito. O cunhado dela? Ele é advogado — ela falou virando a cabeça em direção à porta e gritando. — Só um minuto, Astor.

Talvez eu estivesse começando a me acostumar às conversas desconjuntadas dela, pois entendi o que Rita estava dizendo depois de me esforçar para juntar os pedaços do quebra-cabeça.

— Temos uma hora com o advogado?

— Hoje, às duas e meia — Rita falou, se inclinou e me beijou de novo. — O endereço está na porta da geladeira em um Post-it azul. — Ela se endireitou e disse. — Não vai esquecer — e então desapareceu para a sala chamando Astor. As vozes das duas surgiram altas em uma discussão inútil sobre um código de como se vestir, que não se aplicava por ser verão, e de qualquer forma a saia não era tão curta assim, então por que tinha que usar um *short* por baixo; depois de alguns momentos de histeria, a porta da frente bateu mais três vezes e um silêncio repentino surgiu. Suspirei aliviado e acredito que quase pude sentir a casa fazendo o mesmo.

Apesar de não gostar de ter ninguém manipulando minha agenda e de gostar ainda menos dos advogados, me levantei e peguei o Post-it azul na porta da geladeira. Estava escrito Fleischman, duas e meia, e abaixo estava um endereço na avenida Brickell. Aquilo não me dizia muito com relação à qualidade do advogado, mas pelo menos o endereço significava que seria caro, o que realmente já era alguma coisa. Não faria mal vê-lo e descobrir se poderia me ajudar com os problemas com Doakes e Hood. Era hora de eu pensar em tirar o peso da lei de minhas costas, especialmente porque meu outro problema estava a um telefonema de ser resolvido.

Então coloquei o Post-it no bolso e fui pegar meu celular. Quando digitei o número de Brian, me ocorreu que aquele não era o tipo de conversa mole que se tem pelo telefone. Já tinha ouvido conversas gravadas o suficiente para saber disso. Mesmo as frases evasivas básicas como: “Você viu o cara com a coisa a respeito do negócio?” soavam muito suspeitas quando mostradas a um júri. Os celulares são aparelhos incríveis, mas não são seguros para a comunicação, e se Doakes estava tendo o trabalho de me seguir, poderia muito bem ter acesso, legal ou não, a tudo que eu dissesse ao telefone. Então, pensando que “melhor prevenir do que remediar” era um ótimo lema para aquele dia, marquei de encontrar Brian para almoçar no Café Relâmpago, meu restaurante cubano preferido.

Passei a manhã arrumando a casa apesar de ela já estar meio arrumada, mas era melhor do que me sentar no sofá de novo tentando me convencer de que assistir à TV de dia era melhor do que bater minha cabeça contra uma parede. Desarrumei minha sacola de ginástica e guardei tudo com carinho. *Em breve*, falei para meus brinquedos.

Era meio-dia e meia quando tranquei a casa e entrei no meu carro. Quando embiquei para a rua, o sargento Doakes saiu atrás de mim e me seguiu por todo o caminho através da cidade pela Palmetto Expressway ele ficou bem atrás de mim e, quando saí perto do aeroporto e segui em direção ao *shopping center* onde o Café Relâmpago ficava, continuou na minha cola. Estacionei em frente ao café e Doakes parou algumas vagas à minha esquerda, entre mim e única saída do estacionamento. Felizmente para mim, ele não entrou. Simplesmente ficou sentado em seu carro com o motor ligado e olhando para mim através do para-brisa. Então lancei um aceno alegre para ele e entrei para me encontrar com meu irmão.

Brian estava sentado em uma mesa na parte de trás, de frente para a porta, e levantou a mão em saudação quando entrei. Deslizou para o sofá na frente dele.

— Obrigado por me encontrar — falei.

Ele levantou as sobrancelhas fingindo surpresa.

— É claro. Para que serve a família?

— Ainda não tenho certeza — respondi. — Mas tenho uma sugestão.

— É mesmo? — ele falou.

Antes que eu pudesse confirmar, a garçonete surgiu rapidamente e jogou dois cardápios de plástico na mesa na nossa frente. A família Morgan vinha

ao Café Relâmpago a minha vida inteira e esta garçonete, Rose, já tinha nos servido centenas de vezes. Mas não havia nem uma centelha de reconhecimento em seu rosto ao jogar os cardápios na nossa frente e, quando Brian abriu a boca para falar algo, ela foi embora.

— Que mulher encantadora — Brian falou vendo Rose desaparecer na cozinha.

— Ainda não viu nada — respondi. — Espere até ver como ela coloca os pratos na mesa.

— Mal posso esperar.

Poderia ter ficado batendo papo ou até contar a Brian a técnica secreta da família Morgan para fazer Rose trazer a conta em menos de cinco minutos, mas senti que os eventos estavam me pressionando, então resolvi ser direto.

— Preciso de um pequeno favor.

Brian levantou as sobrancelhas.

— É claro que cresci em um orfanato — ele começou a falar e a brincar com um pacotinho de açúcar. — Mas pela minha experiência, quando um membro da família pede um pequeno favor, geralmente é algo grande e muito doloroso. — Ele jogou o açúcar de uma mão para a outra.

— Espero que seja mesmo muito doloroso — falei. — Mas não para você.

Ele parou de brincar com o pacotinho de açúcar e olhou para mim com um leve brilho de algo sombrio se movendo no fundo de seus olhos.

— Me conte.

E eu contei. Tropecei através de uma explicação um pouco desajeitada de como Crowley tinha me visto brincando. Não estou certo de por que me senti tão constrangido em dizer aquilo. É verdade que não gosto de falar sobre essas coisas, mas, além disso, acho que sentia vergonha de admitir para meu irmão que havia sido tão infantilmente descuidado e permitido que alguém me visse. Senti meu rosto ficar quente e tive dificuldade em olhar nos olhos dele, que estavam presos em mim desde que comecei a falar e que continuaram até que cheguei hesitante ao fim.

Brian não disse nada em princípio e pensei em esticar a mão e pegar um pacotinho de açúcar para brincar. Durante o silêncio, Rose apareceu de repente e bateu dois copos de água na nossa frente, pegou os cardápios e desapareceu novamente antes de qualquer um de nós pedir algo.

— Muito interessante — Brian falou finalmente.

Eu me virei para ele e Brian ainda estava olhando fixamente para mim com a sombra fraca ainda no fundo de seus olhos.

— Está falando da garçonete? — perguntei.

Ele mostrou os dentes.

— Claro que não. Apesar do desempenho dela certamente ser divertido até agora. — Ele finalmente desviou o olhar e virou a cabeça para a cozinha, para onde Rose tinha desaparecido. — Então está com esse pequeno problema. E naturalmente veio pedir ajuda ao seu irmão...?

— Hã, isso...

Ele pegou de novo o pacotinho e franziu a testa para ele.

— Por que eu?

Olhei para Brian imaginando se tinha ouvido direito.

— Bom, não conheço muita gente que possa fazer esse tipo de coisa.

— Certo — ele respondeu ainda franzindo a testa para o açúcar como se estivesse tentando ler as pequenas letrinhas do pacotinho.

— E como falei antes, estou sendo vigiado. O sargento Doakes está agora mesmo lá fora no estacionamento.

— Certo, entendi — ele falou apesar de ainda continuar olhando para o pacotinho em suas mãos.

— E porque é meu irmão — acrescentei esperançoso, imaginando por que de repente ele tinha ficado tão vago. — Quero dizer, aquela coisa toda de família, sabe?

— Siiiimmm... — Brian respondeu meio em dúvida. — E, hã... isso é realmente tudo? Um favor inconsequente de seu membro favorito da família? Um pequeno projeto embrulhado para presente para Brian, o irmão mais velho, pois o pequeno Dexie está suspenso?

Não tinha ideia de por que Brian estava agindo de forma tão estranha, e eu contava mesmo com sua ajuda, mas ele ficava mais irritante a cada palavra e eu já tinha cansado.

— Pelo amor de Deus, Brian. Preciso de sua ajuda. Por que está agindo de forma tão estranha?

Ele largou o saquinho de açúcar na mesa, e o pequeno som que isso fez pareceu muito maior do que devia.

— Me desculpe, irmão — ele começou e finalmente olhou de novo para mim. — Como eu disse, cresci em um orfanato e isso me fez ter uma

cabeça muito desconfiada. — Ele mostrou os dentes novamente. — Tenho certeza de que não tem um motivo obscuro com tudo isso.

— Como o quê, por exemplo? — perguntei realmente confuso.

— Ah, não sei. Não consigo deixar de pensar que poderia ser um tipo de armação.

— O quê?

— Ou talvez queira me usar como tipo um laranja, só para ver o que acontece.

— Brian.

— É o tipo de coisa que as pessoas pensam em fazer — ele falou.

— Não eu — respondi, e como não consegui pensar em nada mais atrativo, acrescentei: — Você é meu irmão.

— Sim. Por outro lado tem isso também. — Ele fez uma careta e por um momento fiquei com medo de ele pegar o pacotinho de açúcar novamente. Em vez disso, ele sacudiu a cabeça, como se estivesse superando uma enorme tentação, e me olhou nos olhos. Por um longo momento apenas o encarei de volta. Então seu rosto se iluminou com seu terrível sorriso falso. — Ficaria encantado em ajudá-lo.

Soltei uma nuvem enorme de ansiedade e inalei mais alívio.

— Obrigado — falei.

PARTE 2

CAPÍTULO 28

V

O ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA FIGUEROA, WHITLEY E FLEISCHMAN ficava no 14º andar de um prédio de alto padrão na avenida Brickell, bem nos limites da área onde o preço dos escritórios começava a ficar bem caro. O *lobby* estava vazio quando entrei nele às duas e quinze, e enquanto estava parado ao lado do elevador olhando o que tinha em cada andar do prédio percebi que pouquíssimos tinham inquilino. Como muitos dos edifícios mais novos na linha do horizonte desordenada de Miami, este aparentemente tinha sido construído durante o otimismo selvagem do *boom*, quando todos estavam certos de que os preços continuariam subindo para sempre. Em vez disso eles desabaram como um balão furado, e metade dos edifícios reluzentes e novos no centro de Miami tinha se transformado em cidades-fantasmas brilhantes e com preços muito acima do que valiam.

Rita não estava na sala de espera quando saí do elevador, então sentei e folheei um exemplar da revista *Golf*. Havia vários artigos sobre como melhorar o meu jogo curto que teriam sido muito mais interessantes se eu jogasse golfe. O grande relógio de ouro na parede disse que eram exatamente duas e trinta e seis quando as portas do elevador se abriram e Rita saiu.

— Oh, Dexter, você já está aqui — ela falou.

Nunca sei o que dizer a esse tipo de observação dolorosamente óbvia, mesmo que pareça ser muito popular, então admiti que sim, estava ali bem na sua frente, e ela balançou a cabeça e foi até a recepcionista.

— Temos uma hora marcada com Larry Fleischman. — ela anunciou.

A recepcionista, uma mulher elegante de cerca de 30 anos, inclinou a cabeça para a agenda e assentiu.

— Sra. Morgan?

— Sim, sou eu — Rita falou e a recepcionista sorriu e discou um número no telefone em sua mesa.

— O Sr. e a Sra. Morgan — ela falou ao telefone e, alguns momentos depois, fomos levados a um escritório na metade do corredor onde um homem sério de uns 50 anos e cabelos ralos tingidos estava sentado atrás de uma mesa de madeira. Ele levantou a cabeça quando entramos, então se levantou e esticou a mão.

— Larry Fleischman... você deve ser a Rita — ele falou pegando a mão dela e olhando bem dentro dos olhos dela com uma sinceridade bem treinada e totalmente falsa. — Carlene me falou muito de você. — Os olhos dele passaram rapidamente pela frente da blusa dela, e Rita corou e gentilmente tentou soltar a mão. Larry olhou para o rosto dela e relutantemente soltou a mão, então se virou para mim. — E, hã, Derrick? — ele falou esticando a mão longe o suficiente para que eu tivesse que me inclinar para cumprimentá-lo.

— Dexter — falei. — Com X.

— Ah — ele disse pensativo. — Que nome diferente.

— Quase bizarro — falei e, apenas para manter as coisas empatadas, acrescentei. — E você é o Leroy Fleischman, certo?

Ele piscou e soltou a mão.

— Larry. É Larry Fleischman.

— Desculpe — falei e por um momento nos encaramos.

Finalmente Larry limpou a garganta e olhou novamente para Rita.

— Bom — ele falou franzindo a testa. — Sentem-se, por favor.

Sentamo-nos de frente para a mesa em cadeiras iguais de madeira antiga com assentos de tecido gasto. Larry se sentou de novo e abriu uma pasta. Havia apenas uma folha de papel, que ele pegou e franziu a testa para ela.

— Bom, e qual é o problema?

Nosso problema, aparentemente, não estava escrito no papel, e me perguntei se havia algo escrito ou se era apenas acessório de Larry de eu-sou-um-advogado-de-verdade e se a pasta era tão falsa quanto sua cor de cabelo. Para ser honesto, estava começando a me perguntar se Larry poderia ser de alguma ajuda. Se lutaria contra um ataque determinado e desonesto de Hood e Doakes, precisava de um cão de ataque, um advogado que fosse ávido, aguçado e muito agressivo, além de pronto para soltar a coleira e espancar aquela prostituta velha e vil, a Justiça. Em vez disso, estava olhando para um *poser* de meia-idade que claramente não gostava de mim e que provavelmente decidiria ajudá-los a me jogar na prisão para que pudesse dar em cima da minha esposa.

Mas já estávamos aqui, afinal de contas, e Rita parecia impressionada. Então me sentei e deixei que explicasse a nossa história sofrida. Larry olhava para ela e balançava a cabeça, ocasionalmente tirando os olhos de seu decote e olhando para mim com uma expressão de surpresa maçante.

Quando Rita terminou, Larry se recostou e apertou os lábios.

— Bom — ele falou. — Em primeiro lugar, quero assegurar que fez a coisa certa ao vir aqui me consultar. — Ele sorriu para Rita. — Muitas pessoas esperam para consultar um advogado quando já é tarde demais para que eu possa ajudá-las. O que não foi o caso de vocês. — Ele pareceu gostar do som daquilo e concordou com a cabeça algumas vezes em direção aos peitos de Rita. — O importante é receber bons conselhos legais no começo do caso, mesmo que você seja inocente — ele falou para os peitos e depois se virou para mim com uma expressão que dizia que não achava que eu fosse. Então se virou de novo para Rita e lançou um sorriso condescendente. — O sistema legal americano é o melhor do mundo — ele disse e não parecia ser nem remotamente verdade, afinal, ele estava nesse sistema. Mas Larry falou sério e continuou. — Entretanto, é um sistema de adversários, o que significa que o trabalho do promotor é conseguir a condenação de qualquer jeito e o meu trabalho é impedi-lo de fazer isso e manter seu marido longe da cadeia. — Ele olhou de novo para mim como se estivesse pensando se aquela era mesmo uma boa ideia.

— Sim, eu sei — Rita respondeu e Larry girou a cabeça de volta para ela olhando com atenção. — Quer dizer, é exatamente... E nem sei... se você. Tem muita experiência? Com esse tipo de... quer dizer, entendemos que

direito criminal e direito corporativo são muito... E Carlene me disse... Isso pode ser importante.

Larry concordou com a cabeça como se tudo que ela tinha dito fizesse sentido, o que era mais uma pista de que ele não estava mesmo ouvindo a gente.

— Sim — ele falou. — É uma consideração importante. E quero que saiba que não deixarei nenhuma pedra no lugar e farei absolutamente tudo que estiver ao meu alcance para resolver isso. Mas... — ele falou mostrando as palmas das mãos e sorrindo confiante. — Isso dará trabalho. E precisam saber que talvez fique caro. — Ele olhou para mim de novo e depois para Rita. — Não que se possa colocar um preço na liberdade.

Tinha certeza de que Larry poderia e iria colocar um preço na liberdade, e que viria a ser exatamente dez dólares a mais do que tínhamos no banco. Mas antes que pudesse pensar em uma forma diplomática de dizer a ele que preferia passar vinte anos na penitenciária do que dez minutos a mais em seu escritório, Rita começou a tranquilizá-lo que entendia completamente e dinheiro não era problema, pois Dexter, quer dizer, seu marido, e de qualquer maneira, estava tudo bem e éramos muito gratos. Larry sorriu e acenou com a cabeça, pensativo, para os seios de Rita até que ela finalmente ficou sem oxigênio e parou de falar ofegante. Enquanto fez uma pausa para inspirar, ele se levantou de trás de sua mesa e estendeu a mão.

— Ótimo — ele falou. — E deixe-me assegurar novamente que farei tudo o que puder, por isso quero que pare de se preocupar. — Ele sorriu para ela e tenho que dizer que foi um esforço muito inferior do que o sorriso falso de Brian. — E quero que me ligue se puder ajudar em algo. Qualquer coisa mesmo — ele disse com um pouco de ênfase demais.

— Obrigado, isso é muito... nós vamos, obrigado. — Rita falou e alguns momentos depois estávamos na recepção de novo com a recepcionista nos entregando uma pilha de formulários e dizendo se poderíamos, por favor, preencher aquilo para o Sr. Fleischman, ele apreciaria muito.

Olhei para trás para a porta de Fleischman no corredor. Ele estava lá parado, olhando através da porta meio aberta. Fiquei contente em ver que não encarava mais o decote de Rita. Agora ele olhava a parte de trás de sua saia.

Eu me virei de volta para a recepcionista e peguei os formulários.

— Nós os enviaremos pelo correio. O cartão de estacionamento vai vencer.

Enquanto Rita franziu a testa para mim e abriu boca para dizer algo, peguei-a firmemente pelo braço e a levei até o elevador. As portas de fecharam misericordiosamente, deixando para trás o mundo de pesadelo que era Figueroa, Whitley e Fleischman que eu esperava que fosse a última fez que via.

— Poderia ter parado no prédio e eles validariam para você — Rita falou. — Porque nem vi... Dexter, nem sabia que havia estacionamento nesta parte da cidade...

— Rita... — falei agradavelmente, mas com firmeza. — Se pudesse escolher entre ver Larry encarando seu decote e ir para a cadeia, acho que a cadeia parece uma ótima ideia.

Ela corou.

— Mas isso não é... quer dizer, sei disso, museus, ele deve achar que sou cega ou algo assim... mas, Dexter, e se ele puder mesmo ajudar? Pois isso ainda é muito sério.

— É serio demais para confiarmos em Larry — falei e o elevador fez um "*ding!*" abafado e as portas se abriram e nos jogaram no térreo.

V

Levei Rita até seu carro. Seguindo seu próprio conselho excelente, ela havia estacionado na garagem do edifício, embora não tivesse conseguido a validação do seu tíquete, pois eu a havia levado para fora antes que pudesse perguntar à recepcionista.

Garanti a ela que os dez dólares extras não nos levariam à falência, prometi que procuraria outro advogado e a vi partir para o tráfego na avenida Brickell. A hora do *rush* já estava começando e me perguntei como Rita conseguia sobreviver ao tráfego de Miami. Ela não era uma boa motorista, pois dirigia do jeito que falava, com muitas paradas, arranques e mudanças repentinas, mas compensava aquilo sendo a motorista mais sortuda que eu já tinha visto, e nunca havia tido sequer um pequeno amassado no para-choque.

Entrei no carro e comecei a tediosa viagem para casa, indo para o sul novamente na Brickell por alguns quarteirões e depois para o oeste e para cima na I-95 até que terminasse e me jogasse na avenida Dixie. Eu me

peguei pensando enquanto dirigia, o que nunca é uma grande ideia no tráfego de Miami na hora do *rush*, e no cruzamento da Le Jeune eu quase me choquei com um Jaguar cujo motorista tinha tomado a decisão perfeitamente razoável de virar à esquerda a partir da pista central. Desviei no último segundo, ganhando coro alto de buzinas e palavrões em três idiomas. Acho que mereci aquilo por criticar a condução de Rita.

De alguma forma consegui chegar em casa sem bater em um caminhão-tanque e sendo consumido por uma bola de fogo gigante, e tive apenas tempo suficiente para fazer um bule de café e me servir uma xícara quando Rita entrou na casa com Lily Anne nos braços e as outras duas crianças acompanhando seu rastro.

— Você está em casa! — Ela falou entrando apressada. — Eu tenho notícias incríveis e tenho que... Cody, não jogue sua jaqueta aí. Pendure no... Astor, pelo amor de Deus, não bata a porta desse jeito. Aqui, pegue a bebê — ela falou para mim e entregou Lily Anne se virando tão rapidamente que tive que me inclinar para pegar a bebê derrubando um quarto do meu café ao fazer isso.

Rita colocou as chaves em sua bolsa e a bolsa em cima da mesa perto da porta da frente, e continuou:

— Brian me ligou. O seu irmão, sabe? — ela falou para o caso de eu ter esquecido que Brian era. — E enfim, ele me disse... o que, querido? — ela perguntou se virando para Cody que estava em seu cotovelo pedindo alguma coisa em sua voz suave. — Sim, você pode jogar o Wii por uma hora, agora... Então, o Brian? Quando ele me ligou... — E ela se virou para mim e me viu fazendo malabarismo com Lily Anne e minha xícara e com um pé em uma poça de café derramado. — Oh — ela falou franzindo a testa para a pequena poça no chão. — Dexter, você derramou seu café. Eu cuido disso. — ela correu para a cozinha e voltou quase instantaneamente com um maço de toalhas de papel. Então se agachou e começou a limpar o café.

— O que Brian disse? — Perguntei para o topo da cabeça de Rita, e ela olhou para mim com um sorriso radiante.

— Temos que ir para Key West — ela falou, e antes que pudesse perguntar por que tinha que ir, ou por que Brian poderia ordenar que fizéssemos aquilo e por que isso a deixou tão feliz, Rita saltou de pé e correu para a cozinha com as toalhas de papel molhadas em sua mão. — Falando sério — ela disse por cima do ombro —, ninguém mais aqui

sequer... — E se foi pela porta da cozinha, me deixando maravilhado com o fato de que, de alguma forma, eu conseguia sobreviver nesta casa sem nunca saber o que estava acontecendo ao meu redor, ou mesmo sobre o que ela estava falando.

Lily Anne foi quem me lembrou da futilidade de tentar entender as duras condições de nossa existência triste. Ela me deu um soco no nariz que trouxe lágrimas aos meus olhos, deu uma risada saudável enquanto eu piscava para ela através da névoa de dor, e, em seguida, Rita voltou à sala e pegou a bebê dos meus braços.

— Ela precisa trocar a fralda — Rita falou e saiu correndo em direção ao trocador antes que eu pudesse acrescentar que também precisava me trocar. Mas fui atrás dela esperando por algum tipo de esclarecimento.

— Por que Brian disse que temos de ir para Key West? — Perguntei para as costas dela.

— Oh. É sobre a casa. Brian disse que todos vão estar lá... Para de se mexer, Lily boba — ela disse para a bebê quando começou a trocar a fralda. — E, por isso, se formos para lá também... É uma oportunidade muito boa para... e com os contatos de Brian? Poderíamos chegar a um acordo muito bom. Pronto, querida — ela disse ao terminar. — Então, se puder ligar para os outros advogados. Hoje à noite? Porque temos de partir amanhã de manhã.

Rita se virou para mim com Lily Anne em seus braços e tive que acreditar que a expressão de prazer animado em seu rosto não tinha nada a ver com a troca de fraldas impressionantemente rápida que havia feito.

— É apenas uma possibilidade — ela falou —, mas é uma oportunidade incrível. E Key West! Vai ser tão divertido!

Chega um momento na vida de todo homem em que ele deve se levantar, se afirmar e ser um homem. Para mim esse momento havia chegado.

— Rita — falei com firmeza. — Quero que você respire fundo e depois, lenta, cuidadosa e claramente me diga o que diabos está falando. — E para sublinhar quão sério estava falando, Lily Anne bateu na bochecha de sua mãe e disse um *Blap!* com uma voz clara e imponente.

Rita piscou, possivelmente de dor.

— Oh. Mas eu falei...

— Você disse que Brian está nos forçando a ir para Key West, quer queiramos ou não. E disse que todas as casas estarão lá. Fora isso, poderia

muito bem estar falando etrusco.

Rita abriu a boca, e depois fechou de novo. Ela balançou a cabeça e disse:

— Sinto muito. Pensei que tinha dito... Porque às vezes parece tão claro para mim.

— Tenho certeza que é — respondi.

— Eu estava no carro, pegando as crianças, sabe? E Brian me ligou. No telefone — ela acrescentou. O pensamento dela falando ao telefone no curso de sua condução errática fez eu me sentir muito feliz de não estar nas ruas naquela hora. — E ele disse... Ele me disse que, você sabe. A empresa imobiliária onde ele trabalha? Estão prestes a dar entrada no Capítulo Onze e precisam levantar dinheiro, o máximo que puderem. — Ela me deu outro sorriso caloroso. — O que é uma notícia maravilhosa.

Não sou realmente um mago financeiro, mas até eu já tinha ouvido falar do Capítulo Onze antes, e estava razoavelmente certo de que tinha algo a ver com a falência. Mas, se isso fosse verdade, não podia ver por que isso seria uma notícia maravilhosa, exceto para os rivais nos negócios que os empregadores Brian pudessem ter.

— Rita — falei.

— Não está vendo? Isso significa que eles têm que vender todas as casas para conseguirem o que puderem, por isso vão fazer um leilão! — ela falou triunfante. — Este fim de semana! E é em Key West, porque lá você pode obter uma taxa mais baixa, sabe? Além disso, mais pessoas irão ao leilão se for lá. É por isso que temos que ir lá e tentar. Quero dizer, para obter uma delas, das casas, sabe? No leilão? E assim, Brian está trazendo uma lista completa, por isso que esta é realmente uma grande oportunidade para nós de conseguir a casa nova! Dexter, isto poderia realmente ser exatamente... Oh, estou tão animada! — ela falou e veio para frente e tentou me dar um abraço. Mas como ainda estava segurando Lily Anne, foi mais uma inclinação contra o meu peito, com o bebê imprensado entre nós. Lily Anne nunca foi de desperdiçar uma oportunidade, então começou a chutar meu estômago vigorosamente.

Dei um passo para trás escapando do ataque e coloquei minhas mãos sobre os ombros de Rita.

— Um leilão em Key West? — Perguntei. — De todas as casas hipotecadas em nossa área? — Rita concordou ainda sorrindo.

— Em Key West — ela repetiu. — Um lugar aonde nunca fomos juntos.

Por um momento me esforcei para pensar em algo para dizer e falhei. Os pensamentos pareciam girar para longe de mim. Senti como se estivesse sendo empurrado e tivesse rolado pelo chão em direção a algo terrivelmente irrelevante, desconhecido e estrangeiro. Eu sei que, em teoria, não sou realmente o centro do universo, mas tinha algumas preocupações muito importantes e imediatas aqui em Miami, e ir correndo a Key West para comprar uma casa que estava aqui em South Miami, e em um momento como este? Parecia um pouco fútil e, bem... nem um pouco a minha cara, o que não parecia muito certo.

Fora o meu desejo mesquinho de ficar em casa e salvar minha própria pele, não conseguia pensar em nenhuma razão real para não ir, especialmente em face do entusiasmo quase histérico de Rita. Assim, cinco minutos depois, estava sentado na frente do meu fiel *laptop* para fazer reservas de hotel para uma estadia de três noites em Key West. Liguei e esperei. Ele parecia estar um pouco mais lento ultimamente. Eu era muito bom em manter o disco rígido limpo, mas tinha andado um pouco distraído. Em todo caso, os *cookies* do computador e os *spywares* se tornavam mais sofisticados a cada dia, e eu não era absolutamente um cara antenado. Fiz uma nota mental para passar um tempo me atualizando quando as coisas se acalmassem novamente.

O computador finalmente terminou de ligar e acessei a internet encontrar um quarto de hotel para a nossa visita à cidade mais austral. Planos de viagem para a família era um trabalho meu, em parte porque era muito melhor para navegar pela internet e em parte porque, na sua excitação, Rita tinha corrido para a cozinha fazer algum tipo de refeição comemorativa, e, mesmo no meu mau humor completamente compreensível, eu não queria interferir naquilo.

Olhei os *sites* habituais que ofereciam ofertas de viagem. Meu humor não melhorou quando descobri que os quartos de hotel estavam difíceis de encontrar neste fim de semana porque era o auge de Dias de Hemingway, um antigo festival no qual os indivíduos se caracterizavam como gordos barbudos celebrando todas as formas possíveis de excessos humanos. Não poderia encontrar um quarto de hotel a preços razoáveis, mas consegui um bom negócio no Hotel Surfside para uma suíte. Ela tinha espaço suficiente para todos nós a um preço que poderíamos facilmente pagar em dez anos ou mais, o que não era tão ruim, considerando que era Key West e a cidade

tinha sido fundada por piratas gananciosos. Dei o número do cartão de crédito e registrei a família Morgan para três noites no quarto 1.229, a partir do dia seguinte à noite, e desliguei o computador.

Passei uns bons cinco minutos olhando para tela escura do *laptop* e tendo pensamentos ainda mais escuros. Tentei dizer a mim mesmo que tudo ia ficar bem, que podia confiar em Brian para fazer um trabalho completo e cuidar de Crowley, mesmo que não pudesse assistir. E o não caso de Hood contra mim certamente desmoronaria. Só podia. Não havia nenhum traço de evidência contra mim, em qualquer lugar do mundo e, afinal, eu tinha Deborah cuidando da minha retaguarda. Ela estaria vigiando Hood e Doakes de perto e os impediria de aparar as arestas. Não era nada mais do que a proverbial tempestade em copo d'água.

E o melhor de tudo, fazer uma viagem rápida para Key iria descarrilar Doakes completamente. Ou ele teria que parar de me seguir, ou gastar uma quantia exorbitante de seu próprio dinheiro em gasolina para me acompanhar por todo o caminho até Key West.

Pensar em tudo aquilo me fez sentir melhor. A imagem de Doakes parado em uma bomba de gasolina vendo o valor final rodando mais alto e mais alto enquanto rangia os dentes era muito prazerosa, e durante um tempo eu fiquei satisfeito com aquilo. Fazer Doakes gastar não era exatamente a vingança em escala épica que preferia, mas teria que servir por enquanto. A vida é dura e incerta e às vezes uma pequena vitória tem que bastar.

CAPÍTULO 29

V

O RESTO DA TARDE PASSOU EM UM FRENESI DE ATIVIDADES. Meu último momento de calma foi quando liguei para Deborah e pedi que me recomendasse um advogado. Ela disse que tinha um amigo na área de Assuntos Internos e iria pedir o nome do cara que eles mais odiavam ir contra no tribunal. E então Rita gritou: “Jantar!”. A campainha tocou e, ao mesmo tempo, Astor começou a gritar para Cody parar de roubar, e Lily Anne começou a chorar.

Fui até a porta da frente e a abri. Brian estava lá vestido com roupas escuras, e pela primeira vez o sorriso que me lançou não pareceu completamente sintético.

— Olá, irmão — ele disse alegremente, e o tom de sua voz fez o cabelo na minha nuca se eriçar, e no Porão Sombrio o Passageiro das Trevas assobiou e se desenrolou em uma expectativa inquieta.

A voz de Brian parecia mais profunda e fria que o normal, e havia algo latente cintilando em seus olhos, e eu sabia muito bem o que tudo aquilo significava.

— Brian — falei. — Você... Por acaso...?

Ele balançou a cabeça e seu sorriso ficou mais largo.

— Ainda não, ele respondeu. — Estou a caminho. — Olhei para ele com algo muito parecido com o ciúme, enquanto seu sorriso cresceu e ficou

maior e ainda mais real. — Toma — ele me estendeu várias páginas grampeadas e cobertas com um monte de coisas escritas que pareciam ser principalmente números.

Por um segundo pensei que o papel fosse de alguma forma ligado ao que nós dois sabíamos que ele estava prestes a fazer, e peguei dele sem realmente olhar.

— O que é isso? — perguntei

— É a sua lista — ele falou e, ao ver que não respondi, acrescentou: — A lista de casas. Para o leilão. Disse para sua adorável esposa que a traria.

— Oh. Certo — falei e finalmente olhei para o alto da folha. Um olhar foi o suficiente para ver que era na verdade uma lista de endereços de Miami, com colunas para metragem quadrada, número de cômodos e assim por diante. — Bom. Obrigado. Hã... você já jantou? — Segurei a porta aberta convidando-o para entrar.

— Tenho outros planos... para a noite — ele falou e não havia nenhuma dúvida sobre seu tom de voz. — Como você sabe — ele acrescentou em voz baixa.

— Sim, acho que eu... — Olhei para ele em suas roupas escuras de propósito, e ainda mais escura era realmente a inveja que passava através de mim, mas só havia uma coisa que eu poderia dizer e então disse. — Boa sorte, irmão.

— Obrigado, irmão — ele respondeu e acenou para a lista em minhas mãos. — Para você também. — E seu sorriso poderia ter apenas um toque de zombaria quando acrescentou: — Com suas casas. — Então se virou, correu para seu carro e partiu para a escuridão crescente enquanto eu só podia assistir e desejar que estivesse indo com ele.

— Dexter? — Rita chamou da cozinha me tirando de meu transe melancólico. — A comida está esfriando!

Fechei a porta e fui até a mesa, onde a refeição já estava em pleno andamento frenético. E as coisas não se acalmaram durante todo o jantar. Parecia um verdadeiro crime apressar o porco frito de Rita, mas foi o que fizemos. Tentei comer com calma e sentir o gosto das coisas, mas as crianças estavam muito animadas com a viagem repentina para Key West e Rita, muito acima de todos nós, dobrando o ritmo frenético das asas de um beija-flor. Entre cada bocado de alimento, ela dizia uma lista de coisas que cada um de nós tinha de fazer logo depois que terminasse de comer. No

momento em que os pratos estavam todos na pia, descobri que eu também tinha pegado aquele ritmo frenético.

Saí da mesa e corri para arrumar minhas roupas. Não era muito trabalho, apesar de Rita passar várias horas fazendo a mala dela. Da minha parte, agarrei uma sunga e algumas mudas completas de roupa e as joguei em uma sacola de ginástica, enquanto Rita corria para trás e para frente entre o armário e a cama, onde sua mala enorme estava escancarada e vazia. Quando terminei, peguei minha mala e a coloquei ao lado da porta da frente, depois fui verificar Cody e Astor.

Cody estava sentado na cama com uma mochila cheia ao lado dele, encarando sua irmã enquanto ela olhava ameaçadoramente para seu armário. Ela tirou uma camisa, levantou-a, fez uma cara horrível e a colocou de volta. Eu assisti, fascinado, a como ela repetiu aquele procedimento duas vezes. Cody olhou para mim e balançou a cabeça.

— Já arrumou tudo, Cody?

Ele concordou com a cabeça e então olhei para Astor. Ela balançava no lugar, mordia o lábio e batia o pé no chão, mas fora isso ela parecia fazer muito pouco progresso. Assim, pensando que era a coisa paternal correta a fazer, corri o risco enorme de tentar falar com ela.

— Astor.

— Me deixa em paz! — Ela rosnou por cima do ombro. — Estou tentando arrumar a mala! E não tenho nenhuma roupa! — E atirou um punhado de coisas desagradáveis que aparentemente não eram realmente roupas no chão e as chutou.

Cody levantou uma sobrancelha para mim.

— Meninas — ele falou.

Ele provavelmente estava certo que aquilo era uma coisa do gênero, porque o desempenho tenso de Astor era quase idêntico ao de Rita alguns momentos mais tarde quando voltei para o quarto. Rita estava segurando um vestido e olhando para ele como se tivesse matado Kennedy, e havia um monte de vestidos e blusas no chão ao lado da cama, uma pouco mais arrumada do que a pilha furiosa de Astor, mas mais ou menos do mesmo tipo.

— Como está indo? — perguntei para Rita alegremente.

Ela virou a cabeça e olhou para mim com a expressão de um cervo assustado e um pouco irritado, como se a tivesse interrompido no meio de

alguma meditação intensa e privada.

— O quê? — ela perguntou sacudindo a cabeça e fez uma carranca muito irritadiça. — Oh, Dexter, por favor, agora não. Sério, você nem faz... Não pode ir colocar gasolina no carro ou algo assim? Tenho que... Este é horrível! — ela falou atirando o vestido de verão na pilha ao lado da cama.

Deixei a Rita de alta octanagem perturbada e fui colocar a minha mala e a mochila de Cody no porta-malas. Verifiquei o medidor de gasolina e vi que estava quase cheio. Então fiquei ao lado do carro pensando sobre o que meu irmão estaria fazendo agora enquanto eu não fazia mais do que carregar as bagagens. Se tudo tivesse corrido bem, ele já teria começado. Não parecia justo ele ter toda a diversão, quando eu tinha sido o único a aturar Crowley todo esse tempo. Pelo menos aquilo ia acabar. Na hora que eu fosse hoje à noite, Crowley teria partido. Meus problemas seriam resolvidos e aquilo era bom, mesmo que cada célula do meu corpo estivesse implorando para que eu seguisse Brian para uma brincadeira.

Infelizmente, eu teria que me contentar em ficar parado sob o luar tentando imaginar as atividades felizes do meu irmão. E se precisasse de um lembrete de por que as coisas eram assim, uma olhada para o terreno baldio no meio da rua era o suficiente. O Ford Taurus contendo o sempre vigilante sargento Doakes ainda estava estacionado lá, e achei que poderia ver seus dentes brilhando para mim através do para-brisa. Suspirei, acenei para ele e entrou.

Rita ainda estava jogando roupas para o lado rapidamente e murmurando baixinho quando fui para a cama. Fechei os olhos e me esforcei para dormir, mas é uma coisa muito difícil de fazer quando você está no meio de um pequeno ciclone. Vez por outra eu caia no sono, só para ser acordado pelo som de cabides jogados com raiva, ou centenas de sapatos caindo em cascata para o chão do closet. Ocasionalmente Rita dizia algumas coisas muito surpreendentes, ou saia correndo do quarto e em seguida voltava segurando algum objeto misterioso que então enfiava na mala volumosa.

Tudo aquilo junto tornou bem mais difícil do que o normal cortejar Morfeu. Eu cochilava e acordava, cochilava e acordava até que, finalmente, às duas e meia, Rita fechou sua mala, colocou no chão e se arrastou para cama, então caí no sono, enfim um sono maravilhoso.

De manhã, corremos com o café da manhã em alta velocidade e realmente conseguimos estar com o carro carregado e pronto em uma hora muito razoável. Todo mundo entrou enquanto eu dobrava o carrinho de Lily Anne e o colocava no porta-malas e estávamos prontos para partir. Porém, quando liguei o carro e engatei a marcha, um Ford Taurus estacionou e nos bloqueou.

Não era um grande mistério saber quem poderia estar dirigindo o carro. Saí e, ao fazer isso, a porta do passageiro do Ford se abriu e o detetive Hood saiu e me lançou um sorriso malicioso de bom-dia.

— O sargento Doakes me disse que você estava colocando malas no carro — ele falou.

Olhei dele para o Ford; a cara feliz de Doakes era visível por trás do brilho no para-brisa.

— Ele disse isso?

Hood se inclinou para mim até seu rosto estar a poucos centímetros do meu.

— Não quero que pense que pode fugir disso, amigão — ele falou e seu hálito cheirava à maré de peixaria.

Sou uma imitação muito boa, mas não sou realmente uma boa pessoa. Já fiz diversas coisas muito ruins e espero viver o suficiente para fazer muito mais. Para ser completamente objetivo, certamente mereço todas as coisas que Hood e Doakes querem fazer comigo. Mas enquanto espero que o longo braço da lei me agarre pelo pescoço, também mereço respirar um ar que não esteja contaminado com o cheiro de sujo e podre de um apocalipse dental.

Coloquei um dedo duro no esterno de Hood e o empurrei. Por um momento, ele pensou que ia aguentar, mas eu tinha escolhido bem o lugar e ele teve que recuar.

— Você pode me prender — falei para Hood. — Ou pode me seguir. Caso contrário, saia do meu caminho. — Empurrei um pouco mais e ele teve que dar outro passo para trás. — E, pelo amor de Deus, escove os dentes.

Hood deu um tapa para afastar minha mão e me encarou. Eu o encarei de volta. Aquilo exigia muito pouca energia e eu poderia ficar o dia todo se era o que ele queria. Mas Hood se cansou primeiro de nossa disputa de encaradas. Ele se virou para olhar Doakes e depois para mim novamente.

— Muito bem, amigão. A gente se vê. — Ele me encarou mais um momento, mas como eu não derreti, apenas se virou, entrou novamente no carro de Doakes e o carro deu ré por uns quinze metros.

Eu os observei por mais um momento a fim de ver se fariam qualquer coisa, mas aparentemente estavam felizes só de me ver. Então voltei para o carro e começamos a longa viagem ao sul.

Doakes ficou bem atrás de nós quase todo o caminho para Key West. Quando ficou claro até mesmo para as suas limitadas faculdades mentais que eu não iria pular para fora do meu carro, pegar um hidroavião e fugir para Cuba, ele desistiu, virou o carro e dirigiu de volta para Miami. Afinal, havia apenas uma estrada para Key e eu estava nela. Com alguns telefonemas, eles provavelmente tinham como saber da minha reserva em Key West se quisessem. Tudo bem, eu não estava fazendo nada que não faria na frente deles. Parei de pensar naquilo e me concentrei no tráfego, que já estava ficando ruim.

A viagem de Miami até Key West nunca era agradável se você estivesse realmente interessado em chegar lá. Por outro lado, se o que você realmente deseja ao viajar é rastejar lenta e sinuosamente através de uma coluna infinita de para-choque atrás de para-choque que passa por lojas incríveis de camisetas e de *fast-food*, e gosta de parar no meio da estrada de vez em quando para olhar bem alguma placa da estrada e memorizar as palavras a fim de contar a todos os seus amigos em Ohio, enquanto todos que estão nos carros atrás de você suam e fritam no sol de julho que nenhum ar-condicionado jamais poderia superar, e todos os motoristas desses outros carros olham ansiosamente para a agulha no indicador de temperatura que sobe constantemente para o vermelho e rosnam para você através do brilho ofuscante do para-brisa e desejam que você simplesmente exploda em chamas e desapareça da face da Terra, apesar de existirem milhares de carros cheios de pessoas como você na estrada esperando para tomar o seu lugar e começar novamente o processo de engatinhar terrivelmente devagar, se essa é a sua ideia de férias dos sonhos na Terra Prometida, venha para Key! O Paraíso o espera!

Realmente não deveria ser uma viagem de mais de duas ou três horas. Mas nunca fiz isso em menos de seis, e desta vez tinham sido sete horas e meia de raiva sufocante da estrada até que finalmente paramos no estacionamento do Hotel Surfside em Key West, centro da cidade.

Um homem negro muito magro em um uniforme escuro saltou na frente do nosso carro e abriu a porta para mim, então correu para o outro lado do carro e segurou a porta para Rita enquanto ela saía, e ficamos ali por um momento, atordoados e cegos pelo calor impiedoso de julho em Key West. O cara de uniforme trotou de volta para ficar na minha frente. Aparentemente ele não sentia o calor ou talvez fosse tão magro que simplesmente não tinha nada em seu sistema que pudesse produzir suor. Em qualquer um dos casos, seu rosto estava completamente seco, e ele corria para cá e para lá com um terno escuro sem demonstrar qualquer sinal de que o ar que estávamos todos respirando era tão quente e úmido que você poderia segurar um ovo em sua mão e vê-lo fritar.

— Chegando, senhor? — o homem falou com a melodia pesada de alguma ilha do Caribe em sua voz.

— Espero que sim, especialmente se vocês tiverem ar-condicionado.

O homem acenou com a cabeça como se ouvisse aquilo o tempo todo. — Em todos os quartos, senhor. Posso ajudar com as malas?

Parecia um pedido muito razoável, e assistimos enquanto o homem empilhava nossas malas em um carrinho, exceto a de Cody, que não se separou de sua mochila. Não sei se estava desconfiado do homem uniformizado ou se tinha alguma coisa na mochila que não queria que ninguém visse. Sendo Cody, as duas coisas eram possíveis. Mas não parecia tão importante quanto entrar no *lobby* fresco e escuro do hotel o mais rapidamente possível, antes que as solas dos nossos sapatos derretessem e ficássemos presos no chão enquanto toda a carne derretia de nossos ossos.

Seguimos o Capitão Magreza para dentro e ao entrarmos no *lobby* o ar-condicionado me acertou com tanta força que meus lábios ficaram dormentes e o tempo desacelerou. Mas todos conseguimos chegar na recepção sem hipotermia. O homem atrás do balcão inclinou a cabeça para nós com gravidade e disse:

— Boa-tarde, senhor. Tem uma reserva?

Assenti com a cabeça e respondi que sim, tinha reservado um quarto, e Rita se inclinou na minha frente e falou:

— Não um quarto, uma suíte? Porque é o que deve ser, quero dizer, nós reservamos *on-line*, sabe? E o Dexter falou... o meu marido. Quero dizer, Morgan.

— Muito bem, madame — o balconista falou. Ele se virou para seu computador e deixei Rita passar por todos os pequenos rituais do registro enquanto pegava Lily Anne e seguia Astor e Cody a um aparador grande com panfletos de várias atrações charmosas e glamorosas que havia nesta Ilha Mágica até mesmo para o viajante mais cansado. Ao que parece, podia-se fazer praticamente qualquer coisa em Key West, desde que se tivesse uns dois cartões de crédito bons e uma necessidade enorme de comprar camisetas. As crianças olhavam para as dezenas de brochuras brilhantes. Cody franzia a testa e apontava para uma e Então Astor esticava a mão e pegava. Em seguida as duas cabeças de juntavam sobre as fotos e eles estudavam a página, Astor sussurrando para seu irmão e Cody balançando a cabeça e franzindo a testa para ela, e então os olhos deles voltavam ao aparador para pegar outro. No momento em que Rita tinha nos registrado e veio se juntar a nós, Astor segurava pelo menos quinze folhetos.

— Bom — Rita falou sem fôlego como se tivesse corrido de Miami até aqui. — Tudo certo. Vamos subir e ver o quarto? Quero dizer, nossa suíte... pois estamos aqui e isso é... Oh, este hotel é simplesmente... Isso vai ser muito divertido!

Talvez eu estivesse cansado de ranger os dentes no trânsito por sete horas e meia, mas achei difícil de igualar o entusiasmo e alto-astral de Rita. Ainda assim, estávamos aqui e mais ou menos intactos. Então segui atrás dela até o elevador e até o nosso quarto, quero dizer, nossa suíte.

A suíte consistia em um quarto grande, uma sala de estar com uma pequena cozinha americana e um sofá-cama, um banheiro com chuveiro e banheira de hidromassagem. A suíte inteira tinha um leve cheiro diferente, como se alguém tivesse fritado um saco de limões em um tanque de líquidos de limpeza tóxicos. Rita entrou correndo e abriu as cortinas, revelando uma bela vista do lado de trás do hotel vizinho.

— Oh — ela se emocionou. — Isto é tão... Dexter, abra a porta, é o homem com as nossas malas... Olhem para isso, Cody, Astor! Estamos em Key West!

Abri a porta. Como anunciado, era o homem com as nossas malas. Ele as colocou no quarto e depois sorriu para mim de maneira tão agressiva que quase me senti culpado por dar apenas uma nota de cinco dólares. Mas ele aceitou sem qualquer tipo de birra e desapareceu pela porta. Mal tive tempo de me sentar antes de uma segunda batida na porta... desta vez era outro

homem de uniforme que trouxe um berço, ajeitou-o para nós e gravemente aceitou mais cinco dólares por seus serviços.

Quando ele se foi, me sentei de novo com Lily Anne pulando no meu colo. Apenas assistimos enquanto os outros membros da nossa família exploravam nossa suíte, abrindo portas e armários e chamando um ao outro com cada nova descoberta. Tudo parecia um pouco irreal. Claro, Key West sempre causava isso, mas parecia um pouco mais desta vez. Afinal, eu realmente não deveria estar ali e não fazia sentido para mim estar, mas ali estava eu, sentado naquela brilhante meca do turismo, em um quarto de hotel caro, quero dizer, suíte, enquanto a apenas poucas horas de distância alguns policiais muito sérios e distorcidos estavam trabalhando para me enquadrar por assassinato. Do outro lado de Miami, meu irmão estava passeando pelo crepúsculo com a emoção pós-brincadeira que deveria ter sido minha. Essas duas coisas eram imediatas, importantes e tangíveis para mim de uma forma que nossa viagem para esse oásis surreal da ganância jamais poderia acontecer, e era difícil acreditar que estava preso em uma suspensão enquanto a vida real girava para longe de mim a apenas algumas horas ao norte.

Rita finalmente terminou de abrir todos os armários e cômodas e veio se sentar ao meu lado. Ela pegou Lily Anne do meu colo e suspirou profundamente.

— Bom — ela falou parecendo muito contente. — Aqui estamos.

E por mais estranho que pudesse parecer para mim, ela tinha razão. Ali estávamos nós e, pelos próximos dias, o que acontecesse na vida real teria que acontecer sem mim.

CAPÍTULO 30

V

COMO NOSSO LEILÃO DE IMÓVEIS SÓ COMEÇARIA AMANHÃ, tivemos uma longa tarde e uma longa noite do que Rita chamou de tempo livre, mas que parecia uma coisa muito enganadora pelo tanto de coisa que fizemos. Seguimos Rita pelas ruas de Old Key West para comprar garrafa d'água, com preços de aeroporto, e depois sorvete, um bolinho de cinco dólares, óculos de sol, protetor solar, chapéus e camisetas e sandálias genuínas de Key West. Comecei a me sentir como um caixa eletrônico portátil. No ritmo que estava jogando dinheiro fora, estaríamos quebrados na hora de dormir.

Mas Rita não desacelerou. Ela estava claramente determinada a nos forçar ao delírio de alto custo que levaria à falência, e só para ter certeza de que eu tinha perdido minhas inibições em poupar dinheiro suficiente para comprar a gasolina para a viagem de volta, ela ainda nos arrastou para um bar com som muito alto e aberto para a calçada. Ela pediu dois mai tais e duas piñas coladas sem álcool, e quando a conta chegou era muito mais alta do que um jantar para oito em um bom restaurante. Tomei um gole do copo de plástico, quase cutucando meu olho com o pequeno guarda-chuva que decorava aquela lama rosa brilhante, enquanto Rita deu seu celular para Astor e a fez tirar uma foto de nós dois em pé na frente de um grande tubarão de plástico com nossos mai tais levantados.

Terminei minha bebida sem descobrir qualquer traço de álcool nele, e tive uma dor de cabeça breve, mas ofuscante, por tomar aquela bebida congelada rápido demais. Marchamos até a rua Duval e encontramos formas cada vez mais engenhosas de jogar dinheiro fora. Em seguida, corremos de volta para o outro lado até a praça Mallory e chegamos lá a tempo de participar de um estilo mais livre de desperdiçar dinheiro, a lendária celebração do sol. Rita entregou notas de um dólar para Cody e Astor e os incentivou a dá-las ao vasto número de malabaristas, cuspidores de fogo, acrobatas e outros aproveitadores, e tudo chegando ao auge quando Rita soltou uma nota de dez dólares nas mãos estendidas do homem que forçou um grupo de gatos domésticos a saltar através de aros em chamas guinchando para eles em um uma voz aguda com um sotaque estrangeiro estranho.

Jantamos em um lugar charmoso que afirmava servir os frutos do mar mais frescos da cidade.

V

Não tinha ar-condicionado, então esperava que estivessem realmente frescos. Mesmo com os ventiladores de teto girando no máximo, estava bastante quente e, depois de me sentar à mesa com estilo de piquenique por cinco minutos, percebi que estava preso ao banco. Mas a comida veio depois de apenas 45 minutos e a gordura na qual havia sido feita tinha apenas alguns dias de idade, então eu realmente não poderia reclamar quando a conta chegou e o total não foi mais do que valor de uma Mercedes nova.

Durante todo o tempo o calor não diminuiu nem um pouco, o ruído da multidão ficou mais alto e minha carteira ficou muito mais leve. No momento em que cambaleamos de volta para o hotel eu estava encharcado de suor, meio surdo e tinha três novas bolhas nos pés. Contando tudo, havia sido um divertimento muito maior do que tive em muito tempo, e quando me larguei em uma cadeira no quarto de hotel... suíte... Lembrei novamente por que eu não gostava de me divertir.

Tomei um banho e quando eu saí do banheiro, limpo mas muito cansado, Cody e Astor estavam em frente à TV para assistir a um filme. Lily Anne, dormindo no berço, e Rita, sentada à mesa com a lista de casas para o leilão do dia seguinte, franzindo a testa e rabiscando nas margens. Fui para a cama

e caí imediatamente no sono, com visões de notas de dólar dançando em minha cabeça. Elas estavam acenando adeus.

Ainda estava meio escuro quando abri os olhos na manhã seguinte. Rita estava sentada à mesa, de novo, ainda folheando a lista de casas e rabiscando em um caderninho. Olhei para o relógio na mesa de cabeceira. Ele marcava cinco e quarenta e oito.

— Rita — falei numa voz que era algo entre um coaxar e um gargarejo.

Ela não levantou a cabeça.

— Tenho que saber de todos com relação à taxa fixa de trinta anos — ela falou. — Se financiarmos através do banco Ernesto's Brothers é uma taxa mais baixa? Mas pagamos no fechamento do negócio.

Era informação demais para mim no meu estado mal desperto, então fechei meus olhos novamente. Eu acabava de deslizar de volta ao sono quando Lily Anne começou a se alvoroçar. Abri um olho e olhei para Rita. Ela estava fingindo não ouvir Lily Anne, que é o Código das Pessoas Casadas para *Você faz isso, querido*. Então dei adeus à ideia de sono e me levantei. Troquei a fralda de Lily Anne e fiz uma mamadeira, e quando terminei tudo, ela deixou claro que estava acordada e que isso era tudo.

A placa no átrio do hotel dizia que o café era servido a partir das seis da manhã. Se eu ia ficar acordado, decidi que deveria fazer o certo e tomar um café com bolinho. Eu me vesti e, com Lily Anne debaixo do braço, me dirigi para a porta.

Depois de dois passos na sala, uma pequena cabeça loira apareceu do emaranhado de cobertores no sofá-cama.

— Aonde você vai, Dexter? — Astor perguntou

— Tomar café.

— Queremos ir também — ela falou e pulou para fora da cama com Cody, jogaram-se no chão como se tivessem sido carregados em um tubo de torpedo e estivessem apenas esperando que eu passasse.

Quando estávamos todos prontos, Rita veio ver o que era aquela confusão e decidiu vir conosco. Então, dez minutos depois eu dei um passo hesitante em direção à porta e ao café, e em seguida a trupe toda estava em marcha para o salão.

Havia apenas duas outras pessoas lá: dois homens de meia-idade que pareciam estar a caminho de ir pescar. Sentamos o mais longe da TV

possível e atacamos um bufê surpreendentemente bom, considerando que custava apenas dezenove e noventa e cinco por pessoa.

Tomei uma xícara de café pelo gosto parecia feita no meu escritório no ano passado, congelada e enviada para Key West em um barril de iscas. Ainda assim aquilo fez meus olhos se abrirem. Me peguei pensando em Brian e no que quase certamente já tinha concluído. Estava com um pouco de ciúme, esperava que ele tivesse ido com calma e se divertido.

Pensei em Hood e Doakes e imaginei se tinham me seguido até aqui ou não. Tenho certeza de que queriam, mas tecnicamente isso seria meio contra a lei, não? Mas Doakes nunca deixou a lei atrapalhar sua dedicação. E achava que Hood nem conseguia entender as leis, pois muitas delas tinham palavras com mais de uma sílaba. Mas tinha certeza de que eles apareceriam cedo ou tarde.

Minha linha de raciocínio foi interrompida quando Rita bateu a lista na mesa e falou firmemente.

— Cinco — e depois franziu a testa e bateu com a caneta em uma das coisas escritas.

— Me desculpe, não entendi — respondi educadamente.

Ela olhou para mim sem expressão.

— Cinco — ela repetiu. — Cinco casas. As outras são... — ela sacudiu vigorosamente a mão, a que estava com a caneta, e continuou falando rápido. — Grandes demais. Pequenas demais. Na área errada. Zoneamento ruim. Taxa base alta. Telhado velho e talvez...

— Então temos cinco casas possíveis para dar um lance e que servem para nós? — perguntei por que acreditava que as duas pessoas de uma conversa deveriam saber do que estavam falando.

— Sim, isso — ela respondeu franzindo a testa de novo e batendo no papel com a caneta. — Esta aqui, na Terrace, 142, seria a melhor, além de não ser longe de onde estamos agora, mas...

— Temos que falar dessas coisas chatas de casa agora? — Astor interrompeu. — Não podemos ir ao aquário e deixar para comprar a casa depois?

— Não, não podemos, Astor... não interrompa — Rita falou. — Isto é extremamente importante e eu... você não tem ideia do tanto que ainda temos para fazer... para estarmos prontos às três da tarde.

— Mas não temos que estar todos prontos para isso, né? — Astor retrucou em seu choramingo bem razoável. — Queremos ir ao aquário. — Ela olhou para Cody, que concordou com a cabeça, e depois olhou de novo para a mãe.

— É impossível. Esta é a decisão mais importante de todas... e é o seu futuro! Pois vão morar lá durante muito tempo.

— Aquário — Cody falou suavemente. — Alimentar os tubarões.

— O quê? Alimentar os... Cody, você não pode alimentar os tubarões — Rita falou.

— Podemos sim — Astor respondeu. — O panfleto diz que sim.

— Isso é loucura. São tubarões — Rita falou com ênfase, como se Astor tivesse dito a palavra errada. — E o leilão é apenas... Oh, olha a hora.

Ela começou a se mexer no lugar, guardando a caneta na bolsa e sacudindo a lista de casas para chamar o garçom. E eu, sentindo que havia certas formas de tédio que eram mais bem suportadas sem mim, olhei para Cody e Astor e me virei para Rita.

— Eu posso levar as crianças ao aquário — falei.

Rita me olhou surpresa.

— O quê? Dexter, não, não seja... temos que falar sobre esta lista toda, sem falar nas cinco... e depois registrar no... não, é muita coisa.

Mais uma vez, o longo tempo que tinha passado vendo novelas diurnas me ensinaram o que fazer, então estiquei o braço e pus a mão sobre a dela, o que não foi algo fácil, já que sua mão estava em constante movimento. Consegui a prender na mesa e então, me inclinando o mais perto que consegui, falei:

— Rita, isso é algo que você sabe mais do que todos nós juntos. E o mais importante é que confiamos que vai fazer a coisa certa.

Cody e Astor não são burros; reconheciam uma deixa dramática quando ouviam uma. Cody assentiu rapidamente com a cabeça e Astor disse:

— Com certeza mãe, confiamos mesmo.

— Além disso — falei —, eles são crianças, estão em um lugar estranho e novo e querem ver coisas novas e excitantes.

— Alimentar os tubarões — Cody disse implicante.

— E é educativo — Astor quase gritou, o que acho que teria sido exagero.

Aparentemente o tiro foi certeiro, pois Rita não parecia tão em dúvida quando disse:

— Mas a lista, e Dexter, sério, você precisa... você sabe.

— Tem razão — falei, o que era pelo menos uma resposta possível. — Mas, Rita... olhe para eles. — Apontei com a cabeça para as crianças, que instantaneamente fizeram cara de filhotes bonzinhos. — E realmente confio que fará a coisa certa. Totalmente. — acrescentei dando um pequeno aperto em sua mão.

— Bom, mas sinceramente — ela falou fracamente.

— Por favooooorrr? — Astor disse e Cody acrescentou: — Tubarões, mãe.

Rita olhou de um para o outro mordendo seu lábio rapidamente até que fiquei com medo de que ela o rasgaria.

— Bom, se é só...

— Êba — Astor falou e Cody quase sorriu. — Valeu, mãe! — Astor acrescentou e os dois quase pularam da mesa.

— Mas escovem os dentes primeiro! — Rita falou. — E, Dexter, eles precisam de protetor solar... está na gaveta do nosso quarto... suíte.

— Pode deixar — respondi. — Onde você vai estar?

Rita fez uma careta e olhou em volta até achar um relógio.

— O escritório do leilão abre às sete... daqui dez minutos. Levarei Lily Anne até lá e perguntarei... E o Brian disse que eles têm fotos, melhores do que as... Mas, Dexter, sério...

Estiquei a mão e dei um tapinha reconfortante em seu braço.

— Vai dar tudo certo — falei de novo. — Você é muito boa com essas coisas.

Rita sacudiu a cabeça.

— Não os deixe chegar perto demais dos tubarões — ela falou. — Porque você sabe.

— Tomaremos cuidado — garanti a ela, e quando sai andando para me juntar a Cody e Astor Rita estava tirando Lily Anne do cadeirão e limpando purê de maçã de seu rosto.

Astor e Cody estavam na frente do hotel assistindo admirados a vários grupos de homens gordos e barbudos descendo apressados a rua Duval e lançando olhares suspeitos uns para os outros.

Astor sacudiu a cabeça e falou:

— Eles são todos parecidos, Dexter. E até se vestem igual. Eles são *gays* ou algo assim?

— Não podem ser todos *gays* — respondi. — Mesmo em Key West.

— Então o que está rolando? — ela disse como se fosse minha culpa que todos os homens se parecessem.

Estava prestes a dizer a ela que era apenas um estranho acidente cósmico quando me lembrei de que era julho e, afinal, estávamos em Key West.

— Ah — falei. — Dias de Hemingway. — Os dois me olharam sem entender. — Esses homens estão imitando Hemingway — falei.

Astor fez uma careta e olhou para Cody, que sacudiu a cabeça.

— O que é Hemingway?

Observei a multidão de sósias andando pela calçada, trombando uns com os outros e tomando cerveja.

— Um homem que deixou a barba crescer e que bebia muito.

— Bom, eu não ia querer ficar parecida com ele — ela resmungou.

— Vamos — falei. — Vocês precisam escovar os dentes.

Eu os levei para dentro do elevador bem a tempo de ver Rita saindo. Ela fez um aceno e disse:

— Não cheguem muito perto... ligo para vocês quando... Lembrem-se, estejam lá às duas da tarde.

— Tchau, mãe! — Astor respondeu e Cody acenou.

Subimos em silêncio e nos arrastamos pelo corredor até o quarto. Coloquei o cartão na fechadura e abri a porta, segurando-a para Cody e Astor. Eles entraram rapidamente e, antes que pudesse segui-los para dentro e fechar a porta, os dois congelaram no lugar.

— Opa — Astor falou.

— Legal — Cody acrescentou e a voz dele parecia mais alta e afiada que o normal.

— Dex-ter — Astor falou cantando alegremente. — É melhor ver isso.

Passei por eles entrando na sala para ver e, depois de uma olhadela rápida, observar era tudo o que eu podia fazer. Meus pés não se moviam, minha boca estava seca e todos os pensamentos coerentes tinham ido embora, sendo substituídos pela palavra “mas”, que se repetia em um *looping* infinito enquanto eu só olhava para aquilo.

O sofá-cama que Cody e Astor tinham dormido estava aberto e impecavelmente arrumado, com os travesseiros afofados e o cobertor arrumadinho. E confortavelmente colocado na cama estava um caroço rígido de algo que havia sido um ser humano. Mas agora não parecia mais

um. Onde deveria ter um rosto, havia apenas uma cratera achatada com uma crosta de sangue em volta de onde um objeto grande e duro tinha entrado em contato com a carne e os ossos. Uns tocos de dentes cinza surgiam no meio e um pequeno globo ocular saía de sua órbita por causa da força da pancada e pendia para o lado.

Alguém tinha batido naquele o rosto com uma força terrível com algo parecido com um taco de beisebol, esmagando-o e, provavelmente, matando-o instantaneamente, o que quase parecia ruim demais. Porque mesmo sem forma e apesar do fato de eu ficar chocado e quase sem atividade cerebral por encontrá-lo aqui, reconheci o terno barato e o suficiente das características da cara amassada para saber quem era aquele caroço amassado.

Era o detetive Hood.

CAPÍTULO 31

V

NUNCA TINHA GOSTADO DE HOOD E GOSTAVA AINDA MENOS DELE AGORA. Ele já tinha me irritado demais quando era vivo, e aparecendo morto no meu quarto de hotel era muito pior, violava os padrões mais básicos de etiqueta e decência. Era simplesmente muito errado e quase desejei que ainda estivesse vivo para que pudesse matá-lo de novo.

Para além daquela violação grave de decoro, havia outras implicações infinitamente mais preocupantes. E embora quisesse dizer que o meu cérebro de alta potência imediatamente entrou na quinta marcha e começou a calcular todas elas, a verdade é que, infelizmente, aconteceu o contrário. Estava tão ocupado ficando com raiva da ofensa final de Hood contra o bom gosto que não pensei em nada até que ouvi Astor dizer:

— Dexter, o que isso está fazendo aqui?

Quando abri minha boca para dar uma resposta mal-educada para ela, percebi que aquela era uma questão muito importante. Não o porquê de Hood estar em Key West, ele havia claramente me seguido para se certificar de que eu não roubaria um barco e fugiria para Cuba. Eu meio que já esperava isso. Mas alguém mais tinha me seguido e matado Hood dessa maneira tão distinta, e isso era muito mais preocupante, porque teoricamente aquilo era impossível. Porque se eu não estava disposto a aceitar a ideia de que uma coincidência monstruosa levou um completo

estranho a matar Hood por algum motivo lunático, e depois por um acaso milagroso escolheu largá-lo aleatoriamente na minha suíte, só havia uma pessoa no mundo que poderia ter feito isso.

Crowley.

É claro que ele deveria estar morto, o que deveria tê-lo mantido ocupado demais para fazer algo assim. Mas mesmo que de alguma forma ainda estivesse vivo... como tinha me encontrado aqui? Como tinha descoberto que eu estava não só em Key West como aqui, neste hotel e exatamente neste quarto? Ele sabia cada movimento meu antes que eu os fizesse, e agora até mesmo o número de meu quarto. Como?

Cody tentou passar por mim para ver melhor e eu o empurrei firmemente em direção à porta.

— Para trás! — falei e peguei o celular.

Se não tinha como saber de que modo Crowley sempre estava um passo à frente, podia ao menos descobrir se estava mesmo morto. Disquei. O telefone chamou três vezes e então um "Alô" alegre surgiu na linha.

— Brian — falei. — Desculpe se isso parecer uma pergunta estranha, mas hã... você cuidou daquela coisa que ia fazer na outra noite?

— Ah, sim — ele respondeu e mesmo ao telefone eu podia perceber a felicidade verdadeira em sua voz. — E quase todos se divertiram muito.

— Tem certeza? — falei olhando para o amontoado de carne que tinha sido Hood.

— Tem razão, é uma pergunta estranha mesmo. É claro que tenho certeza, irmão, eu estava lá.

— E não teve nada de errado? — Houve uma pausa do outro lado da linha e pensei que a conexão tinha caído. — Brian?

— Bom — ele disse após um momento. — É engraçado você perguntar isso. O... hã, cavalheiro em questão? Ele usou bastante a palavra erro. E repetia que eu estava cometendo um erro terrível. Algo a respeito de roubo de identidade, acho. Não estava prestando atenção.

Algo me cutucou por trás.

— Dexter — Astor falou empurrando mais forte. — Queremos ver.

— Só um minuto — falei firme e os empurrei para trás. — Brian. Pode descrever o... cavalheiro em questão?

— Antes ou depois?

— Antes!

— Bom, diria por volta de 45 anos, 1,70 m e uns 70 quilos. Cabelos loiros, barbeado e óculos com aros dourados.

— Oh — falei. Crowley tinha provavelmente uns 15 quilos a mais, era mais jovem e tinha barba.

— Está tudo bem, irmão? Você parece meio perdido.

— Infelizmente, não está tudo bem — respondi. — Acho que o cavalheiro em questão tinha razão.

— Oh, não — Brian falou. — Foi um erro?

— É o que parece para mim.

— Bom — Brian continuou. — *Qué será*?

Astor me cutucou de novo.

— Dex-ter, vamos — ela falou.

— Preciso desligar — falei para Brian.

— Adoraria saber o que foi que fiz. Me liga depois?

— Se eu puder — respondi. Guardei o telefone e me virei para Cody e Astor. — Agora, quero que os dois esperem no corredor.

— Mas Dexter — Astor falou. — Não conseguimos ver quase nada.

— Que pena — respondi firmemente. — Não podem chegar mais perto até a polícia terminar de olhar.

— Não é justo — Cody falou.

— A vida é dura. Isto é o que faço para viver — falei para ele querendo dizer a cena do crime, é claro, não o assassinato. — Temos que sair do quarto sem tocar em nada e ligar para a polícia.

— Só queremos dar uma olhada. Não tocaremos em nada — Astor falou.

— Não — respondi os empurrando para a porta. — Esperem no corredor. Demorarei só um minuto.

Eles não gostaram nem um pouco, mas saíram, tentando ver o máximo que podiam da coisa no sofá enquanto faziam isso. Mas eu os empurrei para fora, fechei a porta e fui dar uma checada em tudo.

Ninguém jamais diria que Hood era um homem bonito, mas agora ele era positivamente repulsivo. Sua língua saía por entre os dentes quebrados, e o olho que não estava pendurado para fora do soquete estava inteiro. Era claramente o resultado de um golpe extremamente forte e eu não achava que Hood tivesse muito tempo, o que não parecia justo.

Eu me ajoelhei ao lado da cama e olhei embaixo dela. Não havia chaves descartadas apressadamente ou lenços com monogramas para me dizer

quem tinha feito isso, mas eles não eram necessários. Sabia quem tinha feito aquilo. Mas ainda precisava saber como. Vi alguma coisa do outro lado da cama, dei a volta e a cutuquei apenas o suficiente para que pudesse ver. Era um chapéu de pirata de uma loja de lembranças, daqueles com um tapa-olho preto já amarrado nele. Enfiado dentro estava um lenço vermelho. Mesmo sem encostar eu podia ver sangue no lenço. O disfarce de Hood? Provavelmente para esconder os ferimentos por tempo suficiente para entrar com ele no hotel.

Eu me levantei e, só para garantir, fui até o quarto a fim de ver se alguma coisa estava faltando. Mas tudo parecia bem, ninguém estava à espreita no armário, a mala de Rita parecia intocada e até mesmo meu *laptop* ainda estava sobre a mesa, aparentemente também intocado. Quando pensei sobre isso, a coisa me pareceu um pouco estranha. Afinal, Crowley se gabava de seu domínio dos computadores, por que não tinha perdido dois minutos para olhar o meu e descobrir meus segredos?

De algum lugar dentro do Calabouço de Dexter, veio um flexionar suave de asas e uma resposta suavemente sussurrada:

Porque ele não precisava.

Eu pisquei. Era uma resposta dolorosamente simples e aquilo me fez sentir mais estúpido do que nunca.

Ele não precisava descobrir meus segredos.

Ele já sabia.

Ele estava um passo à frente de mim porque já havia invadido o meu disco rígido, e cada vez que eu ligava o computador para encontrar o seu endereço, ler meus *e-mails* ou fazer uma reserva de hotel, ele estava lá comigo. Havia uma abundância de programas que poderiam fazer isso. A única questão era como ele tinha hackeado meu disco rígido. Tentei lembrar se tinha deixado meu computador sozinho em qualquer lugar, em casa ou no trabalho, não tinha. Nunca faria. Mas é claro, você não precisa tocar em um computador para hackeá-lo. Com um vírus bom, o *wi-fi* funcionaria bem. E com esse pensamento me lembrei de estar sentado na frente do meu computador e clicar em um *e-mail* que abriu o novo site “Sangue Tropical”. Houve uma explosão de gráficos em *flash* e, em seguida, um rastro lento de sangue perfeito, apenas para me distrair por um momento enquanto o programa contagiava meu disco rígido e começava a contar a Crowley tudo sobre mim.

Fazia sentido, tinha certeza de que estava certo e com dois minutos no computador eu poderia saber com certeza, mas houve uma rápida batida na porta seguida pela voz abafada de Astor chamando ansiosamente meu nome. Eu me afastei do computador. Não importa. Mesmo sem encontrar vírus de Crowley, sabia que estava lá. Nada mais era possível.

A batida veio novamente, então abri a porta e saí para o corredor. Os dois tentaram espreitar ao meu redor e ver o corpo de Hood, mas fechei a porta.

— Só queremos dar uma última olhada — Astor falou.

— Não. E tem outra coisa. Vocês precisam fingir que estão enojados e com medo. Assim as pessoas pensarão que são crianças normais.

— Medo? — Astor perguntou. — Medo de quê?

— Medo de um cadáver e achando que um assassino esteve bem aqui no quarto de vocês.

— É uma suíte — ela falou.

— Então é bom usarem suas caras de assustados para a polícia — falei e levei todos para o elevador. Por sorte, havia um espelho nele e durante a descida toda eles praticaram umas expressões de medo. Nenhum dos dois foi totalmente convincente, pois isso leva anos de prática, mas eu esperava que ninguém percebesse.

Já estive em centenas de cenas de crime em minha carreira e muitas delas eram em hotéis, então sabia muito bem que a gerência, em geral, não considera um cadáver no quarto como propaganda boa. Eles preferem manter essas coisas em segredo, e, no espírito de ser educado e cooperar, fui até a recepção e pedi para falar com o gerente.

A recepcionista era uma afro-americana muito bonita. Ela sorriu com simpatia genuína e disse:

— Mas é claro, senhor. Algum problema?

— Tem um cadáver na nossa suíte — Astor falou.

— Quieta — falei para ela.

O sorriso dela ficou meio torto e depois sumiu enquanto ela olhava de mim para Astor.

— Tem certeza, minha jovem?

Coloquei a mão em Astor para que não falasse.

— Infelizmente sim — respondi.

Ela ficou muda por alguns segundos.

— Oh, meu Deus — falou finalmente. — Quer dizer... — ela limpou a garganta e fez um esforço visível para vestir novamente sua cara de recepcionista. — Esperem aqui — ela falou formalmente, então pensou melhor e acrescentou. — Quer dizer... venham comigo, por favor. Nós a seguimos através da porta atrás da mesa e esperamos enquanto ela chamou o gerente. O gerente chegou e esperamos mais um pouco enquanto ele chamava a polícia. E, então, esperamos ainda mais enquanto a polícia local e equipe forense iam até nossa suíte. Uma mulher chegou e olhou para nós enquanto ela falava com a recepcionista. Ela parecia ter uns 45 anos, cabelos ficando grisalhos e pele solta e pendurada em seu pescoço como se fosse papel crepom. Parecia ser uma das meninas que vieram a Key West e iam para os bares até que um dia ela acordou, percebeu que a festa tinha acabado e tinha que conseguir um emprego real. Aquilo não combinava com ela, pois tinha um olhar de desapontamento permanente gravado em seu rosto como se houvesse um gosto ruim em sua língua e ela não conseguisse se livrar dele.

Depois de uma conversa rápida e tranquila com a recepcionista, ela veio falar comigo.

— Sr. Morgan — ela disse de modo formal e reconheci o tom imediatamente. Suas palavras seguintes provaram que estava certo. — Sou a detetive Blanton. Preciso fazer algumas perguntas.

— Mas é claro — respondi.

— Primeiro gostaria de ter certeza de que seus filhos estão bem! — Ela falou e, sem esperar por uma resposta minha, se agachou ao lado de Cody e Astor. — Oi — ela disse num tom de voz normalmente dispensado para cachorros inteligentes ou humanos idiotas. — Meu nome é detetive Shari. Podem me falar sobre o que viram lá em cima no seu quarto?

— É uma suíte — Astor falou. — E na verdade não conseguimos ver quase nada porque o Dexter nos fez sair do quarto antes que pudéssemos olhar direito.

Blanton piscou com sua boca aberta. Não era bem a reação que estava esperando.

— Entendi — ela falou e olhou para mim.

— Eles estão muito assustados — falei colocando ênfase na palavra para que eles se lembrassem de que estavam com medo.

— É claro que estão — ela falou e olhou para Cody. — Você vai ficar bem, amiguinho?

— Vou — ele disse em sua voz baixa, então olhou para mim e acrescentou: — Muito assustado.

— É completamente normal — Blanton falou e Cody pareceu ficar muito satisfeito. — E você, querida? — Ela se virou de novo para Astor. — Como está?

Astor fez um esforço visível para não rosnar por ter sido chamada de querida, e conseguiu dizer:

— Estou bem, obrigada, apenas assustada.

— Certo. — Ela olhou de um para o outro algumas vezes, aparentemente procurando ver se estavam entrando em estado de choque.

Meu telefone tocou e era Rita.

— Oi, querida — falei me virando de costas para Blanton e as crianças.

— Dexter, acabei de passar pelo aquário, sabe? Ele não abre até quase... Então, onde estão? Já faz algumas horas.

— Bom — falei. — Tivemos um probleminha. Houve um pequeno incidente aqui no hotel...

— Oh, meu Deus, eu sabia.

— Não há com que se preocupar — falei levantando a voz por cima da dela. — Estamos todos bem. Foi apenas uma coisa que aconteceu e fomos testemunhas, por isso temos que dar nossos depoimentos, só isso.

— Mas eles são apenas crianças — Rita falou. — Não é nem legal, e eles precisam... Eles estão bem?

— Os dois estão ótimos. Agora estão falando com uma policial simpática — falei, e achando que o melhor era acabar logo com o papo, falei: — Rita, por favor, pode ir para o leilão. Vamos ficar bem.

— Mas não posso... porque, quer dizer, a polícia está aí?

— Você tem que ir ao leilão, é por isso que viemos aqui. Consiga para gente aquela casa da rua 142.

— É na Terrace — ela respondeu. — Terrace, número 142.

— Melhor ainda. E não se preocupe, estaremos lá com tempo de sobra.

— Bom, mas... Só acho que eu deveria estar aí...

— Você precisa se preparar para o leilão. Não se preocupe com a gente. Vamos terminar aqui e depois vamos ver os tubarões. Isto aqui é só uma pequena inconveniência.

— Sr. Morgan? — Blanton disse atrás de mim. — Tem uma pessoa que quer falar com você.

— Compre a casa — falei para Rita. — Preciso desligar. — Então me virei a fim de olhar para Blanton e vi que minha pequena inconveniência tinha ficado um pouco maior.

Deslizando para dentro da sala, com os dentes entrando primeiro, vinha o sargento Doakes.

V

Estive em muitas salas de interrogatório da polícia e, sinceramente, a da delegacia de Key West era bem comum. Mas parecia um pouco diferente desta vez, pois eu estava do lado errado da mesa. Não tinham me algemado, o que achei muito legal da parte deles, mas também não pareciam querer me deixar ir a lugar nenhum. Então fiquei lá sentado enquanto Blanton primeiro e depois vários outros detetives iam e vinham, rosnando as mesmas perguntas e, em seguida, desaparecendo novamente. Cada vez que a porta se abria, eu podia ver o sargento Doakes de pé no corredor fora da sala. Ele não estava sorrindo agora, embora eu tenha certeza de que ele estava muito feliz, pois eu estava exatamente onde ele queria, e sabia que ele achava que valia a pena perder Hood para me colocar ali.

Eu me esforcei muito para ser paciente e responder às quatro perguntas-padrão que a polícia de Key West continuava me fazendo, não importasse quantas vezes as fizessem, e também me esforcei para lembrar que, desta vez, eu realmente era completamente inocente e não tinha com que me preocupar. Cedo ou tarde, eles teriam que me deixar ir, não importava de quantas maneiras Doakes conseguisse invocar a cooperação profissional.

Mas eles pareciam não ter nenhuma pressa e, depois de mais ou menos uma hora, durante a qual nem sequer me ofereceram café, pensei que talvez precisasse incentivá-los. Assim, quando o quarto detetive entrou, se sentou à minha frente e me informou pela terceira vez que este era um assunto muito sério, me levantei e disse:

— Sim, é mesmo. Você está me segurando aqui sem nenhuma razão e sem me acusar formalmente, quando não fiz absolutamente nada de errado.

— Sente-se, Dexter — o detetive respondeu.

Ele tinha cerca de 50 anos e parecia ter sido espancado algumas vezes, e senti que mais uma surra seria merecida, pois tinha dito meu nome como se

achasse engraçado, e apesar de normalmente ser muito paciente com estupidez, afinal, há muita por aí, aquela era a gota d'água.

Então coloquei meus dedos sobre a mesa, me inclinei na direção dele e soltei toda a indignação dos justos que realmente sentia.

— Não — falei. — Não vou me sentar. E não vou responder as mesmas perguntas várias vezes. Se não vão me acusar de nada e não vão me deixar ir, quero um advogado.

— Olha — ele falou com uma intimidade cansada. — Sabemos que você é do Departamento de Polícia de Miami. Um pouco de cooperação profissional não iria doer, não é?

— Em mim não doeria nem um pouco mesmo — respondi. — Contanto que você me solte imediatamente, pretendo colaborar o máximo possível com o seu departamento de Assuntos Internos.

O detetive tamborilou os dedos sobre a mesa por alguns segundos e parecia pensar que poderia aguentar. Então bateu na mesa de leve, se levantou e saiu sem dizer mais nada.

Demorou apenas mais cinco minutos até Blanton voltar. Ela não parecia feliz, mas talvez não soubesse como fazer isso. Ela segurava uma pasta de documentos em uma das mãos e batia essa contra a outra, e me olhou como se quisesse me culpar pelo défice do orçamento federal. Mas não disse nada, apenas olhou, bateu na pasta algumas vezes e depois balançou a cabeça.

— Você pode ir — ela falou.

Esperei para ver se havia mais alguma coisa. Não havia, então passei pela porta e entrei no corredor. Naturalmente, o sargento Doakes estava lá esperando por mim.

— Mais sorte da próxima vez — falei para ele.

Ele não disse nada nem mesmo me mostrou seus dentes. Apenas me encarou com seu olhar de chacal faminto que eu conhecia muito bem e, como nunca fui uma pessoa que gostava de silêncios desconfortáveis, dei as costas para ele e coloquei a cabeça novamente na sala de interrogatório que tinha sido minha casa nos últimos noventa minutos.

— Blanton — falei orgulhoso de mim por me lembrar do nome dela. — Onde estão minhas crianças?

Ela soltou a pasta, suspirou e veio até a porta.

— Foram mandados para ficar com a mãe.

— Ah, certo. Eles puderam ir em uma viatura de polícia?

— Não, podíamos ficar encrencados. Estamos com problemas de orçamento.

— Bom, imagino que não os colocaram sozinhos em um táxi, não é? — Falei e admito que estava ficando irritado com ela e com todo o departamento de polícia de Key West.

— Não, claro que não — ela falou com um pouco mais de espírito do que tinha demonstrado até agora. — Eles foram com um adulto autorizado.

Só consegui pensar em uma ou duas pessoas que seriam consideradas autorizadas, e por um momento senti uma pequena fagulha de esperança: talvez Deborah tivesse chegado e as coisas finalmente estavam melhorando.

— Ah, que bom. Foi com a tia delas, a sargento Deborah Morgan?

Blanton piscou e sacudiu a cabeça.

— Não. Mas está tudo bem, seu filho o conhecia. Era o chefe dos escoteiros.

CAPÍTULO 32

V

PASSEI TEMPO DEMAIS ULTIMAMENTE ME LAMENTANDO A RESPEITO DO DECLÍNIO dos meus antes incríveis poderes mentais, então foi um grande alívio perceber que as células cinzentas estavam ficando *on-line* novamente, pois não pensei, nem mesmo por um segundo, que o verdadeiro chefe dos escoteiros fosse Frank, o barrigudo contador de histórias. No mesmo instante, eu sabia quem havia pego Astor e Cody.

Tinha sido Crowley.

Ele veio diretamente para a delegacia, um edifício cheio de policiais que estavam procurando por ele, mesmo que não soubessem, e mentiu abrindo caminho até ter a posse de meus filhos e sair dali com eles. Enquanto uma pequena parte de mim admirava a coragem absoluta dele, o resto de mim não estava com disposição para distribuir elogios.

Ele tinha levado meus filhos. Cody e Astor eram meus, e ele os agarrou de debaixo do meu nariz. Era uma afronta especial e pessoal e aquilo me encheu com uma raiva maior, mais brilhante e mais ofuscante do que qualquer coisa que tinha sentido antes. Uma névoa vermelha desceu e cobriu tudo que eu via, começando pelo detetive Blanton.

Ela arregalava os olhos para mim como uma espécie de peixe terrível, estúpido e babão, apenas olhando e zombando de mim por ser pego e perder meus filhos... e era tudo culpa dela. Tudo isso. Ela tinha escutado Doakes e

me trazido aqui, levado meus filhos para longe, apenas para entregá-los à única pessoa na Terra que não quero perto deles, e permanecia ali na minha frente fazendo expressões estúpidas, e eu queria muito agarrá-la pelo pescoço cheio de pele e sacudi-la até as rugas de papel crepom em seu pescoço pularem, e em seguida espremer até que seus olhos saltassem, sua língua caísse, seu rosto ficasse roxo e todos os ossos pequenos e delicados da garganta se esmagassem e se partissem em minhas mãos...

Blanton deve ter notado que a minha reação foi um pouco mais séria do que um agradecimento educado e um aceno despreocupado da cabeça. Ela deu um passo para longe de mim, entrando na sala de interrogatório, e disse:

— Hã, tudo bem mandá-los com ele, não é, Sr. Morgan? — E mesmo sendo bem melhor do que ser chamado pelo primeiro nome, aquilo não me acalmou nem um pouco. Sem perceber o que estava fazendo, dei um passo em direção a ela e flexionei os dedos. — O menino conhecia ele — ela continuou começando a soar um pouco desesperada. — E era... quer dizer, os escoteiros? Todos têm que passar por uma verificação de antecedentes...

Antes de botar minhas mãos em sua garganta, algo muito duro e metálico agarrou meu cotovelo e me empurrou para trás meio passo. Eu me virei para ele, pronto para rasgá-lo em pedaços pequenos, mas é claro que era o sargento Doakes, e ele não parecia nem um pouco rasgável, mesmo através da névoa vermelha. Ele tinha segurado meu braço com uma de suas garras protéticas e me olhava com uma expressão de interesse divertido, como se esperasse que eu realmente fosse tentar algo. A névoa vermelha sumiu da minha visão.

Soltei sua garra do meu braço, que foi algo mais difícil do que parecia, e olhei mais uma vez para a detetive Blanton.

— Se acontecer qualquer coisa com meus filhos — falei —, você vai se arrepender para o resto de sua vida curta, estúpida e miserável.

E antes que ela pudesse pensar em algo para dizer sobre isso, eu me afastei, passei por Doakes e caminhei pelo corredor.

V

Não foi realmente uma longa caminhada de volta para o centro da cidade. Não existem longas caminhadas em Key West. Tudo que você lê sobre o local diz que é uma pequena ilha, não mais do que alguns quilômetros

quadrados dobrados confortavelmente no final das Florida Keys. Deveria ser uma cidade confortável banhada de sol e recheada de diversão e bons tempos que nunca terminam. Mas quando você pisa no calor sufocante da rua Duval tentando localizar um homem específico e dois filhos, não há nada de pequeno sobre isso. Quando finalmente atingi o centro da cidade e olhei em volta de mim em meu pânico raivoso, aquilo me acertou com uma força que quase me fez ficar sem ar. Estava procurando a ponta de uma agulha em um campo cheio de palheiros. Era algo muito além do fútil, além de inútil; não havia sequer um lugar para começar que fizesse algum sentido.

Tudo parecia estar se empilhando contra mim. As ruas estavam repletas de gente de todos os tamanhos e formas e eu não podia sequer ver metade de um quarteirão em qualquer direção. Um trio de Hemingway passou por mim e aquilo esfregou no meu nariz que o fato de estar procurando Crowley era ridículo. Ele era um cara atarracado e com uma barba, e as ruas de Key West estavam repletas de caras atarracados com barbas. Eu olhei loucamente ao redor, mas era inútil, sem sentido, sem esperança, pois eles estavam por toda parte. Vários outros homens encorpados e barbudos passaram por mim, dois deles traziam crianças pelas mãos, e do mesmo tamanho e formato de Cody e Astor, e cada vez senti uma pontada forte de esperança, e cada vez que os rostos estavam errados e a multidão se fechou em torno deles e subiram ao longo da Duval e me deixaram parado em uma nuvem cinza e sombria de desespero. Nunca iria encontrá-los. Crowley tinha vencido e eu podia muito bem ir para casa e esperar o fim de tudo aquilo.

O desespero veio inundando como uma maré rápida e me encostei em um prédio e fechei os olhos. Era mais fácil não fazer nada descansando em um lugar do que não fazer nada galopando por aí sem ideia de onde ir ou o que procurar. Poderia ficar aqui, apoiado na sombra e embrulhado em derrota. E poderia ter ficado lá placidamente por muito tempo, mas uma ideia muito pequena e brilhante nadou a montante através da maré cinzenta e abanou o rabo para mim.

Eu a assisti nadar em círculos preguiçosos e lentos por um momento e, quando finalmente entendi o que estava dizendo, agarrei-a pelas barbatanas e a ergui a fim de olhar para ela. Virei-a e olhei por todos os lados, e quanto mais fazia isso mais certo ela parecia. Abri os olhos, me levantei lenta e

deliberadamente e olhei para aquela coisinha mais uma vez, e sabia que estava certo.

Crowley não tinha vencido. Ainda não.

Não quero dizer que meu pensamento me trouxe uma fagulha de esperança ou me disse aonde Crowley tinha ido com Cody e Astor. Ele tinha me dito uma verdade muito mais simples e encorajadora.

O jogo ainda não tinha terminado.

Crowley não tinha feito o que tinha de fazer. Pegar Cody e Astor não era o Fim do Jogo, pois não estávamos jogando Capture as Crianças. Estávamos jogando Vamos Demolir o Dexter. Ele não queria machucá-las, seu senso superdesenvolvido de certo e errado não o deixaria ferir crianças inocentes. Não, ele queria me atacar e me punir pelas coisas ruins que fiz. Então, até que eu estivesse morto ou pelo menos com bolas de ferro nos pés, Crowley não pararia de jogar.

Nem eu. Estava apenas começando.

Ele tinha feito tudo do jeito dele até agora, me deixando atordoado, desferindo seus pequenos jabes maus e dançando para longe antes que pudesse reagir, e achou que estava vencendo e que eu não era mais do que um saco de areia tonto, um alvo simples e grande, bem fácil de achar e lento para reagir, e tinha me empurrado, estapeado e jabeado até me encurralar no canto do ringue e achar que eu estava nas cordas e que seria nocauteado facilmente.

Mas ele estava enganado.

Ele ainda não tinha me encarado. Não tinha ideia do que significava tentar me derrubar em pessoa. Ele não tinha ficado cara a cara com o campeão, Dexter Destruidor, me encarado em carne e osso com a certeza da morte em cada mão e o vento sombrio uivando à nossa volta, aquela era minha casa e ele não tinha pisado lá ainda, e, até que pisasse, a luta ainda não tinha começado.

Crowley tinha tocado o sinal do *round* final quando pegou Cody e Astor. Ele acreditava que estava pronto e que eu estava enfraquecido, e então resolveu agir. E não havia pegado as crianças para me provocar e me mostrar que era muito esperto e eu era um idiota impotente. Não, ele as pegou para que eu fosse atrás dele. Eram a isca de sua armadilha, e uma armadilha não pode pegar sua presa se ela não souber onde a coisa está.

Ele estava esperando que eu encontrasse. E isso significava que de algum jeito ele teria que me dizer onde estava. Haveria uma pista boa e óbvia em algum lugar, um verdadeiro convite para dançar. Ele não iria querer esperar muito e não iria deixar aquilo para o acaso. Sabia que estava certo. Ele tinha me dado um tapa com luva de pelica e a deixado em algum lugar próximo e óbvio para que eu achasse.

Meu celular tocou e olhei para ele. Era Rita. Quase atendi apenas pelo costume, mas antes de apertar o botão e falar, ouvi uma campainha diferente e interior tocando e então eu soube.

É claro. Tudo aquilo estava centrado nos computadores e na crença ferrenha de Crowley de que ele era o rei da internet. Ele não deixaria uma pista em algum lugar, e sim me mandaria por *e-mail*.

O telefone ainda tocava insistentemente, mas agora eu tinha coisas mais importantes para fazer do que falar com Rita, então apertei o botão de desligar. Pressionei o ícone do meu *e-mail* e pareceu levar horas até que a tela do celular finalmente mostrasse minha caixa de entrada. Mas apareceu, e lá, logo de cara, estava uma mensagem do “Blog da sombra”. Eu a abri.

Muito bom. Você finalmente descobriu meu nome e endereço.

Algo trombou em mim e fiquei totalmente alerta. Um grupo barulhento de jovens que parecia uma festa de fraternidade por por mim bêbado, gritando e bebendo cerveja em copos plásticos. Passei por eles e me sentei na borda de um muro baixo em frente a um restaurante e voltei a ler meu *e-mail*.

V

Finalmente encontrou meu nome e endereço. Pena que não é meu nome verdadeiro nem o endereço. Achou mesmo que seria tão fácil assim? Mas, obrigado mesmo assim, você resolveu um problema para mim. O cara era meu ex-chefe, um verdadeiro bunda-mole. E o nome “Doug Crowley” é bem mais seguro de ser usado agora que não tem ninguém para reclamar. E também posso usar o carro dele.

Eu e você estamos quase terminando. Você precisa saber disso. Tem apenas mais uma peça faltando, e você sabe qual é.

Você e eu.

Você tem que pagar pelo que fez. Tenho que fazer você pagar. Não tem outro jeito, você sabia o que estava por vir e terá que fazer isso. Estou com

suas crianças. Provavelmente não vou machucá-las, a menos que você não apareça.

Desta vez, será do meu jeito. Vou preparar tudo e esperar que você apareça. Escolhi um lugar muito bom. Realmente espirituoso, mas de um jeito bem seco. Se apresse... não seja a tartaruga.

Elas parecem boas crianças.

V

E era isso. Li de novo, mas não havia mais nada.

Minha mandíbula começou a doer. E ninguém tinha me dado um soco. Será que estava rangendo demais meus dentes ultimamente? Parecia que sim. Provavelmente estava raspando todo o esmalte, e isso não era nada bom. Acabaria tendo cáries. Imaginei se viveria tempo o suficiente para ir ao dentista. Ou então, se as coisas fossem melhores do que pensava, imaginei se o convênio odontológico cobriria o uso do dentista na Prisão Raiford.

É claro que se ficasse ali parado pensando nos meus dentes, era melhor eu mesmo os arrancar um por um.

Crowley, Bernie ou qualquer que fosse o nome de que ele gostasse, estava esperando por mim em algum lugar. Mas será que era aqui em Key West? Improvável. Você não joga esse tipo de jogo no meio de uma festa. Ele encontraria um lugar longe da confusão, provavelmente até um pouco isolado, e me contaria de um jeito esperto, para que eu acabasse descobrindo eventual, mas não rapidamente. Mesmo do seu jeito, ele estava tão ansioso para acabar com isso quanto eu, então devia ser algum lugar não muito longe. Ele não os levaria para Zanzibar ou mesmo Cleveland.

Li o *e-mail* mais uma vez a procura da minha pista. Era relativamente direto, a não ser pelo fim, em que ele dizia: “espirituoso, mas de um jeito bem seco” e então “não seja a tartaruga”. Aquilo não fazia sentido. Era um jeito deselegante de dizer aquilo e não fazia o estilo dele. Como um lugar poderia ser espirituoso? E mesmo que fosse, porque ele não diria “acho que é engraçado, se apresse”? Nada mais se destacava na mensagem, então essas frases tinham que me dizer aonde ir. Perfeito. Se conseguisse pensar em um lugar engraçado e me apressasse, quase que certamente o acharia.

Engraçado. Havia vários cabarés na cidade e um clube de comédia, todos próximos, então poderia chegar neles rapidamente. Mas engraçado não era

exatamente igual a espirituoso, e por que era tão importante me apressar?

Percebi que estava rangendo os dentes de novo. Parei e respirei fundo. Lembrei que era verdadeiramente muito inteligente e bem mais esperto do que ele, e qualquer coisa que pensasse para me provocar eu com certeza conseguiria decodificar e enfiaria goela abaixo dele. Só precisava pensar positivo e me concentrar um pouco.

Aquilo me fez sentir muito melhor. Então comecei de novo do começo.

Espirituoso. Não me dizia nada.

Não seja a tartaruga. Pior ainda. Não pensei em nada. Era incrível ver o poder do pensamento positivo.

Certo, estava deixando algo passar. Talvez fosse a palavra “espirituoso”. Talvez fosse um trocadilho terrível, havia uma rua das Drogas ali perto. Mas isso era forçar demais. Será que havia algum lugar com aquele nome? Nunca tinha ouvido falar. Talvez um lugar chamado Tartaruga? Bom, Havia as Turtle Kraals aonde se chegava de barco, mas ele disse para eu não ser a tartaruga, então aquilo não fazia sentido. Não podia ser aquilo e eu não era tão inteligente quanto achava.

Um trio de homens passou conversando em espanhol. Entendi a palavra *pendejo*, e pensei que provavelmente seria apropriada. Eu era um *pendejo*, um idiota completo, e merecia perder tudo para um *pendejo* ainda pior, fosse em espanhol ou em inglês. Crowley provavelmente nem falava espanhol. Eu sabia, mas isso não tinha me ajudado a encontrá-lo até agora. Aliás, nunca tinha me ajudado em nada a não ser pedir o almoço. Era uma língua tão inútil quanto eu, e, provavelmente, devia me mudar para um lugar onde nunca mais a escutasse. Poderia encontrar uma pequena ilha e...

Bem ao longe escutei o barulho da multidão e música, o sino do Trem das Conchas sacudindo pelas ruas e todos os sons de folia bêbada e inconsequente que tinha achado tão irritante apenas alguns segundo antes. O sol de julho ainda nos castigava sem dó e queimava tudo que estava sob seu brilho. Mas Dexter não estava mais com calor e incomodado. Ele sentia a brisa fria e gentil soprando e ouvia apenas uma melodia suave e tranquilizadora, a sinfonia encantadora da vida que tocava seu canto majestoso e maravilhoso. Key West era mesmo um lugar encantado, e o espanhol era o imperador de todas as línguas, e abençoado era o dia em que eu tinha decidido aprender. Tudo era novo e maravilhoso e eu não era um

pendejo, pois tinha me lembrado de uma palavra simples em espanhol e tudo tinha feito sentido.

A palavra em espanhol para tartaruga é *tortuga*.

O conjunto de ilhas que ficava a dez quilômetros ao sul de Key West era chamado de Tortugas, aliás, Tortugas Secas, igual ao "espirituoso, mas seco" de Crowley. Havia um parque e um velho forte lá e vários barcos levavam as pessoas para lá todos os dias, e agora sabia aonde Crowley tinha levado Cody e Astor.

Havia um hotel do outro lado da rua em que eu estava sentado. Corri até lá e entrei no *lobby*. Do lado de dentro, bem onde deveria estar, havia um balcão cheio de panfletos com todas as atrações de Key West. Olhei todos rapidamente e encontrei um com um título grande em azul que dizia "Linha das Conchas", então o peguei.

Nossa frota super-rápida e ultramoderna de catamarãs high-tech *fazem uma viagem super-rápida ao Forte Jefferson nas Tortugas Secas duas vezes por dia!*

Os barcos saíam de uma doca que ficava a mais ou menos um quilômetro de onde eu estava, e o segundo e último barco partia às dez da manhã. Olhei em volta e achei um relógio sobre o balcão. Eram nove e cinquenta e seis. Tinha quatro minutos para chegar lá.

Corri para fora do *lobby* e desci a Duval. A multidão era ainda maior e mais alegre agora, era sempre *happy hour* em Key West, e tentar correr no meio da multidão de foliões era quase impossível. Na esquina, virei à direita na rua Caroline e o rebanho diminuiu imediatamente. Na metade de um quarteirão acima, havia quatro homens de barba sentados na calçada com uma garrafa de alguma coisa em um saco de papel. Eles não eram Hemingway; as barbas eram longas e emaranhadas e eles me olhavam com cara de mortos e, em seguida, aplaudiram de forma descuidada quando passei. Torci para haver algo para celebrar.

Mais três quarteirões. Tinha certeza de que já tinham se passado mais de quatro minutos. Disse a mim mesmo que nada saía na hora certa. Estava encharcado de suor, mas agora a água estava à vista à minha esquerda, entre os prédios, e entrei em um bom ritmo enquanto corria para a grande área de estacionamento nas docas. Havia mais pessoas agora, música vindo dos restaurantes da orla e tive que desviar de um par de bicicletas lentas e

vacilantes antes de chegar ao píer de madeira velha, passar pela cabine superintendente das docas, correr pelo tabuado surrada do cais...

E lá estava ele, o catamarã de alta velocidade ultramoderno da Linha das Conchas se afastando para longe do cais e, lenta e pesadamente, escorregando para fora do porto. Quando parei nos últimos vinte centímetros do cais, ele não estava realmente muito longe na água, não mesmo, apenas cerca de cinco metros de mim, o suficiente para estar longe demais.

Longe o suficiente para que eu visse, da distância que aumentava, Cody e Astor na grade do barco, olhando ansiosamente para mim. E bem atrás deles, vestindo um chapéu de abas largas e um sorriso malicioso e triunfante, Crowley. Ele pôs uma mão no ombro de Astor e com a outra acenou para mim, e não pude fazer nada a não ser ver o barco se afastar do píer, acelerar e desaparecer ao passar por Sunset Key e se dirigir ao sul para o profundo e muito azul oceano Atlântico.

CAPÍTULO 33

V

MUITAS PESSOAS GOSTAM DE NÃO FAZER NADA EM KEY WEST. É um bom lugar para isso. Você pode assistir a todo mundo andando pela rua Duval e imaginar a qual raça alienígena estranha eles pertencem. Ou pode ir até a água e olhar os pelicanos, os barcos balançando parados ou acelerando pelo porto repletos de festeiros bronzeados, e se olhar acima você pode ver os aviões voando baixo e trazendo faixas de propaganda.

Durante cinco minutos isso foi tudo que fiz. Caí diretamente no passatempo nacional da República da Concha e não fiz nada. Fiquei parado na doca e observei a água, os barcos e os pássaros. Não parecia haver muito mais que pudesse ser feito. O barco com Cody e Astor tinha ido embora, acelerando para longe através do oceano. E já estava a mais de dois quilômetros de distância e eu não poderia chamá-lo de volta nem correr atrás dele por cima da água.

Então não fiz nada. Parece um pouco irônico, mas, aparentemente, há um lugar em Key West onde você não pode fazer isso, e eu o tinha encontrado. Percebi que as pessoas passavam por mim, se movendo rapidamente com rolos de cordas e mangueiras e dois carrinhos repletos de malas, comida, gelo e equipamentos de mergulho. A julgar pelos olhares irritados que me lançavam, eu estava em seu caminho.

Finalmente um deles parou ao meu lado, soltou as alças de um carrinho cheio de tanques de mergulho e se endireitou para me encarar.

— Diga lá, o capitão — ele falou em uma voz amigável. — Gostaria de saber se você poderia ir um pouco para o lado. Temos que carregar o barco para uma viagem de mergulho.

Parei de olhar para o mar e me virei para ele. Era um rosto moreno muito amigável e simpático, e, para o caso de eu ser um cliente em potencial, ele acrescentou:

— Vamos direto até o recife de coral, é maravilhoso. Precisa conhecer um dia desses, capitão.

Uma pequena fagulha de esperança se acendeu nos cantos escuros do meu cérebro.

— Você por acaso não passa perto do Forte Jefferson, passa?

O homem riu.

— Tortugas? Não, senhor, acabou de perder o último barco para lá. O próximo é amanhã de manhã.

Mas é claro. Como sempre a esperança é uma perda de tempo idiota. Minha última fagulha de esperança se apagou e a névoa cinzenta voltou. E porque as pessoas sempre insistem em conversar com você quando quer ficar sozinho com seu desespero silencioso, o homem continuou falando com seu sotaque alegre.

— Agora, as Tortugas são um lugar que também vale a pena conhecer. Não vai acreditar em como é o Forte Jefferson até vê-lo. Talvez o melhor jeito de conhecer seja pelo ar. Tenho um panfleto disso... — ele deu cinco passo para a direita, mexeu em um armário da doca e então voltou e me passou um panfleto colorido e brilhante. — Aqui está. Minha namorada trabalha para eles. Eles voam até lá umas quatro vezes por dia. É lindo, voando baixo perto do forte e pousando na água, muito legal e emocionante...

Ele pôs o papel na minha mão e o peguei. Em cima estava escrito: Albatroz Airline, e de repente aquilo era mesmo emocionante, a coisa mais emocionante do mundo.

— É um hidroavião? — perguntei olhando para as fotos.

— É claro, tem que ser, não tem pista de pouso lá.

— E seria bem mais rápido que um barco, não é?

— Ah, sim, com certeza. Os barcos da Linha das Conchas levam umas boas três horas, às vezes mais. O que tem aqui é uma viagem de uns quarenta minutos. Uma bela viagem.

Não me importava se a viagem era bela. Se me levasse às Tortugas Secas antes de Crowley chegar lá, antes de poder arrumar sua Armadilha Esmaga-Dexter, poderia até ser a viagem mais sofrível de todos os tempos e eu ainda iria querer abraçar o piloto.

— Muito obrigado — falei e realmente quis dizer aquilo.

— Imagina — ele respondeu. — Hã, agora se não se importa...? — ele gesticulou para um lado da doca e levantou as sobrancelhas para me ajudar a sair de seu caminho, mas eu já tinha desaparecido, correndo pelas docas e passando pelas lojas e restaurantes até chegar ao estacionamento, onde pela primeira vez a sorte esteve ao meu lado e um táxi rosa de Key West deixava seus passageiros acima do peso. Pulei para dentro quando o último deles pagou o motorista.

— Ei, cara — a motorista falou. Ela tinha uns cinquenta anos, rosto quadrado maltratado e transformado em couro pelo sol e que se esticou em um sorriso profissional para mim. — Para onde?

Era uma pergunta justa e descobri que não sabia a resposta. Por sorte ainda estava segurando o panfleto, então o abri e olhei rapidamente.

— Aeroporto — falei ao encontrar. — E o mais rápido possível.

— Pode deixar — ela falou e partimos, saindo do estacionamento, cruzando a ilha e indo para o lado mais distante pela Roosevelt. Meu telefone tocou de novo. Era Rita. Desliguei o celular.

O táxi passou por Smathers Beach e estava rolando um casamento na areia, com os noivos parados na beira do mar sob um dossel branco do tipo que é usado em casamentos judeus, seria uma poupa? Não, isso era um pássaro. Mas o nome era parecido. Não consegui me lembrar da palavra. Mas aquilo não pareceu tão importante quanto o fato de estarmos saindo da avenida da praia e chegando ao aeroporto.

Pulei do táxi, joguei o dinheiro para a motorista sem contar ou esperar o troco e enquanto corria pelo terminal pensei: *Chupá*. Era esse o nome do dossel judeu dos casamentos. Lembrar aquilo me deixou bem mais satisfeito do que deveria, e fiz uma nota mental para pensar outro dia em por que aquilo importava.

Encontrei a Albatroz Airline. Uma mulher usando um uniforme marrom estava do outro lado do balcão. Ela tinha uns cinquenta anos e um rosto meio de couro que a fazia parecer a irmã gêmea da minha motorista de táxi. Pensei se ela era a namorada do meu novo amigo das docas. Pelo bem dele eu esperava que não fosse.

— Posso ajudar? — ela disse em uma voz que parecia de um corvo bem machão.

— Preciso chegar às Tortugas Secas o mais rápido possível — falei.

Ela apontou com a cabeça para o aviso na parede.

— Nosso próximo voo é ao meio-dia — ela gralhou.

— Preciso ir para lá agora — falei.

— Meio-dia — ela respondeu.

Respirei fundo e disse a mim mesmo que arrebentar a cabeça de alguém nem sempre é a melhor solução.

— É uma emergência.

Ela bufou.

— Uma emergência para um hidroavião? — ela falou com muito sarcasmo.

— Isso — falei e ela piscou surpresa. — Meus filhos estão no barco indo para as Tortugas.

— É uma bela viagem.

— Mas estão com alguém... um homem que pode machucá-los.

Ela deu de ombros.

— Use o meu telefone e ligue para a polícia. Eles ligarão para o posto policial que tem lá.

— Não posso ligar para a polícia — falei esperando que ela não me perguntasse por quê.

— Por que não?

Pensei rápido. Claramente a verdade não era uma opção, mas aquilo nunca tinha sido um obstáculo para mim.

— Hã... — falei esperando que algo plausível saísse da cachola. — Ele... ele é o meu cunhado. E sabe como é. É família. E se a polícia for envolvida vai partir o coração da minha irmã. E minha mãe ficaria... você sabe. É um caso de família e, hã, ela tem um problema no coração.

— Certo — ela disse não muito convencida.

Claramente eu não chegaria a lugar nenhum com ela, apesar de minha incrível criatividade. Mas não me desesperei. Já tinha estado em Key West antes e sabia como as coisas funcionavam aqui. Então peguei a carteira.

— Por favor — falei tirando uma nota de cem dólares. — Não tem algo que possamos fazer?

O dinheiro desapareceu antes que eu terminasse a frase.

— Não sei — ela respondeu. — Vou perguntar ao Leroy.

Havia uma porta na parede e ela entrou lá. Voltou um minuto depois com um homem vestido de piloto. Ele tinha uns 50 anos, olhos azuis duros e um nariz achatado de boxeador.

— O que quer, capitão? — ele falou.

— Preciso chegar às Tortugas o mais rápido possível.

Ele assentiu.

— A Jackie falou. Mas nosso próximo voo é daqui duas horas, e tenho que manter a escala. Não posso fazer nada, sinto muito.

Mesmo sentindo muitíssimo, ele continuou ali, o que significava que não estava se recusando a fazer, estava negociando.

— Quinhentos dólares — falei.

Ele sacudiu a cabeça e se inclinou no balcão.

— Desculpe, amigo, simplesmente não posso. É a política da companhia.

— Setecentos — falei e ele sacudiu a cabeça. — São minhas crianças. Elas são jovens e indefesas — falei.

— Posso perder o emprego — ele retrucou.

— Mil dólares — falei e ele parou de sacudir a cabeça.

— Muito bem — ele disse.

V

Aqueles de nós que são fiscalmente responsáveis poderão olhar com desprezo e condenação para os devassos que usam todo o limite de seus cartões de crédito. Mas o bucaneiro de olhos duros atrás do balcão me lançou rapidamente naquelas águas. Precisei de dois dos meus cartões, mas, quando finalmente havia saciado seu desejo profano pelo meu dinheiro, levou apenas mais cinco minutos e eu estava afivelando o cinto no banco do passageiro de seu avião. Então deslizamos pesadamente para a pista, aumentando a velocidade, até que finalmente gingamos para o céu.

O homem nas docas e o panfleto que ele tinha me dado me garantiam que o voo até as Tortugas Secas era lindo e memorável. Se era, eu não me lembro. Tudo o que vi foi o ponteiro do meu relógio rastejando para frente. E parecia estar se movendo muito mais lentamente do que o normal. Tique. Longa pausa. Taque. Outra. Estava demorando demais, eu tinha que chegar lá primeiro. Quanto tempo tinha passado desde que o barco tinha se afastado do cais? Tentei colocar os números na minha cabeça. Não deveria ter sido difícil, mas por alguma razão toda minha concentração estava em ranger os dentes, e eu não conseguia pensar nas horas.

Felizmente para os meus dentes, não precisei mais pensar.

— Lá está ele — o piloto disse apontando com a cabeça para fora da janela. Era a primeira coisa que disse desde que tínhamos decolado, e parei de ranger os dentes por um momento e olhei para ele, que balançou a cabeça novamente. — O barco — falou. — Com os seus filhos.

Olhei pela janela. Abaixo de nós pude ver o deque branco e brilhante de um barco grande, que se movia rapidamente e deixava um grande rastro atrás dele no mar. Mesmo da nossa altitude eu podia ver pequenas pessoas no deque, mas não dava para saber se eram Astor e Cody.

— Relaxa — o piloto falou. — Vamos chegar uns bons quarenta e cinco minutos antes deles.

Não relaxei, mas me senti um pouco melhor. Fiquei olhando enquanto passamos o barco e o deixamos para trás, e finalmente, quando ele começou a desaparecer de vista, o piloto falou de novo.

— Forte Jefferson.

O forte começou a tomar forma quando fomos nos aproximando, e era impressionante.

— É enorme — falei.

O piloto assentiu.

— Dava para colocar o Estádio dos Yankees dentro dele e ainda sobrava espaço — ele falou. E apesar de não conseguir pensar em nenhuma razão para alguém querer tentar aquilo, concordei com a cabeça.

— Muito bonito — falei.

Não devia tê-lo encorajado. Ele começou a contar uma longa história sobre a Guerra Civil, o assassinato de Lincoln e até mesmo a respeito de um hospital que tinha desaparecido em uma faixa de terra próxima, então me desliguei dele e me concentrei no forte. Era mesmo enorme; seu eu deixasse

Crowley sumir lá dentro, talvez jamais o encontrasse. Mas do lado mais distante dele havia um píer aparecendo, que, até onde eu podia ver, era o único da ilha.

— O barco para lá, certo? — falei.

O piloto me olhou com a boca meio aberta. Eu o tinha interrompido no meio de uma história sobre um farol que só era visível a um pouco mais de dois quilômetros no mar olhando do forte.

— Isso mesmo. Mas se visse algumas das pessoas que dessem lá, desejaria que elas simplesmente fossem jogada ali. — Ele apontou com a cabeça para a faixa azul-escura de água entre o forte e o farol. — E deixá-los para o Bichinho do Canal.

— Para o quê?

Ele riu para mim.

— O Bichinho do Canal. É o maior tubarão cabeça de martelo conhecido pelo homem. Mais de seis metros, sempre faminto. Realmente não recomendo nadar ali, camarada.

— Vou me lembrar disso — respondi. — Quando é que... pousamos na água?

Ele pareceu meio bravo por eu não apreciar sua inteligência, mas deu de ombros, afinal tinha dinheiro suficiente para não ligar para algo pequeno como aquilo.

— Agora mesmo — ele falou baixando o avião e sobrevoando a sala de estar do Bichinho do Canal.

Os pontões do avião bateram no mar e jogaram para cima jatos de água salgada limpa e fresca, e o ruído do motor subiu um tom enquanto desacelerávamos e íamos para o forte. Era realmente enorme e se destacava sobre a extensão plana de água em torno dele, parecendo muito imponente e fora do lugar, com suas paredes de tijolos vermelhos enormes surgindo por cima algumas palmeiras. Mais de perto pude ver uma fileira de buracos em toda a parte superior do forte, as portas de armas provavelmente inacabadas. Elas tinham um jeito mal-assombrado, como se fossem as órbitas vazias de algum crânio gigantesco virado para mim, e aquilo dava ao lugar uma aparência um pouco assustadora.

O piloto do avião desacelerou um pouco mais e nós atravessamos as ondas pequenas, passamos algumas estacas de um molhe desaparecido e chegamos a um pequeno porto muito agradável. Havia um conjunto de iates

estava ancorado no lado mais distante e um pequeno barco com o logotipo do Serviço Nacional de Parques na lateral amarrado no cais. Desaceleramos, nos viramos e deslizamos para o lado dele.

Saí para a doca e peguei o caminho de tijolos que dava no forte procurando o lugar perfeito para esperar por Crowley, algum lugar onde eu poderia vê-lo sem ser visto e pegá-lo antes que soubesse que eu estava por perto. Amo uma surpresa e queria dar a Crowley uma das melhores.

O sol ainda estava quente e incrivelmente brilhante, e não vi nenhum bom lugar para se esconder do lado de fora. O caminho de tijolos levou a uma ponte de madeira sobre um fosso onde havia algumas pessoas. Elas estavam vestidas de calções e chinelos e todas elas tinham fones em seus ouvidos, cada uma balançando levemente em um ritmo diferente à medida que olhava para um cartaz que dizia:

FORTE JEFFERSON
PARQUE NACIONAL DAS TORTUGAS SECAS

Eram apenas sete palavras e não deveria demorar tanto tempo para ler, mas talvez eles não conseguissem se concentrar com a música explodindo diretamente em seus crânios. Ou talvez fossem apenas leitores lentos. Em todo caso, não acho que a placa seria um bom esconderijo, mesmo sem as testemunhas alienadas.

Passei por eles e atravessei a ponte. Na sua outra extremidade, diretamente debaixo de uma bandeira americana voando no topo do baluarte, havia um grande portão escuro. Mesmo atravessando o fosso, eu não podia ver o que estava lá dentro, exceto por um círculo de luz do outro lado. Atravessei o arco de mármore quadrado, entrei e parei, porque não conseguia ver nada na escuridão repentina. Era como entrar na madrugada, e tive que piscar por um momento até meus olhos se ajustarem.

Enquanto estava lá, vesgo na profunda escuridão, uma pequena luz surgiu entre os meus ouvidos, e realmente me ouviu murmurar: “Ah”.

Este era o lugar. Este era o lugar onde esperaria por Crowley. Eu podia ver todo o caminho até o cais onde o barco seria atracado, mas ele não podia me ver aqui, abrigado nas sombras. E sairia do barco pensando que eu estava dez quilômetros atrás, e subiria a pé o caminho, passaria pelo fosso e viria para este arco, onde ficaria temporariamente cego como eu tinha

ficado. E então daria esse último passo, diretamente para a Verdadeira Escuridão da Diversão de Dexter. Era perfeito.

É claro que aquilo me deixou com o problema do que fazer depois. Poderia surpreender Crowley facilmente, dominá-lo antes que soubesse o que estava acontecendo, mas, e depois? Não tinha nenhum dos meus assessórios especiais de festa comigo: nada de laço, nenhuma fita adesiva, nada. E estava em um lugar muito público. Seria fácil nocauteá-lo, mas então teria que lidar com um corpo grande e inconsciente, o que nunca é uma tarefa fácil, mesmo sem os turistas variados que poderiam estar andando lentamente nas proximidades. Poderia arrastar o corpo para algum lugar, mas certamente seria visto, o que me deixaria sem nada, a não ser alguma desculpa realmente ruim como: “Meu amigo está bêbado”. Ou poderia acabar com ele rapidamente no portal escuro e simplesmente deixá-lo lá e fazer uma saída rápida, mas indiferente com as crianças. Se conseguirmos cruzar a maior parte do caminho para o cais antes de sermos vistos, podemos muito bem escapar.

Mordi o lábio com tanta força que quase rasguei a pele. Essa coisa toda era tudo “se” e “esperava”, e eu odiava isso. Havia pessoas vagando por toda parte e se apenas um deles visse o que fiz já seria demais. Haveria um cadáver lá e eu seria visto com ele antes que morresse. E como já estava sob vigilância policial por dois assassinatos, não acho que eles iriam acreditar na boa e velha desculpa de dizer que tinha sido um acidente.

Mas realmente não havia escolha. Eu precisava fazer isso e tinha que ser agora, e este arco escuro era minha melhor chance. Devia apenas torcer para ter um pouco de sorte. Nunca havia confiado na sorte antes e aquilo me deixou muito inseguro naquele momento. Eu não acredito naquilo. Era muito parecido com rezar por uma bicicleta nova.

Um casal de meia-idade entrou em meu esconderijo escuro no interior do forte. Estavam de mãos dadas e passaram por mim quase sem me ver, com seus chinelos batendo no chão de pedra, então desapareceram do outro lado em direção ao porto. Pensei em tudo de novo e a coisa não ficou melhor. Mas também não consegui pensar em nenhuma alternativa. Meu melhor pensamento novo foi quando me lembrei de que, tecnicamente, Crowley tinha sequestrado Cody e Astor. Se eu realmente fosse pego, poderia alegar que os estava defendendo e esperar a misericórdia do tribunal. Tinha quase certeza de que isso não existia nos tribunais da Flórida, e não achei que

muito dela estaria reservada para mim, mas isso não importava de verdade. Aquele era meu único tiro e eu teria que aproveitar e esperar que as coisas se resolvessem depois.

Em todo caso, eu realmente queria fazer isso. Queria que Crowley morresse e queria fazer isso sozinho, e nada mais era tão importante. Se significasse umas longas férias atrás das grades, que assim fosse. Eu provavelmente merecia mesmo.

Olhei para meu relógio. O barco devia chegar em cerca de meia hora. Não podia me esconder aqui na sombra o tempo todo sem alguém vir perguntar o que estava fazendo. Então continuei através da passagem e entrei na fortaleza.

Ela parecia ainda maior por dentro. As paredes dobradas em torno de um enorme gramado verde salpicado de árvores e atravessado por alguns cainhos que levavam para o outro lado, que parecia ficar muito longe. Havia algumas construções, provavelmente onde os guardas do parque moravam. À direita, havia uma placa em que estava escrito: CENTRO DOS VISITANTES, e depois dela, acima do muro, um farol preto surgia no céu azul brilhante.

O andar de cima da alta parede de tijolos se abria em uma cadeia interminável de grandes aberturas, uma série de salas enormes sem portas. O piso inferior tinha o mesmo padrão, com pequenas entradas que levam para a escuridão dentro das paredes. Era uma imensa arena de lugares escuros e isolados, muitos deles em uma área tão enorme que a Décima Divisão da Guarda Montada não conseguiria cobrir tudo, imagine o pequeno punhado de guardas florestais do parque, e entendi por que Crowley havia escolhido o lugar. Era o cenário perfeito para um assassinato recreativo, seguido por uma assombração.

Fui para a direita, passando a entrada para o Centro de Visitantes e seguindo ao longo da parede, olhando para as salas escuras e vazias. Debaixo do farol achei uma escadaria que levava até o topo do muro, subi e saí lá em cima de volta para a luz do sol brilhante. Apertei os olhos e olhei em volta, mas a intensidade da luz feriu meus olhos. Queria ter trazido meus óculos de sol. Mas também queria ter trazido uma bazuca, ou pelo menos um taco de beisebol, por isso pensar nos óculos parecia algo um pouco banal.

Fui até a beira do muro e olhei para baixo. O fosso terminava direto no muro, e além disso havia uma estrada de areia entre a fortaleza e a praia. Um homem gordo em uma sunga minúscula andava pela areia seguindo um grande cão preto. Depois dele havia um trecho de praia e vários barcos grandes ancorados a poucos metros da areia. Alguém no convés de um dos iates gritou alguma coisa e houve um breve tocar de música.

Virei para a minha esquerda, caminhando ao longo da parte superior do muro na direção de onde a balsa estaria vindo, abrindo caminho através da areia e dos tufos de grama e passando por um grande canhão negro onde três crianças brincavam de pirata. Depois vi um pedaço de tijolo solto caído na areia. Ele tinha se partido em três pedaços e caíra do muro. Olhei em volta de mim casualmente, os piratas estavam do outro lado do seu canhão e não havia ninguém à vista. Eu me abaixei, peguei um pedaço de tijolo e o deslizei para o meu bolso. Não era uma bazuca, mas era melhor do que nada.

Foi uma caminhada de cinco minutos pelo alto do muro até o lado mais distante do forte. Quando finalmente cheguei lá, estava ensopado de suor e tinha uma leve dor de cabeça por causa do brilho do sol. Fiquei ali parado e olhei em direção a Key West, apertando os olhos por causa da luz refletida no mar. Esperei por uns dez minutos fazendo nada mais do que olhar o horizonte. Mais três pessoas passaram por mim, duas mulheres de meia-idade conversando e um idoso com uma bandagem do lado da cabeça. Então um pequeno ponto branco surgiu à distância, mais brilhante do que o reflexo do sol na água, e o observei ir ficando maior e mais brilhante, e em apenas alguns minutos ele tinha tamanho suficiente para eu ter certeza. Era o barco trazendo Cody e Astor e o fim da ameaça de Crowley. Eles estavam quase aqui e estava na hora.

Eu me apressei de volta para a escada, desci até a passagem e esperei.

CAPÍTULO 34

V

FIQUEI PARADO NAS SOMBRAS DENTRO DA PASSAGEM DE ENTRADA DO FORTE, meio escondido atrás do arco de pedra, e vi o grande catamarã deslizar para o porto e ser amarrado. Muitas vezes em minha triste e curta vida esperei em uma emboscada acariciando meus pensamentos maus, mas dessa vez era diferente. Este não era nenhum encontro deliciosamente privado em uma noite cuidadosamente escolhida de luar prateado. Esta era uma execução pública no meio de uma multidão de estranhos, uma perversão forçada em mim pela necessidade, e parecia que estava fazendo tudo pela primeira vez. Eu me senti duro, desajeitado e amador. Não ouvi o doce farfalhar de asas e o sussurro de incentivo do Passageiro das Trevas, não ouvi a música da Dança Macabra e não havia o delicioso fluxo de poder e certeza deslizando pelos meus dedos.

Minha boca estava seca e minhas mãos ainda inchadas, suadas. Podia ouvir meu coração batendo rapidamente em meus ouvidos e isso não era o maravilhoso Dexter mal esperando para ter controle total, não mesmo, e aquilo me deixou inquieto e infeliz de um jeito que era quase doloroso.

Mas não havia escolha, sem saída, sem direção, só podia ir em frente, então esperei e vi a rampa da balsa batendo no cais, e a multidão de

curiosos saindo do barco e chegando às Tortugas Secas, casa do Forte Jefferson e do Último Esforço de Dexter.

Havia cerca de sessenta pessoas no barco, das quais a maioria havia descido a rampa e começado a caminhar em torno do forte antes que eu visse a cabeça loira inconfundível de Astor em um vão da multidão. Um momento depois, a multidão se afastou de novo e lá estavam eles, todos os três. Cody e Astor de mãos dadas e Crowley andando muito perto atrás deles, os fazendo ir em frente pelo porto e para o caminho de tijolos que levava ao forte.

Fiquei tenso e deslizei mais profundamente na sombra do portão de pedra. Flexionei meus dedos. Eles pareciam duros e estúpidos, incapazes de qualquer coisa. Abri e fechei as mãos várias vezes e, quando elas estavam o mais vivas possível, estiquei uma para o bolso e tirei o meu pedaço de tijolo. Aquilo não me fez sentir melhor.

Então esperei. Minha garganta estava tão seca que engolir doía, mas engoli mesmo assim, respirei fundo e tentei forçar a calma gelada para as minhas veias. Não funcionou. Minhas mãos estavam trêmulas, e o tijolo parecia escorregadio em meu punho. Dei uma meia olhada pelo lado do arco de pedra e por alguns segundos congelantes não consegui vê-los em lugar nenhum. Saí um pouco mais das sombras e lá estavam eles, de pé estupidamente em frente à placa e olhando em volta. Podia ver a boca de Astor se mexendo no que claramente era um discurso inflamado de irritação e o rosto pequeno de Cody com uma carranca. Crowley tinha uma sacola pendurada no ombro e usava uma expressão idiota de antecipação agradável, como se realmente estivesse em um feriado encantador com dois filhos maravilhosos.

Mas eles não se afastaram da placa. Fiquei imaginando o que Crowley havia dito a eles para mantê-los dóceis. Devia ter sido algo bom. Eles não tinham razão para desconfiar se ele tivesse uma mentira suficientemente plausível, mas estas não eram crianças comuns e bem-comportadas. Por trás de suas características agradáveis e juvenis e pulsando dentro de suas deliciosas cabeças despenteadas, havia flores sombrias e más florescendo. Crowley não poderia suspeitar, mas eles eram Dexters-em-Formação e, em todos os sentidos da palavra, monstrinhos. Senti uma onda de carinho pelos dois.

Uma aglomeração de turistas desceu pela ponte levadiça e se colocou entre mim e Crowley. Fiz todo o caminho de volta para dentro e fingi estar examinando as pedras, mas eles nem sequer me viram enquanto passavam pela entrada, conversando em espanhol e desaparecendo do lado distante no interior do forte. Quando saíram de vista, coloquei a cabeça para o lado do arco e dei uma espiada novamente.

Eles tinham sumido.

O pânico tomou conta de mim e, por um momento, não consegui pensar em nada. Só olhava para o local onde tinham estado e apertava meu tijolo até machucar os dedos. Onde poderiam estar? E se tinham ido a algum lugar, por que não podiam, pelo menos, caminhar sobre a ponte levadiça em direção a minha emboscada?

Eu me debrucei um pouco mais, olhei para a esquerda e não vi nada. Dei um grande passo para fora do arco, olhei e lá estavam eles, passeando pelo caminho de areia para o outro lado da ilha, em direção ao local de acampamento e longe da minha armadilha. A irritação ferveu dentro de mim. Que estupidez sem sentido eles estavam fazendo? Por que Crowley não estava trazendo sua cabeça gorda pela passagem para baixo do meu tijolo como deveria fazer?

Eu os vi caminhando por uma linha de mesas de piquenique e depois passando por árvores raquíticas que cresciam pouco antes da praia e então foram escondidos pelos ramos e eu não consegui mais vê-los.

Ouvi um som de assobio e percebi que era eu, soprando o ar zangado por entre meus dentes, o que era ainda mais irritante. Se esse era o máximo que podia fazer, era melhor ir para casa agora. Abri meus dedos e coloquei o pedaço de tijolo no bolso. Depois, com pensamentos muito sombrios, pisei na luz do sol e os segui.

Uma família de cinco estava sentada em volta de uma das mesas de piquenique. Eles almoçavam e pareciam tão felizes que fiquei com vontade de usar o tijolo para bater em suas cabeças. Mas os deixei com seus sanduíches e segui no caminho para o lado de trás do bosque de árvores.

Parei em dúvida por um momento. A folhagem me escondia de Crowley, mas também o escondia de mim. Ele poderia muito bem estar à espreita atrás de uns arbustos checando seu rastro para ver se não havia nenhum Dexter farejando sua trilha. Uma precaução básica dos predadores diria a ele para se assegurar de não estar sendo seguido. Então, decidi que era

melhor prevenir do que remediar e fui para a esquerda, andando rente à linha de árvores e passando por mais mesas de piquenique e me abaixando atrás de um varal até chegar em uma abertura das árvores. Passei com cuidado em volta da última mesa de piquenique, atravessei o caminho pela areia e pelos arbustos e parei atrás da última árvore, abrindo a vegetação para poder olhar.

V

Deveria tê-los visto à minha direita, a não mais do que dez metros de distância. Mas não vi. Empurrei mais os galhos e lá estavam eles, parados estupidamente na areia e olhando para a área de natação. Se eu deslizasse cuidadosamente de volta através das árvores e saísse atrás deles... Mas não. Crowley colocou uma mão em cada ombro pequeno e levou-os de volta para o caminho pelo qual tinham vindo, e lentamente o trio se virou e caminhou de volta para as árvores e arbustos e se dirigiu de volta ao porto. Era óbvio que ele estava checando a área para ter certeza de que tudo estava do jeito que queria antes de ir ao seu lugar especial para me esperar, o lugar onde iria me surpreender.

Claro que eu já estava aqui, e indo surpreendê-lo primeiro, se pudesse ficar perto deles e esperar uma chance, mas como? Havia uma cobertura muito pequena entre as árvores e as docas, apenas uma construção branca de metal perto de onde as balsas eram amarradas. Fora isso nada a não ser o forte, a água e o caminho de areia fina correndo ao lado das altas paredes de tijolos vermelhos. Se saísse das árvores e os seguisse ficaria extremamente visível. Mas não podia deixá-los apenas caminhar para longe.

Olhei para minha frente na praia. Havia cerca de meia dúzia de toalhas jogadas ao redor com chinelos e sacolas de praia empilhados ao lado delas. A toalha mais próxima era laranja brilhante e logo depois dela havia uma branca grande. Aparentemente, os proprietários das toalhas estavam na água.

No outro extremo da praia, uma mulher de meia-idade sentada em uma grande cadeira de lona dobrável assistia a um grupo de crianças muito barulhentas chapinhar nas águas rasas. Não havia ninguém à vista, exceto as pessoas nadando ao longe em direção às boias que demarcavam a área de natação. Olhei novamente para a direita e vi que Crowley e as crianças ainda passeavam em torno do forte.

Uma pequena ideia surgiu na minha cabeça e, antes que pudesse pensar em como era fraca, resolvi agir. Parecendo tão casual quanto possível, saí para a praia, peguei a toalha branca e, em seguida, caminhei de volta para a cobertura das árvores. Tirei minha camisa e amarrei na cintura, e então enrolei a toalha sobre a minha cabeça como uma touca de beduínos, segurando meu tijolo pela metade em um canto da toalha. Saí das árvores e atravessei a área de piquenique. *Olhe para mim, fui nadar, estou com o cabelo molhado e agora o estou secando, sou perfeitamente normal e não sou o Dexter.*

Eles andavam em direção ao outro lado do forte agora e passavam pelo cais, entrando na estrada de areia, e eu os segui. De repente Cody parou e se virou. Ele olhou de volta para as docas, então se virou para o forte e, em seguida, franziu a testa. Eu podia ver seus lábios se movendo brevemente e ele apontando para a ponte levadiça. Crowley balançou a cabeça negativamente e mais uma vez colocou a mão em seu ombro a fim de fazê-lo andar, mas Cody a empurrou para longe e apontou teimosamente para a ponte levadiça. Crowley balançou a cabeça e estendeu a mão para Cody, que saltou para longe dele, e Astor e se colocou entre eles e começou a falar.

Eu me aproveitei da parada deles para me aproximar. Não tinha uma ideia clara de como faria aquilo, mas, se conseguisse me aproximar de Crowley com o tijolo, estaria pronto para bater na cabeça dele e torcer pelo melhor. Mais perto... e quando estava a apenas uns três metros de distância, ouvi claramente Astor dizer que tudo aquilo era um monte de besteiras, e onde estava o Dexter? Levantei as mãos e comecei a enxugar vigorosamente a cabeça com a toalha. Estava a quatro passos grandes deles quando Astor parou o seu discurso, olhou diretamente para mim e disse:

— Dexter, você está mesmo aqui!

Congelei no lugar. Foi uma estupidez, eu sei, mas não estava mesmo no meu normal. Crowley não tinha o mesmo problema e não perdeu tempo em olhar sob a toalha para confirmar minha identidade. Ele soltou sua sacola, agarrou Astor com um braço e correu em direção ao porto.

Ela imediatamente começou a se sacudir freneticamente e a gritar o mais alto que podia, mas sem nem diminuir a velocidade, Crowley deu um soco forte ao lado de sua cabeça e ela desmaiou.

Larguei a toalha e parti atrás deles, parando um segundo para olhar Cody:

— Entre no forte! Encontre os guardas florestais e diga que está perdido.

Sem esperar para ver se obedeceria, me virei e corri atrás de Crowley.

Ele tinha uma boa dianteira, mas corria mais devagar por carregar Astor, e eu me aproximava rapidamente quando ele chegou ao fim da doca. Um barco de pesca esportiva de 45 pés estava parando para ser amarrado e Crowley pulou no deque, onde uma mulher de biquíni olhava para ele segurando a corda da popa. Crowley a empurrou com força e ela caiu na água ainda segurando a corda. Um homem mais velho na ponte gritou “Ei!” com uma voz rouca enquanto Crowley soltava Astor no deque. Ele escorregou até um *cooler* e ficou caída sem se mexer enquanto Crowley subia a escada até a ponte de comando. O senhor gritou por socorro com uma voz meio estrangulada e então Crowley deu um soco em sua barriga e assumiu os controles. O senhor caiu de joelho e o barco começou a se mover saindo da doca.

Estava quase perto o suficiente para saltar para o convés quando Crowley empurrou o acelerador para frente e girou totalmente o leme. O barco virou lentamente e começou a se mover em direção ao canal. Pela primeira vez nesta aventura miserável, eu não hesitei ou parei para pensar e me lamentar. Corri os últimos metros o mais rápido que pude e pulei.

Foi um bom salto, muito atlético, um belo arco e uma trajetória quase perfeita, bom o suficiente para cair na água um metro atrás do barco. Afundei e voltei novamente à superfície apenas a tempo de ver o barco começar a acelerar. A hélice jogava água em mim, me afastando ainda mais e enchendo minha boca d’água. Enquanto engolia água e tentava, sem esperança, nadar através da esteira e pegar o barco, algo bateu com força nas minhas costas e me empurrou para debaixo d’água de novo. Tive um momento horrível de pânico ao me lembrar que o piloto havia dito algo sobre Bichinho do Canal, o maior tubarão-martelo conhecido pelo homem, mas a coisa que tinha batido em mim era macia demais para ser um tubarão. Eu me agarrei coisa àquilo, senti me puxar para a superfície e, enquanto respirava e piscava a água dos meus olhos, vi que estava segurando uma perna humana. Melhor, ela ainda estava ligada à alguém... a mulher de biquíni que Crowley havia jogado na água ficou segurando determinadamente a corda da popa e foi arrastada.

O barco foi pegando velocidade, e a espuma começou a se formar na trilha à nossa volta, tornando quase impossível de ver algo e difícil de se

segurar. Tinha certeza de que muito em breve aquilo seria demais para a mulher cuja perna eu estava segurando. Ela soltaria e então Crowley iria embora, levando Astor e todas as minhas esperanças com ele, provavelmente de uma vez por todas. Eu não podia deixar isso acontecer.

Assim, jogando o cuidado e as boas maneiras para o alto, segurei mais acima. Meus dedos se fixaram na faixa de tecido na cintura da mulher, eu me puxei para a frente e de repente estava escorregando para trás novamente com a parte inferior do biquíni deslizando para baixo em suas pernas e me levando com ele.

Eu me agarrei novamente, desta vez segurei seu joelho e, em seguida, agarrei em torno de sua cintura com as duas mãos e me puxei para cima até conseguir pôr uma mão no ombro dela. Assim que coloquei uma mão na corta, a mulher finalmente soltou. Seu corpo bateu contra o meu com força e ela tentou se agarrar por toda a extensão do meu corpo. Por um momento, achei que não poderia aguentar. Mas então ela foi embora na esteira de espuma branca, e coloquei a outra mão na corda e comecei a trabalhar o meu caminho em direção ao barco.

Lentamente, mão sobre mão, lutando contra a turbulência a cada centímetro, me puxei para mais perto da grade. Podia ver clara e tentadoramente perto as letras azuis brilhantes soletrando seu nome e porto de origem: DIVERSÃO, ST. JAMES CITY. Finalmente, depois do que pareceram horas, mas que provavelmente não foi mais do que um minuto ou dois, cheguei perto o suficiente para me agarrar à plataforma de mergulho do barco, uma tábua fina de madeira saliente da popa, então subi nela com os ombros doloridos e respirando com dificuldade.

Flexionei minhas mãos, pois estavam duras e doloridas, e por que não estariam? Depois de tudo que tinham passado nos últimos dias, deveria estar grato por não terem murchado e caído. Mas elas teriam que realizar mais uma boa ação, então as mandei à frente até a escada cromada e subi no deque do barco.

Eu podia ver a cabeça e os ombros de Crowley acima de mim, ele estava na ponte de comando, dez metros acima do deque, olhando para frente e conduzindo o barco para o canal. Bom, ele não me viu, não tinha ideia de que eu estava a bordo e eu esperava que não tivesse até que fosse tarde demais.

Corri pelo convés. O senhor estava deitado de lado segurando seu antebraço e gemendo baixinho. Crowley claramente o tinha jogado da ponte e ele provavelmente havia quebrado o braço na queda. Muito triste, mas isso não importava muito para mim. Passei por ele em direção a escada que levava à ponte. Astor estava embaixo dela, caída desacordada ao lado de um *cooler*. A tampa estava aberta revelando latas de cerveja e refrigerante. Eu me abaixei ao lado de Astor e senti o pulso em seu pescoço. Ele estava lá, firme e forte, e ao colocar a mão em seu rosto franziu a testa e fez sons suaves e mal-humorados. Ela provavelmente ficaria bem, mas não havia nada que eu pudesse fazer por ela naquele momento.

Deixei-a lá e deslizei até a escada, parando quando a minha cabeça surgiu logo acima do degrau mais alto. Eu estava olhando para parte de trás das pernas de Crowley. Elas pareciam surpreendentemente musculosas para alguém que eu pensava ser molenga. Eu tinha julgado mal cada passo do caminho, subestimando o que ele era capaz de fazer, e isso me fez hesitar quando um pensamento muito Não Dexter tomou conta de mim.

E se não pudesse fazer aquilo? E se realmente tivesse encontrado um adversário a minha altura e ele fosse demais para mim? E se aquilo fosse o fim e o Show de Dexter estivesse prestes a acabar?

Era um momento verdadeiramente horrível que ficou ainda pior quando percebi o que era, incerteza humana ao vivo e a cores. Eu realmente tinha chegado ao fundo do poço. Nunca antes tinha duvidado de mim ou de minha capacidade de realizar execuções de rotina, e essa era uma péssima hora para começar.

Fechei os olhos por um segundo, estendendo a mão para o Passageiro de uma maneira que nunca tinha feito antes, pedindo uma última carga da Brigada Negra. Eu o senti resmungar, suspirar e farfalhar suas asas, o que não era realmente encorajador, mas teria que servir. Abri meus olhos e subi rapidamente e em silêncio o resto do caminho da escada para a ponte.

Crowley estava com uma mão no leme guiando o barco através do canal e para longe do forte, e me joguei sobre ele com toda a força do meu corpo. Ele foi para frente batendo nos controles e apertando o acelerador. O barco deu um salto para frente, chegando à velocidade máxima enquanto eu colocava meu braço em volta da garganta de Crowley e o estrangulava com todas as minhas forças.

Mas ele realmente era mais forte do que parecia. Ele enfiou os dedos no meu antebraço e girou, me erguendo do chão e me jogando contra a grade. Minha cabeça bateu no console, eu vi estrelas e escapou de minhas mãos.

Antes que pudesse me recuperar da tontura ele estava sobre mim, me socando no estômago e, embora tenha me tirado o fôlego, pelo menos clareou minha cabeça, então caí me apoiando em um joelho e soltei um soco lateral acertando sua rótula. Ele deu um grito de dor muito distinto e jogou um cotovelo na minha cabeça que teria me decapitado se tivesse acertado. Mas me abaixei e rastejei para o outro lado da ponte, saltando em pé e virando meio trêmulo para enfrentar Crowley.

Ele se ajeitou e me encarou, e ficamos congelados por um instante, olhando um para o outro. Então ele deu um passo à frente, atacou com a mão direita e, quando me esquivei, estendeu a mão esquerda e puxou o acelerador do barco para trás. O barco cambaleou até parar, eu cambaleei com ele, bati o meu quadril no console e me inclinei em direção ao para-brisa enquanto lutava para recuperar o equilíbrio.

Crowley não precisou se esforçar, pois estava preparado para a parada súbita, e pulou em cima de mim antes que eu pudesse me recuperar. Ele martelou um joelho na minha barriga, então colocou as duas mãos no meu pescoço e apertou. As coisas começaram a escurecer rapidamente à minha volta e tudo ficou lento.

Então era assim que ia terminar. Estrangulado por um chefe de escoteiros... e nem mesmo o líder, apenas um assistente. Não parecia haver nenhuma glória nisso. Estava com as mãos nos pulsos de Crowley, mas as coisas desapareciam em torno de mim e estava ficando muito difícil me manter interessado naquilo.

E veja só, eu já estava tendo alucinações com o Paraíso. Ou será que era mesmo Astor que vinha subindo a escada? Era ela sim, e ainda trazia uma lata de refrigerante do *cooler* lá embaixo. Muito prestativa, minha garganta estava doendo e ela lembrou de me trazer uma bebida gelada. Era estranho da parte dela ter tanta consideração assim, mas agora ela chacoalhava a lata o máximo que podia. Agora sim se parecia com ela. Astor ia me enganar com um *spray* de refrigerante. Um último banho grudento antes de morrer.

Mas ela correu para o lado de Crowley e apontou a lada para o rosto ele. Então gritou:

— Ei, seu cuzão!

Quando Crowley se virou, ela abriu a lata. Houve uma explosão bem agradável, e um jato marrom de refrigerante partiu direto para os olhos dele. Então ela jogou a lata o mais forte que conseguiu e o acertou bem no nariz e, sem parar, deu um passo à frente de chutou o saco dele.

Crowley cambaleou para o lado com aquele massacre inesperado resmungando de dor e tirando uma mão do meu pescoço para limpar os olhos, a pressão diminuiu e uma pequena fagulha de luz voltou ao meu cérebro. Coloquei as duas mãos nos dedos que continuavam em meu pescoço e puxei com tudo. Ouvi um dedo estalar e Crowley fez um som estranho de dor e me soltou. Astor chutou de novo seu saco e ele deu um passo cambaleante para se afastar dela, e encostar na grade.

Como nunca desperdiço uma oportunidade quando vejo uma, fui com tudo para cima dele e dei uma ombrada com força. Ele girou e caiu, fazendo um barulho feio ao acertar a amurada abaixo de nós e espirrando água depois cair nela.

Olhei para lá e vi Crowley boiando virado para baixo e ficando para trás devagar enquanto o barco se movia para frente.

Astor estava parada ao meu lado enquanto Crowley flutuava para longe sob nossos olhares.

— Cuzão — ela repetiu. Então me lançou um falso sorriso maravilhoso e disse docemente: — Tudo bem se eu usar essa palavra, Dexter?

Passei o braço nos ombros dela.

— Desta vez acho que tudo bem.

Ela se endireitou e apontou para frente.

— Ele está se mexendo — ela falou e me virei para olhar.

Ele levantou a cabeça acima da água. Estava tossindo e havia um fio de sangue em seu rosto, mas começou a nadar fracamente pelo canal em direção à faixa de terra mais próxima. Ele ainda estava vivo, mesmo depois de Astor e eu termos batido nele, chutado, quebrado seu dedo, arremessado da ponte, afogado e até mesmo jogado refrigerante nele, mas ainda estava vivo. Fiquei pensando se ele era parente do Rasputin.

Peguei o leme do barco e o girei até apontá-lo na direção de onde Crowley estava nadando firmemente para a segurança.

— Acha que consegue dirigir esta coisa? — perguntei a Astor.

Ela me lançou um olhar que claramente dizia: “Dã”.

— É claro — ela falou.

— Pegue o leme, chegue bem perto dele, devagar e constante, e não deixe o barco encalhar na areia.

— Até parece que eu faria isso — ela falou pegando o leme e me apressei escada abaixo.

No deque o senhor tinha conseguido se sentar e seu choramingo estava mais alto. Era claro que ele não ajudaria em nada. Mais interessante que isso, entretanto, era que havia um gancho de barco ao lado dele em um conjunto de braçadeiras. Eu o tirei de lá e o levantei: cerca de três metros de comprimento com uma ponta pesada de metal. Era o que precisava. Poderia bater na cabeça de Crowley com a ponta e, em seguida, prender o gancho na camisa dele e segurar sua cabeça debaixo da água um minuto ou dois, o que realmente devia acabar com aquilo.

Passei por cima da grade. Ele estava na água na nossa frente, a dez metros de distância, e quando levantei o gancho me preparando, os motores do barco de repente rugiram e o barco avançou. Cambaleei para trás e me agarrei na grade, recuperando o meu equilíbrio apenas a tempo de ouvir um baque contra o casco. Os motores voltaram à marcha lenta e olhei para Astor na ponte. Ela estava sorrindo, um sorriso verdadeiro desta vez, e olhando para trás para o rastro do barco.

— Peguei ele — ela falou.

Fui até a parte de trás e olhei. Por um momento não houve sinal de Crowley, e não conseguia ver embaixo da água por causa da espuma. Então um redemoinho lento e pesado apareceu na superfície. Seria possível? Ainda estaria vivo?

Então, com uma velocidade e violência de tirar o fôlego, a cabeça e os ombros de Crowley emergiram. A boca dele estava esticada em uma expressão de dor e surpresa inacreditáveis enquanto subia até a metade de seu corpo estar fora da água. Mas havia uma forma estranha presa em volta de sua cintura que o empurrara para cima, uma coisa cinzenta e colossal que parecia ser apenas dentes e malícia, e então o sacudiu com uma força incrível, uma, duas vezes e a metade de cima Crowley simplesmente caiu, cortado perfeitamente em dois, então afundou e a coisa cinza gigante mergulhou atrás dele, deixando apenas um pequeno redemoinho vermelho e a memória de um inacreditável poder selvagem.

Tudo aconteceu tão rápido que eu não tinha certeza se tinha mesmo visto aquilo. Mas a imagem do monstro cinzento estava gravada no meu cérebro

como se tivesse sido marcada lá com ácido, e a espuma no rastro atrás do barco tinha um tom rosado fraco. Havia mesmo acontecido e Crowley já era.

— O que era aquilo? — Astor perguntou.

— Aquilo — falei — era o Bichinho do Canal.

— Iraaaadddooo — ela falou desenhando a palavra. — Totalmente iraaaddooooo!

CAPÍTULO 35

V

NO FIM, O SENHOR DO DEQUE ACABOU AJUDANDO BASTANTE. Ele tinha quebrado a clavícula quando Crowley o rolou para fora da ponte e, melhor ainda, era um homem de idade extremamente rico e importante que não se importava em ser o centro das atenções e deixar todo mundo saber que era uma pessoa muito influente, exigindo que todos nas imediações parassem tudo o que estavam fazendo e se concentrassem em dedicar a ele seus cuidados atenciosos e absolutos.

Ele gritou de dor e falou mal do louco que o tinha agredido selvagemente e roubado seu barco, ameaçando processar o departamento de parques e parando apenas para apontar para mim e dizer: “Se não fosse por esse homem corajoso e incrível!”, que achei que estava no tom certo e fez a multidão olhar para mim com admiração. Mas não por muito tempo, o senhor importante estava longe de ter terminado. Ele gritou pedindo morfina, um transporte aéreo e ordenou aos guardas que protegessem seu barco e chamassem rapidamente seu advogado, e fez ameaças vagas envolvendo o Legislativo ou até mesmo o governador, que era um amigo pessoal, e continuou sendo completamente irritante. No fim, ele se transformou em um espetáculo tão perfeito que ninguém sequer percebeu sua companheira, que estava lá envolta em uma toalha para esconder o fato de estar nua, exceto pela parte de cima do biquíni.

E ninguém reparou quando o homem corajoso e maravilhoso, o Querido e Desafiador Dexter, pegou seus dois diabinhos rebeldes pela mão e os levou para longe do tumulto e de volta para a relativa calma e sanidade de Key West.

Quando chegamos ao nosso hotel, fomos informados de que nossa suíte ainda estava fechada por ordem da polícia. Devia ter previsto isso. Eu mesmo tinha selado várias cenas de crime. Mas quando estava prestes a me largar cansado no chão de mármore frio e chorar a minha vida de sofrimento, o atendente me garantiu que haviam nos mudado para uma suíte ainda melhor, que tinha uma verdadeira vista da água. E só para confirmar que enfim a sorte tinha mudado e que viver valia a pena apesar de todos os problemas e confusão, ela nos informou que o gerente estava tão profundamente triste por todos os dissabores que tinha devolvido nosso depósito, jogado fora nossa conta e esperava que aceitássemos um jantar de cortesia no restaurante, com bebidas não incluídas — o que não sugeria que o hotel ou a sua equipe e a gerência eram de alguma forma responsáveis pelo infeliz acidente —, e tinha certeza de que concordávamos e que iríamos aproveitar o resto de nossa estadia, prorrogada por uma noite, e se eu poderia assinar um pequeno pedaço de papel reconhecendo que o *resort* não tinha qualquer responsabilidade?

De repente eu estava muito cansado. E com a fadiga veio um sentimento irracional de bem-estar, uma sugestão vaga borbulhando por dentro sugerindo que o pior realmente tinha passado e tudo ia dar certo. Tinha passado por tanta coisa e falhado miseravelmente em lidar com a maior parte delas, e ainda assim estava aqui, e inteiro. Apesar do meu péssimo desempenho e a minha iniquidade inquestionável, estava sendo recompensado com um jantar e férias gratuitas em uma luxuosa suíte. A vida realmente era uma coisa terrível, injusta e má, e era exatamente como deveria ser.

Então lancei meu sorriso para a recepcionista e disse:

— Ponha banana *split* para as crianças e uma garrafa de Merlot para minha esposa e fazemos negócio.

Rita estava esperando por nós em nossa suíte nova e melhorada. Ela tinha mesmo uma vista maravilhosa do porto, e era muito mais fácil para mim apreciar a beleza de cartão-postal da água agora do que apenas algumas horas atrás, quando estava no porto e vi o catamarã se afastar. Rita apreciou

a vista da varanda por um tempo e mais ainda porque abriu o minibar e fez uma cuba-libre. Ela pulou de pé quando entramos e correu para nós, flutuando como se fosse o Avatar da Excitação.

— Dexter, meu Deus, onde vocês estavam? — ela perguntou e antes que pudesse responder ela continuou. — Conseguimos a casa. Oh, meu Deus, ainda não... E vocês não estavam aqui. Mas é aquela, lembra que falei? A da Terrace, 142, apenas dois quilômetros da nossa antiga casa! Com uma piscina, oh, Deus, e foi apenas... teve apenas outra oferta, mas desistiram antes que... É nossa, Dexter! Temos uma casa nova. Uma grande e maravilhosa! — Então ela fungou e chorou e disse mais uma vez: — Oh, meu Deus.

— É uma notícia maravilhosa — falei apesar de não estar totalmente convencido de que era mesmo. Mas falei com o máximo de convicção que pude, pois ela estava chorando.

— Não consigo acreditar — ela falou fungando de novo. — É perfeita e nos deu uma hipoteca de quatro e meio... Astor, você se queimou de sol?

— Só um pouco — Astor falou apesar de ser um pouco mais que queimadura de sol. O lado de seu rosto onde Crowley tinha acertado estava vermelho e eu tinha certeza de que em breve ficaria roxo, mas também achava que conseguiríamos escapar das perguntas de Rita.

— Oh, olha o seu pobre rosto — Rita falou colocando a mão na bochecha de Astor. — Está inchada, e você nem... Dexter, o que aconteceu?

— Ah, nós fomos fazer um passeio de barco.

— Mas isso... você disse que iriam alimentar os tubarões — ela falou.

Olhei para Cody e Astor. Ela olhou de volta para mim com um sorriso malicioso.

— Fizemos isso também — falei.

V

Nosso jantar de cortesia naquela noite foi muito bom. Sempre achei que as refeições gratuitas tinham um sabor um pouco melhor, e depois de dois dias da ganância voraz da economia de Key West, aquilo era realmente suculento.

Os sabores ficaram ainda melhores quando, três minutos depois da entrada, a minha irmã, a sargento Deborah Morgan, surgiu no salão de jantar como um furacão de categoria quatro. Ela entrou tão rápido que

estava sentada em nossa mesa antes de eu perceber, e tenho quase certeza de que ouvi o estouro sônico chegar nela um momento depois.

— Dexter, mas que po... mas que diabos você andou fazendo? — ela falou com um olhar de culpa para Astor e Cody.

— Oi, tia sargento. — Astor falou com adoração visível. Debs carregava uma arma e mandava em vários homens, e Astor achava aquilo intoxicante.

Debs sabia, então sorriu para Astor.

— Oi, querida. Como está?

— Ótima. Estas são as melhores férias de todas.

Deborah levantou uma sobrancelha, mas respondeu apenas:

— Ah, que bom.

— O que a traz a Key West, mana?

Ela olhou para mim e fez uma careta.

— Estão dizendo que Hood seguiu você até aqui e apareceu morto, e no seu quarto, pelo amor de Deus — ela falou. — Quer dizer, Jesus!

— É verdade — falei calmamente. — O sargento Doakes também está por aqui em algum lugar.

A mandíbula de Deborah se contraiu. Era óbvio que estava rangendo os dentes, e imaginei o que tinha acontecido a nós dois na infância que nos fez tão mordedores.

— Está bem. É melhor me contar o que aconteceu.

Olhei em volta para a minha pequena família e, apesar de estar muito feliz de ter minha irmã aqui para poder compartilhar minha história de sofrimento, percebi que tinha alguns detalhes que poderiam não ser apropriados para ouvidos sensíveis, e quis dizer os de Rita, é claro.

— Que tal vir comigo até o *lobby*, mana?

Segui Deborah até o *lobby* onde encontrei um sofá de couro bem confortável. Afundamo-nos juntos nas almofadas e contei tudo a ela. Foi supreendentemente prazeroso poder dizer tudo, e foi ainda mais gratificante ouvir a reação dela quando terminei.

— Tem certeza de que ele está morto?

— Pelo amor de Deus, Deborah. Vi o cara de cortado no meio por um tubarão gigante. Está morto e digerido.

Ela assentiu.

— Bom — ela falou. — Acho que nós vamos escapar dessa.

Foi muito bom ouvir ela falar a palavra “nós”, mas ainda havia algumas preocupações que diziam respeito mais ao Eu, ao Dexter, e não ao plural.

— E com relação ao Hood? — perguntei.

— O cuzão teve o que merecia — ela falou.

Era chocante ouvi-la falar assim da morte de um colega policial. Talvez ela também tivesse notado o hálito terrível dele e estava aliviada por estar livre para sempre. Mas também me ocorreu que o breve ataque dele à reputação de Deborah pode ter causado danos profissionais.

— Você está bem de novo com o departamento?

Ela deu de ombros e acariciou o gesso com a mão boa.

— O meu psicopata está preso. O Kovasik. Quando voltar ao caso, tenho certeza de que posso provar tudo. Foi ele, e Hood não pode fazer nada para mudar isso, especialmente agora que está morto.

— Mas a polícia de Key West não acha que eu matei Hood?

Ela sacudiu a cabeça.

— Falei com a detetive... hã, Blanton? — ela falou e assenti. — A sacola que ele deixou nas Tortugas tinha um taco de beisebol, entre outras coisas.

— Que coisas? — perguntei, afinal, se ele tinha bolado algo novo, eu realmente ia querer saber.

Deborah fez uma expressão de irritação e sacudiu a cabeça.

— Sei lá, porra — ela falou. — Fita adesiva. Varal. Anzóis. Uma serra de carpinteiro. Coisas, oras — ela falou claramente mal-humorada. — Mas o que importa é o taco. Há sangue, tecido e cabelo nele, e eles acham que provavelmente é tudo de Hood. — Ela deu de ombros e, estranhamente, deu um soco forte no meu braço.

— Ai — falei pensando a respeito dos anzóis... era uma possibilidade interessante...

— O que meio que livra a sua cara — ela falou.

Esfreguei meu braço.

— Quer dizer que eles vão deixar isso para lá? Com relação a mim, quero dizer.

Ela bufou.

— Na verdade estão esperando que você simplesmente vá embora e não faça barulho por terem entregado seus filhos para um sequestrador. E pela porta da frente, caramba. Que bando de idiotas!

— Oh — falei. Estranhamente eu nem tinha pensado naquilo. Realmente parecia o tipo de coisa que eles iriam querer esquecer. — Então estão contentes com Crowley, mesmo ele tendo desaparecido?

— Estão. Blanton pode não parecer grande coisa, mas sabe bem fazer seu trabalho. Ela encontrou uma camareira que viu alguém e conseguiu uma descrição. Trinta e poucos anos, atarracado, barba por fazer?

— É ele mesmo — falei.

— Certo. Então o cara estava ajudando o amigo bêbado a sair do elevador de serviço no andar dele. Mas a camareira disse que ele parecia bêbado demais, tipo um bêbado morto, e usava um daqueles chapéus de pirata cobrindo o rosto, igual ao que acharam em seu quarto.

— Suíte — falei por reflexo.

Ela me ignorou e sacudiu a cabeça.

— A camareira não queria falar nada. Ela é da Venezuela e estava com medo de perder o emprego. Mas deu uma boa descrição. E dois cozinheiros os viram entrando pela doca de cargas. E teve também um garçom do café da manhã que confirmou que você estava com sua família no salão, então...

Pensei a respeito daquilo com uma pequena fagulha de esperança crescendo para um brilho fraco. Era estranho Crowley ser tão descuidado, mas imagino que foi surpreendido por Hood e teve que improvisar. Tive uma imagem mental rápida dos dois tentando me seguir ao mesmo tempo e tropeçando um no outro com um resultado cômico de pastelão e que levou à hilária morte de Hood com uma pancada na cabeça. Talvez Crowley tenha entrado em pânico ou talvez estivesse aproveitando sua sorte e se sentindo invencível. Eu nunca saberia e realmente não importava. Ele tinha escapado de algum jeito. Ninguém o viu matar Hood e ninguém o deteve quando levou o corpo para o meu quarto. Mas é claro que as pessoas só veem o que estão esperando ver, e mesmo assim quase não prestam atenção, então a única surpresa é que alguém tenha notado algo.

Mas a verdadeira maravilha é que eu conseguia ver uma luz de verdade no fim do que tinha sido um túnel muito longo e escuro. Suspirei aliviado e olhei para minha irmã, que olhou para mim também.

— Então quer dizer que estou liberado em Key West?

Ela concordou com a cabeça.

— A coisa fica ainda melhor. O porra do Doakes cagou na cama dessa vez.

— Espero que seja na dele — falei.

— Ele deveria estar fazendo serviço administrativo, não trabalhando em um caso externo. Além disso, veio para Key West, que é fora de sua jurisdição. E... — ela acrescentou levantando a mão boa, a que não estava no gesso, e fazendo uma expressão azeda. — A polícia de Key West fez uma reclamação formal. Doakes tentou pressioná-la a manter você preso, intimidou testemunhas e... — Ela fez uma pausa e olhou ao longe. — Porra, ele era um bom policial — ela falou finalmente e ainda suspirou, e foi doloroso para mim vê-la sentir pena de alguém que tinha passado tanto tempo e se esforçado tanto para tornar minha vida miserável.

Mas, enfim, havia assuntos mais importantes sendo tratados.

— Deborah, e o que aconteceu com Doakes?

Ela me olhou com uma expressão que não consegui ler.

— Foi suspenso, sem pagamento enquanto for investigado pelos Assuntos Internos.

Não consegui me segurar e soltei:

— Que ótimo!

— É — Deborah respondeu meio azeda, continuou com o mau humor por alguns segundos e sacudiu a cabeça afastando aqueles pensamentos. — Que se dane.

— E como ficaram as coisas no departamento? — perguntei. — Ainda estou sendo investigado?

Deborah deu de ombros.

— Oficialmente sim. Mas Laredo assumiu o caso e ele não é tonto. Você provavelmente voltará a trabalhar em alguns dias. — Ela olhou para mim com um olhar duro, claramente pensando em algo, mas o que quer que fosse ela não falou. Ela desviou o olhar, então finalmente parou de olhar para a porta e se virou para mim: — Se apenas... houvesse... — ela hesitou, limpou a garganta e continuou devagar. — ... algumas evidências, então... você estaria realmente livre.

Um homem gordo usando um *short* entrou pela porta da frente seguido por duas garotinhas loiras. Deborah pareceu achá-los interessantes.

— Que tipo de evidência, Debs?

Ela deu de ombros e continuou observando o gordo.

— Ah, não sei. Talvez algo que mostrasse que Hood era sujo. Você sabe. Assim veríamos que ele não era um bom policial. E talvez por que tentou

culpar você.

O homem gordo e sua trupe desapareceram pelo corredor e Deborah olhou para seu gesso que estava em seu colo.

— Se pudesse encontrar algo assim — ela continuou —, e talvez manter seu nome longe do que aconteceu nas Tortugas, quem sabe — ela levantou a cabeça finalmente com um sorriso pequeno e estranho. — Pode ser que consigamos escapar disso tudo.

Talvez existisse mesmo algum Semideus das Trevas bom e amoroso que cuida dos realmente maus, pois nós de fato escapamos, pelo menos da primeira parte. A confusão nas Tortugas causou um pouco de frisson na imprensa e houve algumas menções a um herói anônimo que salvou a vida do senhor de idade. Mas ninguém sabia o nome do herói, e as descrições das testemunhas eram tão vagas que ele poderia ser umas seis pessoas diferentes. Foi uma pena, pois o senhor idoso era realmente muito importante, dono de vários canais de televisão e bem relacionado com alguns legisladores.

Houve uma cerca confusão a respeito do que teria acontecido com o homem mau que atacou o senhor idoso. A mulher que perdeu o biquíni deu uma boa descrição de Crowley, que combinou com a que a polícia de Key West tinha, então ficou claro que o terrível bandido tinha assassinado um policial de Miami e depois tentando roubar um barco e escapar, provavelmente para Cuba. Agora, se tinha acabado em Havana ou em outro lugar não estava claro, mas havia desaparecido. Ele foi dado como desaparecido, procurado e entrou em mais algumas outras listas. Mas ninguém realmente sentia falta do desaparecido, e estávamos passando por uma época ruim, com cortes de orçamentos, então não se gastou muito tempo ou dinheiro no esforço de tentar encontrá-lo. Ele tinha sumido, ninguém ligava e o Caso nas Tortugas logo foi substituído pelos noticiários por uma decapitação tripla e nua envolvendo um homem de meia-idade que já tinha sido astro de TV quando criança.

Nós realmente nos safamos. E se mais um pequeno milagre pudesse desacreditar Hood de alguma forma, meus colegas me receberiam de volta ao trabalho com os braços abertos e sorrisos de alegria, e a vida voltaria à sua felicidade banal, chata, previsível e maravilhosa de todos os dias. Um dia depois de voltar de Key West, Deborah me ligou para informar que uma

equipe forense iria à casa de Hood no dia seguinte. Tínhamos que torcer para que algo interessante fosse encontrado.

E era possível. Muito possível. Poderia ser algo que ajudasse tanto que o caso inteiro desapareceria em uma nuvem de fumaça malcheirosa, e Dexter passaria de criminoso miserável se esgueirando para fora do escritório a verdadeiro mártir, vítima de uma grande injustiça e de difamação.

Será que era mesmo possível que algo assim surgisse?

Ah sim, era bem possível. Na verdade, poderia ser um Algo Assim bem forte, coisas tão contundentes que lançariam dúvidas não apenas sobre o caso contra mim como sobre o Detetive Hood também e seu direito de usar nosso uniforme orgulhoso e caminhar entre o Justos, e do modo absolutamente condenável que o departamento iria querer que a coisa toda desaparecesse rapidamente e em silêncio, em vez de arriscar uma mancha enorme e fedorenta em sua reputação orgulhosa.

Na verdade, pode ser que a equipe forense vá até o vil e malcheiroso casebre onde Hood morava e olhe em volta, maravilhados com o nojo dos montes de lixo, pratos e roupas sujos, e vão ficar surpresos que um ser humano possa realmente pode viver assim. Pode ser que o lugar seja uma zona que dê náusea, quase posso imaginar como esse lugar se parece.

E quase posso imaginar o nojo dos meus colegas de trabalho se transformando lentamente em choque, e depois condenação sombria e total quando encontrem pornografia infantil no disco rígido do Hood, quero dizer, pode ser que encontrem, juntamente com uma série de mensagens de amor tórrido para Camilla Figg e a resposta dela dizendo que nunca mais queria vê-lo novamente por causa de algo doentio com crianças, além de seu hálito horrível. Não seria difícil concluir que Hood a matou pela raiva do rompimento e, em seguida, tentou encobrir jogando a culpa no pobre e inocente Dexter, especialmente porque foi ele que encontrou todas as fotos de mim, e aquelas mensagens hipotéticas poderiam revelar que ele nunca gostou de mim de qualquer maneira.

E em algum ponto desta incrível viagem de trem em direção à culpa e desgraça indiscutíveis de Hood, alguém poderia parar e dizer: “Mas isso não é um pouco perfeito demais? Não há evidências demais contra o detetive Hood, que nem está mais aqui para se defender? É quase como se alguém tivesse entrado neste lugar horrível e plantado provas fabricadas, não?”.

Mas seria uma pausa curta e terminaria com uma desaprovadora sacudida de cabeça e todos voltando a acreditar nas evidências, pois estava tudo ali, bem diante dos olhos deles, e o pensamento de que alguém tinha plantado aquilo era loucura demais. Afinal, quem faria uma coisa dessas? E mais ainda, quem conseguiria? Existiria alguém com uma incrível combinação de talentos, astúcia e sem nenhuma moral que tiraria essa destruição completa do falecido detetive Hood? Será que existiria uma pessoa que poderia saber o suficiente do caso para criar as evidências necessárias e que tivesse conhecimento suficiente do procedimento policial para fazer tudo perfeito? Quem?

E quem poderia deslizar pela noite como uma parte escura das sombras e entrar sem ser visto na casa de Hood para plantar as provas? E uma vez lá dentro, quem teria o conhecimento de computadores para levar tudo em um *pen drive*, por exemplo, e colocar tudo no computador de Hood de um jeito que ficasse totalmente convincente? E quem, além de tudo isso, poderia fazer tudo não só bem como com um senso de humor inteligente, original e brincalhão?

Será que existe Alguém por aí que pode ser tão bom nessas coisas sombrias e diferentes e, mais importante do que isso, mau o suficiente para fazê-las? No mundo todo, será que existiria alguém tão maravilhoso assim?

Sim.

Provavelmente sim.

Mas só um.

JEFF LINDSAY é autor de *Dexter – a mão esquerda de Deus, Querido e devotado Dexter*, *Dexter no escuro*, *Dexter – design de um assassino* e *Dexter é delicioso,* todos publicados pela Planeta. Ele vive na Flórida com a esposa e os filhos.